

LEONARDO COUTINHO

HUGO CHÁVEZ

O ESPECTRO

Como o presidente venezuelano alimentou o **narcotráfico**,
financiou o **terrorismo** e promoveu a **desordem global**



VESTÍGIO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

LEONARDO COUTINHO

HUGO CHÁVEZ

O ESPECTRO

Como o presidente venezuelano alimentou o narcotráfico,
financiou o terrorismo e promoveu a desordem global

VESTÍGIO

Copyright © 2018 Editora Nemo/Vestígio
Copyright © 2018 Leonardo Coutinho

Todos os esforços foram feitos no sentido de encontrar os detentores dos direitos autorais das imagens que constam deste livro. Pedimos desculpas por eventuais omissões involuntárias e nos comprometemos a inserir os créditos e corrigir possíveis falhas em edições subsequentes.

Todos os direitos reservados pela Editora Nemo. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDITOR RESPONSÁVEL

Arnaud Vin

EDITOR ASSISTENTE

Eduardo Soares

ASSISTENTE EDITORIAL

Paula Pinheiro

PREPARAÇÃO

Eduardo Soares

Simone Costa

CAPA

Diogo Droschi (sobre imagem de Michel Piccaya / Shutterstock.com)

DIAGRAMAÇÃO *Guilherme Fagundes*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Câmara Brasileira do Livro,
SP, Brasil**

Coutinho, Leonardo

Hugo Chávez, o espectro : Como o presidente venezuelano alimentou o narcotráfico, financiou o terrorismo e promoveu a desordem global / Leonardo Coutinho. -- 1. ed. -- São Paulo : Vestígio, 2018.

ISBN 978-85-8286-435-7

1. Chávez Frías, Hugo, 1953-2013 2. Crise 3. Repórteres e reportagens 4. Venezuela - História - Século 20
5. Venezuela - Política e governo - 1974- 1999 I. Título.

18-12193 CDD-920.987

Índices para catálogo sistemático:

1. Venezuela : História política 920.987

A VESTÍGIO É UMA EDITORA DO GRUPO AUTÊNTICA

www.grupoautentica.com.br

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I 23º andar . Conj. 2310-2312. Cerqueira César . 01311-940 São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034 4468

Belo Horizonte

Rua Carlos Turner, 420 Silveira . 31140-520

Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3465 4500

Rio de Janeiro

Rua Debret, 23, sala 401

Centro . 20030-080

Rio de Janeiro . RJ Tel.: (55 21) 3179 1975

Table of Contents

UMA JORNADA

O ESPECTRO

O câncer

A CONSPIRAÇÃO NUCLEAR

O fator Stiuso

A obsessão iraniana

Furando o bloqueio

A conexão Teerã-Caracas-Buenos Aires

A investida dos aiatolás

NARCOBOLIVARIANISMO

Combustível do terror

Chávez dobra a aposta

Traficar sim, perder a pose jamais

O tráfico no centro do poder

Assassinatos em série

Cartel dos Sóis

O Cartel dos Flores

Na raiz da violência

“Pior que a queda do Muro de Berlim”

A revolução vai a Hollywood

O TERROR COMO MÉTODO

Os pecados da carne

A rede latino-americana

Aerolinha do terror

Um novo 11 de Setembro

O passaporte mais perigoso do mundo

Partido da cocaína

O elo com as máfias italianas

Bem perto do poder
Em guerra com a América

A EXPORTAÇÃO DA REVOLUÇÃO

A confissão
A mão de Chávez
Reescrevendo a história
Armados e perigosos
A invasão da Europa
A ponte-aérea da cocaína

A MALDIÇÃO

Um milagre de Natal
Salvador da pátria
A grande cartada
Em tempos de abundância
A salvação cubana
Fim de festa

O CREPÚSCULO

Declaração de guerra
Golpe frustrado
O golpe da constituinte
Eleições em xeque
Chavismo 2.0

MERGULHO NO ABISMO

Na corda bamba
País despedaçado
Puxando a fila
Efeitos duradouros

E O BRASIL COM ISSO?

Pior que a corrupção
O efeito Lava-Jato
Sob as ordens de Chávez

O Brasil bolivariano
Affair totalitário

AGRADECIMENTOS

NOTAS

UMA JORNADA

O jornalista tem por ofício a obrigação de duvidar. Passados vinte anos durante os quais me nutri da dúvida para exercer a profissão, hoje me pergunto quantas histórias podem ter sido negligenciadas justamente pelo fato de ninguém, inclusive eu, tê-las levado a sério. E sem perceber, por ironia ou teimosia, uma parte significativa da minha carreira foi dedicada a contar histórias em que quase ninguém acreditava ou acreditaria se não fossem publicadas quase sempre com base documental. Fiz isso porque estou convencido de que, além de ser incrédulo, o jornalista tem por dever reportar os fatos que merecem ser publicados, ainda que eles não se acomodem em noções preconcebidas ou incomodem a maioria.

Relutei em escrever este texto, pois não gostaria que ele fosse algo sobre mim, ou sobre alguns curiosos bastidores desse tipo de apuração. Tentarei contar aqui um pedaço do caminho percorrido até este livro. As páginas seguintes são, evidentemente, o resultado de um trabalho jornalístico. Mas são também um panorama de anos de aprendizado, de mais de uma centena de entrevistas, milhares de páginas de documentos oficiais, públicos ou classificados, lidos e muitas viagens pelas fronteiras brasileiras e por uma dezena de países que me ajudaram a compreender as interações e os efeitos do bolivarianismo, expressão que se tornou surrada pelo uso excessivo e até mesmo exagerado por seus críticos, sobretudo, no Brasil. Afinal, nem toda esquerda é bolivariana, e nem tudo que é bolivariano é de esquerda. O que este livro pretende mostrar são as interações que o chavismo teve

com o que há de pior em termos políticos e sua hibridação com os mais variados crimes transnacionais: lavagem de dinheiro, narcotráfico e terrorismo. E, sobretudo, como Chávez fez disso uma estratégia de desestabilização em favor da construção do modelo de mundo em que ele acreditava.

Entendo que os passos dados até a conclusão dessa investigação começaram muito antes, mas considero importante retroceder apenas a 2001, quando desembarquei na Amazônia com a missão de, nos doze meses seguintes, reportar como correspondente da revista *Veja* os principais e mais relevantes fatos da floresta. Mudanças de percurso fizeram-me viver oito anos naquela região que é um dos pontos nevrálgicos do continente. Percorri toda a fronteira norte do Brasil, da Bolívia à Guiana Francesa. E graças a isso, cultivei fontes e ganhei amigos que viviam nas franjas do país e que conheciam em detalhe os problemas cujas dimensões são amazônicas. Mesmo depois de deixar o posto e seguir para o Nordeste do Brasil e então para São Paulo, essa rede preciosa de olhos atentos e generosos seguiu presenteando-me com relatos dos malfeitos que se passavam naquela parte imensa do Brasil.

Foi graças a essas pessoas que pude, por exemplo, estar na cidade boliviana de Cobija no dia 11 de setembro de 2008, quando vinte pessoas morreram em um conflito armado entre apoiadores e opositores do presidente Evo Morales. Dois dias antes, um policial federal brasileiro informou-me sobre uma movimentação atípica de venezuelanos na região e sobre uma informação “checada” de gente armada planejando invadir a capital do estado de Pando. A história parecia tão absurda que mesmo sabendo se tratar de algo improvável, preferi checar antes. Sem sucesso, esperei por mais um dia por algo que justificasse a viagem. Conversei sobre o potencial de conflito com meus chefes, que tomaram a decisão de enviar-me para lá.

Desembarquei em Rio Branco na manhã daquela quinta-feira na qual se recordava o sétimo aniversário dos atentados da al-Qaeda

nos Estados Unidos. Após mais de três horas de viagem, encontramos uma fronteira vazia. Ninguém nas ruas. Entramos no país e, após percorrer algumas ruas, deparamos uma batalha campal no centro da cidade. Relatos de mortos e de prisões. Em um salão comunitário, estavam dispostos corpos crivados de balas das primeiras vítimas do que viria a ser conhecido como o "Massacre de Porvenir". Aqueles dias de caos que levaram ao exílio dezenas de pessoas e causaram a deposição e a prisão do governador de Pando viriam a ganhar sentido anos depois.

Estive na Venezuela pela primeira vez no fim de 2002. Hugo Chávez havia resistido a uma tentativa de golpe e começava sua jornada ao radicalismo. Mas nas ruas de Caracas tudo parecia normal. A teoria do nascedouro de uma ditadura parecia não se comprovar na prática. Não que ele contasse com minha tolerância; pelo contrário. É que parecia inacreditável que as fanfarrices do tenente-coronel que se esforçava para ganhar a atenção do mundo por seu comportamento bizarro fossem capazes de se converter em algo efetivamente perigoso para a estabilidade da região ou da segurança global. Chávez havia sido eleito legitimamente, dentro de um sistema eleitoral com plena saúde na democracia mais longeva da América do Sul. Portanto, era de se esperar que ele saísse de cena da mesma forma que entrou: conforme as regras do jogo, mas Chávez as mudou no meio da partida.

Esses eventos seguiam desassociados até meu "encontro" com o verdadeiro Hugo Chávez em 2011. Em abril daquele ano, a revista *Veja* publicou uma capa sobre a presença de extremistas islâmicos no Brasil. Alguns deles eram procurados em seus países de origem por terem realizado atentados; outros eram identificados como membros ativos dessas organizações. Assinada por mim e pelo fotógrafo Manuel Marques, a reportagem se baseou exclusivamente em documentos oficiais. Coube-nos localizá-los e mostrá-los em seu novo habitat. O trabalho provocou dois efeitos: levou-me a ser mal falado entre os colegas nas mesas de bar, mas

também me abriu um universo de fontes sem igual. As primeiras delas vieram da Argentina, depois dos Estados Unidos, da Venezuela e da Bolívia. A revelação de que o iraniano Mohsen Rabbani, o arquiteto do atentado contra a Associação Mutual Israelita Argentina (Amia), frequentava o Brasil valendo-se de uma identidade falsa soou como um eco da explosão que em julho de 1994 matara 85 pessoas em Buenos Aires.

Um dia antes de estar frente a frente com Alberto Nisman – que anos depois viria a ser a 86ª vítima da Amia –, conheci uma fonte que me ajudaria a perceber que, ao longo dos últimos anos, eu havia passado por peças de um mesmo quebra-cabeça sem que tivesse a atenção necessária ou o conhecimento básico para conseguir montá-lo. Recebi no hotel, localizado a poucos metros do Obelisco de Buenos Aires, o homem que pela primeira vez me ajudou a entender esses eventos. O argentino Abdullah (identidade fictícia que ele adotou em seu disfarce) havia forjado sua conversão ao islã para penetrar nas redes xiitas da Argentina, do Paraguai e do Brasil. Atuando como espião das autoridades brasileiras, fez parte de células montadas pelo Irã e pelo Hezbollah na América do Sul.

Nas doze horas que passamos trancados no quarto de hotel revisando fotografias e documentos, Abdullah ofereceu-me as mais contundentes evidências de que Chávez não era um palhaço, mas um homem com pretensões que iam muito além da América Latina. A Venezuela era o epicentro de um movimento que poderia consumir institucionalmente toda a região.

Abdullah, que lamentavelmente viria a morrer num acidente em Buenos Aires no ano seguinte, levou consigo informações relevantes sobre suas ações como mensageiro do Hezbollah. Foram dezenas de viagens de Assunção, no Paraguai, até Caracas, na Venezuela; ou de Foz do Iguaçu a Porto Velho. Quase sempre, carregava consigo dezenas de passaportes brasileiros que eram utilizados para acobertar identidades falsas de membros da milícia

xiita. Abdullah conta que só deixou de fazer o trabalho depois que o governo da Venezuela passou a colaborar com os extremistas fornecendo-lhes documentos autênticos a partir de identidades forjadas dentro do sistema de identificação do país.

Ouvi essa história quando conseguimos uma brecha para jantar no centenário *El Globo*, a poucas quadras do hotel. Para mim tornou-se impossível não associar o relato de Abdullah a uma história que me fora relatada por um delegado federal de Pacaraima, na fronteira do Brasil com a Venezuela. Em 2007, o policial havia detectado um fenômeno raro: um número crescente de venezuelanos que registravam entrada no Brasil, mas que davam claros sinais de que não sabiam falar espanhol. Esse encontro foi a origem de várias reportagens e notas, mas a história dos passaportes se mostrara impossível de provar. Embora não se tratasse mais, para mim, de algo a se acreditar ou não.

Na manhã seguinte, conheci o procurador federal Alberto Nisman. Extremamente cordato, ele discorria sobre a investigação que foi a causa de sua vida, e, quatro anos depois, também de sua morte. Frente a frente, Nisman queria as provas da presença de Rabbani no Brasil e o acesso direto às minhas fontes. Visivelmente desapontado, ele não insistiu ao ouvir minha negativa. Depois de praticamente não responder nada de relevante às minhas perguntas, pela evidente postura de desconfiança diante de um jornalista estrangeiro que jamais havia encontrado antes, Nisman sinalizou que não tinha mais tempo para a conversa. Quando nos despedimos, o procurador apertou minha mão e fez uma pergunta: "E se o Rabbani voltar, o que você acredita que podemos fazer para ele não fugir novamente?". Lembro-me de ter sugerido que ele se aproximasse mais da Polícia Federal, que mantinha sua independência apesar da amizade do governo brasileiro com o Irã. Nos anos seguintes, trocamos alguns e-mails, e nunca mais o vi.

Em janeiro de 2015, eu estava de férias em uma região com quase nenhum sinal de telefonia. Quando meu celular entrou em uma zona com conexão suficiente para baixar dados, recebi de interlocutores distintos mensagens de texto que diziam que Nisman estava morto. Interrompi a viagem e voltei para São Paulo, onde estaria em condições de acompanhar o desenrolar dos fatos e ter acesso irrestrito às fontes. Para mim, parecia impossível um homem tão zeloso da própria imagem física (parecia modelar as sobrancelhas, usar lentes de contato coloridas e preencher as curvas de expressão com botox) ser capaz de disparar contra a própria cabeça, na véspera de uma das mais importantes apresentações de sua carreira: o detalhamento diante do Congresso da Argentina de uma denúncia que, quatro dias antes, havia apresentado contra a então presidente Cristina Kirchner e outros funcionários do governo pelo crime de encobrimento das investigações do atentado contra a Amia.

As semanas que seguiram o evidente assassinato de Nisman foram marcadas por um congestionamento de fluxo de informações e possibilidades. Mas foi dos Estados Unidos que veio a mais importante delas. A mesma fonte que em 2011 havia me permitido publicar o furo em nível mundial de que Chávez não estava curado de seu câncer e não teria tempo suficiente de vida para assumir o próximo mandato (que disputaria em 2012), ofereceu-me a possibilidade de obter provas da vinculação dos governos do Irã e da Argentina com o assassinato de Alberto Nisman.

Enviado aos Estados Unidos, fui apresentado a ex-chavistas exilados que me descreveram em detalhe as relações clandestinas entre esses governos. De um deles veio o relato de que Venezuela e Irã se associaram para comprar segredos nucleares da Argentina. O homem era a testemunha ocular de uma conspiração que poderia estar na origem da morte do procurador que, ao denunciar Cristina Kirchner e seu chanceler, Héctor Timmerman, dava sinais inequívocos de que seu governo havia feito uma

inflexão em favor dos autores do atentado contra a Amia. Quanto mais me aprofundava, mais percebia a presença de Chávez em todo o desarranjo global que começava a se desenhar. Como um fantasma, o venezuelano era uma sombra quando vivo e continuava a assombrar depois de sua morte, em 2013.

É difícil saber qual era o nível de conhecimento que Nisman tinha sobre essa conspiração, mas o relato dos ex-chavistas mostrou que o procurador não estava errado. Havia uma relação espúria entre a Casa Rosada e Teerã, e Hugo Chávez oferecia a fachada para despistar o plano que levaria Teerã a concluir seu programa nuclear. Em meio à catarse que o relato causou na Argentina, recebi milhares de páginas até então mantidas sob sigilo pelas autoridades argentinas. Trata-se dos principais arquivos produzidos pela inteligência argentina sobre o caso, a base da investigação de Nisman. Além disso, um *backup* de milhares de horas de escutas telefônicas monitoradas pela equipe do procurador como uma cópia integral do HD de seu notebook pessoal. Um labirinto de dados que até o presente momento, em que descrevo esse processo, não fui capaz de percorrer completamente.

Apesar disso, foi possível encontrar nesses documentos oficiais pistas e provas que permitiram calibrar as investigações e, aos poucos, tornar públicas algumas das relações criminosas identificadas pelos investigadores argentinos. O uso do Brasil como centro logístico para a preparação de atentados e os pontos de contato entre as redes de extremismo islâmico, o narcotráfico e o modo como todos os países da região eram afetados ou utilizados como bases dessas organizações – cada uma dessas novas descobertas demandava uma nova linha de investigação, uma nova série de entrevistas.

Na manhã de 12 de setembro de 2017, meu caminho cruzou mais uma vez o de Nisman. Desta vez, o procurador Gerardo Pollicita, que havia assumido a denúncia que Nisman apresentara

quatro dias antes de sua morte, tomou meu depoimento como testemunha na investigação que tinha, entre várias pessoas, a ex-presidente Cristina Kirchner como um dos alvos. Ao procurador Pollicita fui obrigado a dizer que não poderia quebrar o acordo de sigilo com as fontes da reportagem que expôs as relações entre Irã, Venezuela e Argentina. Embora quisesse colaborar da melhor forma possível, o compromisso com minhas fontes foi mantido – assim como será neste livro. Dias antes do depoimento no processo, que em dezembro de 2017 resultou no pedido de prisão preventiva de Cristina Kirchner, voltei a falar com o ex-alto-funcionário do chavismo. Tentei dissuadi-lo da insistência em manter-se no anonimato apelando para a importância que seu testemunho daria às investigações que levaram à morte do procurador argentino. A resposta do ex-membro do gabinete de Hugo Chávez foi definitiva: “Não quero ser assassinado como Nisman ou ver algum familiar meu na Venezuela pagando com a própria vida”. Ele preferiu continuar no anonimato.

De forma independente, em 2016, voltei à Argentina outras duas vezes, uma ao Paraguai e uma aos Estados Unidos. Cada uma dessas viagens rendia um volume maior de relatos e documentos que permitiam compreender ainda mais as conexões que são descritas nas páginas deste livro. Não considero este um caso encerrado; jamais tive essa pretensão. Tomei a decisão de fazer um recorte, elencar aqui o que foi possível compreender, conectar e sobretudo checar, por meio de entrevistas, documentos ou informações já tornadas públicas. Estas, aliás, são as mais poderosas fontes de informação sobre a tragédia da Venezuela e o projeto de desordem global patrocinado por Hugo Chávez e seus seguidores.

À medida que as conversas apontavam para esses fatos relevantes, iniciei uma pesquisa de dados já conhecidos sobre as histórias narradas por essas fontes ou documentos. Esse trabalho de apuração combinado com checagem de dados mostrou-me que a maior parte das peças do quebra-cabeça estava solta;

publicadas em meios de comunicação de diversos países, o que se confirma pelas notas e referências ao final do livro. Vistas isoladamente, cada uma dessas notícias não havia sido capaz de mostrar o que elas significam em conjunto. A imagem que surge é a que poderá ser lida daqui em diante. E não se trata mais de ter ou não convicção. A realidade se mostrou, como de costume, mais complexa e absurda que a ficção.

Janeiro de 2018.

O ESPECTRO

Hugo Chávez ficou furioso quando o capitão Antonio Morales providenciou uma cadeira para que sua mãe, Elena Frías de Chávez, que havia acabado de chegar, pudesse se sentar para assistir ao desfile militar em comemoração ao dia da independência. Apesar de não ter conseguido esconder o desconforto com o gesto de cordialidade do oficial para com quem, afinal, era a mãe do presidente, Chávez não disse uma só palavra. As testemunhas relatam que era impossível não perceber o olhar de fúria com que Chávez fuzilou o subordinado. Ele esperou até o fim do evento para externar sua ira e interpelou Morales aos berros: “De onde você tirou essa ideia de pegar uma cadeira para ela? Quem te deu essa ordem de merda?”. O descontentamento do coronel não parou nos xingamentos; Chávez determinou que o militar fosse removido. Retirado de suas funções, Morales foi encostado em atividades burocráticas, longe do Palácio de Miraflores. Um castigo que impactou sua reputação e sua carreira, cuja progressão foi atrasada em decorrência daquele fatídico dia em que ofereceu um assento para a mãe do presidente. Que tipo de homem é capaz de punir um auxiliar por ter oferecido uma cadeira para a mãe do chefe se acomodar? Que sentimento pode ser atribuído a este homem em relação à própria mãe?

O ressentimento é o que define o comportamento de Chávez neste episódio e o que explica também parte de seus atos em direção à sua autodeclarada revolução bolivariana. Mais que o efeito de uma infância de privações, Chávez carregava as

cicatrizes da violência doméstica e do abandono. No mesmo dia em que puniu o militar que tratou sua mãe com cortesia, queixou-se com alguns de seus assessores mais próximos: “Essa mulher agora me procura. Ela me fodeu a vida inteira e só agora se aproxima de mim”.

Até ir viver com a avó, Rosa Inés, Chávez, o segundo dos seis irmãos, foi quem mais amargou os maus-tratos por parte dos pais. Era ridicularizado e constantemente agredido. Seu porto seguro era o irmão, Adán. O primogênito era quem lhe dava colo e oferecia consolo depois das surras que levava, sobretudo da mãe. Por ser o único alento que Chávez teve na infância, antes de ser acolhido pela avó, Adán se transformou em sinônimo de afeto e segurança. Imagens que se perpetuaram ao longo de sua vida adulta e tiveram reflexos no destino da Venezuela. A admiração absoluta que Chávez mantinha pelo irmão moldou-o ideologicamente. Comunista, Adán foi o primeiro mentor do irmão.

O ressentimento que surgiu na infância permeou todas as esferas da vida de Chávez. Para ele, todo o seu sofrimento e todos os seus problemas eram resultado de um conjunto de injustiças cometidas contra ele. O futuro presidente se via como vítima da família, da sociedade, da vida. Quando ingressou na academia militar, o jovem Hugo Chávez amargou ainda mais as desigualdades de seu país. Passou a conviver com colegas tão pobres quanto ele, ao mesmo tempo que se relacionava com outra categoria de venezuelanos, vindos das classes mais abastadas: o desnível social e cultural revolveu suas feridas. E seus traumas derivados da vida de privações se agravavam.

As emoções que surgem desse convívio nutrem ainda mais seu ressentimento. Seu mergulho no sentimento de injustiça levou-o ao extremo de ver-se refletido na história de seu país. Ou de ver a história de seu país refletida nele mesmo. A abordagem dada por muitos de seus professores, que enfatizava a visão dos vencidos, fez a mágoa de Chávez se aprofundar. O sofrimento que ele se

atribuía em sua autocomiseração atingiu níveis patológicos. À medida que ampliava seu conhecimento sobre as desditas do povo venezuelano, que ele considerava como vítimas perpétuas da exploração do capitalismo e dos Estados Unidos, catalisava o sentimento de revolta que carregou consigo ao longo da vida.

Como resultado de sua personalidade, Chávez projetou-se como espelho de seu povo. Para o futuro presidente, ninguém conhecia mais que ele próprio as dores e os suplícios dos venezuelanos. Uma visão exagerada de sua própria história e condição, que acabou por alimentar sua revolta. Chávez foi buscar nos infortúnios dos heróis nacionais, principalmente em Simón Bolívar, as correspondências que fizessem sua história pessoal se fundir com a de seus ídolos. Ele passou a acreditar que era uma vítima tal qual o libertador, tal qual a própria Venezuela. Esse traço psicológico de Chávez levou-o a se converter em um homem raivoso e convencido de ser o portador de uma missão salvadora. Inconscientemente (ou não), Chávez buscava a redenção de seu passado de sofrimento e irrelevância.

Sua aversão à ordem e às instituições explicava-se pelo fato de ele não acreditar na legitimidade de toda e qualquer autoridade que existisse antes dele. Alguns de seus assessores mais próximos dizem que, para ele, o “poder estabelecido” existia para ser desafiado e, por vezes, ridicularizado. Entretanto, Chávez não era um anarquista. Pelo contrário. Quando conquistou a presidência, converteu-se em uma das figuras com mais afeto ao poder em toda a América Latina. Ou seja, fez de sua revolução bolivariana tudo aquilo que ele mais abominava. Na Venezuela sob o chavismo, embora fossem realizadas eleições e as instituições estivessem nominalmente preservadas, o governo tinha contornos de uma ditadura. E, à medida que Chávez avançava em seu projeto, mais essas características se tornavam evidentes.

Quando o presidente Hugo Chávez abraçou o imperador japonês Akihito, ou abriu os braços na expectativa de receber um abraço

da Rainha Elizabeth II, ele havia escolhido agir deliberadamente contra o poder. Ao quebrar o protocolo, ele queria dar o seu recado de que não reconhecia as regras, mesmo aquelas que estavam entre as mais tradicionais. Para Chávez, não se tratava de expor seus interlocutores ao ridículo, mas de implodir as normas que nenhum outro líder mundial ousava transgredir. Chávez fez questão de deixar registrado pelos cinegrafistas, que acompanharam parte do encontro, mais um de seus atos de rebeldia. Depois de apertar as mãos da monarca, ele estendeu os braços por alguns segundos como se esperasse um abraço da rainha. Depois de um sorriso maroto fez cara de desapontado, quando a rainha, desbaratada, pareceu se esquivar.

Ainda em Londres, dentro do avião presidencial, que se preparava para decolar do aeroporto de Heathrow, Chávez se vangloriou de sua rebeldia. “Viram a cara da velha? Vieram me dizer que eu não podia tomar a iniciativa de tocá-la. O que esses ingleses pensam que são?”, questionou Chávez em meio às gargalhadas de sua comitiva, conforme relato de uma testemunha.¹ Para ele, os protocolos eram algo descabido.

Movido pelo que parece ser um incontrolável desejo de afrontar o poder, Chávez se lançou sobre os países vizinhos com a intenção de influenciar eleições, políticas econômicas e relações diplomáticas. Cooptando presidentes e se associando a partidos, movimentos sociais e até organizações criminosas, Chávez montou uma intrincada rede de desestabilização cujo epicentro é o continente americano, embora seu alcance seja planetário. O crescimento vertiginoso dos cartéis de tráfico de drogas do México e a eclosão da crise humanitária no norte da África, que resultou em milhares de mortes de refugiados que tentaram atravessar o Mediterrâneo, por exemplo, tiveram suas origens em operações que contaram com o suporte do regime de Hugo Chávez.

O câncer

Em 2011, no outono do Hemisfério Norte, conheci em Nova York uma fonte com a qual vinha me comunicando desde abril daquele ano, por meio de telefonemas e e-mails. Logo depois de uma reunião no Distrito Sul da Procuradoria Federal de Nova York, ele me revelou ter os relatórios médicos produzidos por uma equipe internacional de profissionais que acompanhavam secretamente o tratamento de um câncer de Hugo Chávez. O documento com o selo de "confidencial" trazia os detalhes do estágio da doença, de que o presidente venezuelano havia jurado ter se livrado meses antes.² As informações contidas naquele relatório deram origem à primeira reportagem sobre o real estado da enfermidade e antecipou o tempo de vida que restava ao presidente.³

Até a véspera da morte de Chávez, em março de 2013, chegaram diversos relatórios médicos com detalhes das cirurgias, dos tratamentos e das reações do mandatário aos processos que lhe eram empregados nas várias fases da doença. Mas, mais que oferecer um retrato em tempo real da agonia do presidente, os documentos que trafegavam por pelo menos quatro países, até serem recebidos no Brasil, permitiam ver como Chávez se transformou em vítima de si mesmo.

Quando os primeiros sintomas do câncer começaram a se manifestar, em janeiro de 2011, Chávez negou-se a fazer os exames pedidos. Menos de seis meses foram necessários para expor a gravidade da situação. Durante sua primeira visita oficial à recém-eleita presidente Dilma Rousseff, as dores provocadas pelo tumor, que comprimia seus órgãos, obrigaram o presidente a se amparar em uma muleta. Chávez insistia em dizer que se tratava de um problema no joelho decorrente de uma lesão antiga, adquirida em uma partida de beisebol. O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva tentou convencê-lo a se consultar com o corpo de especialistas do Hospital Sírio-Libanês, mas Chávez apresentou exigências demais para permanecer no Brasil. Ele queria que um

andar inteiro do hospital fosse reservado para ele. O que foi negado pelos diretores da instituição.

Em nome do controle absoluto das informações, Chávez entregou sua vida nas mãos dos cubanos. Ele foi submetido a uma série de exames no *Centro de Investigaciones Médico Quirúrgicas* (CIMEQ), considerado o melhor hospital do país e especializado em atender a elite chavista ou turistas dispostos a pagar pelo tratamento.⁴ Sob os cuidados dos mesmos médicos de Fidel Castro, ele foi diagnosticado com um tumor do tamanho aproximado de uma bola de beisebol, localizado entre o ânus e o saco escrotal. Avisado da descoberta, foi levado para uma sala de cirurgia e exposto a uma intervenção que, segundo os relatórios médicos, obtidos posteriormente, viria a ser sua sentença de morte.

Ao extirpar os tumores de cólon e próstata, os cubanos deixaram para trás grandes porções do tecido canceroso. O erro médico foi agravado pelo fato de que Chávez já apresentava um quadro de metástase, e a retirada da próstata nessas condições não era recomendável. Ao tentar esconder sua doença, o presidente terminou colaborando para seu agravamento.

Entre agosto e setembro daquele ano, Chávez foi submetido a uma série de sessões de quimioterapia e radioterapia, dessa vez assistido por uma equipe médica russa. Diante do quadro de instabilidade, os médicos chegaram a sugerir uma transferência para a Europa, mas Chávez se recusou. Voltou para a Venezuela e passou a ser tratado em uma clínica montada exclusivamente para ele, na ilha La Orchila, onde está localizada a casa de veraneio da presidência, contrariando as recomendações dos médicos.

O hospital militar estava construído na Base Aeronaval Antonio Días, uma área de acesso extremamente restrito. Mesmo os membros da alta cúpula do chavismo não possuíam acesso franco às instalações, localizado em meio ao Mar do Caribe, a leste do idílico arquipélago de Los Roques. As instalações especialmente

montadas para receber Chávez, numa área onde até o espaço aéreo era fechado, atendiam aos requisitos do presidente, que queria sigilo total sobre seu estado de saúde.

Os médicos o alertaram, em vários momentos, sobre a gravidade da doença e prescreveram um tratamento intensivo que o obrigaria a deixar a vida pública, o que ele refutou de imediato. Optou por receber uma terapia mais leve e abriu mão de alguns compromissos, como o programa dominical de rádio e televisão *Alô Presidente* e as aparições acompanhadas de discursos intermináveis, que já chegaram a superar oito horas de duração.

Chávez dizia que a revolução estava inconclusa e que ele precisaria estar firme à frente do governo e nas eleições, que se dariam um ano depois. O gesto, carregado de características supostamente altruístas, ocultava o vício imensurável do presidente em absorver toda ordem de sofrimento, principalmente aqueles que pudessem comprometer seu projeto de poder. Reeleito em outubro de 2012, Chávez jamais tomou efetivamente a posse de seu terceiro mandato. Em dezembro, apareceu em rede nacional de rádio e televisão e despediu-se do povo em uma coletiva de imprensa na qual pediu que, na sua falta, fizessem de Nicolás Maduro o seu sucessor. Apesar de nunca ter se curado, Chávez disse que seu tumor havia voltado e que ele seria submetido à quarta cirurgia em dezoito meses de luta. Embarcou para Cuba, onde se internou para o tratamento de sua doença em fase terminal. Os relatórios médicos que seguiam sendo compartilhados permitiram acompanhar o modo como Chávez definhava e os arranjos políticos que eram tramados em Caracas e Havana – na casa de hóspedes cedida por Fidel Castro dentro da área conhecida como Punto Cero, onde também estão as residências oficiais dos irmãos Castro.

No final da manhã de 5 de março de 2013, recebi uma rara ligação. Um ex-funcionário da chancelaria venezuelana – que sempre se comunicava comigo pelo serviço de mensagens

criptografadas – perdeu o medo e telefonou para minha linha convencional. “Chávez morreu”. A ligação coincidiu com o momento em que o vice-presidente Maduro dizia ao vivo na TV que o mandatário havia apresentado uma melhora. Uma contradição que poderia me causar dúvidas sobre a veracidade e a natureza da informação que estava recebendo. Mas o que pude assistir ao vivo foi a desfaçatez do chavismo.

Cerca de cinco horas depois, Maduro voltou a se pronunciar. Desta vez para anunciar que o presidente estava morto. Até no momento de sua morte, Hugo Chávez deixou sua impressão digital, por meio de seus subordinados: o controle absoluto das condições reais nas quais veio a morrer. Na Venezuela, pairam dúvidas sobre a real data do óbito, qual era a enfermidade ou onde realmente o presidente morreu. Muitos se perguntam sobre o desfile do féretro pelas ruas de Caracas. Foi algo real ou apenas uma encenação? Para uma parcela importante dos venezuelanos, apenas um caixão vazio foi usado para ludibriar a massa chavista de luto.

Os latino-americanos estão entre os povos que mais acreditam, temem e respeitam o que julgam ser a influência dos mortos sobre os vivos. Argentinos, colombianos, brasileiros, peruanos, mexicanos e todos os demais têm histórias sobre seres sobrenaturais. Na Venezuela não é diferente. Os venezuelanos, sobretudo os mais humildes, têm um traço cultural bem acentuado. Acreditam que um morto pode interagir com os vivos, e nenhum defunto foi tratado com mais poder no mundo dos vivos que Hugo Chávez.

Seu sucessor, Nicolás Maduro, jogou com essa característica dos venezuelanos e disse ter visto uma aparição de Chávez – na forma de um pássaro. Sem qualquer pudor, o presidente declarou em rede de televisão ter inclusive conversado com o antecessor, que antes de voar o teria abençoado. Não é raro encontrar fotos de Chávez ao lado de Jesus Cristo nas paredes das famílias mais

simples, e seu nome e imagem seguem evocados desde sua morte num misto de veneração e sebastianismo, sentimento irracional que se baseia na esperança de que seu líder um dia retornará ao mundo dos vivos com o poder de resgatar a população de suas agruras e conduzi-la a um futuro livre de infortúnios.

O próprio Chávez recorria ao mundo sobrenatural para resolver seus conflitos e tentar encontrar a cura para sua doença. Por meio do convívio com os cubanos, ele passou a cumprir preceitos da *santería* – uma variação caribenha do candomblé, religião de matriz africana que floresceu no continente americano como resultado do sincretismo de elementos da cultura iorubá que os escravos negros oriundos de Nigéria, Benin e Togo fundiram com elementos do catolicismo. Uma mãe de santo foi contratada pelo governo para cuidar do ritual presidencial. Para o perfeito cumprimento dos ritos religiosos, um terreiro foi montado em uma área contígua ao palácio presidencial. Um ex-ministro chavista descreveu o local como opressivo. Era decorado com estátuas de figuras humanas negras, velas coloridas, conchas e uma série de adereços, que deixavam o ambiente carregado. Antes de tomar algumas decisões mais sensíveis, o presidente venezuelano consultava os orixás – as entidades espirituais do rito iorubá – para saber como as forças sobrenaturais reagiriam a seus atos.

Nos primeiros meses de 2012, Hugo Chávez passou a tomar “remédios espirituais” prescritos pelo médium brasileiro João Teixeira de Faria, o João de Deus. Os relatórios médicos, redigidos pelos especialistas russos que acompanhavam o tratamento do câncer que havia se alastrado com força pelo corpo do presidente venezuelano, traziam a informação de que o mandatário estava tomando uma terapia alternativa composta por um tipo de “medicamento” que eles não eram capazes de identificar, produzido por um mago. Foi o ex-presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, que indicara o médium a Chávez. Lula, que também enfrentava um câncer, era acompanhado por João de Deus e, mais

tarde, atribuiria a cura da enfermidade à ação dos espíritos incorporados pelo médium.

Ao longo de meses, o venezuelano tomou diariamente pílulas de passiflora. Os comprimidos produzidos a partir do maracujá são empregados em terapias alternativas e no tratamento da ansiedade. Além da função de “calmante”, o fitoterápico não tem nenhuma outra propriedade medicinal que pudesse ser útil ao tratamento de Chávez ou de qualquer um dos outros mais de 2 mil pacientes que se consultam com o médium João de Deus todas as semanas. Segundo reconhecem os seguidores do paranormal, sob o aspecto físico, a passiflora não tem nenhum efeito. Mas as pílulas não poderiam ser classificadas como placebo, pois serviriam de veículo para a ação dos espíritos. Aqueles que creem nos poderes sobrenaturais de João de Deus explicam que as entidades espirituais que incorporam o médium direcionam para as cápsulas os efeitos necessários ao tratamento do paciente.

João de Deus jamais esclareceu se esteve pessoalmente com Chávez ou se fez a prescrição a distância, como é comum em seus atendimentos. O fato curioso é que os relatórios médicos, contrabandeados por membros da equipe médica internacional que tratava do ex-presidente Chávez, traziam a informação de que ele afirmava estar se sentindo melhor desde que começara a terapia espiritual. O presidente, segundo os médicos, dizia que os efeitos colaterais da quimioterapia haviam se tornado menos intensos desde então. Apesar do flerte com o mundo sobrenatural, ele perdeu a batalha contra o câncer e veio a morrer um ano depois.

Chávez converteu-se em um espectro, que permeou as mais variadas camadas do universo sobrenatural da política venezuelana e das esquerdas do continente. Um ex-chavista que colaborou de forma ativa no levantamento de informações para este livro define que não é possível haver chavismo sem Chávez. Que com a morte do líder também se foi o sonho de que o

comandante conduziria uma revolução continental. “Sem Hugo Chávez, qualquer tentativa de replicar seu governo é mera imitação”, disse repetidas vezes, mesmo tendo sido abandonado pelo líder. Traído pelos herdeiros do regime, ele ainda se mantém fiel ao comandante: “Chávez jamais atuou com as motivações de um criminoso. Ele era um homem de convicções. Seus assistentes é que se converteram em bandidos”, diz.

Os círculos concêntricos que se propagaram a partir de Caracas tiveram um alcance que transcendeu o continente americano, nutrindo a desordem global da qual Chávez se orgulhava de ser um dos patrocinadores. Aproveitando-se do vácuo de liderança que possibilitou sua própria chegada ao poder, ele semeou e cultivou o caos. Seja por meio de sua “diplomacia bolivariana”, seja por meio de seus petrodólares, o presidente venezuelano, como se verá ao longo deste livro, deixou suas digitais em boa parte das instabilidades internacionais que marcaram o início deste século. Chávez sabia que quanto mais desorganizado o mundo se tornasse, mais liberdade ele teria para fazer sua almejada revolução.

Ao mesmo tempo em que as potências tradicionais viam seu poder se reduzir, países menores emergiam como novos atores no jogo de relações internacionais. Isso nem de longe significaria o fim da hegemonia dos países mais poderosos do planeta, mas tais potências perderam parte da amplitude de ação frente aos pequenos. Quando, ao lado de Fidel Castro, Hugo Chávez reúne outros sete países ao redor da Venezuela e de Cuba e funda a Aliança Bolivariana para os Povos da Nossa América (ALBA),⁵ com a declarada função de contrapor a hegemonia militar dos Estados Unidos na região, ele fez uma declaração de “guerra”. Mas não se tratava de conflitos nos moldes tradicionais. Dentro do mundo que ele queria desestabilizar cada vez mais, Chávez era visto por muitos como um palhaço. Embora boa parte de seus atos tivesse características circenses, ele tinha consciência de seu poder inspirador. Ao afrontar seu maior inimigo, mesmo sabendo que o

projeto não era nada além de uma bravata, frente ao real poder bélico-militar dos Estados Unidos, Chávez queria mostrar para os “mais fracos” que era possível desdenhar do país mais poderoso do planeta. Mais um sintoma de sua incurável gana de desafiar o poder. As histórias que serão contadas a seguir perduram e se conectam; ora tendo Hugo Chávez como parte das engrenagens, ora como motor principal.

Hugo Chávez chegou ao poder em meio a crise e desilusão. Prometeu melhorar a vida dos venezuelanos, mas morreu sem conseguir. Muito pelo contrário: usou a fortuna proveniente dos anos de bonança do petróleo para “mudar o mundo”, esquecendo-se de que seu compromisso genuíno era apenas o de cuidar de seu país. Chávez empurrou a Venezuela para a beira do abismo econômico e social. Como herança, deixou um país falido e sucessores ainda mais incompetentes e brutais, que aprofundaram o chavismo no lodaçal ditatorial.

A morte de Hugo Chávez não foi um ponto final no seu modelo distorcido de mundo. Os efeitos duradouros de seus atos são mais perceptíveis na Venezuela – não há como não ver a imagem de Chávez no naufrágio da economia e na destruição da democracia de seu país –, mas seu espectro ronda todo o continente. Do Rio Grande à Patagônia são flagrantes as manifestações de sua onipresença, como parte de seu projeto de reengenharia global, chamado “Socialismo do Século XXI”.

1

A CONSPIRAÇÃO NUCLEAR

Quando seu nome foi apontado pela *Time* como o terceiro líder mais influente do mundo em 2006, Hugo Chávez não se conteve. Com um exemplar da publicação americana nas mãos, gabava-se a um conjunto de assessores de que até os “ianques” reconheciam o sucesso da revolução. Pelo segundo ano consecutivo ele era mencionado pela revista. Para a maioria das testemunhas que assistiam ao regozijo do presidente era impossível deixar-se enganar pelo suposto altruísmo do líder que falseava comemorar uma vitória coletiva, e não a celebração de sua imagem. Elevado naquele momento ao status de estrela mundial, o tenente-coronel tentava não deixar transparecer os sinais de sua vaidade. O comandante já havia alcançado prestígio e fama com seu discurso antiamericano, a chamada revolução bolivariana, e seu incrível talento para combinar bom humor e críticas ácidas, que invariavelmente enveredavam no mais puro deboche. Mas todos concordavam em um ponto: para Chávez, ser reconhecido pela maior revista do planeta, editada no país a que ele escolheu se contrapor, era a coroação de uma de suas dimensões – a de *popstar*. A efusividade era amplificada por sua escalada estrondosa no ranking da relevância. Ele havia saltado da 22ª posição, a última entre aqueles que eram políticos, para o pódio – ele estava certo de que ocuparia o topo no ano seguinte. Como se não bastasse a alegria da menção, Chávez celebrava o fato de

estar à frente de George W. Bush, o presidente americano, a quem viria comparar ao “diabo” em plena Assembleia Geral da ONU, em setembro de 2006.

Embora o venezuelano se esforçasse para fazer parecer que comemorava o reconhecimento da revolução que havia tirado a Venezuela da irrelevância no cenário político internacional, ouvia de seus subordinados elogios reforçando o fato de que, sem ele, a Venezuela não ocuparia papel de destaque e que, sem a liderança do comandante, o país já teria se afundado no caos. Não pela incompetência do governo, mas pelo boicote da elite, que rejeitava a ascensão do líder socialista. Era tudo o que Chávez esperava ouvir. Ele não se sentia recompensado apenas por seu projeto revolucionário, mas sobretudo no que dizia respeito a sua vaidade. Afinal, para ele não restava dúvida de que havia vencido e que estava em um caminho sem volta.

Um ano se passou e Hugo Chávez não alcançou o topo. Aliás, jamais voltou a constar na relação dos 100 mais. Uma decepção que as pessoas próximas percebiam, mas que ninguém ousava assuntar. Nas rodas de conversa palacianas especulavam-se os motivos. Quase todos apostaram na tese de que o presidente havia se exposto demais. Tinha transformado a política em um circo e atravessara o limite do tolerável. Além de ter chamado Bush de “diabo”, fez comentários racistas e de conotação sexual sobre a secretária de Estado Condoleezza Rice. Afrontou os parlamentares brasileiros chamando-os de “papagaios dos Estados Unidos”, por causa de uma manifestação do Congresso Nacional que emitiu um voto de censura à Venezuela em razão do cerceamento ao trabalho da imprensa promovido pelo chavismo. O governo venezuelano havia se negado a renovar a concessão da RCTV, emissora que Chávez considerava incômoda para seu governo.

O mandatário venezuelano não se cansava de tripudiar em seus pares. Em novembro de 2007, tumultuou a Cúpula dos Países

Ibero-Americanos, chegando ao ponto de o rei Juan Carlos I, da Espanha, mandá-lo calar a boca, com a frase que se tornou famosa: “*Por qué no te callas?*”. A reprimenda foi proferida no momento em que Chávez tentava impedir que o primeiro- ministro espanhol, José Luis Zapatero, defendesse o seu antecessor, José María Aznar, das agressões proferidas pelo venezuelano. A intervenção do monarca espanhol atingiu profundamente o ânimo do presidente. Reservadamente, Chávez praguejou contra o rei: “Quem esse velho pensa que é? Com quem ele pensa que está falando? Será que ele se esqueceu de que Bolívar nos tornou livres?”.

Para a pessoa de Chávez a frustração de não se ver no topo o atingiu profundamente, mas, para o *político* Chávez, ter sido ignorado foi um golpe ainda mais duro, pois ele tinha a convicção da injustiça que lhe era cometida. E, de certo modo, tinha razão. Nos anos em que ficou de fora da lista, ele protagonizou algumas das mais importantes conspirações para seu plano de desorganização global, mas, como atuou nas trevas, não ganhou a visibilidade que tanto valorizava.

A mais importante delas teve início na manhã de sábado de 13 de janeiro de 2007. Quando o A-321 do governo do Irã aterrissou em Caracas, o então chanceler Nicolás Maduro e seu auxiliar mais próximo, Maximilien Arveláiz, que meses depois seria transferido para servir na embaixada do Brasil, aguardavam o presidente iraniano, Mahmoud Ahmadinejad, junto à Rampa 4, o terminal de autoridades do Aeroporto Maiquetía. Os venezuelanos acompanharam Ahmadinejad no percurso de cerca de 25 quilômetros até o Palácio de Miraflores, a sede do governo. Batedores motorizados abriam caminho no trânsito caótico de Caracas, enquanto o grupo seguia em carros blindados e sob a proteção da guarda presidencial.

Avisado de que a comitiva estava prestes a atravessar os portões do palácio, Hugo Chávez deixou o escritório e foi receber

Ahmadinejad na porta do carro. Naquela manhã abafada, Chávez não surgiu à frente da escadaria de Miraflores usando sua farda verde-oliva ou uma de suas camisas vermelhas, feitas sob medida por camiseiras brasileiras. Chávez usava um traje azul e sem gravata. Com sorriso e braços abertos, caminhou em direção ao visitante e o abraçou. “Seja bem-vindo, meu irmão.” Embora a saudação não tenha sido traduzida para o persa, o entusiasmo e a cordialidade fizeram Ahmadinejad retribuir com outro sorriso e palavras que nenhum dos venezuelanos presentes foi capaz de entender.

Depois dos cumprimentos, Chávez conduziu Ahmadinejad para o interior do Palácio de Miraflores. Para a plateia de assessores, o anfitrião começou a discursar sobre a importância da visita do iraniano. O entusiasmo de Chávez com a presença de Ahmadinejad revelava sua admiração pelo regime dos aiatolás. Entre os anúncios feitos de bate-pronto estavam acordos nos setores energético, industrial e petrolífero. Chávez e Ahmadinejad queriam estreitar os laços. Além da produção de petróleo, ambos tinham em comum o confronto ideológico e político com os Estados Unidos. Ao dar as mãos, mandavam um recado para Washington.

Ao final do discurso, Ahmadinejad cochichou ao ouvido do intérprete, que em seguida fez o mesmo com Chávez. O comandante assentiu com a cabeça e conduziu o colega para as dependências de seu gabinete. Além dos dois presidentes e do iraniano incumbido de fazer a tradução, apenas os guarda-costas de ambos e alguns assessores entraram no ambiente reservado. O visitante estava ansioso, e, assim que se sentou, tentou tomar a palavra. Mas Chávez começou a conduzir a conversa. Falava de forma compulsiva, quase eufórica. Ele tinha a convicção de que sua aproximação com Teerã potencializava sua estratégia de minar a influência dos Estados Unidos na América Latina. Chávez via na relação com Ahmadinejad uma oportunidade de, ao mesmo tempo, afrontar o inimigo americano e ganhar mais legitimidade

como líder global. Sem que pudesse abrir a boca para justificar o motivo do pedido urgente para uma conversa reservada, Ahmadinejad foi engolfado pelo companheiro, que lhe propôs desde acordos bilaterais singelos como intercâmbio estudantil e até a criação de um banco binacional. Depois de quinze minutos do que foi praticamente um monólogo, Ahmadinejad o interrompeu. Chávez e os demais ouviram, por meio do intérprete iraniano, um apelo:

- Irmão, eu preciso que me ajude com um assunto de vida ou morte.

- Pois não – disse Chávez.

- Preciso que intermedeie, junto à Argentina, uma ajuda para o programa nuclear de meu país.

Os olhares de todos se voltaram para Chávez, que franziu a testa e não foi capaz de conter a expressão que combinava curiosidade e espanto. Sem dar chance de o venezuelano responder, Ahmadinejad continuou:

- Precisamos que a Argentina compartilhe conosco sua tecnologia nuclear. Sem a colaboração deles será impossível avançar em nosso programa.

Pronto como um soldado, Chávez respondeu:

- Farei isso, companheiro.

Ao ouvir a tradução, Ahmadinejad sorriu. Ajeitou-se na cadeira e disse:

- Não se preocupe com os custos dessa operação. O Irã respaldará com todo o dinheiro necessário para convencer os argentinos.

- Eu me encarregarei pessoalmente disso – disse Chávez.

Por razões óbvias, o diálogo reproduzido não foi gravado. Mas conforme uma testemunha ocular, a cena foi forte o bastante para ficar gravada tal como descrita na mente daqueles que presenciaram a conversa. Os dois presidentes se levantaram e seguiram até outra dependência, onde o almoço estava servido. Naquele mesmo dia, Chávez e Ahmadinejad voltaram a se reunir, mas desta vez na companhia apenas do intérprete.

O fator Stiuso

Nos primeiros dias de fevereiro de 2015, o agente Antonio Stiuso, que chefiou por 34 anos a unidade operacional da Secretaria de Inteligência de Estado da Argentina (SIDE), compareceu perante a juíza federal Fabiana Palmaghini para depor na investigação da morte do procurador Alberto Nisman. Stiuso estava desaparecido desde o final de 2014, quando foi exonerado de seu cargo e passou a ser alvo de uma campanha difamatória patrocinada pela Casa Rosada. Considerado peça fundamental nas investigações do Caso Nisman, começou a ser tratado como suspeito por vários setores do governo argentino, que chegou a pedir à Interpol a emissão de uma ordem de captura internacional.

Stiuso confirmou em depoimento à Justiça Federal argentina, um ano depois das revelações publicadas pela revista *Veja*, no Brasil, que Hugo Chávez, então presidente da Venezuela, havia intercedido junto ao argentino Néstor Kirchner para que ele retomasse a cooperação nuclear com o Irã.⁶ À juíza Palmaghini, Stiuso afirmou que a morte de Nisman foi um assassinato e que as conexões nucleares dos governos argentino, venezuelano e iraniano eram um dos motivos por trás da morte do procurador. Stiuso afirmou ainda que, em 2010, ele e Nisman receberam uma ordem emitida pela presidente Cristina Kirchner para que as investigações do atentado contra a sede da Associação Mutual Israelita Argentina (Amia) descartassem a participação dos

iranianos como mentores intelectuais da ação terrorista. Ele afirmou que Nisman sabia das tentativas de intermediação empreendidas por Chávez na relação entre Irã e Argentina e as levou em consideração para redigir a denúncia apresentada contra a presidente Cristina Kirchner.

Antonio Stiuso era considerado um dos melhores agentes da inteligência argentina. Um espião clássico, em sua atividade, ele tinha como característica uma visão vertical de suas obrigações. Quando foi ordenado a parar de ajudar Alberto Nisman na investigação do atentado contra a Amia, Stiuso não só ignorou a ordem como passou a suspeitar das intenções do governo. Sua insubordinação transformou-se em sua sentença de morte.

Em 2013, agentes da inteligência armaram uma escaramuça para que ele fosse assassinado. O momento ideal seria durante um suposto tiroteio na casa de um dos principais amigos e auxiliares de Stiuso. Pedro Tomás Viale era chefe de operações contra o narcotráfico da SIDE. Os agentes receberam a informação de que, naquela noite de 8 de julho, Stiuso jantaria na casa de Viale, que era conhecido no mundo dos espiões como *Lauchón*, em referência a um tipo de roedor, por suas habilidades em se infiltrar. O plano consistia na invasão do imóvel sob o pretexto de uma operação antidrogas realizada pelo esquadrão de elite da polícia de Buenos Aires. Os arquitetos do plano, revelou um ex-funcionário da inteligência,⁷ sabiam que esses encontros entre amigos, quando na casa de Viale, se estendiam madrugada adentro e que Stiuso emendava o jantar com o café da manhã na casa do amigo, que residia em Moreno, cidade da província de Buenos Aires.

Antes das 6 da manhã de 9 de julho de 2003, uma dezena de policiais armados com submetralhadoras alemãs MP5 arrombaram a porta principal da casa de Viale, que despertou com o estrondo. Ele agarrou a Glock que mantinha sempre ao alcance das mãos e recebeu os policiais a bala. Durante o tiroteio, o agente da SIDE

havia cobrado dos policiais que apresentassem suas credenciais, o que nunca ocorreu. Viale conseguiu resistir até acabarem as munições de sua pistola. Quando os invasores perceberam que ele havia realizado o último disparo, não deram tempo para que o oponente recarregasse a arma. Viale foi encurralado no banheiro, onde foi abatido com onze disparos, entre os quais, um no rosto e seis no tórax.⁸

A operação foi um fracasso monumental. Os artífices do ataque pecaram pelo excesso de confiança e não checaram uma informação fulcral para uma ação daquela natureza. Absolutamente convencidos de que Stiuso dormiria na casa do amigo, eles determinaram a invasão do imóvel. A resistência que justificaria a execução de fato aconteceu, mas eles perderam o alvo principal. Naquela noite, Stiuso faltou ao compromisso. Por causa de um mal-estar de sua filha, ele ficou em casa. Seus inimigos não perceberam essa mudança e seguiram em frente com o plano. Stiuso não só se safou de ser morto em uma emboscada, como descobriu que seus inimigos, na guerra de espões que se travou em seu país, estavam dispostos não apenas a afastá-lo das investigações sobre o atentado contra a Amia, mas aniquilá-lo definitivamente. Ao receber a notícia da morte do amigo, em uma operação que a própria Justiça argentina reconheceu posteriormente ter se tratado de uma execução,⁹ Stiuso passou a remodelar sua atuação dentro da conspiração que arruinou sua carreira e quase lhe custou a vida.

“Stiuso é um siciliano. Nada o move mais que a *vendeta*. Por isso ele não fala nunca. Trabalha em silêncio para entregar à Justiça os elementos que levem seus inimigos para a cadeia”, disse um ex-funcionário do governo argentino que garante que o sentimento de vingança que motiva o ex-espão tem características ancestrais.¹⁰ Quanto mais o governo tentava afastá-lo do caso, mais o incentivava a abastecer Nisman com informações. Enquanto a Casa Rosada e seus arapongas trabalhavam para neutralizar aquele que havia sido o mais importante dos oficiais da

inteligência argentina, ele intensificava o trabalho e irrigava as investigações conduzidas pelo procurador Alberto Nisman com informações e documentos que comprovavam as relações incestuosas entre o governo da Argentina e Teerã.

O espião contou que o ex-presidente Néstor Kirchner se negou a encontrar Ahmadinejad. Embora o encontro jamais tenha ocorrido e não se conheçam as testemunhas do momento em que Chávez abordou Néstor Kirchner, assessores de Chávez relatam que ele passou a tratar a Argentina como um alvo estratégico. Logo nos dias que se sucederam à reunião na qual Ahmadinejad pediu ajuda, Chávez determinou que a área financeira de seu governo desse "prioridade total e absoluta" à aquisição de bônus da dívida argentina.

O governo venezuelano já empreendia, como parte de sua estratégia geopolítica regional, a cooptação de governos por meio da compra da dívida desses países. A Argentina era uma das beneficiárias do derrame de dólares na América Latina. Desde 2005, Chávez já havia comprado 6 bilhões da dívida dos argentinos. Por sinal, essa foi a razão que levou Ahmadinejad a perceber o poder de influência que Chávez teria sobre o governo argentino. Os Kirchner eram devedores da Venezuela, que impediu a economia local de implodir pela ameaça iminente de insolvência. Naquele ano, Chávez perdoou 1,8 bilhão de dólares da dívida argentina.¹¹

Chávez determinou que fossem despejados imediatamente mais 500 milhões de dólares em aquisição de títulos. Feitos os cálculos, os técnicos do Ministério das Finanças indicaram que a operação era arriscada. Ou, como definiu um dos envolvidos no levantamento de dados, a operação era "temerária e ultrapassava o limite da irresponsabilidade". Chávez não só ignorou o alerta como repreendeu o assessor. Lembrou-o de "quem era o presidente". A operação foi realizada conforme a ordem do comandante, e, até o final daquele ano, outros 1,3 bilhão de

dólares foram dispendidos com a compra de papéis argentinos. De acordo com uma testemunha palaciana, Chávez confidenciou que os novos aportes eram necessários para convencer o presidente Néstor Kirchner a colaborar com os iranianos. Na mesma conversa, o comandante revelou parte do que havia sido tratado apenas entre ele e Ahmadinejad.

A obsessão iraniana

Nas últimas três décadas, o Irã pelejava para colocar em operação a usina nuclear em Bushehr, cuja construção havia sido interrompida em 1979, quando a responsável pela obra, a alemã Kraftwerke,¹² subsidiária da Siemens para o setor nuclear, abandonou o projeto por causa do clima de instabilidade que tomou conta do Irã após a queda do xá Mohammad Reza Pahlavi, em fevereiro daquele ano. Segundo relato de Chávez a um militar de seu círculo pessoal, as usinas construídas pela Siemens na Argentina eram “gêmeas” das que estavam inconclusas no Irã. Ele esperava que a Argentina aceitasse compartilhar as informações de engenharia e tecnologia com os iranianos.

A operação desenhada em Caracas e coordenada por Chávez para contrabandear os segredos nucleares argentinos para o Irã se tornou pública somente oito anos depois, em março de 2015, graças ao testemunho de ex- membros do círculo mais próximo do presidente que se exilaram nos Estados Unidos e passaram a colaborar com as autoridades americanas nas investigações sobre o papel da alta cúpula do governo em operações de narcotráfico. Mas o conteúdo da conversa já era de conhecimento do governo americano desde 2009: o mesmo dissidente do gabinete de Hugo Chávez que se reuniu com a revista *Veja* em Washington, na última semana de fevereiro de 2015, e permitiu que o conteúdo da reunião se tornasse público,¹³ já havia vazado para um interlocutor do Departamento de Estado o conteúdo do diálogo estabelecido

entre Chávez e Ahmadinejad e a operação empreendida por eles para ter acesso às informações secretas do governo argentino.

Em julho de 2011, os parlamentares republicanos Connie Mack, David Rivera e Ileana Ros-Lethinen firmaram um ofício enviado para a então secretária de Estado Hillary Clinton no qual pediam uma investigação sobre a triangulação da cooperação nuclear entre Irã, Venezuela e Argentina,¹⁴ sugerindo que informações sobre a trama também haviam chegado ao congresso dos Estados Unidos. Mas as características mais insólitas da conspiração haviam sido ignoradas por muita gente. De tão bizarras, foram tratadas como exageros ou mentiras.

Nenhuma das fontes disponíveis foi capaz de afirmar de que modo a Argentina retribuiu à generosidade de Chávez e do Irã. O duto de dinheiro que conectou Teerã a Buenos Aires incluiu a assinatura de dezenas de acordos bilaterais, e alguns multilaterais, com a participação formal do Irã. Foram assinados acordos energéticos, culturais e comerciais. Além disso, os países começaram a estabelecer uma série de contratos para instalação de duzentas “fábricas socialistas” para servir de fachada a movimentações financeiras. Os acordos para as tais instalações também incluíram o Irã. Algumas das plantas industriais erguidas na Venezuela não passavam de galpões vazios, apenas para justificar o trânsito de dinheiro e equipamentos entre os três países. Documentos vazados pelos ex-chavistas confirmam que o então presidente Hugo Chávez autorizou, em junho de 2010, o envio de mais de 14,8 milhões de dólares em favor da parceria com a Argentina, como forma de alavancar as obras das fábricas de fachada.

Para os deputados americanos que cobraram uma posição do Departamento de Estado, esses empreendimentos serviam para esconder os reais planos do Irã, que um ano e meio antes havia revelado sua intenção de comprar combustível nuclear, inclusive da Argentina.¹⁵ Constituídas sob um tratado absolutamente formal e

opaco, sobre o qual não pesa nenhum tipo de fiscalização ou auditoria, as “fábricas socialistas” permitiram transferências de milhões de dólares entre os três países. E serviram para enriquecer apaniguados de governos bolivarianos, tanto na Venezuela quanto na Argentina e ainda em outros países. Algumas delas foram criadas com a missão exclusiva de atender a esses contratos.¹⁶ Caso mais notório é dos argentinos do Grupo Tak SA. A empresa criada em março de 2010 só teve seus registros publicados no Diário Oficial argentino três semanas depois. Um fato que poderia ter passado despercebido ou sido atribuído à velocidade paquidérmica da burocracia latino-americana, não fosse por um detalhe. Ele ocorreu menos de 48 horas após a reunião entre os presidentes Hugo Chávez e Cristina Kirchner para a assinatura do contrato para a realização de projetos na Venezuela. A Tak SA havia sido registrada em nome da artista plástica argentina Norma Bessouet, uma das mais íntimas amigas da ex-embaixadora da Argentina em Caracas, Alicia Castro.

As fábricas socialistas foram instituídas no mesmo arcabouço de *joint ventures* iraniano-venezuelanas, montadas no país sul-americano.¹⁷ As plantas industriais começaram a ser instaladas na Venezuela em 2006. Como consequência dos 262 acordos bilaterais¹⁸ firmados entre Chávez e Ahmadinejad foram erguidas uma montadora de automóveis, uma fábrica de tratores, uma de bicicletas e uma usina de cimento. Um conjunto de papéis comprova que uma das funções dessas instalações foi acobertar o trânsito de equipamentos, produtos químicos, armamentos e tecnologia. Sob sanções impostas pelo Conselho de Segurança da ONU desde 2006, por ter se negado a suspender seu programa de enriquecimento de urânio, o Irã precisou valer-se de uma rede subterrânea de relações para seguir em frente com suas ambições atômicas. Em novembro de 2008 surgiu a primeira prova de que as relações comerciais com a Venezuela serviam para ocultar operações irregulares do regime dos aiatolás. Naquele mês, um comboio deixou o Irã pela cidade de Bazargan e entrou na Turquia

por Gurbulak – localizadas em uma região árida, mas marcadas por um intenso tráfego, por serem o principal ponto fronteira entre os dois países.¹⁹ Os caminhões transportavam 22 contêineres, que seriam despachados a partir do maior porto do país, localizado 1.300 quilômetros Turquia adentro, em Mersin. A carga, que partiria do terminal no Mar Mediterrâneo, tinha como destino a Venezuela e havia sido declarada junto às autoridades alfandegárias como “peças de trator”. Ao ingressar no terminal portuário, o carregamento foi redirecionado para inspeção por raio x. A imagem revelou que o conteúdo dos contêineres não era condizente com o manifesto de carga. Quando abriram o primeiro compartimento, os oficiais encontraram uma série de tambores e equipamentos de laboratório.²⁰ O mesmo se observou nos outros 21 contêineres.

A análise das substâncias revelou se tratar de uma carga de nitrato e sulfito. E as peças que acompanhavam os tonéis não tinham qualquer relação com a produção de tratores. Elas faziam parte de instrumentos utilizados na indústria militar para a produção de explosivos. Segundo o relatório do governo turco, reproduzido pela embaixada americana em Ancara,²¹ agentes da inteligência do país invadiram o porto para investigar o fato, que poderia ser uma violação flagrante à resolução da ONU que proibia, naquele momento, o Irã de transferir armas ou qualquer outro material conexo. Eles descobriram que algumas das caixas de madeira que continham o material tinham como destinatário o Ministério da Defesa da Venezuela. Técnicos da Agência Turca de Energia Atômica realizaram medições para identificar a presença de possíveis materiais radioativos, mas nada foi encontrado. Coube aos técnicos da agência nuclear a verificação da lista de equipamentos e produtos químicos encontrados para determinar se eles estavam expressamente citados na sanção da ONU.

A constatação foi que, embora o conteúdo da carga não estivesse diretamente sob sanção, a fraude documental e a ocultação de que o material se destinava aos militares venezuelanos foi

suficiente para impedir o embarque para a América do Sul. O Ministério da Defesa da Turquia comunicou ao governo dos Estados Unidos que durante os últimos dois anos as autoridades alfandegárias de Taiwan mantiveram uma fiscalização intensa do fluxo de cargas de origem iraniana que transitavam por terra pelo território turco até serem despachadas por navio. Em inspeções de rotina, os taiwaneses encontraram uma série de irregularidades nas cargas iranianas que ingressavam na Turquia por Gurbulak e, posteriormente, eram despachadas pelo Mediterrâneo.

O flagrante no Porto de Mersin se deu menos de um mês após Irã e Venezuela terem assinado um acordo bilateral de cooperação nas áreas de ciência e tecnologia, que, segundo um ex-ministro venezuelano, servia como cortina de fumaça para as negociações nucleares iniciadas entre os dois países em 2007.²² O texto do documento, vazado em 2010, confirma as datas e a formalização da intenção de obter o “domínio da tecnologia nuclear”. O cotejamento das datas permite constatar que os chavistas tentaram ludibriar, inclusive, a Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA). Apenas uma semana após terem assinado a parceria com os iranianos, a Venezuela foi à AIEA para apresentar suas intenções de desenvolver um programa nuclear com fins pacíficos. Em seu requerimento, os venezuelanos omitiram a aproximação com o Irã.

Ainda em novembro de 2008, a mineradora estatal venezuelana CVG Minerven concedeu à iraniana Impasco o direito de prospecção e exploração de uma mina de ouro localizada ao longo da fronteira com a Guiana, no estado de Bolívar. Por coincidência ou conveniência, as áreas apontadas pelos iranianos para exploração de ouro são exatamente as mesmas onde estão alguns dos maiores depósitos mundiais de urânio, segundo pesquisas da empresa canadense U308 Corp,²³ que prospectou os depósitos de urânio localizados na Bacia de Roraima.

O processamento do material minerado pelos iranianos era realizado em uma “fábrica de cimento” binacional, também criada dentro da rede de cooperação formal dos dois países. Mas a utilização da planta de cimento para extração de ouro era tão bizarra que chamou a atenção de militares e assessores de Chávez. Alguns oficiais, que tentaram desvendar o que estava por trás da associação Venezuela-Irã, ficaram chocados com o fato de que o acesso a certas áreas da fábrica era restrito a iranianos, e a segurança desses locais era feita por militares persas, provavelmente da Guarda Revolucionária, os Quds. “Eu tinha acesso ao gabinete do presidente Chávez, mas era proibido de atravessar a linha de segurança imposta pelos iranianos”, diz um ex-chavista.

Uma segunda planta fora erguida no estado de Monagas, logo depois da reunião em que Chávez e Ahmadinejad fecharam o acordo sobre a questão dos segredos nucleares argentinos. A obra foi conduzida pela estatal iraniana Edhasse Sanat, que também administrou a operação. A fábrica ficou sem produzir um saco de cimento até sua inauguração, em 2015, mas enquanto isso despachou toneladas de materiais para o Irã, em navios com bandeira daquele país. Nenhuma das fontes acessíveis foi capaz de afirmar o que havia nos carregamentos, mas o nível de segurança militar empregado, o sigilo e as características insólitas do negócio nutriam várias suspeitas. A principal delas era a de que o Irã estivesse se valendo de uma atividade regular para ocultar ações clandestinas. No caso, a extração e o envio de urânio venezuelano para instalações secretas em território iraniano.

As suspeitas de que tenha havido contrabando de urânio para o Irã ganharam força quando da assinatura do acordo entre as potências do Ocidente e os iranianos, em julho de 2015. Em 2010, quando Brasil e Turquia tentavam alinhar um acordo nuclear com o Irã, os Estados Unidos afirmavam que o ponto chave da negociação seria convencer Teerã a enviar para o exterior os 1.200 quilos de urânio pobremente enriquecido que o país tinha em seu

poder.²⁴ Cinco anos depois, as negociações nucleares entre Estados Unidos e Irã revelaram que esse estoque de material radioativo cresceu de forma considerável no período, chegando a 10 toneladas.²⁵

Nos cinco anos que separaram as tratativas do Irã com o Brasil, até a assinatura do acordo de 2015, os iranianos fizeram seu programa nuclear prosperar nas sombras e fora delas. Logo após o fracasso diplomático de 2010, o presidente Mahmoud Ahmadinejad reconheceu que o país já iniciara a produção de urânio enriquecido a 20%.²⁶ Embora afirmasse se tratar de um programa com fins pacíficos, o urânio concentrado acionou o alarme do Ocidente. Menos de um ano depois, o presidente da Organização de Energia Atômica do Irã (OEAI), Fereydoun Abbasi, afirmou à agência estatal de notícias não haver intenção do governo de seu país de suspender o enriquecimento de urânio a 20%.²⁷

Da mesma forma que afrontavam as potências ocidentais e o próprio Conselho de Segurança das Nações Unidas, os iranianos estiveram envolvidos em uma série de outros incidentes – como no caso do Porto de Mersin, na Turquia – voltados ao contrabando de insumos para seu programa nuclear ilegal. Em 2012, a polícia da Bolívia encontrou no subsolo de um edifício que abrigava a representação militar das Forças Armadas da Venezuela, em La Paz, um carregamento de cerca de duas toneladas de tantalita.²⁸ O mineral, que havia sido contrabandeado do Brasil,²⁹ chegou à Bolívia por via terrestre e, segundo investigações, deveria ser despachado para a Venezuela, de onde partiria para o Irã. Usada para a produção de ligas metálicas de alta resistência ao calor, à abrasão e à corrosão, a tantalita é um

insumo estratégico fundamental para a indústria bélica. Entre suas aplicações está a fabricação de peças para reatores nucleares e motores de foguetes, bem como a estrutura de mísseis.³⁰ Por causa dessas características, em 2008, o mineral foi listado entre os produtos proibidos de serem exportados para o Irã.³¹ Quando o caso de La Paz eclodiu, as autoridades brasileiras entraram em ação e descobriram que havia um segundo carregamento de rochas, desta vez de 18 toneladas, que seria enviado para a rota La Paz-Caracas-Teerã.

Furando o bloqueio

Paralelamente à prospecção de insumos, o presidente Mahmoud Ahmadinejad desenhou com Hugo Chávez um intrincado sistema financeiro para irrigar as operações ilegais e driblar as sanções internacionais. Segundo o grupo de ex-chavistas no exílio, em janeiro de 2007, no mesmo evento em que Ahmadinejad acionou seu colega venezuelano para obter a ajuda da Argentina no desenvolvimento do programa nuclear iraniano, os dois presidentes decidiram criar um banco binacional. Dois dias depois da reunião, o venezuelano encomendou de seus assessores um estudo de viabilidade da operação. O resultado foi entregue em mãos pelo então ministro das Finanças, Rafael Isea, que, de acordo com uma testemunha do encontro, aconselhou o chefe a desistir da sociedade com os aiatolás. “Os iranianos estão sob várias sanções dos Estados Unidos e da ONU. Se metermos nosso dinheiro junto com o deles, vamos acabar sendo alvo do bloqueio de fundos”, alertou Isea. Chávez o repreendeu: “Quem é o presidente?”.

Apesar da reprimenda, Chávez considerou o conselho do amigo. Isea era mais que um assistente graduado; ele era um dos mais diligentes companheiros do presidente. Fora escolhido por Chávez para acompanhá-lo em sua primeira viagem a Havana depois que

saiu da prisão, em 1994. No lugar de criar um banco composto pelo capital dos dois países, Chávez abriu o sistema financeiro de seu país para que Teerã contornasse as diversas resoluções do Conselho de Segurança da ONU. Em janeiro de 2008, o banco Toseyeh Saderat Iran abriu uma subsidiária em Caracas sob o nome de Banco Internacional de Desarrollo. Sob as sanções do Conselho de Segurança da ONU desde 2008,³² o Saderat Bank era apontado como uma das principais instituições bancárias iranianas que podiam ser utilizadas para operações que dariam suporte financeiro ao programa nuclear dos aiatolás. As preocupações em torno do financiamento às atividades clandestinas por parte do Saderat tiveram origem em 2006, quando o Departamento do Tesouro dos Estados Unidos incluiu a entidade em sua lista de sanções³³ por causa das ações do banco para lavar dinheiro do grupo libanês Hezbollah.

Funcionando formalmente como um banco venezuelano, o Saderat tinha 100% de capital iraniano, e sua diretoria era totalmente composta por funcionários enviados de Teerã.³⁴ Uma estratégia para fugir das restrições impostas pelas diversas sanções que pesavam sobre o banco. A presidência do Saderat era ocupada pelo economista Tahmasb Mazaheri, que já havia sido ministro das Finanças do Irã entre 2001 e 2004. Ele viria a assumir, oito meses após o registro do Saderat junto às autoridades do estado de Miranda, na Venezuela, a presidência do Banco Central do Irã.³⁵ Um conjunto de documentos vazados por chavistas desertores revelam que o Saderat era utilizado por todas as empresas iranianas instaladas na Venezuela, o que para alguns especialistas era uma violação das restrições impostas pela Organização das Nações Unidas ao sistema financeiro iraniano.³⁶ Somente em 2010, o Banco Internacional de Desarrollo virou alvo de sanções.³⁷

A conexão Teerã-Caracas-Buenos Aires

Enquanto a Diplomacia dos Estados Unidos se esforçava para se aproximar do Irã, uma inspeção de rotina de agentes de alfândega do aeroporto de Düsseldorf, na Alemanha, em janeiro de 2013, pilhou Tahmasb Mazaheri em uma clara violação das sanções impostas ao Irã. Se não fossem os esforços da Casa Branca para fechar um acordo nuclear com Teerã, o incidente teria servido para intensificar as tensões entre os dois países. Ao desembarcar de um voo originário da Turquia, Mazaheri não declarou que levava consigo um cheque de 300 milhões de bolívares (mais de 54 milhões de euros à época).³⁸ Embora o cheque tivesse sido emitido pelo Banco da Venezuela, o ex-presidente do Banco Central do Irã afirmou que o recurso seria entregue em Caracas como auxílio à construção de 10 mil casas populares para os venezuelanos. Surpreendentemente, após um mês de investigações, as autoridades alemãs acataram as explicações de Mazaheri, e o cheque foi devolvido.³⁹

Uma das medidas estabelecidas por Chávez para colocar em prática o acordo com Ahmadinejad foi construir uma “ponte aérea” de malas de dinheiro conectando Caracas a Buenos Aires. Na noite de 4 de agosto de 2007, a agente de segurança aeroportuária María del Luján Telpuk desobedeceu a ordem de um superior e como consequência detonou o principal escândalo pré-eleitoral da Argentina. Ela fora orientada a não inspecionar as bagagens dos passageiros e tripulantes do jato particular Cessna 750 Citation X prefixo N5113S, que aterrissaria no Aeroporto Jorge Newbery, o Aeroparque.⁴⁰

María del Luján fez exatamente o contrário e flagrou o empresário venezuelano-americano Guido Alejandro Antonini

Wilson tentando entrar ilegalmente na Argentina com uma valise recheada de dólares. Inquirido, Antonini disse que transportava 60 mil dólares. Mas a contagem oficial feita após a autuação chegou à cifra de 800 mil dólares. O flagrante ocorreu em um momento duplamente suspeito, em meio à campanha presidencial, e justamente quando o presidente Chávez se preparava para desembarcar em Buenos Aires para uma visita-campanha em favor de Cristina Kirchner. Um ex-ministro chavista relatou que uma vez informado do incidente pelo presidente da PDVSA, Rafael Ramírez, Chávez ficou furioso. O presidente vociferava e perguntava quem havia sido o idiota que coordenou a operação. Chávez não se conformava que seus auxiliares tivessem usado um voo privado, e não aproveitaram o voo oficial que havia aterrissado em Buenos Aires dois dias depois.

Os dólares apreendidos naquela noite, confirmou um dos presentes, tinham como destino a campanha presidencial de Cristina Kirchner. Ele contou que o dinheiro havia sido retirado de um cofre de aproximadamente vinte metros cúbicos que armazenava milhões, em notas de dólares e euros. A caixa-forte ficava localizada nas dependências da "residência Branca", um imóvel contíguo ao palácio presidencial. Conhecida como a "Partida Secreta", a verba era de uso exclusivo de Chávez, que não prestava contas a ninguém do volume de dinheiro que entrava e saía. Embora a operação tenha sido tratada como uma linha direta entre Caracas e Buenos Aires, o regime chavista era apenas um intermediário na operação. Teerã estava irrigando a campanha kirchnerista. Chávez determinou que Ramírez e o chefe da Direção Geral do Serviço de Inteligência e Prevenção da Venezuela (Disip), Henry Rangel Silva, coordenassem a limpeza do escândalo.

Assim que foi liberado pelas autoridades argentinas, três dias depois do flagrante, Guido Antonini desembarcou em Miami, decidido a procurar o FBI. Quando Rangel Silva e Ramírez entraram em ação para coordenar a operação de encobrimento, Antonini já estava fechado com os agentes americanos. As

primeiras chamadas telefônicas para Antonini foram geradas do gabinete de Rafael Ramírez, em Caracas.⁴¹

Depois disso, ele foi alcançado, por intermédio de seus sócios Franklin Durán e Carlos Kauffmann – também envolvidos no caso –, pelo advogado Moisés Maiónica, que havia sido escalado para atuar na operação por Henry Rangel Silva e pelo vice-presidente da Venezuela, Jorge Rodríguez. Maiónica, advogado da Smartmatic, empresa responsável pela realização das eleições venezuelanas, também havia atuado como consultor do Conselho Nacional Eleitoral da Venezuela quando Rodriguez presidiu o órgão responsável pelas eleições venezuelanas.

A Smartmatic é umbilicalmente ligada ao chavismo⁴: sua criação contou com o financiamento secreto do governo venezuelano. A atuação da Smartmatic extrapolou as eleições venezuelanas, e a empresa alcançou mercados nos Estados Unidos, Europa e Ásia. Sua competência e lisura foram alvo de polêmicas e ações judiciais por onde passou. No Brasil, a Smartmatic deixou suas digitais nas eleições municipais de 2012 e na presidencial de 2014. Na sua estreia, foi contratada pelo Tribunal Superior Eleitoral para cuidar da atualização do software utilizado pelas urnas eletrônicas. Na segunda atuação no Brasil, a companhia proveu tecnologia para a transferência de dados em algumas áreas remotas do país.

Quando os emissários do governo venezuelano se encontraram pela primeira vez com Antonini na Flórida, no Jackson's Steakhouse, em Fort Lauderdale, eles não tinham sequer a suspeita de que o emissário da mala carregava, escondido sob suas roupas, um microfone instalado por agentes do FBI. Assim, Maiónica, Kauffmann e Durán sentiram-se à vontade para passar um recado que Antonini percebeu como ameaçador. Seus sócios disseram que se ele não assumisse o dinheiro como seu, seria perseguido pelo governo da Venezuela.⁴³ Os emissários deram garantias de que as despesas com a sua defesa e as multas

decorrentes da entrada ilegal dos recursos na Argentina seriam cobertas. Kauffmann aconselhou Antonini a não arrumar problemas com a Venezuela.⁴⁴

Além do suporte legal junto às autoridades argentinas, os prepostos do chavismo nos Estados Unidos ofereceram 2 milhões de dólares para que Antonini aceitasse participar da conspiração. O dinheiro seria transferido em contas abertas em paraísos fiscais e sairia de uma verba secreta da Disip, que era administrada de forma independente por Rangel. Outra possibilidade seria um pagamento feito pela própria PDVSA. Devido às operações financeiras bilionárias, o pagamento da propina seria imperceptível. Entre as várias conversas monitoradas, os agentes americanos gravaram até mesmo uma ameaça de morte.⁴⁵

O advogado Maiónica cuidou pessoalmente da preparação de outro encontro, com um mensageiro direto do presidente Chávez. A reunião aconteceu no dia 28 de outubro, em uma Starbucks localizada num centro comercial em Plantation, cerca de 50 quilômetros ao norte de Miami. Antonini conheceu o agente especial da Disip Antonio José Canchica Gómez. O porta-voz garantiu, em nome de Chávez, os termos da negociação. Três dias depois, voltou à Venezuela impunemente. Os agentes do FBI decidiram não o prender, para não levantar suspeitas sobre a investigação em curso.⁴⁶

Na noite de 11 de dezembro de 2007, a operação foi, enfim, deflagrada.⁴⁷ Franklin Durán entregou a Antonini os documentos que deveriam ser assinados com sua suposta confissão relacionada à origem dos 800 mil dólares descobertos na Argentina. Ao fim do encontro, os agentes prenderam Durán e Moisés Maiónica em flagrante. Eles estavam no estacionamento do restaurante Bravo, em Fort Lauderdale. Carlos Kauffmann foi preso em casa. No dia seguinte, apresentados ao tribunal, foram acusados de conspiração e de atuar irregularmente como agentes

da Venezuela em solo americano. Ambos foram condenados. Maiónica admitiu culpa, fechou acordo de delação e recebeu uma pena de dois anos de prisão. Carlos Kauffmann seguiu o exemplo e cumpriu um ano e três meses. Eles pagaram uma multa de 25 mil dólares cada e ainda ficaram mais dois anos sob liberdade vigiada. Franklin Durán decidiu levar a disputa até o fim. Por não ter admitido a culpa recebeu a maior das penas. Foi sentenciado a quatro anos em regime fechado e outros três em regime aberto. Além de ter recebido uma multa de 175 mil dólares.

A onda de deserções de chavistas rumo aos Estados Unidos permitiu desvendar as razões do esforço de Caracas para encobrir a verdade por trás da remessa de dinheiro para a Argentina. Segundo alguns desertores, a valise flagrada em posse de Guido Antonini foi apenas uma de várias outras transportadas do mesmo modo para irrigar as contas dos argentinos.⁴⁸ Em julho de 2015, um ex-executivo da PDVSA que se juntou ao grupo de exilados disse que dezenas de malas “desceram da Venezuela” rumo ao sul. Segundo ele, além das intermediações de pagamentos do Irã para a Argentina, os chavistas patrocinaram campanhas de Evo Morales, na Bolívia, Pepe Mujica, no Uruguai, Fernando Lugo, no Paraguai, e de Luiz Inácio Lula da Silva, no Brasil.⁴⁹

As afirmações do ex-chavista ganham sentido quando combinadas com o conteúdo de uma conversa entre Guido Antonini e Moisés Maiónica, gravada pelo FBI em 30 de novembro de 2007. A transcrição⁵⁰ revelou que o interesse dos venezuelanos em empastelar as investigações sobre a origem do dinheiro visava à blindagem de todo um esquema de remessa de dinheiro a partir da Venezuela. Maiónica afirma que a rota Argentina precisava ser protegida não só para garantir sua continuidade, mas também a proteção das outras rotas de dinheiro.

Maiónica: A de Cristina, a... (em referência ao envio de dinheiro)

Antonini: ... a presidente.

Maiónica: Por isso. Ela é... e é a única...

Antonini: Bom, ela... É... a ela e todos os presidentes lá para baixo.

Maiónica: Por isso. Mas esta é a única estrutura que eles conhecem... e... agora que existem milhares... Sim, você e eu podemos dar aula e ensiná-los como fazer. Mas é que eu não chego a este nível de confiança. Ademais, o que fez o presidente (Chávez)? Disse a Rangel: "Você se encarrega desta situação e você os paga". Rangel tem um fundo secreto em dólares e em dinheiro vivo para pagar. É isso que farão".

As inconfidências de Antonini e Maiónica vieram a público em 2008, quando foram divulgadas as transcrições das conversas dos chavistas, às quais pertence o trecho acima. A referência – aparentemente perdida – não foi aprofundada. As autoridades dos Estados Unidos estavam focadas na conspiração em curso no território americano. Os chavistas foram pilhados pelo FBI, mas sua intensão principal fora preservada: a de proteger as outras rotas de remessa de recursos de caixa dois para campanhas de “todos os presidentes lá para baixo”. Segundo um ex-executivo da PDVSA que reside nos Estados Unidos, o esforço empreendido por Caracas para acobertar a operação foi tão desproporcional que se tornava inexplicável. Só passou a fazer sentido após a descoberta de que a origem do dinheiro era iraniana.

Guido Antonini disse não ter convicção de que os ex-chavistas digam a verdade. “Muitos venezuelanos relatam o que não viram para conquistar um visto americano.”⁵¹ Apesar da aparente descrença, o empresário que foi a figura pública mais famosa do escândalo da mala de dinheiro não esconde sua mágoa: “Torço para que o envolvimento com o Irã seja verdade e espero que

todos se fodam”. Antonini garante que nunca soube da verdadeira origem dos recursos.

A conexão Teerã-Caracas-Buenos Aires surge como resultado de pendências existentes entre Argentina e Irã. A ascensão do aiatolá Ruhollah Khomeini, em 1979, não significou o fim das ambições nucleares iranianas. Embora os alemães da Kraftwerke que trabalhavam no programa nuclear iraniano tenham abandonado o país, o Líder Supremo jamais abandonou o plano de colocar as usinas em funcionamento. Como parte dessa estratégia atômica, o regime mirou a Argentina como parceiro preferencial para o seleto grupo das potências nucleares.

A Argentina havia inaugurado em 1974 a usina de Atucha 1 – atualmente chamada Central Nuclear Juan Domingo Perón –, que atingiu a capacidade instalada somente em 1982. A planta era equipada com um reator do tipo água pesada pressurizada, capaz de produzir energia a partir de urânio natural e urânio levemente enriquecido a 0,85%.⁵² Uma das características dos reatores de água pesada é a produção de plutônio como parte do processo de geração de energia. Atucha produz 70 quilos de plutônio por ano.⁵³ O material radioativo é fundamental para a produção de armas nucleares.⁵⁴

A investida dos aiatolás

Nos primeiros anos da década de 1980, o Irã iniciou uma investida diplomática na América do Sul. Inaugurou uma mesquita xiita no Brasil e escalou como responsável pelo templo localizado na cidade de São Paulo o sheik Taleb Hussein al-Khazraji. Iraquiano e seguidor da vertente xiita do islã, ele havia recebido sua formação religiosa e feito treinamento no Irã. Os documentos

oficiais que foram utilizados na investigação conduzida por Nisman dizem que, conforme informações da inteligência brasileira, al-Khazraji era um funcionário da embaixada de Teerã em Brasília e agente da inteligência iraniana.⁵⁵ Para a Argentina, o aiatolá Khomeini escalou seu melhor homem na região: o clérigo Mohsen Rabbani assumiu a mesquita At-tauhid e as ações de inteligência no país.

Tudo parecia sob controle. Em maio de 1987, o governo argentino de Raúl Alfonsín fechou um contrato de 5,5 milhões de dólares para a transferência de urânio enriquecido a 20% para o Irã.⁵⁶

Em um lapso de 28 anos, os desdobramentos desse acordo caíram no esquecimento e foram praticamente ignorados. Em 2015, o ex-chanceler iraniano Ali Akbar Velayati disse em entrevista a uma emissora de TV argentina que o urânio – destinado ao uso em pesquisas médicas – não chegou ser entregue em sua totalidade.⁵⁷ Não existem informações disponíveis sobre até que ponto o acordo foi cumprido nem a respeito da quantidade de material nuclear enviada para o regime dos aiatolás.

As relações Irã-Argentina se tornaram tensas em fevereiro de 1992, quando o presidente Carlos Menem determinou o cancelamento de um contrato de 18 milhões de dólares de transferência de tecnologia nuclear para o Irã. Oficialmente, a Casa Rosada justificou que a medida se devia à ausência de salvaguardas por parte de Teerã, mas o que levou o presidente Menem a romper os laços com os aiatolás foi a aproximação com o presidente americano George Bush.

O rompimento com o Irã coincidiu com a morte do secretário-geral do Hezbollah, o clérigo xiita Abbas al-Musawi, em um ataque perpetrado pelo exército de Israel.⁵⁸ Após um comício na cidade de Jibchit, no sul do Líbano, o comboio de sete carros no qual viajava Al-Musawi foi atingido por foguetes disparados de dois

helicópteros israelenses. Morreram, além do secretário-geral, sua mulher, o filho Hussein, de seis anos, e quatro guarda-costas. A ação foi uma retaliação ao assassinato de três militares israelenses dois dias antes. Al-Musawi havia sido eleito líder do Hezbollah no ano anterior, com a chancela do Irã. Formado em uma madraça (escola islâmica) de linhagem xiita no Iraque, ele era um clérigo radical, contrário aos acordos de paz que se desenhavam naquela época entre palestinos e israelenses.

Às 14h45 de 17 de março de 1992, um carro-bomba explodiu depois de colidir com o edifício da Embaixada de Israel em Buenos Aires.⁵⁹ A explosão, que matou 29 pessoas e feriu outras 242, gerou uma montanha de escombros e uma coluna de fumaça que pôde ser vista de quase todos os pontos da cidade – um atentado como duplo ato de vingança. Embora os investigadores argentinos tenham levado sete anos para reconhecer oficialmente que o ato tinha a assinatura do Hezbollah,⁶⁰ a embaixada da Argentina em Beirute já alertava, por meio de uma sucessão de telegramas, que o grupo extremista xiita planejava algo contra alvos israelenses e que a Argentina estava na linha de tiro dos radicais.⁶¹

Em 18 de fevereiro de 1992, dois dias depois da morte de Al-Musawi e um mês antes do atentado conta a embaixada de Israel, a chancelaria argentina recebeu um aviso de que os serviços de inteligência ocidentais estavam em alerta devido ao risco de atentados por parte do Hezbollah. No dia seguinte, um segundo telegrama foi mais incisivo. Os diplomatas reproduziram de forma literal a ameaça do líder espiritual do Hezbollah, o sheik Mohammad Hussein Fadlallah: “Israel não vai escapar da vingança. Recebemos a mensagem de que não há nenhuma necessidade de responder de forma emocional”. Fadlallah completou que “haveria muito mais violência e correria muito mais sangue”.⁶²

No dia 19 de março – dois dias depois da tragédia –, a representação argentina em Beirute enviou novo telegrama. O documento, de número 010056/92, trazia a informação de que a autoria do atentado havia sido reivindicada pelo grupo Jihad Islâmica,⁶³ que atua na Palestina sob proteção e financiamento do Irã e do Hezbollah. O atentado contra a embaixada foi não só o primeiro atentado da milícia xiita na América Latina como confirmou que a organização operava na região,⁶⁴ o que não passava de especulação até então.

A “confissão” de culpa do Hezbollah é registrada em mais uma comunicação diplomática entre a Embaixada da Argentina em Beirute e a chancelaria Argentina. No dia 28 de maio de 1994 foi transmitida uma correspondência que relatava o conteúdo do sermão proferido pelo sheik Mohammad Hussein Fadlallah na *Khutbah*⁶⁵ do dia anterior. Ele, que em 1992 já havia anunciado com antecedência que o Hezbollah vingaria a morte de seu secretário-geral, voltou a vaticinar um novo atentado. O aviso foi dado em sua pregação realizada nas orações tradicionais de sexta-feira em uma zona periférica da capital do Líbano. Sheik Fadlallah foi enfático. Quando fazia seu discurso inflamado sobre a prisão de Mustafa Dirani – então chefe de Segurança da Milícia Amal, organização que foi aliada do Hezbollah –, Fadlallah proclamou: “A resistência tem muito oxigênio. O inimigo disse que tem tentáculos grandes, mas os combatentes muçulmanos provaram depois do assassinato de Abbas Mousawi que suas mãos podiam chegar até a Argentina”.

Três semanas depois, uma van modelo Trafic carregada de TNT explodiu em frente ao edifício da Associação Mutual Israelita Argentina (Amia). A mão do Hezbollah alcançava mais uma vez um alvo judaico na América do Sul. O atentado deixou um saldo de 85 mortos, 300 feridos e uma cicatriz aberta na política e na Justiça argentina.

2

NARCOBOLIVARIANISMO

Se não fosse o rosto submerso na franja das ondas que espumavam em uma praia de Bodrum, na Turquia, a fotografia de um menino de 3 anos deitado de bruços sobre a areia cinzenta poderia ser apenas a cena de uma criança brincando à beira-mar. Trajando uma camiseta vermelha e um short azul, Aylan Shenu ainda tinha os sapatos firmemente presos nos pés. Parecia ter sido cuidadosamente acomodado pelo Egeu, o mar onde ele morrera junto com a mãe e um irmão e outros nove refugiados sírios que, assim como ele, tentavam alcançar a Grécia, fugindo da guerra civil iniciada em 2011 e que destruiu seu país. À exceção da camiseta, certamente reaproveitada de uma criança menor, Aylan estava impecável. Aquela cena desconcertante, captada na primeira semana de setembro de 2015, carregava consigo a covardia, a crueldade e o desespero que marcaram a maior crise de refugiados desde a Segunda Guerra Mundial. Antes de Aylan, pelos menos 2.500 pessoas também morreram afogadas naquele ano nas águas do Egeu e do Mediterrâneo, na tentativa de chegar à Europa em embarcações precárias.⁶⁶ Depois de Aylan, mais de 6 mil refugiados, das mais diversas nacionalidades, morreram na mesma travessia até o final de 2016.⁶⁷ Outros cadáveres viriam a ser recolhidos nas areias de Bodrum – a antiga Halicarnasso, sede de uma das sete maravilhas do mundo antigo: o túmulo do rei

Mausolo, que, de tão espetacular, deu nome ao que hoje chamamos de mausoléu. Halicarnasso é também a terra natal de Heródoto, que, cinco séculos antes de Cristo, viria a se consagrar como o pai dos historiadores.

Entre 2011 e 2017, a Agência da ONU para os Refugiados já havia contabilizado mais de 5,26 milhões de refugiados que deixaram a Síria e 6,3 milhões desalojados dentro do país.⁶⁸ Além deles, iraquianos, libaneses e curdos, vítimas do mesmo conflito, foram expulsos de suas terras. A maior tragédia humanitária do século teve início com uma guerra civil entre rebeldes e as tropas fiéis ao ditador Bashar al-Assad e agravou-se com o avanço de uma das mais ferozes organizações terroristas da história. Fundada sobre o nome de Estado Islâmico do Iraque e do Levante (Isis) – e com ambições expansionistas –, a organização alastrou-se pela região e conquistou apoio de outros grupos terroristas que também usam a religião islâmica como pano de fundo para o recrutamento de extremistas. A escalada de violência promovida pelo Isis redimensionou a crise, agravando-a em seu território de origem e também exportando-a para outras regiões já tensionadas por conflitos sectários ou dominadas por organizações terroristas que comandam todas as operações criminosas que se dão sob seu círculo de influência.

Combustível do terror

A filial mais importante do Isis está localizada no Norte da África, de onde também partem milhares de refugiados, principalmente em direção à Europa. Os associados do Isis na região são uma organização surgida nos anos 1990, sob o nome de Grupo Salafista para Pregação e Combate.⁶⁹ Em 2006, o grupo juntou-se a Osama bin Laden sob o nome de al-Qaeda no Magreb Islâmico (AQIM, na sigla em inglês).⁷⁰ Transformou-se na mais sangrenta

organização terrorista, responsável por centenas de atentados e diversos sequestros e execuções de ocidentais.⁷¹

Em julho de 2014, a AQIM declarou sua adesão ao Isis,⁷² garantindo não só suporte militar, mas também a transferência de sua *expertise* em fazer dinheiro, sobretudo com o tráfico – de pessoas e, principalmente, de drogas. Esses terroristas aprenderam a capitalizar controlando as rotas de refugiados e o envio destes para a Europa. Em paralelo, a AQIM transformou-se na principal prestadora de serviços para os cartéis de tráfico da América do Sul, atuando como um entreposto para a droga, que então é despejada nos mercados europeu e do Oriente Médio.

Assim como a maioria dos líderes islâmicos afirma que o terrorismo, principalmente as atrocidades cometidas pelos militantes do Isis, não pode ser justificado pela religião, o tráfico de drogas em tese também não deveria ser empregado pelos extremistas. O comércio, o consumo, o transporte e o armazenamento de substâncias psicotrópicas e até o álcool são proibidos pelo Corão.⁷³ Mas para qualquer terrorista de orientação religiosa – seja ela islâmica ou de outra ordem –, os textos considerados sagrados são usados conforme a conveniência. No caso dos terroristas do AQIM, o tráfico de drogas é justificado como uma estratégia revolucionária; um meio ilícito para fins maiores, como a destruição dos infiéis e a expansão militar para a consolidação do Califado, o chamado Estado Islâmico. Uma peripécia para justificar o que, sob as regras da *sharia*,⁷⁴ é pecado e pelas leis seculares não passa de crime transnacional.

A falácia sustentada pelos narcoterroristas é que o fim maior do tráfico de drogas transformaria o ilícito em lícito aos olhos de Allah. Portanto, trata-se do crime como objeto de angariação de fundos para sustentar organizações salafistas que preguem a leitura radicalizada da religião islâmica de forma cada vez mais intensa no Ocidente e para o financiamento da *jihad*,⁷⁶ cuja

principal interpretação é a guerra violenta contra os não muçulmanos. Como suporte moral, os líderes terroristas disseminam a ideia de que o dinheiro do tráfico permite o financiamento da “vida islâmica” de parentes, sobretudo sua educação religiosa.⁷⁷ Na cidade de al-Khalil, no Mali, o narcotráfico patrocinou a construção de duas mesquitas.⁷⁸

Os primeiros indícios de que a AQIM prestava serviços ao tráfico remontam ao início dos anos 2000. Investigadores americanos e europeus estabeleceram que o Norte da África havia se convertido em um entreposto da cocaína que atravessava o Brasil, vinda dos países produtores e embarcada em pesqueiros até a costa africana. Em troca de dinheiro, os terroristas passaram a trabalhar na segurança dos traficantes e a oferecer serviços militares para garantir a proteção da rota.⁷⁹ A receita do tráfico deu poder à AQIM, que passou a exercer influência sobre outras organizações terroristas em países como Argélia, Líbia, Mali, Mauritânia, Marrocos e Tunísia. A influência no oeste da África cresceu, fortalecendo as aspirações de constituição de um Estado regido pela leitura literal e radicalizada das regras prescritas pela lei islâmica, a *sharia*. A ambição megalômana pretende incluir nessa “nova nação” Portugal e Espanha, países que foram ocupados por muçulmanos até o século XV, quando foram obrigados a se converter ao cristianismo ou a deixar a Península Ibérica, por meio da força. Em vários de seus comunicados, os terroristas do Isis apresentaram mapas em que suas ambições territoriais alcançavam Espanha e Portugal.⁸⁰ Em um vídeo divulgado em agosto de 2017,⁸¹ o Isis chega a se referir à região como al-Andaluz, em referência a seu antigo nome, quando esteve sob o domínio do califado Omíada (séc. VIII). Para o Isis, os cristãos são “invasores” que precisam ser expulsos dessa porção da Europa.⁸²

A intensificação das operações de interceptação de embarcações com a cocaína que abastecia a rede coordenada pela AQIM no

Norte da África levou a *joint venture* dos traficantes com os terroristas a reinventar a logística do tráfico – a droga passou a ser entregue de avião. Entre 2006 e 2008 foram realizadas diversas prisões de colombianos e venezuelanos em “narcovoos”.⁸³ Em 2008, as autoridades de Guiné-Bissau prenderam um avião executivo GulfStream G350 que havia descarregado entre 500 e 600 quilos de cocaína em um hangar militar do Aeroporto Internacional Osvaldo Vieira, em Bissau, capital da Guiné-Bissau.⁸⁴ O avião, que tinha procedência e tripulação venezuelana, só foi descoberto por causa de problemas técnicos que forçaram a aeronave a fazer um pouso de emergência. Os traços de cocaína encontrados em seu interior foram a pista para deflagrar a investigação que viria a revelar a amplitude das operações de tráfico da América do Sul para o continente africano. O caso acendeu o sinal de alerta dos serviços de inteligência. Descobriu-se que o tráfico de drogas estava sendo empregado para irrigar o caixa da AQIM e, por conseguinte, de Osama bin Laden, então foragido.

O olhar mais atento às rotas de tráfico e o exponencial crescimento do poder da AQIM permitiu uma nova interpretação da relação da produção de cocaína na América do Sul com os grupos terroristas. Um importante especialista em narcotráfico, lotado no Departamento de Defesa dos Estados Unidos, descreveu⁸⁵ que, depois que os grupos terroristas como a AQIM descobriram o tráfico como uma poderosa e eficiente fonte de receitas, essas organizações ficaram “viciadas em cocaína”. Diante das altas taxas de retorno dos serviços prestados aos traficantes sul-americanos, os extremistas africanos montaram sua própria rede de distribuição e passaram a trabalhar com carregamentos próprios.

Chávez dobra a aposta

Nos primeiros dias de novembro de 2009, as autoridades do Mali encontraram no deserto, próximo à cidade de Tarkint, os destroços de um Boeing 727-200. Em meio à fuselagem incendiada não havia corpos ou carga. A tripulação do avião, que ingressara no espaço aéreo do país sem reportar-se às autoridades, sequer emitiu um sinal de alerta ou pedido de socorro. As evidências apontaram para o fato de que não fora um acidente; o governo transferiu as investigações, que estavam sob a responsabilidade do departamento de aviação, para a polícia. A senha para que o caso trocasse de mãos estava entre as cinzas: os peritos perceberam que a aeronave havia sido incendiada intencionalmente. Apesar dos esforços para limparem os rastros, por meio do fogo, os executores da operação não conseguiram destruir todas as provas. Os oficiais encontraram alguns tabletes de cocaína queimados entre os destroços. O que se suspeitava não ter sido um acidente logo se transformou na descoberta de um pouso intencional.⁸⁶ Nos dias seguintes, o mundo tomou conhecimento do que viria a ser um dos maiores carregamentos únicos de cocaína já identificados: estima-se que o 727 transportava mais de 10 toneladas da droga, uma carga no valor de 1,2 bilhão de euros. O produto destinava-se aos mercados da Europa e do Oriente Médio. Após ter sido descarregado, o Boeing foi incendiado numa tentativa de apagar os vestígios do tráfico. Em um telegrama enviado para o Departamento de Estado, em fevereiro de 2010,⁸⁷ a Embaixada dos Estados Unidos em Bamako, capital do Mali, reproduz relatos de um oficial da inteligência daquele país. O documento dá conta que o Boeing estava sendo operado pela *Africa Air Assistance* – surpreendentemente a mesma empresa que, um ano antes, aterrissou em Guiné-Bissau com a missão de reparar o jato que fora pilhado após desembarcar mais de 500 quilos de cocaína, motivo pelo qual perdera o direito de voar no seu país de origem, o Senegal.⁸⁸ A comunicação diplomática antecipava os detalhes que meses depois se tornariam públicos.

A investigação comprovou que o *Air Cocaine*, como ficou conhecido o Boeing recheado de cocaína, havia partido da Venezuela. Embarcada sob a proteção do governo de Hugo Chávez, a droga havia sido produzida pelos colombianos das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc)⁸⁹ – o movimento narcoguerrilheiro que por mais de meio século realizou uma série de sequestros, assassinatos e atentados como forma de desestabilizar o governo e tentar implantar uma ditadura socialista no país, aos moldes do que se passou em Cuba, em 1959. A carga milionária jamais foi localizada. Como bem definiu o presidente do Mali, Amadou Toumani Touré,⁹⁰ a cocaína transformou-se no combustível que anima os grupos extremistas do Norte da África e do Sahel – uma região que se estende por dez países, de leste a oeste do continente africano, ao sul do deserto do Saara.

As investigações em torno da participação das autoridades venezuelanas no envio de cocaína para a África ganharam musculatura com o episódio do *Air Cocaine*. Apesar da exposição flagrante, a Venezuela seguiu acobertando o envio de cocaína a partir de seu território e com a participação direta de seus militares. Em agosto de 2012, a polícia espanhola barrou um jato Bombardier com uma carga de 1,2 toneladas de cocaína. A bordo da aeronave, que havia partido da cidade venezuelana de Valência, estavam nove guardas nacionais bolivarianos.⁹¹

Naquele mesmo ano, o Departamento de Estado dos Estados Unidos afirmou que a AQIM já operava em coordenação com os nigerianos do Boko Haram,⁹² os terroristas do grupo al-Shabaab,⁹³ da Somália, e da al-Qaeda da Península Arábica (AQAP),⁹⁴ baseada no Iêmen. Uma *joint venture* do terror que viria a se transformar no embrião do Estado Islâmico no Norte da África.

A primeira grande ação da AQIM com repercussões explícitas sobre os Estados Unidos se deu em 2012, no décimo-primeiro

aniversário dos atentados de 11 de Setembro. A sucursal da al-Qaeda aproveitou os protestos à publicação no YouTube de um vídeo que apresentava o profeta Mohamed – fundador do islamismo – como pedófilo, homossexual e assassino para atacar o consulado dos EUA em Bengasi, segunda maior cidade da Líbia. A invasão da embaixada resultou na morte do embaixador Christopher Steven e de outros três americanos. A então secretária de Estado, Hillary Clinton, creditou o atentado à AQIM. Embora sua afirmação não tenha sido comprovada pela investigação oficial,⁹⁵ os e-mails trocados por Hilary, que foram desclassificados em meio a uma investigação do Congresso Americano, revelam que na época do incidente, as autoridades americanas estavam convencidas de ter se tratado de um atentado.

Mesmo sem a autoria do ataque formalmente estabelecida, os Estados Unidos iniciaram uma caçada que resultou na prisão do líbio Ahmed Abu Khattala, condenado por ser o líder do ataque contra a representação diplomática. Khattala era membro da organização salafista Abud Ubaidah bin Jarrah (AUBJ), criada em um subúrbio de Trípoli com a intenção de lutar contra o governo de Muamar Kadafi. Khattala reconhece que militou no grupo armado e foi batizado com o nome de um dos companheiros do profeta Mohamad, mas negou que esse grupo ainda estivesse ativo.⁹⁶ As investigações, entretanto, revelaram que a AUBJ era patrocinada pela al-Qaeda do Magreb Islâmico, por meio de sua afiliada, a Ansar al-Sharia.⁹⁷ Ou seja, pela cocaína sul-americana despachada por Chávez em voos quase regulares.

O Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC) calcula que, por ano, 18 toneladas de cocaína atravessam o Norte da África.⁹⁸ Essa rede de tráfico é capaz de arrecadar mais de 1,25 bilhão de dólares. A maior parte da droga que chega ao continente africano é despachada a partir do território venezuelano, conforme atesta a UNODC. A transformação da Venezuela em principal *hub*

do tráfico de drogas do planeta não é fruto do acaso. O litoral do país é cortado pelo Paralelo 10, o caminho mais curto entre a América do Sul e a África. Internacionalmente conhecida como “Highway 10”, a rota se transformou no caminho preferencial para as viagens transcontinentais.⁹⁹

A localização privilegiada da Venezuela passou a ser amplamente explorada com a ascensão de Hugo Chávez ao poder. O presidente venezuelano abriu as portas de seu país aos guerrilheiros das FARC. O narcotráfico ganhou acesso livre ao território, suporte logístico e proteção para suas operações de armazenagem. Contou ainda com a segurança às suas redes de distribuição. As Farc já concentravam sua produção na região de fronteira com a Venezuela, sobretudo na localidade Casanare, a cerca de 300 quilômetros do país vizinho, mas precisavam de um entreposto seguro para estocagem e envio. Quando Chávez derrubou a fronteira entre seu país e a narcoguerrilha, criou as condições ideais para a expansão da rede de tráfico da organização colombiana.

Traficar sim, perder a pose jamais

Um ex-militar que fez parte do círculo do presidente Hugo Chávez contou que a justificativa moral para o uso do aparato estatal em favor do narcotráfico foi ensinada por Fidel Castro. Em uma visita a Havana, o presidente venezuelano revelou ao ditador cubano sua disposição em dar suporte às Farc. No entanto, havia o inconveniente da cocaína. Fidel, sem titubear, corrigiu o discípulo. Disse que a cocaína não era um problema, e sim um instrumento de luta contra o imperialismo. De forma didática, o cubano convenceu Chávez de que, ao oferecer apoio total e irrestrito aos colombianos, não só fomentaria a revolução no país vizinho como causaria danos aos Estados Unidos. O incremento do tráfico,

ensinou Fidel, obrigaria os americanos a gastar mais dinheiro com as ações de repressão e com os tratamentos dos adictos.

A naturalidade com a qual Fidel construiu um argumento moral para justificar o empenho do aparato de Estado no tráfico tem uma explicação. Há pelo menos trinta anos o velho comandante usava a mesma justificativa para seu envolvimento pessoal e o de seu regime com o tráfico internacional. Em 1980, sob ordens expressas dos irmãos Castro, o embaixador de Cuba em Bogotá, Fernando Ravelo, iniciou um processo de aproximação com o Cartel de Medellín, liderado por Pablo Escobar. Fidel constatara que a localização estratégica de Cuba favoreceria os cartéis sul-americanos, que padeciam de problemas logísticos para colocar a produção dentro de seu principal mercado consumidor, os Estados Unidos. O casamento do castrismo com o narcotráfico, entretanto, aconteceria somente anos depois.

Em 1981, os guerrilheiros do Movimento 19 de Abril,¹⁰⁰ o M-19, sequestraram Martha Nieves Ochoa de Yepes, filha do pecuarista Fabio Ochoa. O fazendeiro vinha a ser o patriarca de uma das organizações que formavam a base do Cartel de Medellín: *Los hermanos Ochoa*. A família publicou anúncios em jornais nos quais informava que não negociaria com os sequestradores e oferecia uma recompensa de 25 milhões de pesos¹⁰¹ – o equivalente na época a 415 mil dólares – para quem fornecesse uma informação que levasse à localização de Martha. Ao mesmo tempo em que o Cartel mandava uma mensagem pública, seus membros, sob o comando de Pablo Escobar, atuavam nas sombras. Em reuniões secretas, fundaram e patrocinaram o que viria a ser o primeiro grupo paramilitar colombiano, o Muerte a Secuestradores (MAS), que começou a perseguir e executar os militantes da organização de orientação castrista.

Vislumbrando a oportunidade de apaziguar os ânimos e de fazer um favor aos traficantes, Fidel interveio no caso e determinou a libertação de Martha Ochoa. O sucesso da operação fez com que a

Embaixada Cubana construísse a primeira ponte de aproximação com os narcotraficantes. O primeiro a se transformar em interlocutor dos cubanos junto ao Cartel de Medellín foi o colombiano Carlos Lehder. Piloto experimentado, ele foi o responsável pelo estabelecimento das rotas de tráfico para os Estados Unidos. Lehder chegou a chefiar toda a rede logística de Escobar, desde a aquisição da pasta base de coca na Bolívia até sua distribuição nas ruas de Miami.

Lehder procurou o boliviano Roberto Suárez Gómez, então maior produtor de folhas de coca e pasta base do planeta, para começar a costurar a aproximação. Conhecido como "Rei da Cocaína", Suárez não era apenas o principal provedor de matéria-prima para o refino de coca nas "cozinhas" do Cartel de Medellín, mas também um dos principais sócios da rede da qual Escobar era o nome mais famoso.

Escobar resistia a se aproximar dos irmãos Castro. Para ele, os comunistas eram tipos como os do M-19, que ele combatia nas selvas colombianas. Mas Lehder foi capaz de mudar a percepção que Escobar e Suárez tinham dos cubanos. Após um ano de tentativas, o piloto que nutria forte admiração por Hitler e tinha uma suástica tatuada no braço esquerdo convenceu os barões da coca a se reunirem com os comandantes do regime cubano. O argumento de Lehder era objetivo: o cartel vinha acumulando perdas na travessia do Caribe, fosse com a queda de aeronaves, fosse como resultado da ação da guarda costeira dos Estados Unidos, que interceptava as embarcações que partiam da Colômbia recheadas de drogas.

Em 1983, Escobar e Suárez encontraram-se com o embaixador cubano em Bogotá, Fernando Ravelo Renedo, e o chefe do Departamento de Moedas Conversíveis,¹⁰² coronel Patricio de la Guardia. O coronel tinha viajado de Havana à capital colombiana exclusivamente para reunir-se com os maiores traficantes de cocaína do planeta. O encontro é narrado no livro *El rey de la*

cocaína: Mi vida con Roberto Suárez Gómez y el nacimiento del primer narcoestado, que reúne as memórias da viúva de Suárez, Ayda Levy.¹⁰³ Além de contar sobre a vida ao lado do marido, ela trata das origens do que viria a ser o embrião do narcossocialismo castrista. La Guardia tinha pressa. Ayda diz que o militar cubano convenceu Suárez e Pablo Escobar a embarcar no dia seguinte para Havana. Ela reproduz o que ouviu de Suárez sobre as impressões de Escobar: “Departamento MC? Maconha-cocaína”, desdenhou o colombiano. “Nós os teremos onde queríamos. Estes cubanos estão desesperados por dinheiro. Cada vez mais as esmolas que recebem dos russos são menores”.

No dia seguinte, Suárez e Escobar estavam a bordo do turboélice Commander de propriedade do colombiano. Após duas horas e meia de viagem, aterrissaram em Varadero. Quando desembarcaram, na companhia do coronel La Guardia, foram recebidos pelo almirante Aldo Santamaría, comandante da Marinha cubana. Ainda no caminho até o Comando de Operações Navais, em Havana, Santamaría revelou que havia tempos Fidel Castro nutria o interesse de conhecê-los. O ditador cubano vislumbrava o poder do tráfico de cocaína como instrumento de guerra irregular contra o “imperialismo ianque”. Os cubanos pretendiam, ao dar suporte aos narcotraficantes, um duplo benefício: além de sabotar os Estados Unidos – ajudando a inundar o país com milhares de toneladas de drogas, cada vez mais baratas –, eles ainda seriam remunerados por isso. A isca lançada pelo regime foi a possibilidade de empregar todo o seu aparato militar para acobertar as rotas de tráfico. Suárez revelou que o coronel Humberto Francis Pardo, membro do Comitê Central do Partido Comunista Cubano, demonstrou-lhes o funcionamento de um moderno sistema de radares capaz de apontar onde cada uma das embarcações da Guarda Costeira dos Estados Unidos se encontrava. A ferramenta, vislumbraram Escobar e Suárez, possibilitaria burlar a fiscalização dos Estados Unidos. Depois de demonstrar todas as vantagens que o regime cubano poderia

oferecer ao Cartel de Medellín, os dois traficantes foram dispensados e levados para descansar em uma das dez mansões localizadas num complexo de 30 hectares – o equivalente a 36 campos de futebol – chamado *Punto Cero*. Ali, estão a residência principal que Fidel Castro usou até a sua morte, em 2016, e uma série de outras mansões onde vivem seus filhos e a família de seu irmão Raúl Castro. As honras dispensadas a Escobar e Suárez podem ser medidas pelo status de sua hospedagem. Ambos passaram a noite na mesma casa em que o presidente da União Soviética Leonid Brezhnev havia se hospedado uma década antes, quando visitou a ilha, localizada na Rua 11, no bairro do Vedado.

A honraria concedida aos traficantes tinha dupla função. Fidel queria impressionar seus hóspedes; ele sabia que os narcos amavam o luxo e queria, com isso, afagá-los ao escolher a melhor fatia de Habana Vieja – a porção histórica da capital cubana que até hoje faz a alegria dos turistas que visitam Cuba. A casa cedida a Escobar e Suárez faz parte de um conjunto de imóveis erguidos na primeira metade do século XX para abrigar a elite local. Além das mansões no estilo neoclássico, o Vedado é salpicado de construções imponentes, que eram utilizadas como cassinos, restaurantes, bares e cabarés. Na manhã seguinte, Escobar e Suárez foram levados por um motorista militar para o café da manhã nas dependências do Ministério do Interior, onde foram recebidos pelo ministro José Abrantes e pelo general Arnaldo Ochoa. O desjejum foi um pretexto para fecharem negócio. Ochoa lhes perguntou o que achavam dos serviços que Cuba podia prestar ao narcotráfico e apresentou seu preço. Gastaram mais de duas horas de conversa até chegarem ao valor final. Quando apertou as mãos de Escobar, o general cubano havia aceitado receber 1 milhão de dólares por dia para que o Cartel de Medellín pudesse usar livremente o espaço aéreo, as águas, os portos e aeroportos e montar um entreposto para estocagem de cocaína.

Ochoa convidou os novos sócios do regime para um passeio. Foram até o Aeroporto de Havana e lá embarcaram em um

helicóptero militar MI-24 que os levou a Cayo Piedra.¹⁰⁴ Uma ilha localizada ao sul de Cuba, onde estava a principal e favorita das casas de Fidel Castro. Ayda Levy conta em seu livro que, ao avistar a ilha, Suárez ficou maravilhado com o idílio do lugar. Junto ao heliporto aguardava o ministro da Defesa, Raúl Castro, que os recepcionou e conduziu-os ao seu irmão Fidel. Ao vê-los, o presidente cubano disse: “Obrigado por terem aceitado finalmente o convite de Ochoa. Vocês serão o míssil com o qual perfuraremos o bloqueio e o injusto embargo que sofre meu país”.

Em 2014, Juan Reinaldo Sánchez, que foi guarda-costas de Fidel no período em que o regime cubano se associou ao narcotráfico, revelou, no livro *A vida secreta de Fidel*, a lógica do chefe. A estratégia era dissimular e conferir nobreza ao que na realidade era tão somente um crime exatamente igual ao praticado por Pablo Escobar. Fidel argumentava que o narcotráfico era, antes de tudo, uma arma de luta revolucionária. Troçava, segundo Sánchez, dizendo que se os americanos eram “estúpidos o suficiente para consumir a droga vinda da Colômbia, além de aquilo não ser problema seu – enquanto não fosse descoberto –, podia servir a seus objetivos revolucionários na medida em que corrompia e desestabilizava a sociedade americana”.¹⁰⁵ A tese do líder cubano se alicerçava sobre outro pilar. O dinheiro originário do tráfico era uma forma de patrocinar partidos de esquerda e grupos guerrilheiros em toda a América Latina. E o melhor: esse dinheiro que financiaria a expansão da revolução no continente teria origem, de certo modo, nos Estados Unidos. Assim, por meio desse argumento, Fidel Castro celebrou a união do tráfico de drogas com os movimentos insurgentes do continente, criando o que se convencionou chamar de narcoguerrilha.

O recém-convertido narcorregime cubano se beneficiou do pedágio milionário do Cartel de Medellín por cerca de um ano. O negócio que havia se transformado na menina dos olhos de Fidel Castro ruiu quando seus espões descobriram que Escobar e Suárez jogavam nas duas pontas. Ao mesmo tempo em que o

Cartel de Medellín transacionava com Havana, mantinha uma relação estreita com a CIA. Semanalmente, Escobar e Suárez colocaram dentro dos Estados Unidos sete toneladas de cocaína com o suporte da inteligência americana.¹⁰⁶ A associação da CIA com o narcotráfico tinha como objetivo gerar fundos para financiar os contrarrevolucionários que lutavam contra os sandinistas na Nicarágua, que eram apoiados por Fidel.

O caso, revelado em 1996, foi alvo de uma comissão de investigação instalada no Congresso dos Estados Unidos¹⁰⁷ e transformou-se em um dos maiores escândalos da política externa americana, juntamente com o caso Irã- Contras, quando ficou comprovado que Washington financiou clandestinamente grupos paramilitares na guerra civil nicaraguense com a receita da venda de armas para o Irã. Em Cuba, o encaminhamento foi diferente. Conforme relato de Ayda Levy, a viúva de Roberto Suárez, Fidel armou uma escaramuça para matar Escobar e o seu marido. Os traficantes foram convidados para uma reunião de emergência. Na chegada a Cuba, foram alertados pelo general Ochoa e pelo coronel Antonio de la Guardia. Os militares traíram Fidel e permitiram que a dupla fugisse antes de ser presa.

As primeiras suspeitas de que Fidel havia prestado serviços para o narcotráfico começaram a ganhar as páginas dos jornais. Os vazamentos de depoimentos de militares desertores que se exilaram nos Estados Unidos tinham potencial devastador. Algumas das pistas da associação de Fidel Castro com os cartéis do tráfico começaram a ser publicadas pela imprensa dos Estados Unidos. Fidel sabia que além de seus ex-subordinados que passaram a colaborar com as autoridades americanas – à medida que a rede de traficantes era desarticulada pela DEA, a agência antidrogas dos Estados Unidos – o regime estava à beira de um escândalo que poderia enfraquecê-lo e justificaria a sublevação de seus comandados. Era 1989, e, embora a Revolução Cubana estivesse completando o seu trigésimo aniversário, o comunismo ruía no

mundo. A União Soviética estava prestes a se dissolver e com ela as contribuições financeiras que sustentavam Cuba. O Muro de Berlim seria derrubado, e os estudantes desafiariam o regime chinês na Praça Tiananmen, em Pequim. Fidel viu-se ameaçado.

Juan Reinaldo Sánchez, que testemunhou a reação de Fidel, descreveu a estratégia do comandante para mitigar os efeitos de uma possível crise contra sua imagem de líder revolucionário. Para a decepção de Sánchez, o homem que ele admirava como um líder revolucionário também era um traficante de drogas. Antecipando qualquer crítica ou ação que pudesse ameaçar sua perpetuação no poder, em junho de 1989, o ditador cubano anunciou que uma investigação iniciada dois meses antes tinha identificado quem, dentro de seu governo, havia “traído a revolução” e se voltado para o tráfico de drogas. Mandou prender os irmãos Antonio e Patricio de la Guardia, o general Arnaldo Ochoa, o ministro do Interior José Abrantes e outros quatorze oficiais de alta patente.¹⁰⁸ Ao final de um curto processo, na manhã de 13 de julho de 1989, o general Arnaldo Ochoa, o coronel Antonio de La Guardia, o major Amado Padrón e o capitão Jorge Martínez foram executados por um pelotão de fuzilamento.¹⁰⁹

No dia 26 de maio de 2015, apenas duas semanas depois de lançar a edição em inglês de seu livro de memórias, Juan Reinaldo Sánchez morreu, aos 66 anos, em decorrência de uma devastadora infecção pulmonar.¹¹⁰ Ele vinha cumprindo uma série de agendas públicas, palestrando sobre os dezessete anos em que trabalhou como guarda-costas de Fidel Castro. Sánchez padeceu rapidamente, sem que os médicos conseguissem reverter o quadro, agravado em decorrência de um câncer de pulmão. Ele deixou registrado o testemunho de quem presenciou os serviços prestados por Fidel aos cartéis do tráfico. Em junho de 2014, Sánchez disse que só descobriu que o ditador era um traficante quando o desobedeceu. “Fidel havia pedido para eu cortar o sinal do gravador que ele tinha na sala, mas por curiosidade eu o

religuei e ouvi o ministro do interior José Abrantes prestar contas a ele das receitas do tráfico. Foi nesse momento que me dei conta que eu não servia a um revolucionário, mas a um narcotraficante”.¹¹¹ Sánchez lembrou que durante o processo de expurgo promovido por Fidel contra seus subordinados, a corte citou que os réus usaram um hangar em Varadero para enviar os carregamentos de cocaína para os Estados Unidos. “Consta que se tratava do mesmo armazém a que meses antes eu havia acompanhado uma visita de Fidel. Só foi naquele momento, em 1989, que entendi o que havia testemunhado. Fidel Castro ia inspecionar pessoalmente a cocaína que entrava clandestinamente nos Estados Unidos. Foi então que eu vi que precisava me livrar logo de meu emprego”.

Sánchez disse-me que durante muitos anos Fidel recebeu malas de dinheiro do tráfico, e que a fortuna era enviada diretamente para suas contas em paraísos fiscais. Ele lembrava que embora Cuba tenha chegado a 2014 com 80% de sua economia movidos por empresas controladas pelas Forças Armadas, na década de 1980, Fidel Castro mantinha sob seu coturno uma intrincada rede cuja receita era destinada diretamente ao Conselho de Estado, que ele próprio presidia. Parte importante desse dinheiro irrigava contas numeradas, que só o ditador conhecia. Essa reserva era conhecida pelo Conselho como “Reserva do Comandante Chefe”, da qual ele tinha controle pleno e não prestava contas a ninguém. Este era também o destino das receitas do narcotráfico.

Esse fundo pessoal, que Fidel Castro administrava segundo sua vontade, tornou-se tão volumoso que na década de 1980, quando Cuba amargou uma de suas piores crises, o líder atuou como um “FMI” para socorrer o próprio regime. O ditador “chegou ao absurdo de emprestar dinheiro para o Banco Nacional de Cuba com uma taxa de juros de 10% ao ano”, disse Sánchez.

O tráfico no centro do poder

No início de 2015, outro guarda-costas relatou algo semelhante.¹¹² Leamsy Salazar, um capitão de corveta da Marinha venezuelana, recém-exilado nos Estados Unidos, declarou às autoridades americanas ter presenciado, em 2013, o presidente da Assembleia Nacional da Venezuela, Diosdado Cabello, despachar quatro lanchas de cocaína a partir de uma praia localizada na Península Paraguana, porção do território venezuelano que avança pelo Mar do Caribe. Salazar afirmou ter visto o general Hugo Carvajal, diretor da inteligência militar, conhecido pelo apelido de *El Pollo* (O Frango),¹¹³ recepcionar Cabello no local de envio da cocaína. Esta havia sido a primeira missão de Salazar ao lado de Cabello e também o primeiro contato com a face narcobolivariana do chefe.

Embora fosse um estreante ao lado do principal deputado venezuelano, Salazar exibia uma longa ficha de serviços ao núcleo duro do chavismo. Antes de ser escolhido por Cabello, em março de 2013, Leamsy Salazar – cujo nome é “Ysmael” ao contrário – conquistou a confiança dos chavistas tendo sido o chefe da guarda pessoal de Hugo Chávez por dez anos. Tal como Juan Reinaldo Sánchez 24 anos antes, Salazar percebeu que, ao testemunhar as operações criminosas da cúpula político-militar do governo venezuelano, estava assinando seu atestado de óbito. “Mais cedo ou mais tarde eu poderia ser descartado. Assassinado ou preso”, disse ter pensado naquele momento.

E, de fato, a escaramuça não demorou para ser montada. Salazar entrou em alça de mira depois que Cabello passou a acusá-lo de roubo. O deputado culpou Salazar pelo desaparecimento de 120 mil dólares de sua reserva pessoal, que ficava armazenada em uma caixa-forte instalada no escritório de Cabello. O guarda-costas apresentou em sua defesa imagens das câmeras de segurança que mostravam a atriz Gigi Zanchetta – que Salazar

afirma ser um caso extraconjugal de Cabello – mexendo no cofre do chavista. Mas as imagens não foram suficientes para convencer o deputado de sua lealdade. Salazar tinha a convicção de que quando um guarda-costas não detém mais a confiança plena de seu superior, ele está prestes a ser demitido ou eliminado. De forma intempestiva, Salazar marcou o casamento com sua noiva, a capitã Anabel Linares Leal,¹¹⁴ que servia no Exército, e embarcou em uma viagem de lua de mel para a República Dominicana. Embora já estivessem noivos, o casamento e a viagem foram antecipados para servirem de pretexto para a fuga.

As férias haviam terminado e eles não retornaram à Venezuela. A não reapresentação dos militares a suas atividades e a total falta de comunicação com seus comandantes e demais colegas de caserna levantaram suspeitas. Os agentes da inteligência foram acionados para identificar o paradeiro ou a razão do sumiço dos militares recém-casados. Os espiões chavistas invadiram a casa dos Salazar, em Caracas, em busca de pistas. O piloto do avião privado que levou o casal para fora da Venezuela foi interrogado até entregar os últimos passos do desertor. Diosdado Cabello orientou um grupo de busca que tinha como ordem localizar o casal e executá-lo. Os militares refizeram os passos do traidor.

O casal Salazar planejava se esconder na Colômbia até receber o visto para entrar nos Estados Unidos. Mas, prevendo o risco que corria, preferiu partir para a Europa. O alerta emitido por Caracas colocou em prontidão todos os seus agentes de inteligência na região, mas já era tarde demais. Em janeiro, coube aos agentes chavistas – acredita-se que com suporte de espiões russos – assistir de longe o momento em que Salazar embarcou em um jato da DEA no Aeroporto Adolfo Suárez, no distrito madrileno de Barajas. No dia 26, já em solo americano, um dos venezuelanos que participou da operação recebeu uma chamada telefônica em tom ameaçador. “Nós estávamos lá. Vimos com quem vocês fugiram.”¹¹⁵

Diante da negativa do desertor, o agente da inteligência chavista descreveu em detalhes a fuga. O militar venezuelano informou inclusive o prefixo do jato utilizado pela DEA e as características físicas dos agentes americanos que embarcaram ao lado de Salazar. “Quanto você recebeu para mudar de lado?”, perguntou o espião. Sabendo que seu envolvimento com a DEA havia sido desvelado, o então alto funcionário do governo nunca mais retornou a Caracas.

Antes mesmo de deixar o solo espanhol, Leamsy Salazar já havia começado a revelar os primeiros detalhes da rede de narcotráfico operada no seio do governo chavista. Em Madri, Salazar antecipou o que depois viria a fazer parte de uma investigação e de indiciamentos na Justiça dos Estados Unidos. Ele acusou Diosdado Cabello de chefiar o Cartel dos Sóis. O nome da organização – formada por militares – é uma referência às insígnias que os oficiais venezuelanos de alta patente trazem sobre os ombros. Sob o chavismo, a Venezuela passou a ser responsável pelo escoamento de cerca de 90% da droga produzida na Colômbia. Segundo Salazar, foi sob a proteção de políticos, militares e do próprio regime chavista que a Venezuela se converteu em um narcoestado. Estima-se que naquele momento, o cartel exportava cinco toneladas de cocaína por semana, em média.

O ex-guarda-costas indicou para as autoridades americanas o local onde os chavistas escondiam montanhas de dólares e arruinou os brios dos ufanistas venezuelanos, que descobriram que até a PDVSA, maior empresa do país, havia se transformado em intermediária de operações de tráfico. Segundo Salazar narrou aos agentes da DEA, os aviões da estatal venezuelana de petróleo eram usados para transportar cocaína para Cuba – a primeira evidência de que os irmãos Castro tinham retornado ao narcotráfico, ou de que jamais tinham abandonado a atividade. A conexão cubana, ainda segundo o ex-guarda-costas, era coordenada de forma binacional por dois jovens. Pela parte venezuelana, as operações ficavam a cargo de Hugo Rafael

Chávez Colmenares – o terceiro filho do presidente e caçula de seu primeiro casamento –, conhecido como Huguito. Pelos cubanos, atuava Carlos Ernesto, filho do ex-embaixador de Cuba em Caracas, Germán Sánchez Otero.

A droga era embarcada em aeronaves da PDVSA, sob supervisão de militares e funcionários da embaixada cubana, e posteriormente enviada em voos regulares para Havana. De lá, a droga era despachada para América Central e México, para abastecer os cartéis que se encarregavam de transportá-la para território norte-americano. Salazar conta que essa rede funcionou pelo menos até 2009. Naquele ano, Huguito e Carlos Ernesto perderam o controle da situação. O filho de Chávez ficou viciado em cocaína e foi enviado para uma clínica de reabilitação, e Ernesto, então com 24 anos, foi preso com drogas nas ruas de Caracas, obrigando o pai a acionar o Palácio de Miraflores para soltar o filho. A descoberta do envolvimento do filho do diplomata cubano com o tráfico internacional levou Havana a removê-lo de Caracas.

Durante os primeiros meses em que viveu no bairro de Foggy Bottom, vizinho à estação de metrô de mesmo nome, em Washington, Salazar esmiuçou para as autoridades americanas a estrutura criminosa instalada no coração do chavismo. No organograma do Cartel dos Sóis também aparecia o nome do irmão de Diosdado Cabello, José David, que acumulava os cargos de superintendente da Seniat – a Receita Federal da Venezuela – e ministro da Indústria. José David era, conforme descrição da testemunha, o responsável pelas finanças da organização criminosa.

Em junho de 2015, José David e seu irmão mais velho, Diosdado, visitaram o Brasil a convite da maior indústria de carnes do país e principal fornecedora da Venezuela, a JBS Friboi.¹¹⁶ Ciceroneados pelo presidente do Conselho da companhia, Joesley Batista, os irmãos Cabello foram recebidos duas vezes pelo ex-presidente Luiz

Inácio Lula da Silva na sede do instituto que leva seu nome, em São Paulo. E embora não tivessem comunicado sua presença ao Itamaraty ou sequer marcado previamente, conseguiram “furar” a agenda das principais autoridades da política nacional e foram recebidos pela presidente Dilma Rousseff, pelo vice-presidente Michel Temer, e pelo presidente do Congresso, o senador Renan Calheiros.

Oficialmente, o *tour* pelo Brasil tinha como meta renegociar dívidas da Venezuela com os fornecedores e atrair mais investimentos para o país, apesar da crescente insolvência junto aos exportadores brasileiros. Mas o périplo dos irmãos Cabello tinha um objetivo estratégico. Por causa das afinidades com o governo brasileiro, eles escolheram o país como laboratório para verificar se os americanos apresentariam alguma ordem internacional de captura. Eles sabiam que em um país amigo as chances de uma prisão seriam remotas. A estratégia de José David e Diosdado Cabello tinha um fundamento. Onze meses antes, Hugo Carvajal – uma das principais peças do chavismo no âmbito de Inteligência e espionagem, e considerado um dos mais importantes operadores da rede de narcotráfico na Venezuela – havia passado pelo constrangimento de ser preso em Aruba,¹¹⁷ em cumprimento a uma ordem de captura expedida pelos Estados Unidos, onde fora indiciado por narcotráfico pela Justiça. O ex-chefe da inteligência, que estava na ilha holandesa para assumir o posto de cônsul, passou apenas quatro dias detido. Carvajal foi liberado após o governo holandês reconhecer sua imunidade diplomática.

Os irmãos sabiam que a delação do guarda-costas Leamsy Salazar os vinculava de forma definitiva a um de seus mais importantes operadores dentro do Cartel dos Sóis. Ao testemunhar perante os procuradores de Nova York e Miami, Salazar tornou mais grave a situação de El Pollo, mas apresentou sua real dimensão dentro do narcoestado bolivariano. Ele era uma peça importante na rede criminosa, mas apenas uma das peças. Os

irmãos Cabello, que foram acolhidos no Brasil como autênticos representantes do Estado venezuelano, são membros graduados da organização criminosa. E com os resultados da visita ao Brasil, ambos conseguiram enviar uma mensagem para seus críticos – inclusive dentro das Forças Armadas e do governo. Eles exibiram, além de prestígio junto aos líderes políticos do principal país da América do Sul, uma prova de que não estavam ameaçados de prisão – anulando um boato crescente entre a cúpula político-militar do chavismo.

No dia seguinte ao encontro com Dilma, Diosdado desembarcou no Haiti, onde foi recebido pelo conselheiro do Departamento de Estado, Thomas Shannon. O diplomata dos Estados Unidos havia sido embaixador no Brasil e aceitou posar ao lado do deputado venezuelano para uma fotografia. A imagem virou uma poderosa ferramenta de propaganda oficial – e, principalmente, pessoal. Assim como as imagens produzidas no Brasil foram exibidas como um “salvo-conduto”, o registro ao lado do importante funcionário norte-americano era um atestado de que, diferentemente do que a oposição afirmava e os aliados temiam, ele não estaria sob a mira das autoridades americanas. Muito menos com a ordem de sua prisão expedida. O principal líder militar venezuelano, desde a morte de Hugo Chávez, saiu revigorado após aquela turnê.

Questionado por parlamentares americanos sobre o encontro com Cabello, Shannon disse que a reunião teve um fundo humanitário. A administração Obama havia decidido intervir junto aos venezuelanos para “salvar a vida” do líder opositor Leopoldo López, que na ocasião da reunião em Porto Príncipe estava preso havia dezesseis meses e fazia uma greve de fome em protesto a sua detenção. Essas foram as primeiras viagens que Cabello se atreveu a fazer para o exterior – à exceção de Cuba – desde que uma onda de deserções teve início em 2012.

A aflição de Cabello era mais uma consequência das revelações que o capitão-de-coveta Leamsy Salazar havia feito às

autoridades americanas. Mais do que o constrangimento de Cabello, resultante de sua restrição de circulação, a possibilidade de sua prisão transformou-se em uma humilhação para todo o regime, e isso não poderia se repetir. A fuga de Salazar, seguida de sua automática colaboração com as autoridades americanas, acendeu uma luz vermelha dentro do governo da Venezuela. Os guarda-costas sabiam demais.

Assassinatos em série

Desde a deserção de Leamsy Salazar, uma epidemia se abateu sobre os profissionais responsáveis pela guarda de alguns dos chavistas mais graduados.¹¹⁸ Pelo menos dezesseis agentes foram executados¹¹⁹; todos nas mesmas circunstâncias. Estavam de folga e, segundo a versão oficial, foram vítimas de latrocínio. Em um país que possui a taxa de homicídios mais alta do continente – 90 por grupo de 100 mil habitantes¹²⁰ –, a tese do assalto seguido de morte se torna bem conveniente para ocultar a possibilidade de que esses assassinatos tenham ocorrido como queima de arquivo. Sem nenhuma exceção, a polícia venezuelana concluiu que os assassinos desejavam roubar os veículos ou as armas das vítimas, que sequer apresentaram reação.

Entre os mortos estava o subinspetor do Serviço Bolivariano de Inteligência (Sebin), Yusber Enrique Velásquez Olivier, que era responsável pela segurança da primeira-dama Cilia Flores. De acordo com os registros oficiais, ele foi executado com um tiro na cabeça depois de ser cercado por vários homens, que roubaram sua moto. O crime ocorreu no dia 23 de janeiro de 2015, no período em que Salazar era caçado e já se sabia que estava na Europa. Velásquez foi socorrido com vida e ficou em coma até morrer, em agosto. Antes de ele ser atacado, outros três guarda-

costas já haviam sido assassinados naquele mês de janeiro, que chegou ao fim com o saldo de cinco execuções.

O assassinato que reuniu mais ingredientes de crueldade veio a público um dia depois que o jornal espanhol *ABC* publicou as primeiras revelações de Salazar. O agente do Serviço Bolivariano de Inteligência Jose Daniel Castillo, que era guarda-costas do Defensor do Povo Tarek William Saab, foi encontrado carbonizado. Antes de atear fogo a seu corpo, ele teve uma de suas pernas decepadas e foi alvejado por cinco tiros de pistola calibre 9 milímetros.¹²¹ O corpo de Castillo, que havia desaparecido oito dias antes, estava no porta-malas de seu carro. Apesar de o veículo não ter sido roubado, a polícia venezuelana não avançou além da tese de que ele havia sido vítima de um assalto seguido de morte. Para os guarda-costas, obviamente os acontecimentos não eram mera coincidência. A mensagem que chegou ao corpo de guarda foi firme: traições não seriam mais toleradas, e o menor desvio de conduta poderia levar a um “latrocínio”.

O controle dos guarda-costas do chavismo foi entregue ao comissário-geral da Sebin, Emir Mendoza. O militar conhecido como Murphy era o então chefe da segurança da Assembleia Nacional, principal guarda-costas de Diosdado Cabello e chefe dos demais militares escalados para a missão de proteger os líderes do regime, que orbitam Cabello. Murphy exerceu sua ascendência sobre Leamsy Salazar quando ele serviu ao lado do presidente da Assembleia Nacional. Segundo relato de seus subordinados, o homem-forte da segurança é temido por seu sangue frio e por sua ferocidade. Embora os contatos acessíveis não tenham evidências que permitam concluir que Murphy esteve por trás da onda de execuções, todos afirmam que ele controla um grupo de agentes com fidelidade canina especializados em realizar toda sorte de operações irregulares.

Cartel dos Sóis

As preocupações dos chavistas tiveram início em abril de 2012, quando o ex-presidente da área penal da Corte Suprema da Venezuela, Eladio Ramón Aponte, se converteu no primeiro desertor do chavismo, quando fugiu para a Costa Rica. O magistrado entregou aos agentes americanos provas documentais da atuação dos militares de seu país na rede de logística e distribuição da cocaína produzida pelas Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), que viria a ser conhecida como Cartel dos Sóis. Entre os documentos entregues à DEA, está um processo em que Aponte atuou diretamente para inocentar – a pedido do Palácio de Miraflores – um operador do cartel.¹²²

Em novembro de 2005, um caminhão do Exército foi apreendido em um posto de controle da Guarda Nacional Bolivariana na localidade de La Pastora, no estado de Lara. O veículo, placa EJ-746, foi carregado com 2,2 toneladas de cocaína na cidade de La Fria, na fronteira com a Colômbia. Segundo os investigadores, a droga seria despachada escondida em cargas regulares dos navios atracados no terminal de Puerto Cabello e teriam como destino a Europa.

O tenente-coronel Pedro José Maggino Belicchi foi preso em fevereiro de 2006 acusado de comandar a operação. Depois de tramitar na primeira instância, o processo foi parar na mesa de Aponte. O magistrado não só mandou soltar Maggino como também determinou a anulação da investigação e da denúncia. Aponte afirma ter atuado no caso para atender a pedidos diretos do Ministério da Defesa e da Presidência; ele deveria encontrar uma solução para o militar preso. O principal interlocutor em favor de Maggino, segundo Aponte, foi o general Henry de Jesús Rangel Silva, então chefe da Inteligência venezuelana. A decisão não só colocou o tenente-coronel Maggino em liberdade como lhe abriu as portas para a ascensão profissional. Ele foi promovido e em seguida enviado para assumir o posto de adido militar na Embaixada da Venezuela em Brasília.

O juiz Aponte, uma importante peça no tabuleiro chavista, caiu em desgraça quando seus serviços prestados ao Cartel dos Sóis foram revelados pelo traficante Walid Makled García,¹²³ então um dos empresários mais prósperos da Venezuela, que tinha entre os seus negócios, uma companhia aérea. Em 2010, Makled foi preso na Colômbia e tinha sua extradição disputada por Estados Unidos e Venezuela, país para o qual foi enviado e onde passou a cumprir pena na “prisão hotel” localizada na sede da Sebin. Segundo presos que dividem as mesmas instalações com Makled, o empresário é quem dita as regras no cárcere.

Makled acusou Aponte de receber uma propina mensal de 70 mil dólares¹²⁴ para dar suporte à organização. O magistrado anteviu que seria descartado como parte de uma estratégia de expurgo semelhante à realizada por Fidel Castro 23 anos antes. Ele afirmou que as acusações de Makled “serviram como um anel”¹²⁵ para justificar sua execração e possível prisão.

A partir do exílio, na Costa Rica, o ex-magistrado Eladio Aponte reconheceu ter manipulado a Justiça em favor dos chavistas, mas garantiu que quando foi cúmplice do regime não tinha conhecimento da natureza das operações desenvolvidas pelo Cartel dos Sóis. Aponte ratificou as declarações de Walid Makled, que dizia ser um importante braço logístico do Cartel dos Sóis. Ambos indicaram que o ministro da Defesa, general de brigada Henry de Jesús Rangel Silva; o presidente da Assembleia Nacional, deputado Diosdado Cabello; o vice-ministro de Segurança Interna e diretor do Escritório Nacional Antidrogas, Néstor Luis Reverol; o comandante da 4º Divisão Blindada do Exército, Clíver Alcalá; e o ex-diretor da seção de Inteligência Militar, Hugo Carvajal, formavam o coração da organização criminosa.

No exílio, Aponte acusou Rangel de ser o braço-direito de Cabello no Cartel dos Sóis. Um dos documentos entregues pelo juiz aos investigadores americanos comprova que Chávez foi informado

sobre o envolvimento de militares de alta patente com o tráfico de drogas. No ofício datado em 10 de janeiro de 2007, o então ministro da Defesa, general Raúl Isaías Baduel, avisa o presidente que “existem elementos suficientes” para vincular Rangel ao episódio do caminhão do Exército com cocaína.¹²⁶ No mesmo despacho, Baduel recomendou a realização de “uma profunda investigação e auditoria dos bens” de Rangel e seu afastamento. Baduel não só foi ignorado, como acabou demitido e enviado para a reserva seis meses depois. Pessoas próximas ao militar não escondem que a punição se deu em razão da atuação contra os interesses do Cartel dos Sóis.

Em 2008, o governo americano incluiu o ex-ministro e general Henry Rangel Silva na lista de alvos de sanções do Tesouro por causa de seus vínculos com as Farc. Nem assim Chávez mostrou interesse em reconsiderar o alerta dado pelo ex-ministro. Em 2010, o presidente venezuelano promoveu Rangel a ministro da Defesa. Baduel, por sua vez, foi condenado a oito anos de prisão por envolvimento em um caso de corrupção tirado da cartola por promotores chavistas. Acabou encarcerado no presídio militar de Ramo Verde, nas cercanias de Caracas.

O Cartel dos Flores

Em novembro de 2015, uma operação da DEA no Haiti expôs de forma incontestante a contaminação do chavismo pelo narcotráfico.¹²⁷ Dois sobrinhos da mulher do presidente Nicolás Maduro e advogada, Cilia Flores, foram presos em flagrante tentando vender 800 quilos de cocaína para agentes disfarçados de traficantes. Efraín Antonio Campo Flores e Francisco Flores de Freitas foram detidos e imediatamente deportados para os Estados Unidos. Efraín fora criado por sua tia Cilia, que o adotou após a morte de sua mãe. Quando a primeira-dama passou a morar com Maduro, no final dos anos 1990, aquele que viria a ser o

presidente da Venezuela também passou a cuidar de Efraín como se fosse um filho. O caso de Efraín e Francisco Flores empurrou Nicolás Maduro para o centro das investigações por tráfico.

A operação que resultou na prisão teve início em outubro de 2015. Os agentes encobertos da DEA conquistaram a confiança dos Flores e começaram as negociações para o envio da cocaína. Depois de um mês de conversações, os porta-vozes do cartel chavista aceitaram fazer a entrega. O negócio seria fechado em Porto Príncipe, no Haiti. Efraín e Francisco embarcaram na manhã de 10 de novembro de 2015, no hangar da Rampa 4,¹²⁸ em um jato Citation 500, prefixo YV-2030. O embarque se deu no mesmo terminal utilizado pelas autoridades. O avião executivo decolou do Aeroporto de Maiquetía, na grande Caracas, carregado com 800 quilos de cocaína. O aparelho era pilotado pelo major da Força Aérea Venezuelana Pedro Miguel Rodríguez González, militar do ciclo restrito do chavismo que servira na Embaixada da Venezuela em La Paz.¹²⁹ O avião fora registrado como propriedade da empresa de coleta de lixo Sabenpe – integrante de um conjunto de corporações favorecidas pelo regime.

O comando da Sabenpe está nas mãos dos irmãos Majed e Khaled Khalil Majzoub. Filhos de libaneses, eles são alguns dos nomes mais importantes da comunidade árabe venezuelana. Khaled chegou a dirigir a mesquita Sheik Ibraim Al-Ibraim, segundo maior templo muçulmano da América Latina, atrás apenas do Centro Cultural Islâmico Rei Fahd, em Buenos Aires. Em 2004, o governo dos Estados Unidos suspendeu o visto dos irmãos sob o argumento de que ameaçavam a segurança nacional. Eles eram donos de uma empresa de tecnologia com sede no estado da Flórida, monitorada por possível contrabando de segredos militares para a Venezuela. Além disso, a dupla passou a ser investigada por suspeita de financiamento ao terrorismo.¹³⁰

Os primos Efraín e Francisco Flores desembarcaram em Porto Príncipe, capital do Haiti, com cinco quilos de drogas na bagagem. Era uma amostra do carregamento que estava pronto para ser enviado para os Estados Unidos, a partir de uma pista clandestina no norte de Honduras. Em um quarto de hotel nas imediações do aeroporto local, os venezuelanos entregaram aos agentes americanos disfarçados a mala recheada de pó com um nível de pureza próximo a 100%. Os Flores queriam impressionar. Diziam aos novos clientes, com quem vinham negociando desde outubro, que eles não só poderiam contar com o fornecimento de grandes quantidades de cocaína, mas também com a melhor droga disponível. Depois de misturada com outras substâncias, a cocaína poderia ter seu peso triplicado e alcançaria, no mercado americano, o valor de cerca de 300 milhões de dólares. A transação frustrada em Porto Príncipe vinha sendo negociada pelos familiares de Maduro por 100 milhões de dólares.

Os Flores esperavam apenas pelo pagamento para dar a ordem de decolagem do avião, com os 800 quilos de cocaína, para onde o comprador determinasse. No caso, eles pensavam que seria o Haiti, onde já se encontravam fazendo a transação. Mas eles foram surpreendidos, e em poucas horas estariam embarcados em um avião da DEA rumo aos Estados Unidos, onde foram apresentados à Justiça dois dias depois. Diante do Tribunal Federal de Nova York, um procurador federal os acusou de tráfico de drogas e conspiração. Pelas leis americanas, esses crimes poderiam resultar até em prisão perpétua. Mas em dezembro de 2017, 25 meses depois do flagrante, o juiz federal Paul Crotty leu a sentença dos Flores. Eles foram sentenciados a dezoito anos de prisão e ao pagamento de uma multa de 50 mil dólares cada um.

Ainda no avião da DEA que os transportou para os Estados Unidos, Efraín revelou que ele e o primo eram apenas mensageiros. Disse que a receita obtida com a droga serviria aos interesses do chavismo. Os investigadores inferiram que a cocaína havia sido despachada pelo Cartel dos Sóis, chefiado pelo

deputado Diosdado Cabello, então presidente da Assembleia Nacional, ou pela organização chefiada pelo então governador do estado de Aragua, Tareck El Aissami. Os nomes dos dois proeminentes líderes do chavismo são recorrentes nas prisões e delações referentes ao tráfico de drogas a partir da Venezuela. Em janeiro de 2015, Leamsy Salazar – guarda-costas do presidente Hugo Chávez até sua morte, em março de 2013, e que, a partir de então, assumiu a função de proteger a vida de Cabello – apresentou às autoridades americanas detalhes do funcionamento da organização criminosa instalada nas instituições venezuelanas que, sob o controle dos militares, é responsável pelo tráfico de mais de 90% da cocaína produzida na Colômbia. Salazar implicou Cabello, El Aissami e o filho de Chávez, Hugo Colmenares, com o grupo criminoso. A prisão dos familiares do casal presidencial empurrou o atual presidente para o centro de uma investigação que vem, nos últimos três anos, corroendo a reputação do chavismo, e que revelou que não existe fronteira entre o regime instituído na Venezuela em 1999 e o tráfico de drogas.

Para não chamar atenção e manter sob controle o número de pessoas com acesso às informações sobre o embarque da cocaína, todos os carregamentos enviados de Maiquetía seguiam um ritual fixo: a droga era armazenada em uma igreja evangélica contígua ao aeroporto. O templo de fachada era dotado de uma passagem restrita com acesso ao interior do terminal. A droga era entregue na igreja como se fossem donativos. Quando pronta para o embarque, a cocaína era levada por essa passagem até os aviões, que em sua maioria partem do mesmo hangar utilizado pelos Flores em novembro de 2015. A Rampa 4, como é chamada, é a área para desembarque e embarque de autoridades. E é considerada a mais segura, por ser aquela destinada ao uso presidencial, portanto sob o total controle dos homens mais leais ao governo.

Na raiz da violência

O uso do aeroporto Maiquetía, entretanto, não era a opção preferencial do Cartel dos Sóis. Os chavistas montaram uma intrincada rede de logística entre Colômbia e Brasil. Policiais federais brasileiros, em associação com os americanos da DEA, desenharam um importante ramo da teia de transporte armada pelo cartel. Os venezuelanos se associaram a criminosos brasileiros que prestavam serviço como transportadores de cocaína. A associação das Farc com os militares venezuelanos, que praticamente neutralizou a rota brasileira de escoamento da droga colombiana, passou a exigir a montagem de linhas de distribuição. Uma das peças da rede de tráfico foi o recrutamento de pilotos brasileiros, que assumiram o papel de entregadores de carregamentos milionários de cocaína. Segundo uma investigação da Polícia Federal brasileira, somente uma das quadrilhas foi capaz de transportar 4 mil quilos de cocaína por mês.

Os criminosos brasileiros roubavam pequenos aviões em aeroportos de cidades do interior do país e os adaptavam para o transporte de cargas. Removiam-se os bancos de passageiros para dar lugar a barris de combustível, que se conectavam ao tanque para aumentar a autonomia de voo.¹³¹ Em alguns casos, afirma a polícia, adulterava-se o prefixo da aeronave. Quando prontos, esses aviões partiam imediatamente em missão, sob o comando de um piloto e um copiloto já introduzidos no sistema logístico desenvolvido pelos chavistas. A dupla recebia um conjunto de orientações: as coordenadas para aterrissagem na Venezuela, o nome do contato em solo venezuelano e um tutorial com recomendações básicas, como nunca falar ao telefone sobre o trabalho e durante ele. Toda a comunicação se daria por meio de mensagens de textos através do programa BlackBerry Messenger, um aplicativo de comunicação provido pela empresa canadense fabricante de *smartphone* que, segundo os militares venezuelanos, oferecia a melhor e mais segura forma de trocar mensagens sem que fossem interceptados pelas autoridades, fossem elas brasileiras ou americanas.

O avião decolava vazio. Sem carregar sequer um grama da droga, atravessava o Brasil em direção ao norte. Quando ingressava no espaço aéreo venezuelano, seu sinal *transponder* era comparado ao informado previamente pelo chefe da operação no Brasil, o empresário Paulo Jones da Cruz Flores – que, embora tenha o mesmo sobrenome da primeira-dama Cilia, não possui relação de parentesco com a mulher de Nicolás Maduro. Antes de despachar as aeronaves, Cruz Flores tratava diretamente com um coronel venezuelano, cujo nome jamais foi revelado. O brasileiro informava ao militar os códigos das aeronaves e os dias das viagens, e recebia dele as coordenadas geográficas das pistas – todas elas localizadas em Apure, estado venezuelano na fronteira com a Colômbia.

As centenas de toneladas de cocaína que ingressam na Venezuela por terra são armazenadas em fazendas controladas pelos militares, as mesmas propriedades onde se localizavam as pistas clandestinas utilizadas para operações de pouso e decolagem dos aviões brasileiros. Assim que os brasileiros apagavam os motores, começava a operação de carregamento da droga. A quantidade variava de acordo com o modelo do avião, mas a carga de cocaína nunca era inferior a 800 quilos. Enquanto os “operários” do Cartel dos Sóis trabalhavam, o copiloto – geralmente um mecânico – inspecionava a aeronave e providenciava o abastecimento. O piloto, por sua vez, combinava com o emissário local, muitas vezes um militar, os próximos passos da viagem. No mesmo dia, o avião – desta vez abarrotado de cocaína – decolava em direção ao norte de Honduras. Este era o destino final da operação coordenada pelos venezuelanos. No país centro-americano, a cocaína era entregue aos cartéis mexicanos, que assumiam a operação de colocar a droga dentro dos Estados Unidos. Pelo menos uma vez por semana, Cruz Flores enviava uma aeronave que repetia essa operação. Segundo os policiais brasileiros, os serviços prestados ao Cartel dos Sóis rendiam em média 4 milhões de dólares por viagem.

Em julho de 2012, um desses carregamentos foi interceptado. O bimotor Cheyenne II prefixo PT-OFH foi obrigado a fazer um pouso de emergência na cidade de Catacamas, em Honduras. A aeronave estava recheada com 968 quilos de cocaína. O piloto, Elias Aureliano Riveras, morreu em confronto com os policiais. O mecânico e copiloto, George Luis Herrera Bueno, foi preso. A operação, coordenada pela DEA e pela polícia hondurenha revelou a existência da rota e a participação de pilotos brasileiros no transporte da droga produzida pelas Farc.

Os policiais brasileiros descobriram que Cruz Flores mantinha contato tanto com os traficantes fornecedores da Colômbia quanto com os militares venezuelanos. As interceptações das comunicações permitiram identificar um homem chamado Aníbal como sendo o “proprietário” de algumas das fazendas onde estão localizadas as pistas de pouso clandestinas utilizadas para o escoamento da cocaína. O ex-guarda-costas Leamsy Salazar afirmou ter ido, na companhia de seu último chefe – o então presidente da Assembleia Nacional, Diosdado Cabello –, a uma fazenda no estado de Apure onde havia um depósito subterrâneo de aproximadamente 50 metros quadrados utilizado para esconder pilhas e pilhas de dinheiro.¹³² O local possuía sistema de iluminação e desumidificadores, para evitar danos às notas ali armazenadas. Trata-se de uma sofisticação do método utilizado nos anos 1980 por Pablo Escobar, que se tornou célebre por estocar sua fortuna em galpões sem qualquer tipo de cuidado especial, como climatização ou desumidificação, razão pela qual era obrigado a descartar todos os anos um em cada dez dólares obtido com o tráfico.¹³³

Os relatórios da Polícia Federal sobre os voos que partiam do Brasil indicam que, sob o chavismo, as autoridades venezuelanas jamais atuaram na repressão ao tráfico de drogas. Quando informadas das rotas, locais de pouso, nomes e números de telefones dos criminosos envolvidos, respondiam de forma

negligente, permitido que os criminosos agissem impunemente. Os policiais entregaram à Justiça brasileira um relatório que dizia que nas raras vezes em que as Forças Armadas da Venezuela pareciam ter reagido contra o tráfico de drogas, havia sido por erro. Nas três ocasiões em que aviões da quadrilha foram abatidos, os operadores de radar enganaram-se ao associar as aeronaves a alguma organização que tentava passar sem pagar o “pedágio”. Isso acontecia porque, além de ter a sua própria rota de escoamento em associação com as Farc, o Cartel dos Sóis permitia a passagem de outras “linhas” do tráfico, mediante um pagamento de 200 mil dólares por aeronave. A constatação de que os aviões foram derrubados por engano ficou evidente nas interceptações telefônicas realizadas pela polícia brasileira. Nos áudios e mensagens de texto, os bandidos conversam sobre os mal-entendidos e acertam novas estratégias para evitar que tais erros se repetissem.

Entre os meses de abril e maio de 2013, os brasileiros foram obrigados a tirar férias. Os chavistas adotaram uma postura de cautela; temiam que a instabilidade política decorrente da morte de Hugo Chávez afetasse o negócio. No dia 7 de maio, a Polícia Federal interceptou uma troca de mensagens entre Cruz Flores e um venezuelano não identificado.¹³⁴ O chefe do braço brasileiro da quadrilha afirmava que suspendera suas atividades atendendo a um pedido para que se esperasse a confirmação da eleição de Maduro por parte do Conselho Nacional Eleitoral. Naquele momento, havia uma tensão na Venezuela: a oposição havia pedido, tolamente, a recontagem de votos da eleição realizada em 14 de abril. Somente os mais ingênuos poderiam acreditar que a revisão dos números reverteria o resultado. O CNE, que já havia declarado Maduro como vencedor, ratificou o resultado em 10 de junho. Os voos da coca, então, voltaram a ser utilizados no escoamento da droga. E a dúvida de que a rede de tráfico seguiria tendo seu coração no centro do chavismo se dissipou. O narcoestado venezuelano estava mantido.

“Pior que a queda do Muro de Berlim”

A chegada de Nicolás Maduro à presidência da Venezuela era fundamental para as organizações criminosas que atuam no país, sobretudo aquelas sustentadas pela receita do tráfico de cocaína. A prisão de seus sobrinhos no Haiti e sua posterior extradição para os Estados Unidos expôs de forma irrefutável a importância do dinheiro da cocaína na política venezuelana. As exportações e a escala industrial de cocaína pelo regime serviam, também, para pagar parte das despesas das campanhas eleitorais chavistas. Mas não foi apenas a cocaína que embalou o chavismo.

Em fevereiro de 2011, um ano e nove meses antes das eleições que viriam a reeleger Hugo Chávez para seu terceiro mandato, o ex-presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, convocou o então embaixador da Venezuela no Brasil, Maximilien Arveláiz, para traçar uma estratégia com vistas a resolver um problema que vinha tirando-lhe o sono.

– Eu durmo tranquilo porque sei que Chávez está ali [na presidência], mas também, às vezes, perco o sono pensando que Chávez poderia perder as eleições de dezembro de 2012.^{[135](#)}

O relato da conversa está em um telegrama diplomático enviado por Arveláiz a seu chefe, o então chanceler Nicolás Maduro. O documento descreve um encontro reservado no qual Lula, que havia deixado a presidência menos de dois meses antes, traçou sua estratégia para ajudar Chávez a vencer as eleições. Naquele momento, o brasileiro esbanjava confiança. Ainda tinha o gosto da vitória pessoal que fora eleger Dilma Rousseff como sua sucessora, para o terceiro mandato consecutivo do Partido dos Trabalhadores e, de certa forma do próprio Lula, pois ele se

considerava o único responsável por construir – contra todos os prognósticos e o próprio partido – a candidatura vitoriosa de Dilma.

Arveláiz relata que, para Lula, “uma derrota de Chávez em 2012 seria igual ou pior que a queda do Muro de Berlim”.¹³⁶ O ex-presidente sugeriu a criação de um comando de campanha sediado no Brasil que ele coordenaria pessoalmente, ao lado de José Dirceu. Como peça central de sua estratégia, Lula enviaria para Caracas o publicitário João Santana, que havia comandado sua campanha à reeleição em 2006 e a vitória de Dilma em 2010. Meses depois, Lula foi pessoalmente à Venezuela para tratar dos detalhes de seu apoio. Em 2012, João Santana foi quem assinou a campanha do chavista e posteriormente a de Nicolás Maduro, que disputou a presidência após a morte de Hugo Chávez.

Os detalhes da operação desenhada por Lula só se tornaram conhecidos cinco anos depois, como resultado da Operação Lava-Jato – uma das maiores investigações de crimes de corrupção realizadas na história do Brasil. A mulher de João Santana, e também sua sócia, Mônica Moura, assinou um acordo de colaboração com a Justiça brasileira, por meio do qual revelou, entre vários crimes cometidos em uma série de países da América Latina, como foi sua atuação, bem como a do marido, nas eleições presidenciais na Venezuela.

Mônica disse aos procuradores federais brasileiros que ambos foram trabalhar nas campanhas venezuelanas por meio de um arranjo coordenado pelo ex-presidente Lula.¹³⁷ Segundo ela, o próprio Lula foi quem fez a intermediação do “contrato” com os chavistas, e ao fim se estabeleceu, com um aperto de mãos apenas, que seriam pagos 35 milhões de dólares para João Santana, integralmente por meio de caixa dois. O acerto foi definido com Nicolás Maduro, que havia sido indicado por Chávez para negociar com os brasileiros. Lula e Maduro definiram que parte da conta apresentada por Santana seria paga por

empreiteiras brasileiras com contratos na Venezuela. A Odebrecht pagaria 7 milhões de dólares, enquanto a Andrade Gutierrez teria que contribuir com 4 milhões de dólares.[138](#)

Para as autoridades brasileiras, Mônica afirmou que Nicolás Maduro repassou-lhe, diretamente, 11 milhões de dólares, em uma série de malas de dinheiro que ela ia buscar pessoalmente na sede da chancelaria venezuelana e, às vezes, no Palácio de Miraflores.[139](#) Semanalmente, Maduro entregava-lhe malas com valores que variavam de 300 mil a 500 mil dólares. Em um desses encontros, segundo afirma Mônica, foram entregues, de uma só vez, 800 mil dólares. Como havia um grande risco em se transitar com milhares de dólares em *cash* pelas ruas de Caracas, Maduro oferecia-lhe proteção equivalente à que ele próprio utilizava.

– Sabe o que ele fazia? Ele mandava me buscar com o carro dele, carro blindado, carro preto daquelas caminhonetes de roqueiro americano, de funkeiro americano, sei lá, rapper americano, com mais dois carros, um na frente e outro atrás, me levava para a chancelaria, entrava pela garagem. Os seguranças subiam comigo para a sala dele, eu ficava lá esperando, tomando muito chá de cadeira do Maduro. Eles não têm o menor compromisso com horário. Depois, ele me chamava na sala dele, conversava um pouquinho, conversa fiada de política e depois me entregava o dinheiro. Ele próprio, não mandava ninguém me entregar. Ele entregava. Depois eu descia com o segurança dele, os seguranças, para a mesma garagem. O carro estava me esperando, ele levava até o hotel de volta.[140](#)

Depois que Maduro e Lula definiram a atuação de João Santana na campanha, os arranjos para a arrecadação do dinheiro junto às empreiteiras brasileiras ficaram sob a responsabilidade do então

embaixador da Venezuela no Brasil, Maximilien Arveláiz, e de um dos líderes do Partido dos Trabalhadores, o ex-ministro de Lula, José Dirceu. Mônica Moura afirmou que Arveláiz era o “articulador” da campanha de Chávez, por causa de sua “boa relação” com as construtoras e com a cúpula do PT.

A revolução vai a Hollywood

Elo entre o PT, no Brasil, e o governo na Venezuela, Arveláiz foi promovido por Nicolás Maduro. Em maio de 2014 foi designado como encarregado de negócios na Embaixada da Venezuela em Washington. Sem embaixador na “América” desde 2010, Maduro apostava no aliado para restabelecer as relações entre os dois países; tratava-o como “embaixador” nos Estados Unidos, embora Arveláiz jamais tivesse sido acreditado pelo Departamento de Estado.

Enquanto viveu nos Estados Unidos, no comando da Embaixada da Venezuela, Arveláiz combinou a diplomacia com a propaganda anti-Estados Unidos. Associou-se ao cineasta americano Oliver Stone e passou a patrocinar alguns de seus filmes. Arveláiz aparece como produtor-executivo de *Snowden*, filme que conta a história do ex-prestador da Agência Nacional de Segurança dos Estados Unidos (NSA, na sigla em inglês), que roubou uma série de arquivos sigilosos do órgão e os divulgou por meio da imprensa.

Como produtor-executivo, coube a Arveláiz os 40 milhões de dólares que foram gastos para a realização das filmagens.¹⁴¹ A dupla atividade de Arveláiz levantou suspeitas sobre a origem dos recursos que custearam a realização do filme, cujas receitas de bilheteria ficaram abaixo do orçamento.¹⁴² As teorias circularam entre o patrocínio estatal venezuelano ou russo, e especulavam até mesmo que o dinheiro era oriundo da corrupção e do

narcotráfico, que movem o submundo das fortunas pessoais dos chavistas. Arveláiz deixou a Embaixada nos Estados Unidos para se dedicar exclusivamente aos negócios. Apesar de seu filme de estreia ter amargado um prejuízo de 2,7 milhões de dólares,¹⁴³ o ex-embaixador se jogou de corpo e alma na atividade. Em julho de 2017, estreou nos Estados Unidos o “documentário” *The Putin Interviews*. Dirigido por Oliver Stone e produzido por Arveláiz, o filme traz uma série de entrevistas “camaradas” com Putin. Recheadas de elogios e sem uma pergunta sequer que o pressionasse, e com as clássicas “levantadas de bola”, Stone apresenta um perfil quase hagiológico do líder russo. A bajulação é tamanha que o próprio Putin precisa trazer para a realidade algumas das colocações do cineasta, como a de que ele era um homem que dormia pouquíssimas horas por noite, despertando-se sempre às 4 da manhã. “Nunca me levantei a essa hora”, disse o presidente. Putin disse levantar da cama religiosamente às 7 da manhã, depois de dormir entre seis e sete horas em média.

A estratégia de Arveláiz de sair de cena da política venezuelana deu-lhe a cobertura necessária para que não sofresse com os impactos da derrocada do chavismo. Mas a investigação conduzida no Brasil que resultou em uma avalanche de colaborações judiciais trouxe o nome do ex-diplomata para o bojo das apurações da Operação Lava-Jato. Segundo a empresária Mônica Moura, apenas a Odebrecht – entre todos os que participaram do “consórcio” montado por Chávez e Lula e administrado por Arveláiz – pagou integralmente o combinado. A empresária revelou que, dos 35 milhões previamente combinados, apenas 20 milhões foram efetivamente pagos. A Odebrecht entregou à empresa de João Santana os 7 milhões de dólares previstos. O pagamento foi realizado no exterior por meio de contas e empresas *offshore*. Dos quatro milhões de dólares prometidos pela Andrade Gutierrez, apenas metade foi entregue.¹⁴⁴ Os 11 milhões de dólares que Nicolás Maduro fez questão de entregar pessoalmente a Mônica

Moura tem origem – conforme suspeitam ex-chavistas no exílio – somente em duas possíveis fontes: a corrupção e o narcotráfico.

O TERROR COMO MÉTODO

A explosão que colocou abaixo o edifício da Associação Mutual Israelita Argentina (Amia) trouxe o Hezbollah e o Irã para o centro das investigações. Descobriu-se que a ordem para o ataque havia partido de Teerã e que a execução ficara a cargo de células da milícia xiita na América do Sul. Em junho de 2013, às vésperas do 19º aniversário do atentado, o procurador especial Alberto Nisman, chefe da unidade criada para investigar o caso, apresentou à Justiça da Argentina um relatório no qual descrevia em detalhes a participação do Irã no ataque. Segundo Nisman – que viria a ser encontrado morto um ano e sete meses depois –, os aiatolás sob a coordenação do líder supremo, Ali Khamenei, montaram uma extensa rede de espionagem, aliciamento de militantes e logística com fim de arrecadar fundos para o financiamento e o planejamento de ações terroristas. O documento afirma que, além da Argentina, as células iranianas estão ativas em diversos países da América Latina.

Nisman reforçaria a denúncia que já havia apresentado sete anos antes, quando, além de responsabilizar o regime iraniano, pediu junto à Interpol a emissão de ordens internacionais de captura contra oito funcionários, clérigos e militares por envolvimento no atentado. A relação era composta pelo ex-presidente do Irã, Ali Akbar Hashemi Rafsanjani – que presidiu o país de 1989 a 1997; o ex-ministro da Informação e Inteligência, Ali Fallahjan; o ex-comandante da Guarda Revolucionária, Mohsen Rezai; o ex-

ministro das Relações Exteriores, Ali Akbar Velayati; o ministro da Defesa, Ahmad Vahidi; Imad Fayez Mughniyeh, que comandava o Serviço de Segurança Exterior do Hezbollah; o ex-terceiro secretário da embaixada do Irã em Buenos Aires, Ahmad Reza Asghari; e Mohsen Rabbani, clérigo e ex-adido cultural da Embaixada do Irã em Buenos Aires. Este último, segundo Nisman, foi o arquiteto do atentado contra a Amia.

A decisão de colocar abaixo o edifício que abrigava a organização judaica foi tomada quase um ano antes do atentado em si. A ordem foi dada pelo aiatolá Ali Khamenei durante uma reunião com a cúpula do regime em agosto de 1993, segundo os relatos de Nisman. Desse momento até a detonação de 400 quilos de um composto de nitrato de amônia, alumínio, dinamite e nitroglicerina em Buenos Aires, foi colocada em funcionamento uma intrincada rede logística e financeira. E conforme já haviam apontado as investigações lideradas por Alberto Nisman, até se confirmar formalmente como arquiteto do atentado, o clérigo e ex-adido cultural da embaixada do Irã em Buenos Aires, Mohsen Rabbani, atuou direta e indiretamente em todas as decisões, desde a ordem de retaliação até a detonação do carro-bomba.

Os pecados da carne

Rabbani desembarcou na Argentina no dia 27 de agosto de 1983 portando um visto de turista, que lhe garantia permanência de noventa dias. Mas ele continuou ilegalmente no país até conseguir, no ano seguinte, um visto de permanência por meio de um decreto de anistia concedido pelo governo de Raúl Alfonsín.¹⁴⁵ As investigações revelaram que desde que entrou no país, Rabbani atuou como líder religioso na mesquita at-Tauhid, localizada no bairro Floresta, na periferia da capital. Apesar de ser a principal base de operações do Irã na Argentina, o templo passa despercebido na região. A edificação de quatro andares se mistura

aos demais edifícios de pintura desbotada da Rua Felipe Vallese. Apenas uma placa discreta fixada na fachada do número 3.614 indica que ali funciona a mesquita. Foi nesse templo indistinto que o clérigo Mohsen Rabbani predicava ao mesmo tempo que desenhava o atentado que perpetraria contra a sede da Amia – localizada a apenas dez quilômetros dali.

Fazia parte do disfarce de Rabbani conciliar suas atividades de líder espiritual com a de funcionário de uma empresa que produzia e exportava carnes para o Irã, o frigorífico South Beef.¹⁴⁶ Formalmente, o sheik detinha o cargo de inspetor de abate. Cabia a ele verificar se o gado argentino era abatido segundo a prescrição corânica. Tecnicamente falando, se a carne era *halal*.¹⁴⁷ Os países islâmicos exigem que toda a exportação de carnes para seus territórios seja inspecionada por um religioso. A certificação comprova que o animal foi abatido por um muçulmano e conforme um rito que prevê que, antes de fazer um corte único no pescoço do animal, o abatedor deve dizer “Em nome de Allah, o mais bondoso, o mais misericordioso”.

Até a detonação da carga de explosivos que devastou a sede da Amia, a South Beef era uma cobertura perfeita para as ações clandestinas do sheik. No âmbito das investigações do atentado, as autoridades argentinas colocaram o frigorífico entre os alvos suspeitos. Segundo documentos reservados produzidos pelos procuradores do caso, a South Beef era utilizada para acobertar a entrada de diversos agentes da inteligência iraniana na Argentina.

Em suas pregações, era comum ouvir Rabbani realizar manifestações de ódio aos judeus e aos Estados Unidos. Em algumas delas, conforme descrito no relatório do procurador Alberto Nisman, o clérigo não hesitava em dizer “Todos somos Hezbollah”.¹⁴⁸ Em março de 1994, Rabbani ganhou um posto oficial na diplomacia iraniana, sendo nomeado conselheiro cultural da embaixada de seu país em Buenos Aires.¹⁴⁹ Os investigadores

atribuíram sua nomeação como uma estratégia para dar proteção e cobertura diplomática ao religioso, que comandaria o atentado contra a Amia apenas quatro meses depois.

Para planejar o atentado, Rabbani valeu-se de sua rede de influência na América Latina, sobretudo as conexões no Brasil. As duas décadas que se transcorreram depois do atentado permitiram aos investigadores desenhar a teia de contatos do iraniano na região. A trama brasileira contava com, pelo menos, doze pessoas. Todas conectadas por seus vínculos com o Hezbollah ou por serem agentes do governo iraniano no continente.

Um dos telefones celulares usados pelos suspeitos, por exemplo, foi comprado na cidade brasileira de Foz do Iguaçu, na Tríplice Fronteira (Argentina, Brasil e Paraguai). O acusado de coordenar essa e outras fases logísticas do atentado foi um destacado membro do Hezbollah¹⁵⁰, identificado como o libanês Samuel Salman el-Reda. Ele tinha residência em Foz do Iguaçu, no Paraná, onde viveu até fugir para o Líbano, por volta de 2004.¹⁵¹ Por uma década, El-Reda esteve impunemente no Brasil, sendo festejado como um herói pelos membros radicais da comunidade local. Segundo as provas anexadas ao processo, nos dias que antecederam o atentado, El-Reda foi pessoalmente a Buenos Aires. Uma hora e meia antes de a van Trafic explodir em frente à Amia, ele pegou um avião de volta para o Brasil. Ainda no aeroporto Jorge Newbery, o Aeroparque, o libanês trocou chamadas telefônicas com os comparsas. A hipótese trabalhada pelos investigadores era a de que ele estava fazendo os ajustes finais para o atentado, prestes a ser executado.

Outro elo de Mohsen Rabbani no Brasil, também citado nos relatórios de Nisman, é o sheik iraquiano Taleb Hussein Khazraji, que é um dos fundadores da mesquita xiita Mohammad Mensageiro de Deus, em São Paulo. Khazraji fundou uma série de centros islâmicos no país, uma editora religiosa e uma empresa que inspeciona o abate de animais segundo os preceitos

corânicos. Estrategicamente, profissão e ações idênticas às de Rabbani na Argentina.

Tal qual no caso de El-Reda, a quebra do sigilo telefônico dos investigados mostrou que membros da célula terrorista responsável pelo atentado falaram com Khazraji nos dias que antecederam a explosão do carro-bomba.¹⁵² Khazraji tem a seu favor o fato de que o conteúdo de suas conversas com os terroristas jamais poderá ser conhecido, mas o surgimento de seu nome entre aqueles envolvidos com a célula do Hezbollah levou os investigadores argentinos a esmiuçar detalhes de sua vida. A equipe liderada por Nisman recebeu da Interpol um relatório produzido pelas autoridades brasileiras. O documento afirma que Khazraji era um funcionário do governo iraniano e que recebia seus proventos por meio da Embaixada do Irã em Brasília.¹⁵³ Khazraji foi o principal recrutador de funcionários brasileiros que eram enviados para “formação” religiosa conforme a leitura radical do islã defendida por ele, Rabbani e os aiatolás. Em 2006, ele caiu em desgraça suspeito de desviar fundos das mesquitas xiitas locais.

A rede latino-americana

Para as funções desempenhadas por Khazraji, Mohsen Rabbani enviou para o Brasil o próprio irmão. Mohammad Bagher Rabbani instalou-se na cidade de Curitiba. Ele passou a viver com a mulher e três filhas em uma casa vizinha à mesquita Imam Ali ibn Abi Talib, o principal templo muçulmano de Curitiba.

Para não chamar atenção sobre seu vínculo familiar com aquele que seria o mais notório dos autores do atentado contra a Associação Mutal Israelita de Buenos Aires, Mohammad Rabbani apresentava-se como Mohammad Radawi. O disfarce garantiu ao religioso anonimato suficiente para agir sem chamar a atenção dos

órgãos de inteligência sobre os interesses estratégicos do Irã na região. Em abril de 2007, ele chegou a ser homenageado pela Assembleia Legislativa do Paraná como uma das personalidades do ano.¹⁵⁴

Um ex-informante da Polícia Federal brasileira foi quem revelou a presença de um dos Rabbani no Brasil. O infiltrado, que gozava da confiança dos líderes da comunidade xiita de Curitiba, passou a reportar o dia a dia de Mohammad Rabbani, principalmente suas atividades de comando perante os demais seguidores da religião. Seus relatórios permitiram aos policiais identificá-lo como “embaixador” informal do regime dos aiatolás no Brasil. O religioso era responsável pela gestão dos recursos destinados aos centros islâmicos da vertente xiita da religião e pelo recrutamento de jovens brasileiros, que eram enviados para “estudos islâmicos” no Irã.¹⁵⁵ Foi essa mesma fonte que revelou às autoridades brasileiras que, quase duas décadas depois do atentado contra a Amia, apesar de ter contra si uma ordem internacional de captura, Mohsen Rabbani visitava secretamente a América do Sul, especialmente a Venezuela e o Brasil.

A presença de Rabbani em Curitiba foi comunicada à Polícia Federal, em 2010. O informante havia passado todas as coordenadas para que a operação de captura do clérigo fosse montada, mas a ação jamais ocorreu.¹⁵⁶ As fontes policiais confirmaram a intenção de capturar o foragido, mas a burocracia para a emissão das ordens de prisão e para a montagem da operação permitiu que ele escapasse antes que algo fosse realizado. Mohsen Rabbani ingressou no Brasil vindo da Venezuela e portando documentos autênticos, porém com nome falso. Um presente do governo de Hugo Chávez para que o terrorista, cuja função dentro do regime do Irã era cuidar da expansão da Revolução Iraniana, pudesse burlar os efeitos negativos da ordem de captura expedida pela Interpol, a pedido da Argentina, em 2007. Segundo o mesmo informante, que alertou a Polícia Federal

sobre a presença de Mohsen Rabbani no Brasil, o clérigo também visitou impunemente a Colômbia e o Paraguai, graças à cobertura proporcionada pelos papéis venezuelanos.

Entre 2007 e 2010, a Embaixada do Irã em Bogotá consultou o então Departamento Administrativo de Segurança da Colômbia (o equivalente à Polícia Federal, no Brasil) sobre a possibilidade de Rabbani ingressar no país com passaporte diplomático. Teerã queria ter certeza de que a imunidade diplomática evitaria que o clérigo fosse preso. Diante da negativa, os aiatolás enviaram outro representante: Ali Qomi, genro e herdeiro político e operacional de Mohsen Rabbani. O clérigo participou de um evento que reuniu porta-vozes de diversas organizações extremistas.¹⁵⁷ Qomi é o principal assistente de Rabbani e é considerado seu herdeiro político e operacional.

Em depoimento à Suprema Corte colombiana, o ex-diretor de Inteligência da República da Colômbia, Fernando Tabares, disse que o substituto de Rabbani chegou ao país vindo da Venezuela. Também revelou que as investigações concluíram que além de Qomi, outros extremistas embarcaram em Teerã e Damasco a bordo de um voo regular operado em consórcio entre as estatais venezuelana Conviasa e a iraniana Iran Air. Sob o número VO-3006, o voo foi apelidado de "Aeroterror" por alguns membros da cúpula chavista e pelos serviços de inteligência que tentavam monitorar as operações entre os três países.

A rota aérea, que ficaria famosa pelo papel estratégico na aliança entre os dois países, fora criada em 2007, na mesma reunião em que Hugo Chávez e Mahmoud Ahmadinejad tramaram seus planos para a aquisição de informações do programa nuclear da Argentina. Abdullah, pseudônimo de um agente infiltrado nas células do Irã e do Hezbollah na América do Sul, confirmou que Mohsen Rabbani valia-se dessa rota para suas visitas secretas à América Latina. A partir do território venezuelano, ele podia alcançar vários destinos.

As visitas de Rabbani à região se tornaram públicas em abril de 2011, depois que uma reportagem da revista *Veja*¹⁵⁸ trouxe detalhes de investigações da Polícia Federal, até então sigilosas, sobre a presença de extremistas islâmicos no Brasil. Os agentes brasileiros descobriram que, durante uma temporada na região central de Curitiba, Rabbani despachava da casa de seu irmão, Mohammad Bagher Rabbani, e atendia lideranças xiitas locais, de Foz do Iguaçu e São Paulo.

Com a revelação de seu disfarce, Rabbani viu-se obrigado a dar explicações. Em entrevista a uma rádio argentina, ele negou ter viajado ao Brasil e afirmou que seu irmão jamais havia vivido em Curitiba.¹⁵⁹ Uma mentira que não resistiu aos rastros deixados por Mohammad Rabbani – sejam aqueles coletados pelo informante infiltrado, como fotografias e vídeos, ou os próprios registros oficiais.

Em 2009 e 2011, Mohammad Rabbani, usando seu nome verdadeiro, pediu a renovação de sua permanência às autoridades migratórias brasileiras. A primeira solicitação teve decisão favorável pela Secretaria Nacional de Justiça, mas a segunda foi cancelada,¹⁶⁰ muito provavelmente depois da revelação de que ele dava abrigo ao seu irmão terrorista, que, por sua vez, atuava como recrutador de jovens no Brasil. Mohsen Rabbani e seu irmão Mohammad não aceitaram conversar sobre suas histórias. Por meio de mensagens de WhatsApp declinaram os pedidos de entrevista e disseram-se “vítimas de perseguição sionista”.

Em trinta anos de ações secretas do Irã na América Latina, nada foi tão eficiente quanto a aliança com a Venezuela. O voo Teerã-Damasco-Caracas, o mesmo ao qual Tabares se referia, entrou em operação em 2007. A rota transformou-se na principal via de trânsito entre os dois países. Os relatos de ex-membros do governo venezuelano – exilados nos Estados Unidos – coincidem nos detalhes que apontam que o Airbus A340 era uma forma de transportar entre Irã, Síria e Venezuela equipamentos

tecnológicos, dinheiro, documentos e pessoas, que eram imunes ao controle e a inspeções internacionais.

Aerolinha do terror

O Aeroterror abriu as portas do mundo para procurados internacionais. Assim como Mohsen Rabbani, que jamais poderia viajar de forma segura sem a ponte construída por Chávez e Ahmadinejad, diversos outros criminosos valeram-se da rede clandestina. Inicialmente operando com voos semanais, passou a ter uma regularidade quinzenal, devido aos elevados custos e ao ajuste da demanda. Embora oficialmente houvesse passagens à venda, cidadãos comuns nunca conseguiam fazer reservas. Só quem tinha autorização governamental podia viajar no Aeroterror. Na maioria das vezes, o avião decolava com quase todas as poltronas vazias.

A rota deficitária foi mantida por três anos, apesar de ser injustificável sob qualquer aspecto comercial. Uma planilha do Ministério das Indústrias Básicas e Mineração da Venezuela mostra que o Aeroterror custou 45,3 milhões de dólares,¹⁶¹ entre 2007 e 2009. O faturamento formal no mesmo período foi de apenas 15 milhões de dólares. Hugo Chávez foi o maior apoiador da iniciativa. Ele drenou, pelo menos, 36,6 milhões de dólares do Tesouro da Venezuela para sustentar a rota.

A pequena receita do Aeroterror era derivada de atividades ilícitas. O prejuízo gerado era irrelevante diante do ganho estratégico que ele representava dentro dos planos globais de Chávez e Ahmadinejad. Um ex- ministro venezuelano, que havia sido encarregado de montar a operação, alertou, pessoalmente, o presidente Hugo Chávez sobre a inviabilidade do VO-3006. Segundo ele, que agora vive no exílio, o presidente manifestou irritação e disse: "Esse não é um negócio para gerar receita. É um

assunto estratégico entre o nosso país e o Irã. Não me interessam os valores envolvidos. Faça esse negócio acontecer”, ordenou Chávez. Por causa disso, desde sua criação, o voo VO-3006 foi alvo dos serviços de inteligência ocidentais. Em 2010, o Departamento de Estado e o Departamento de Defesa dos Estados Unidos manifestaram preocupação. No relatório anual sobre terrorismo, o governo americano afirmou que a Guarda Revolucionária do Irã usava a rota para fins militares.^{[162](#)}

Os presidentes da Venezuela e do Irã sabiam que não bastava criar um corredor seguro entre os dois países. Para que a operação fosse ainda mais eficiente, o país latino-americano deveria funcionar como um *hub* para que os passageiros pudessem alcançar o maior número possível de destinos estratégicos. Para isso, Hugo Chávez deu ordens expressas para que Nicolás Maduro, então ministro das Relações Exteriores, colocasse em prática dentro da chancelaria um plano para que o trânsito de extremistas fosse facilitado. Para abrir as portas para além do território venezuelano, o governo passou a emitir passaportes autênticos com identidades falsas para que os criminosos pudessem, a partir de Caracas, se deslocar para o exterior sem ser incomodados. Foi assim que, mais de quinze anos após o atentado contra a Amia e com ordens de prisão expedidas pela Interpol, Mohsen Rabbani realizou várias visitas secretas à América Latina.^{[163](#)}

Um novo 11 de Setembro

Em 2007, as autoridades dos Estados Unidos frustraram um plano de atentado terrorista contra o Aeroporto JFK, em Nova York. Os terroristas planejavam explodir uma rede de dutos de distribuição de combustível. A intenção era destruir o aeroporto

por completo e expandir o estrago pela região, transformando todo o entorno num inferno de proporções dantescas. Entre os quatro presos estava o guianês Abdul Kadir, ex-parlamentar, importante líder da comunidade xiita da Guiana e um agente da inteligência iraniana na região. Kadir foi detido em Trinidad quando se preparava para embarcar para Caracas. Entre seus pertences, foi encontrada uma passagem do "Aeroterror".¹⁶⁴ O terrorista, que em 2010 foi sentenciado à prisão perpétua nos Estados Unidos, planejava fugir para Teerã depois da realização do atentado. Tanto as investigações conduzidas nos Estados Unidos, como as que apuraram as responsabilidades do atentado contra a Amia, em Buenos Aires, treze anos antes, tinham um ponto em comum: Mohsen Rabbani.

A análise das chamadas telefônicas de Kadir permitiu descobrir que ele mantinha contato constante com o clérigo iraniano Mohsen Rabbani. Os registros mostraram que Kadir comunicou-se com Rabbani durante todas as fases do plano, desde a preparação até a data planejada para o atentado frustrado nos Estados Unidos.¹⁶⁵ O ressurgimento do nome de Mohsen Rabbani em mais uma investigação de terrorismo mostrava que o clérigo, acusado de ter arquitetado o atentado contra a sede da Associação Mutual Israelita em 1994, seguia ativo. E não era só isso. Além de manter-se no comando das células terroristas xiitas em atividade na América Latina, estava diretamente envolvido em um plano de atentados em solo americano.

Da mesma forma que o nome de Rabbani apareceu na lista de chamadas telefônicas do terrorista Abdul Kadir, os registros telefônicos de Rabbani, que foram analisados uma década antes como parte das investigações do atentado contra a Amia, jogaram luzes sobre o nome de Kadir. Segundo relatórios do procurador argentino Alberto Nisman, que chefiava as investigações sobre o atentado contra a Amia, nos dias que antecederam e naqueles que sucederam o ataque, Kadir e Rabbani conversaram ativamente por telefone.

Em sua denúncia apresentada em 2013, o procurador argentino se valeu de diversos elementos de prova, que foram coletados pelos americanos na investigação da tentativa de atentado em Nova York, para reconstruir a relação entre Kadir e Rabbani. Segundo a denúncia, era evidente a subordinação de Kadir em relação ao iraniano. Várias cartas apreendidas, e reconhecidas em juízo como autênticas, mostraram como foram registradas as orientações diretas de Rabbani a Kadir. Em outras mensagens, o guianês pedia fundos e orientação para o projeto de exportação da Revolução Iraniana na região.

Além de se comunicarem entre si, Rabbani e Kadir tinham um interlocutor comum: o sheik iraquiano residente no Brasil Taleb Khazraji. Tanto os relatórios de Nisman quanto os do FBI mostraram a ligação entre os três. Segundo a investigação argentina, Khazraji era parte da rede iraniana na região, e seus contatos constantes com seu colega em Buenos Aires levantaram suspeitas sobre as vinculações de Khazraji com o atentado. Os documentos que serviram de base para a denúncia mostraram, também, que um dos filhos de Kadir passou uma temporada no Irã, onde foi formado diretamente por Rabbani. Antes de partir para Qom – a cidade sagrada para o islã xiita e onde está o principal centro de formação dessa vertente do islã –, o rapaz passou uma temporada em São Paulo, onde foi abrigado por Khazraji.

O passaporte mais perigoso do mundo

A rede de emissão de identidades e passaportes falsos que possibilitou a Mohsen Rabbani furar o bloqueio da Interpol serviu para encobrir a ação de dezenas de terroristas. Um ex-ministro, que fez parte do núcleo duro do chavismo, disse que, em maio de 2013, viviam no país pelo menos 35 membros do Hezbollah que possuíam documentos forjados pelo governo. A informação,

segundo ele, havia sido repassada pela própria chancelaria, que ratificava a emissão dos passaportes. Em 2014, pesquisadores do Center for a Secure Free Society [Centro para uma Sociedade Livre e Segura], com sede em Washington, apresentaram um relatório ainda mais aterrador: a organização conseguiu rastrear 173 identidades forjadas pelo governo venezuelano para extremistas islâmicos, entre abril de 2008 e novembro de 2012.¹⁶⁶

A fábrica de identidades falsas criada por Chávez e Maduro passou a ser administrada pelo então ministro do interior, Tareck El Aissami. De origem síria, El Aissami foi escalado por Chávez para ser o elo do regime com o extremismo islâmico. Cabia a ele a definição das emissões de cédulas, vistos e identidades para nacionalizar pessoas naturais de Síria, Líbano, Jordânia e Iraque. As declarações de ex-membros da cúpula do chavismo apontam que os beneficiários dos documentos eram basicamente ex-integrantes das Forças Armadas, entre os quais alguns capitães do Exército sírio, leais ao presidente Bashar al Assad.¹⁶⁷ Fontes de dentro do governo venezuelano permitiram identificar, entre os protegidos de El Aissami, líderes do Hezbollah, como o libanês Suleiman Waked Abdul Ghani, um dos assessores mais próximos de Hassan Nasrallah, líder da organização terrorista xiita.¹⁶⁸

O operador de El Aissami na Síria era o libanês naturalizado venezuelano Ghazi Nasr al-Din. Membro do Hezbollah, Nasr al-Din tinha oficialmente o posto de adido de assuntos econômicos na embaixada da Venezuela em Damasco. Ele era, segundo todos os depoimentos colhidos sobre o caso, quem cuidava diretamente da emissão dos passaportes para os extremistas. Apesar da posição de subordinação em relação ao embaixador venezuelano na Síria, Nasr al-Din não lhe prestava contas.

Um ex-chavista residente nos Estados Unidos descreveu a cólera do então chanceler Nicolás Maduro quando o diplomata o procurou para se queixar dos superpoderes do libanês. Maduro foi

informado sobre a enxurrada de passaportes que estava sendo usada para a criação de identidades falsas e do medo que o embaixador tinha, pois ele era quem assinava os documentos. Maduro agiu com fúria e repreendeu o subordinado, vociferando que ele tinha apenas duas opções: ficar calado e não voltar a incomodá-lo ou pedir demissão. Em janeiro de 2015, o nome de Nasr al-Din entrou na lista dos procurados pelo FBI.¹⁶⁹ De acordo com a notificação da polícia federal americana, o libanês é procurado em razão de seus esforços para arrecadação de fundos para o Hezbollah, além de ter se reunido com lideranças da organização para discussão de “assuntos operacionais”.¹⁷⁰

O grupo de venezuelanos refugiado nos Estados Unidos revelou que as ações de El Aissami iam além do acobertamento de identidades. Ele, segundo um ex-alto funcionário do chavismo, estava envolvido em uma rede de tráfico de drogas que comercializava por fora da administração do Cartel dos Sóis. Não que ele fosse um concorrente dos militares, mas uma espécie de linha de distribuição distinta, com objetivo de ajudar aliados “revolucionários”.

El Aissami era a ponte entre as FARC e o Hezbollah. Enquanto Chávez fazia os acordos formais e comandava a diplomacia oficial, ele era o titular dos negócios subterrâneos. Como operador local, El Aissami transformou o comércio de cocaína em uma das principais fontes de receita da milícia xiita. Na primeira semana de 2017, Nicolás Maduro nomeou-o vice-presidente- executivo da Venezuela. El Aissami passou a ser o homem que assumiria o comando do país caso o presidente renunciasse ou fosse destituído. A ascensão de Aissami ao posto de segundo-homem da república era duplamente relevante. Além do fato de estar implicado com crimes e sob investigação internacional, ele se consolidava como um possível novo presidente. Devido às crises econômica e política que acompanharam Maduro desde seu

primeiro dia de governo, sua queda era tratada como possibilidade bastante real.

Partido da cocaína

O flerte do Hezbollah com o narcotráfico tem suas raízes na década de 1990, antes mesmo da chegada de Hugo Chávez ao poder. Embora a entrada da milícia no mercado da cocaína não tenha conexão direta com a ascensão do chavismo, foi com o apoio dos venezuelanos que a organização passou a comercializar escalas industriais da droga. Em suas investigações, o procurador argentino Alberto Nisman apresentou o libanês Farouk Abdul Hay Omaili como o coordenador das operações do Hezbollah no Brasil. Os relatórios telefônicos analisados na investigação do atentado contra a Amia permitiram identificar Omaili como um importante interlocutor de Rabbani e da Embaixada do Irã em Buenos Aires.

No início dos anos 2000, o argentino enviou ao Brasil uma solicitação de quebra de sigilo telefônico de Omaili e de uma série de outros números suspeitos de terem sido usados na trama. A solicitação foi direcionada à Justiça de Foz do Iguaçu, onde o juiz Marcos Josegrei da Silva, então em começo de carreira, autorizou a abertura dos dados para Nisman. Porém, lamentavelmente, as companhias telefônicas envolvidas não detinham mais as informações, que eram armazenadas por apenas cinco anos, e Nisman foi então informado de que os dados estavam perdidos. Dezesesseis anos depois, Silva – que havia ficado indignado com a impossibilidade de o Brasil ajudar a Argentina a investigar o atentado – entrou para a história como o primeiro juiz do Brasil a julgar e condenar por terrorismo os membros de uma célula do Estado Islâmico – organização rival do Hezbollah – que planejava atentados nas Olimpíadas do Rio de Janeiro. Como não existiam mais dados telefônicos que permitissem vincular, de forma

irrefutável, os residentes no Brasil à explosão da Amia, o libanês Farouk Omairi jamais foi incomodado em relação a esse caso.

Em 2006, Omairi teve seu nome e suas atividades expostas. O Departamento do Tesouro dos Estados Unidos incluiu-o em uma lista de acusados de dar suporte ao terrorismo,¹⁷¹ mais especificamente ao Hez- bollah. Naquele mesmo ano, Omairi foi preso no Brasil, acusado de chefiar as operações de tráfico de cocaína. Tanto o governo dos Estados Unidos quanto a Polícia Federal brasileira afirmaram que Omairi era o chefe das operações financeiras da milícia xiita na Tríplice Fronteira e atuava como elemento de ligação da organização com as facções criminosas em atuação no Brasil e no Paraguai.¹⁷²

Cabia a ele a coordenação da arrecadação dos fundos que eram enviados para o Líbano.¹⁷³ A transfusão da receita das vendas de mercadorias contrabandeadas a partir da paraguaia Ciudad del Este para os radicais libaneses já era alvo de monitoramento desde a década anterior. Apesar de se acreditar que o comércio de produtos contrabandeados para o Brasil era a principal fonte de receita do Hezbollah, na Tríplice Fronteira, surgiram indícios de que a organização fazia do narcotráfico uma de suas atividades.

Omairi possuía sob seu controle uma rede capilarizada de atuação dentro das comunidades muçulmanas da Tríplice Fronteira, de Curitiba e de São Paulo. Os relatórios indicam que ele atuava na coordenação da emissão de documentos falsos e na lavagem de dinheiro.¹⁷⁴ O tráfico de drogas era a principal fonte da receita gerida por Omairi, uma espécie de CFO do Hezbollah na região.

Até o início das operações de Omairi na América do Sul, o Hezbollah atuava no ramo do tráfico no Líbano e nas franjas de Israel. Em 1984, o *Journal of Palestine Studies* publicou dados da balança comercial entre os dois países que mostram como a *black economy*, coordenada pelos xiitas, era a principal atividade

econômica entre as duas nações. Naquele ano, os libaneses chegaram a enviar para Israel uma quantidade estimada de 700 toneladas de haxixe e uma tonelada e meia de heroína, ópio e haxixe líquido.¹⁷⁵

Somente doze anos após o atentado contra a Amia surgiram as primeiras evidências de que o tráfico de drogas foi utilizado para o financiamento da célula terrorista sul-americana. A cocaína comercializada no Brasil e enviada para o Oriente Médio pelo “cartel xiita” cobriu os custos operacionais do atentado. As investigações oficiais não chegaram a esse nexos, mas o envolvimento dos suspeitos com o tráfico de cocaína sugere que as receitas obtidas pelas células do Hezbollah tiveram origem nesse tipo de crime.

O transporte, a venda e o consumo de drogas são expressamente vedados no islamismo, mas, na metade da década de 1980, o aiatolá Muhammad Hussein Fadlallah¹⁷⁶ solucionou o problema moral e religioso que derivava do tráfico. Ele emitiu uma *fatwa* – um parecer jurisprudencial constituído a partir da adequação das regras de *sharia* (lei islâmica) – para justificar a atividade vedada pelo islã. Fadlallah decretou que, desde que o tráfico de drogas fosse utilizado como arma de guerra, em defesa dos muçulmanos e da religião, deixaria de ser um *haram* (“pecado”) e passaria a ser considerado *halal* (“lícito”). O documento foi emitido para atender os anseios dos libaneses do Vale do Bekaa, que, naquele momento, passavam por um intenso processo de recrutamento para atuar na produção e no transporte de drogas, que serviram de fonte de dinheiro para os primeiros anos da organização. A *fatwa* dizia: “Produzimos drogas para o Satanás, que são a América e os judeus. Se não podemos matá-los com armas, vamos matá-los com drogas.”

Um relatório do FBI confirmou que o líder espiritual do Hezbollah, o aiatolá Fadlallah, havia sido o criador das bases, ou da “justificativa religiosa” para que o tráfico de drogas se tornasse

moralmente aceitável, uma vez que a atividade fazia “parte de uma guerra contra os inimigos do Islã”.¹⁷⁷ A *fatwa* revelou-se extremamente importante para o Hezbollah, pois não apenas legitimou o tráfico, sob o aspecto religioso *per si*, como investiu de nobreza o que não passava de uma atividade exclusivamente criminosa. Ao dar ao tráfico de drogas – em especial de cocaína a partir da América do Sul – o status de ferramenta da *Jihad*, a organização aplacou os críticos e conseguiu converter até o mais religioso de seus membros em um traficante.

Antes de Chávez chegar ao poder e de o aparato estatal venezuelano ter sido empregado como suporte para o envio de cocaína em escala industrial para o Oriente Médio, Farouk Omairi, que era o principal elo entre o Hezbollah e os narcotraficantes da região, jamais fora visto na comunidade xiita brasileira como um “mal muçulmano”. Pelo contrário: sempre ocupou posições de destaque frente aos demais de sua religião, na Tríplice Fronteira.

Assim como no caso da Amia, uma das possíveis fontes de financiamento dos custos operacionais do atentado contra a Embaixada de Israel em Buenos Aires, em março de 1992, foi o tráfico de drogas. Naquele ano, a explosão de uma bomba em frente à representação diplomática israelense resultou em 29 mortes e deixou outras 242 pessoas feridas. A coordenação do atentado foi atribuída ao comandante do Hezbollah, Imad Fayiz Mughniyah, que era o oficial encarregado das operações do Hezbollah no exterior. Mughniyah, segundo investigações, esteve na cidade brasileira de Foz de Iguaçu para tratar da compra dos explosivos utilizados no atentado contra a embaixada israelense.¹⁷⁸

O interlocutor de Mughniyah foi o sírio Monzer al Kassar,¹⁷⁹ que naquele momento era um dos maiores traficantes de armas em atividade do planeta. Valendo-se de documentos falsos – um passaporte brasileiro –, Al Kassar ingressou e transitou no Brasil

sem chamar a atenção das autoridades.¹⁸⁰ De Foz do Iguaçu, ele coordenou diretamente a operação de transferência dos explosivos que entraram no Brasil a partir da Venezuela. As investigações apontaram que Al Kassar contou com o suporte de um libanês estabelecido naquela cidade, mas a identidade de seu comparsa jamais foi confirmada.

A operação de venda e transporte dos explosivos empregados no atentado contra a Embaixada de Israel em Buenos Aires não foi o único momento da carreira de Monzer al Kassar em que ele se valeu de documentos brasileiros para despistar as autoridades. Em 1985, em uma operação frustrada de venda de armas para milícias iranianas, ele carregava consigo um documento brasileiro. Seu disfarce caiu por terra depois que as autoridades do Chipre descobriram que a transação estava em curso naquele país e conseguiu prender os envolvidos. A preferência de Al Kassar pela identidade brasileira tinha uma razão. O antigo modelo de passaporte, que deixaria de ser emitido apenas em 2010, era considerado um dos mais inseguros do mundo e, portanto, mais desejado pelos criminosos. A caderneta, que era impressa em verde, além de facilmente alterável por falsificadores, trazia uma vantagem excepcional: sem um biótipo padrão, qualquer pessoa poderia se passar por brasileiro.

Quase uma década depois, em junho de 1992, Al Kassar voltou a ser preso, dessa vez na Espanha. O juiz Baltasar Garzón considerou-o culpado pelo envolvimento em uma série de atentados perpetrados ao redor do mundo.¹⁸¹ O sírio, que atuava como fornecedor de armas e apoio logístico para a Frente Popular de Libertação da Palestina (FPLP),¹⁸² teria atuado diretamente em um dos casos de terrorismo mais famosos da Europa até aquele momento. Garzón descreveu que Al Kassar esteve envolvido na ação da FPLP que, no dia 7 de outubro de 1985, sequestrou, no litoral do Egito, o transatlântico de bandeira italiana *Achille Lauro*.

Os terroristas palestinos exigiam como moeda de troca a libertação de membros da organização presos em diversos países. Sem verem suas reivindicações atendidas, eles executaram, com um tiro na cabeça, o turista americano Leon Klinghoffer – um idoso judeu de 69 anos que vivia numa cadeira de rodas – e depois lançaram seu corpo ao mar. A brutalidade da ação levou o líder da Organização para Libertação da Palestina (OLP), Yasser Arafat, a pedir o fim do sequestro. O OLP era uma espécie de organização “guarda-chuva” da qual a FPLP, que era considerada a mais radical dos membros, fazia parte. A repercussão negativa fez o chefe da FPLP, Abu Abbas, ir pessoalmente ao Egito para desmobilizar a ação e elaborar uma estratégia de fuga para seus subordinados.

Além do envolvimento no caso *Achille Lauro*, Monzer al Kassar também foi implicado na explosão do Voo 103 da Pan Am sobre Lockerbie, Escócia, três anos depois, em 21 de dezembro de 1988. Nesse atentado, uma carga de explosivos plásticos, de aproximadamente 400 gramas, foi detonada a bordo da aeronave. O atentado matou as 259 pessoas a bordo e outras 11 no solo. Os destroços do Boeing 747 se espalharam por um raio de 130 quilômetros. O avião havia partido do Aeroporto Heathrow, em Londres, com destino ao Aeroporto John F. Kennedy, em Nova York. A explosão ocorreu 38 minutos depois da decolagem. Apesar desse histórico, o traficante de armas Al Kassar pagou uma fiança de 12,5 milhões de dólares e passou a responder ao processo em liberdade.

Formalmente, a acusação da autoria do atentado recaiu sobre o governo Líbio – ou seja, o ditador Muammar Kadafi. Os investigadores disseram que os espiões líbios Lamén Khalifa e Abdel Basset Ali al-Megrahi, que atuavam no Reino Unido, eram quem havia executado a operação. Vínculo que o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas considerou suficiente para impor uma série de sanções contra o regime do ditador líbio. Uma das hipóteses sobre a motivação do atentado

era de que seria uma retaliação a um bombardeio realizado por americanos e britânicos dois anos antes. Estrangulado pelas sanções econômicas, Kadafi aceitou entregar os dois acusados pelo crime em um julgamento realizado na Holanda (um território neutro na avaliação do ditador). Além disso, Kadafi assumiu as responsabilidades civis pelo atentado. Embora o espião Al-Megrahi tenha sido condenado pelo crime, o líbio negou ter dado a ordem. O julgamento de Monzer al Kassar, iniciado em 1995, ficou caracterizado como um dos mais insólitos e violentos da Espanha. Uma série de mortes, sequestros e extorsões marcou o processo, que, ao fim, resultou em sua absolvição. O primeiro a morrer, ainda na fase de inquérito, foi o cozinheiro libanês Ismail Jalid, considerado uma das principais testemunhas de acusação pela promotoria. Jalid foi encontrado estirado em uma calçada depois de ter supostamente caído do quarto andar de um edifício na cidade espanhola de Marbella. Como empregado da mansão de Al Kassar, Jalid havia presenciado diversos encontros e escutado conversas que poderiam complicar a vida do ex-chefe. As investigações iniciais, entretanto, concluíram tratar-se de um suicídio. Os promotores espanhóis não se contentaram com a versão simplista dos peritos e determinaram a reabertura do caso. A revisão das evidências levou à conclusão de que Jalid havia sido assassinado. Os responsáveis jamais foram identificados.

Apenas um mês antes do início do julgamento, outra testemunha viria a ser vítima de uma tragédia. Dessa vez, uma das pessoas indicadas por Al Kassar para depor em sua defesa. Dois filhos de Mustafa Nasimi – Rula, de 15 anos, e Abdul, de 14 – foram sequestrados e depois libertados sem que qualquer resgate fosse pedido.¹⁸³ A polícia afirmou que o crime havia sido cometido por cartéis de drogas, mas Nasimi, que fora sócio de Monzer al Kassar, acusou-o de ser o mandante do crime. Mas sem qualquer evidência de que os infortúnios que atingiram as testemunhas estavam conectados, Al Kassar se safou. Em março de 1995, ele foi declarado inocente.

Três anos depois, em junho de 1998, Mustafa Nasimi foi assassinado com um tiro na cabeça.¹⁸⁴ O projétil de 10 milímetros de fabricação americana que transpassou seu crânio foi a pista que levou os espanhóis a afirmarem que a execução havia sido realizada por matadores estrangeiros. E assim encerrou-se a investigação. Os espanhóis não conseguiram avançar um centímetro além disso na investigação do homicídio.

As ações de Monzer al Kassar só tiveram fim em 2007, quando foi preso na Espanha em uma operação coordenada pela DEA, a agência antidrogas dos Estados Unidos.¹⁸⁵ Os agentes americanos se passaram por intermediários das Farc e gravaram uma série de transações de aquisição de material bélico junto ao traficante de armas sírio Monzer al Kassar. Além de munição, 9 mil fuzis de assalto, 15 foguetes terra-ar e 4 mil granadas, ele estava negociando a vinda de mil extremistas sírios que dariam suporte aos colombianos. Eles treinariam os membros das Farc em técnicas de combate, auxiliando-os numa guerra assimétrica que os narcoterroristas mantinham contra as forças oficiais e os Estados Unidos, que, por sua vez, financiavam um plano de erradicação de plantações de coca, o chamado *Plan Colombia*. Al Kassar foi condenado a trinta anos de prisão nos Estados Unidos.

O elo com as máfias italianas

Al Kassar não foi o único elo da FPLP com os cartéis de cocaína sul-americanos no comércio de armas por drogas a ser desvelado. Os vínculos da organização com o tráfico também foram descobertos no Brasil. Em 1992, o jordaniano Walled Issa Khamays foi preso no Brasil tentando embarcar 592 quilos de cocaína boliviana para a Europa.¹⁸⁶ As investigações que conduziram à prisão de Khamays deixaram evidentes que as remessas de cocaína tinham por função irrigar os cofres da FPLP. Um pedido para a extradição de Khamays foi feito pelo governo da

Itália, que detectou a rede de financiamento. Os informes compartilhados com as autoridades brasileiras revelaram que o traficante intermediava os negócios entre a FPLP e a Máfia Italiana, para a qual teria cometido pelo menos dois atentados, um em Milão e outro na Sicília.¹⁸⁷

Enquanto as autoridades brasileiras se deixavam levar na batalha jurídica para evitar sua extradição, Khamays ganhou o direito de cumprir a sua pena pelo crime de tráfico de drogas em regime semiaberto. Em 1996, entretanto, ele desapareceu. Não compareceu para dormir na prisão e só voltou a ser recapturado oito anos depois. No período em que esteve foragido, adotou a identidade de Rogério Cury Mattar e montou um império agropecuário para ocultar suas atividades criminosas e sobretudo criar uma cobertura para justificar a movimentação de dinheiro ilícito. Na região de fronteira entre o Brasil e o Uruguai, Khamays estabeleceu suas propriedades especializadas em criação e reprodução de cavalos da raça crioula.

O disfarce de Khamays foi tão eficiente que ele conseguiu construir excelente reputação entre os demais criadores de equinos no Cone Sul. Em 2004, sua máscara caiu quando foi preso no aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre, tentando embarcar para São Paulo.¹⁸⁸ As buscas na casa de Khamays permitiram aos policiais encontrar, além de elevadas quantias de dinheiro, armas e documentos falsos. Khamays passou pouco tempo na prisão: ele conseguiu uma autorização da Justiça para cumprir a pena em liberdade após seus advogados apresentarem atestados médicos de uma suposta enfermidade cardíaca, garantindo-lhe o direito a prisão domiciliar.

Apesar das provas, a Itália não conseguiu a extradição de Khamays.¹⁸⁹ O traficante, que havia sido condenado a nove anos de prisão no Brasil, foi beneficiado por um dispositivo legal que prevê que criminosos já condenados pelos mesmos crimes que

lhes são atribuídos no exterior primeiro cumpram a pena a eles imposta antes que sejam enviados para o exterior para o cumprimento de eventuais condenações adicionais. No entanto, como Khamays era buscado apenas pelo crime de narcotráfico, coube-lhe apenas a punição brasileira.

O detalhamento das investigações entre a FPLP e Khamays permitiu às autoridades encontrar novos elos da cadeia de produção de dinheiro por meio de ações criminosas no Brasil. A Justiça italiana apontou – e o próprio Khamays assumiu em depoimento – que seu sócio operacional no Brasil era o libanês Khalil Najib Karam, também acusado na Itália de narcotráfico. As implicações remontam a 1992, quando Khalil foi identificado como responsável pelo envio de 325 quilos de cocaína para a Europa, em outra remessa coordenada por Khamays.

Colocado em liberdade, Karam voltou a delinquir. Dois anos depois de ter sido descoberto em uma operação de tráfico internacional, o libanês voltou a ser preso em flagrante pela Polícia Federal. Desta vez, dentro de sua casa, na cidade mineira de Araguari. Karam mantinha uma linha de montagem de cápsulas de cocaína embaladas por luvas cirúrgicas de látex, para que a droga fosse transportada no estômago de “mulas”, com destino à Europa e ao Oriente Médio. Karam foi julgado e condenado. Cumpriu pena de seis anos e oito meses de prisão. No período que passou na cadeia teve sua extradição pedida pelo governo da Itália, mas, assim como seu sócio, Karam se safou. Ele havia se naturalizado brasileiro, razão pela qual o Supremo negou o pedido dos italianos.

Em 2004, Karam voltou a ter problemas com a Justiça. Ele foi acusado de ser um dos principais intermediários da venda de diamantes extraídos da reserva Roosevelt, em Rondônia. A área de 2,7 milhões de hectares, destinada aos índios da etnia cinto-larga, recebeu esse nome em homenagem a uma visita que o ex-presidente dos Estados Unidos, Theodore Roosevelt, fez ao local,

entre dezembro de 1913 e março de 1914, na companhia do marechal Cândido Rondon. As investigações da Polícia Federal revelaram que o esquema de retirada das pedras do Brasil era similar ao usado pelo Hezbollah para lavar dinheiro na África. Os terroristas libaneses mantêm prepostos nas zonas de garimpo africanas, onde coordenam a retirada de diamantes de sangue, que são certificados e vendidos no mercado formal.[190](#)

No Brasil, os diamantes explorados ilegalmente nas terras dos índios cinto- larga eram transportados para outras áreas produtivas do país, para que nelas pudessem ser certificados como gemas legais. Nesse processo, os contrabandistas “misturavam” o material ilegal com aquele extraído legalmente para poder ocultar a origem criminosa. Depois de “legalizadas”, as joias eram exportadas para a Bélgica e para o Oriente Médio.

Bem perto do poder

Por coincidência, nos doze anos que separaram a primeira prisão de Khamays, em 1992, e a descoberta do esquema de contrabando de diamantes do qual seu ex-sócio Karam fazia parte, os policiais federais anotaram a mesma observação sobre a estratégia de ambos: as boas relações com o poder político. Quando Khamays foi capturado, os investigadores afirmaram que ele gozava de influência em Brasília, inclusive no meio diplomático. Em 2004, o delegado federal Mauro Spósito, que chefiou a força-tarefa que atuou no combate ao tráfico de diamantes extraídos da reserva indígena, também destacou as boas conexões que Karam estabeleceu dentro do governo brasileiro.

Um de seus amigos mais próximos é o membro do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) José Marcos Tenório, um funcionário com passagem em uma série de órgãos da administração federal e pelo Parlamento. Tenório trabalhou no Ministério dos Esportes, foi

chefe de gabinete de uma das seções da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, durante o governo de Dilma Rousseff, e trabalhou para o governo do Distrito Federal. Apesar de seu filho ter sido advogado de Khalil Karam, Tenório jurou desconhecer o passado do amigo,¹⁹¹ com quem chegou a ser fotografado desfrutando banhos de piscina em Brasília ou na Venezuela, quando posaram juntos em Caracas.

Em 2015, contratado para trabalhar como assessor parlamentar do deputado comunista Wadson Ribeiro, Tenório fez lobby para a constituição de um grupo parlamentar dentro da Câmara dos Deputados com o objetivo de defender os interesses do Irã no Brasil. O Grupo de Amizade Brasil-Irã foi presidido por ninguém menos que seu chefe, Ribeiro, que quatro anos antes havia sido demitido do cargo de secretário-executivo do Ministério do Esporte após ter sido apontado pela Polícia Federal e pelo Ministério Público Federal como parte de um esquema de corrupção que desviou milhões de reais para ONGs de fachada.¹⁹² Como embaixador informal do Irã, Tenório pavimentou o acesso do embaixador oficial aos gabinetes do Parlamento e do Poder Executivo.

Em guerra com a América

O *affaire* de Hugo Chávez com o terrorismo e o uso do território venezuelano para a realização de operações de apoio ao terror internacional criaram as condições para a penetração do extremismo islâmico no continente.

Além da tentativa frustrada de atentar contra o aeroporto JFK, em 2007, na qual o guianense Abdul Kadir planejava explodir os dutos de combustíveis utilizados para o abastecimento de aeronaves e depois fugir para Caracas, a Venezuela esteve enredada em pelos menos duas tentativas de atentado em solo

americano. A primeira delas foi desmontada em setembro de 2011. Agentes do FBI e da DEA descobriram um plano de assassinato prestes a ser executado em Washington. Um informante da agência antidrogas dos Estados Unidos, a DEA, presenciou a reunião em que o iraniano com cidadania americana Manssor Arbabsiar acertou os termos do assassinato do então embaixador da Arábia Saudita, Adel al-Jubeir.¹⁹³ Foi graças à cobertura venezuelana que os agentes iranianos conseguiram transitar livremente, chegando ao ponto de levar o plano a um nível próximo da concretização.

Oito meses depois de sua prisão, Arbabsiar confessou a trama e acabou recebendo uma pena de 25 anos.¹⁹⁴ Ele contou que entre a primavera no hemisfério norte e o outubro de 2011, planejou com funcionários iranianos todos os passos do plano. Nesse período, viajou diversas vezes para o México para se reunir com os traficantes. O plano traçado entre Arbabsiar e os mexicanos foi submetido e aprovado por Teerã, que concordou em pagar 1,5 milhão de dólares ao cartel Los Zetas para que executasse o serviço. A aparição da organização criminosa mexicana em uma *joint venture* com o Hezbollah (leia-se o governo do Irã) era algo inédito. Los Zetas são conhecidos pela violência primitiva aplicada contra suas vítimas em suas execuções, que choca pela brutalidade e pela falta de limites.

Teerã tinha a garantia de que Adel al-Jubeir morreria em um atentado a bomba enquanto jantava em seu restaurante favorito, o Cafe Milano, localizado em Georgetown, Washington D.C. O estabelecimento é um dos mais exclusivos da capital americana, frequentado por políticos e diplomatas. A explosão de um carro-bomba tinha um potencial para atingir um grande número de autoridades. Esse risco chegou a ser calculado pelos iranianos, que ignoraram os efeitos colaterais do ataque. Manssor Arbabsiar revelou que seus interlocutores eram membros graduados das Forças Quds,¹⁹⁵ um esquadrão de elite da Guarda Revolucionária

do Irã especializado em operações irregulares no exterior. Arbabsiar disse que o principal deles era o militar iraniano Gholam Shakuri, identificado como um agente de alta patente dentro das forças especiais de seu país.

Depois de sua captura, Arbabsiar aceitou colaborar com os investigadores americanos e deu continuidade às tratativas com Shakuri.¹⁹⁶ As conversas gravadas pelo FBI permitiram aos procuradores americanos confirmar os vínculos da dupla e o apoio estatal à tentativa de atentado. Em uma das chamadas telefônicas, Shakuri cobrou celeridade na execução do ataque. O agente iraniano chegou a cravar uma data para a explosão nas dependências do Cafe Milano: 5 de outubro de 2011. Mas graças às autoridades americanas o atentado foi frustrado. O agente iraniano Gholam Shakuri foi denunciado pelo crime de conspiração e é considerado foragido pela Justiça americana. Em 2015, no âmbito das negociações em torno do programa nuclear iraniano, o regime dos aiatolás esperava que os americanos suspendessem a denúncia como parte das negociações. A administração Obama ofereceu o perdão ou a comutação de pena para sete iranianos envolvidos em outros crimes, mas manteve a denúncia contra Shakuri, por causa de incontestes conexões com a tentativa de atentado em solo americano.

Pouco mais de um mês depois de as autoridades americanas deflagrarem a operação que impediu o atentado contra o embaixador saudita, a rede de televisão americana Univision revelou a existência de outra conspiração do Irã tendo os Estados Unidos como alvo.¹⁹⁷ Os jornalistas obtiveram gravações e documentos em que diplomatas iranianos, cubanos e venezuelanos discutiam a viabilidade de um ataque cibernético contra os Estados Unidos. Segundo as gravações realizadas por um grupo de estudantes universitários da Universidade Nacional Autônoma do México (Unam), as representações diplomáticas desses três países, localizadas na capital mexicana, chegaram a considerar a possibilidade de contratá-los para que invadissem os

servidores da Casa Branca, do FBI, do Pentágono e de plantas nucleares americanas.

O recrutamento dos estudantes foi realizado pelo professor de engenharia da Unam, Francisco Guerrero Lutteroth. Considerado um professor popular nos círculos acadêmicos, Lutteroth exibia um padrão de vida superior ao dos demais colegas. Oficialmente, ele era dono de um posto de combustível, mas suspeitava-se de que o negócio atuava como uma cortina para esconder a real fonte de seus altos rendimentos. O mexicano Juan Carlos Muñoz Ledo, que foi recrutado por Lutteroth, desconfiou das intenções do mentor e passou a gravar em áudio e vídeo o conteúdo das reuniões que se davam nas embaixadas do Irã e da Venezuela, localizadas na Cidade do México. O estudante Muñoz Ledo afirmou que o grupo de hackers foi montado cinco anos antes, em 2006, ainda no primeiro ano de mandato do presidente iraniano Mahmoud Ahmadinejad.¹⁹⁸

No início das operações, Muñoz Ledo presenciou diálogos que o fizeram ter a dimensão do risco potencial que seu grupo representava para a segurança dos Estados Unidos e para a estabilidade da região. Segundo ele, durante o planejamento, a orientação era que primeiramente seriam realizados ataques cibernéticos para depois passarem aos ataques físicos em solo americano.¹⁹⁹ Muñoz disse que, além de Teerã, a articulação dos atentados era coordenada pela Venezuela, a partir de sua embaixada na Cidade do México.

Quando o caso veio à tona, o ex-embaixador do Irã no México, Mohammad Hassan Ghadiri, que, segundo o grupo que denunciou a conspiração, era um dos líderes do plano de ataques aos Estados Unidos, tentou construir uma narrativa bizarra para justificar a relação com o grupo de hackers. Ghadiri confirmou os encontros descritos pelos jovens mexicanos, mas negou que seu país tivesse tomado a iniciativa do ataque. Ele afirmou que ao ser procurado pelo grupo, que ofereceu a possibilidade de invadir

sistemas de defesa dos Estados Unidos, ele recusou imediatamente a oferta. Ghadiri disse ter feito isso porque desde o princípio achou que os “hackers pareciam agentes da CIA”. Portanto, ele poderia estar sendo vítima de uma armadilha.

Mas as conversas gravadas pelo grupo de Muñoz Ledo mostram que o embaixador Ghadiri mentiu. No áudio, transmitido pelas redes de TV nos Estados Unidos, o diplomata iraniano mostra bastante entusiasmo com o potencial da empreitada. Ele demonstrou especial interesse na possibilidade de sabotar os sistemas de defesa dos americanos. Para Ghadiri, a possibilidade de fragilizar os Estados Unidos era estrategicamente relevante num momento em que os dois países se encontravam em um ponto crítico de suas relações bilaterais. Existia, na concepção de Ghadiri, o risco potencial de uma ação militar coordenada pelos Estados Unidos contra o regime que, sob o governo de Mahmoud Ahmadinejad, acelerou a implantação do programa nuclear com claras ambições militares. Em uma das gravações, o embaixador iraniano chega a dizer que, naquele momento, era importante que a equipe hacker descobrisse “o que os Estados Unidos tinham em mente” em relação ao Irã. Se havia ou não a real intenção de um ataque contra o país islâmico. Ainda segundo Ghadiri, era imperativo ter acesso e conhecimento sobre os sistemas de defesa nuclear dos americanos.[200](#)

Quando informado de que Guerrero Lutteroth havia orientado sua equipe a buscar informações sobre as centrais nucleares dos Estados Unidos, Ghadiri questionou se seria lançada uma “bomba digital” sobre os americanos, o que foi respondido com um “sim” por Muñoz Ledo. As gravações realizadas ocultamente pelos mexicanos provam de forma incontestável o envolvimento de Caracas na trama.

A então conselheira cultural da Embaixada da Venezuela na Cidade do México, Livia Antonieta Acosta Noguera, foi gravada dizendo que o general Alexis Ascensión López Ramírez, chefe da

casa-militar de Hugo Chávez, era a pessoa que havia entregado ao presidente venezuelano as informações já coletadas pelos hackers.²⁰¹ Em março de 2011, Livia Acosta fora promovida ao prestigiado posto de consulesa-geral em Miami. Ao ter seu nome exposto como parte da conspiração que planejava o ataque hacker contra os sistemas dos Estados Unidos, a venezuelana teve suas credenciais diplomáticas revogadas pelo Departamento de Estado, em janeiro de 2012, e foi conseqüentemente obrigada a deixar o país.²⁰²

O fracasso dos ataques do aliado Irã contra os Estados Unidos não esmoreceu Hugo Chávez em seu delírio revolucionário. Entorpecido pela gana de impor uma vitória sobre os Estados Unidos, o presidente venezuelano empregou fundos e esforços para convulsionar várias partes do globo. Os objetivos de Chávez se prestavam não só a criar a instabilidade em áreas de influência do inimigo: ao tumultuar o mundo, Chávez dissipava as atenções sobre suas intenções e as contradições de seu regime. Visto como um palhaço por muitos, ele criou a impressão de que era apenas um ponto fora da curva na política internacional.

A EXPORTAÇÃO DA REVOLUÇÃO

Na manhã de 16 de abril de 2009, o presidente boliviano, Evo Morales, desembarcou na cidade venezuelana de Cumaná após debelar o que ele definiu como uma conspiração internacional para matá-lo. Entre os presidentes venezuelano Hugo Chávez e o cubano Raul Castro, Morales revelou que, naquela madrugada, um comando militar havia desmantelado uma célula terrorista instalada em Santa Cruz de la Sierra. A organização, segundo Morales, tinha como objetivo desestabilizar a Bolívia por meio de sua morte e a de seu vice, Álvaro García Linera. Cercado de jornalistas, que estavam na capital do estado de Sucre para cobrir a 5ª Cúpula da Aliança Bolivariana para os Povos da Nossa América (Alba), Morales disse ter dado instruções precisas ao chefe da polícia nacional para neutralizar os mercenários.²⁰³

Segundo a versão oficial, uma célula terrorista liderada pelo boliviano- croata Eduardo Rozsá-Flores havia se instalado na cidade de Santa Cruz de la Sierra para atentar contra a vida do presidente Morales. O grupo, segundo o governo, havia sido identificado pelos serviços de inteligência bolivianos, que orientaram a operação de captura. Ainda segundo a versão oficial, quando as forças especiais bolivianas invadiam o Hotel Las Américas, no centro de Santa Cruz de la Sierra, encontraram forte

resistência. Teriam se passado mais de trinta minutos de intenso tiroteio e explosões. O saldo da operação foi a morte de três terroristas e a prisão de outros dois. Além de Eduardo Rozsá-Flores, também morreram o romeno Árpád Magyarosi e o irlandês Michael Martin Dwyer. Na Venezuela, Evo Morales acusava a oposição de ter patrocinado o grupo de mercenários que visava desestabilizar seu governo e até mesmo aniquilá-lo. A morte dos estrangeiros foi o primeiro ato de uma série, que resultaria numa onda de perseguições aos líderes opositores locais, causando a prisão de mais de trinta pessoas, todas acusadas de terrorismo.

Mas a tese oficial não sobreviveu aos fatos. Descrito como um cenário de guerra, o Hotel Las Américas estava intacto. Não apresentava sinais de troca de tiros ou destruição provocada por explosões. A integridade das instalações foi o primeiro indício de que Morales não estava dizendo a verdade. Como o colapso de um castelo de cartas, cada uma das mentiras construídas pelo governo Morales ruiu frente aos fatos que emergiram ao longo dos dias, semanas e até meses que se sucederam aos fatos. Apesar disso, a desfaçatez das autoridades bolivianas seguia inabalável.

Os jornais do dia seguinte exibiam os corpos das vítimas, que, segundo a versão oficial, teriam morrido em combate. Um dos cadáveres sobre as mesas dos legistas de Santa Cruz de la Sierra tinha as mãos algemadas, um sinal que sugeria que eles foram subjugados ainda vivos. No final daquele ano, a publicação de um vídeo, feito pela própria polícia boliviana, derrubou de vez a tese do conflito.

Os policiais registram cenas diametralmente opostas à versão oficial. As imagens, que estão disponibilizadas no YouTube²⁰⁴, sugerem que os supostos terroristas, que teriam recebido as forças oficiais com um poderio de fogo monumental, parecem não ter disparado um tiro sequer. Não havia marcas de bala nas paredes ou nos móveis, como seria de se esperar em um conflito armado que teria se estendido por duas horas, conforme a versão

do governo. Tampouco se veem sangue ou cadáveres no chão. Uma contradição flagrante com a “cena do crime” registrada em fotografias pelos peritos. Os cadáveres ensanguentados simplesmente aparecem onde antes não havia sequer vestígio de feridos. O trio que Evo Morales afirmava estar na Bolívia para acabar com sua vida e iniciar uma guerra civil pode ter sido brutalmente torturado e assassinado pelos agentes do governo. O vídeo permite identificar, ainda, a manipulação da cena do crime. Um policial pergunta ao colega onde ele apanhara o revólver que foi colocado sob o travesseiro de um dos presos.

Em abril de 2009, a embaixada dos Estados Unidos em La Paz redigiu um telegrama diplomático²⁰⁵ cujo título já dava o tom para as impressões da diplomacia americana. “‘Terrorismo’: uma desculpa para prisões em massa?”. O documento coloca dúvidas sobre as afirmações de Morales e vislumbra o suposto plano de atentado como estratégia para justificar a perseguição e a detenção de líderes opositores. As semanas que seguiram o episódio do Hotel Las Américas confirmaram a preocupação dos americanos. La Paz enviou tropas que ocuparam as ruas de Santa Cruz de la Sierra e iniciaram um intenso processo de intimidação da oposição por meio da prisão de alguns dos seus principais nomes. Aqueles que não foram encarcerados tiveram que se exilar.

A confissão

Ao longo dos anos, várias evidências se somaram às teorias daqueles que defendiam que a ação ocorrida no Hotel Las Américas não passou de uma farsa governamental. Por muito tempo essa tese chegou a ser tratada como pura teoria da conspiração, plantada por opositores com o objetivo de difamar Morales. Mas nada teve o impacto da deserção do procurador Marcelo Soza Álvarez, designado pelo governo para ser o responsável pelas investigações do caso de terrorismo. Refugiado

no Brasil desde março de 2014, Soza entregou ao Comitê Nacional para os Refugiados (Conare) um documento de 25 páginas no qual relata em detalhes como o governo da Bolívia, sob o comando do presidente Evo Morales, transformou o Poder Judiciário do país em um instrumento de perseguição política.

Soza diz, no documento entregue às autoridades brasileiras, ter descoberto que o irmão do vice-presidente Álvaro García Linera estava por trás da armação que resultou na morte dos três estrangeiros. Segundo Soza, Raúl Garcia Linera havia coordenado pessoalmente um atentado a bomba contra a casa do arcebispo de Santa Cruz de la Sierra, o cardeal Julio Terrazas.²⁰⁶ Na madrugada anterior à da invasão do Hotel Las Américas, uma bomba – que não foi capaz de derrubar a porta da casa do religioso – foi arremessada de uma caminhonete não identificada. Ainda segundo o ex-procurador, a ação foi calculada para justificar a invasão do hotel, como parte de uma estratégia de destruição da oposição. Sem capacidade destrutiva para derrubar sequer uma porta, o artefato teve a força necessária para demolir a estrutura opositora de todo um estado, formada pela elite intelectual e econômica de Santa Cruz de la Sierra. Quando os emissários de Raúl Linera lançaram a bomba contra a casa do religioso, sabiam que não havia ninguém lá. Apesar do baixo poder de dano explosivo utilizado, o risco de acidentes havia sido mitigado.

O ex-procurador afirmou que Raúl Garcia Linera acompanhou de perto toda a investigação dos eventos que se sucederam ao assalto ao Hotel Las Américas. “O vice-presidente conhecia em detalhes tudo o que acontecia, porque seu irmão o informava. No decurso da investigação e de frequentes reuniões em que estive com Raúl García Linera, confirmaram-se as informações que eu recebia dos investigadores, no sentido de que tanto o processo de infiltração junto ao suposto grupo terrorista, quanto o atentado contra a casa do cardeal e a própria operação militar no Hotel Las Américas foram coordenadas pelo irmão do vice-

presidente”.²⁰⁷ Por e-mail, Soza garantiu que jamais constatou haver um confronto armado entre o grupo acusado de terrorismo e as forças policiais, como foi relatado pelos oficiais do governo e é sustentado oficialmente até hoje. “O que aconteceu naquela noite, em Santa Cruz, foi a execução de três estrangeiros e a tortura de outros dois”, disse.

No comando das investigações, Soza, mesmo ciente de que estava diante de uma fraude, ratificou como sendo verdadeiras todas as provas forjadas pela polícia e o Ministério do Governo, que, ocultamente conduziu o processo, negando ou autorizando as diligências propostas por ele. O engessamento da investigação impediu que os investigadores tivessem acesso aos nomes dos policiais envolvidos. As gravações das câmeras de segurança do hotel foram apagadas, mas ninguém foi responsabilizado. Os demais hóspedes do hotel sequer foram ouvidos.

A revelação mais estarrecedora de Soza, entretanto, foi a de que quatro militares venezuelanos, lotados na Casa Militar do governo de Evo Morales, estavam hospedados no Hotel Las Américas. Os estrangeiros haviam sido designados pelo presidente Hugo Chávez para trabalhar na segurança de seu colega boliviano. Os militares fizeram *check-out* um dia antes do “atentado”; uma evidência que levantou suspeitas sobre a participação dos venezuelanos na montagem da operação, que segundo Soza já vinha sendo desenhada desde o mês anterior. “Tentei interrogá-los, mas a ordem jamais foi concedida”, garante.

A mão de Chávez

O envolvimento de militares venezuelanos em ações violentas do governo de Evo Morales não era inédito. Em setembro de 2008, dezessete pessoas morreram em um conflito armado na localidade de Porvenir, no estado amazônico de Pando. Na madrugada do dia

11 daquele mês, um grupo de manifestantes pró-governo marchou desde o estado vizinho de Beni até Cobija, a capital do estado. Ao se deparar com barricadas e a resistência local, o grupo de partidários de Evo Morales fez uso da violência. Dois moradores de Cobija – que se deslocaram até Porvenir, a fim de barrar os invasores – foram feridos, e o engenheiro Pedro Oshiro, que havia coordenado a abertura de uma valeta na estrada, morreu no local com um tiro na cabeça. As horas que se passaram foram marcadas por trocas de tiros, com mortos e feridos dos dois lados da contenda.

Documentos sigilosos vazados dos computadores do Ministério das Relações Exteriores do Brasil²⁰⁸ revelam que o governo brasileiro sabia que, em 2007, a Venezuela havia realizado um total de 114 voos irregulares para transportar militares e veículos blindados como suporte à repressão aos movimentos que realizavam protestos contra o governo de Morales. O relatório descreve uma reunião de militares brasileiros e do ministro da Defesa, Nelson Jobim, na Venezuela em 14 de abril de 2008. O encontro, realizado na casa do embaixador Antônio José Ferreira Simões, tinha como objetivo ajustar os pontos que seriam tratados com o então chanceler venezuelano Nicolás Maduro. O general Augusto Heleno, então comandante militar na Amazônia, questionou diplomatas e adidos sobre o uso irregular do espaço aéreo brasileiro para o transporte de tropas venezuelanas para a Bolívia. Segundo outro militar brasileiro presente na reunião, embora os venezuelanos afirmassem que estavam levando veículos comerciais, “foi visto que transportavam viaturas blindadas para transporte de pessoal (VBTP) e outras viaturas militares”, conforme descrito no documento.²⁰⁹ O general Heleno afirmou ainda que tinha conhecimento sobre a “presença não apenas de venezuelanos na Bolívia, mas também de cubanos, com interesse operacional”.²¹⁰ O embaixador Antônio José Ferreira Simões desconversou. Segundo ele, uma denúncia brasileira de

presença de tropas venezuelanas na Bolívia pioraria a situação do país andino, que vivia um período de profunda instabilidade.

Horas depois, o ministro Jobim levou ao chanceler Maduro a proposta de que os dois países firmassem um memorando que estabelecesse um "corredor" aéreo conectando a Venezuela e a Bolívia através do Brasil. Em agosto daquele ano, o governo brasileiro publicou o memorando com as regras, o que não impediu a Venezuela de seguir enviando material bélico. Os cargueiros Hércules C-130 oficialmente levavam carregamento de algodão, ou até mesmo bandas de música para se apresentar no país andino. A omissão brasileira pode ter colaborado para o agravamento das tensões. O salvo-conduto para venezuelanos foi dado apenas um mês antes da eclosão do conflito de Porvenir. Segundo relatos de testemunhas, entre os feridos e mortos havia quem portasse documentos venezuelanos. Mas as cédulas de identidade haviam sido recolhidas no hospital local pelo médico cubano que na época atendia na cidade. Os políticos da oposição exigiram uma investigação sobre a ingerência de Hugo Chávez na crise boliviana,²¹¹ mas as autoridades jamais se mobilizaram.

Tanto no caso do Hotel Las Américas quanto no de Porvenir, o governo de Evo Morales aproveitou-se para perseguir de forma implacável seus adversários políticos. Enviou para a cadeia trinta líderes opositores de Santa Cruz de la Sierra e obrigou ao exílio outros 180. Mandou para cadeia o governador do estado de Pando e fez sair de circulação outras dezenas de pessoas que organizaram os protestos contra seu governo. Evo Morales aproveitou para seguir o exemplo de Chávez e transferiu a responsabilidade de seus problemas políticos para os Estados Unidos. Morales expulsou o embaixador americano Philip Goldberg, sob a acusação de "conspirar" com os opositores para desestabilizar seu governo,²¹² e intensificou o discurso nacionalista. Morales seguiu com precisão a receita chavista na repressão aos movimentos opositores. Seus adversários políticos

foram criminalizados em processos flagrantemente forjados, e, mesmo depois de descobertas as fraudes, o Estado Boliviano seguiu firme nas ações penais.

Reescrevendo a história

Por causa de seus traços fisionômicos, Evo Morales chegou à presidência da Bolívia embalado por um discurso étnico. Valendo-se de fantasias e alegorias que remetem à cultura ancestral dos povos pré-colombianos,²¹³ encarnou o discurso pela primeira vez nas eleições presidenciais de 2005. Como líder cocaleiro e candidato a cargos legislativos, Morales jamais havia se apresentado como indígena e jamais evocara suas raízes aimarás.

A construção da identidade indígena de Evo Morales é atribuída ao trabalho de diversas organizações não governamentais e ao oportunismo de seu vice, Álvaro García Linera, que foi militante do Tupac Katari²¹⁴ – uma organização terrorista que tinha como balizadores elementos do marxismo e da cultura indígena. O próprio nome do grupo era referência ao índio Julián Apasa Nina,²¹⁵ que liderou uma rebelião dos índios aimarás contra os colonizadores espanhóis na década de 1780.

Hugo Chávez patrocinou a ascensão de Evo Morales ao poder estimulando o discurso étnico como plataforma de luta política. A estratégia bem-sucedida, no país que traz no nome homenagem ao libertador Simón Bolívar, passou a ser empregada como método para a exportação da revolução. Na Argentina, Chávez ajudou a fomentar o surgimento de uma milícia com mais de 10 mil pessoas. Inspiradas pelo ideário em torno da imagem do índio Tupac Amaru, a ativista Milagro Sala montou uma organização com moldes paramilitares que passou a servir para atender aos chamados de mobilização do kirchnerismo.

Apropriando-se do discurso de resistência indígena e valendo-se das reais condições de vulnerabilidade social dos moradores da província de Jujuy, no noroeste argentino, Sala construiu uma organização com potencial explosivo. Com fortes suspeitas de vinculação com peruanos remanescentes da guerrilha maoísta Sendero Luminoso, a organização de Sala possui uma célula “de elite” que pode ter recebido treinamentos de combate e guerrilha, promovidos pelos terroristas da organização que, entre os anos 1980 e 2000, foi responsável pela morte de cerca de 36 mil pessoas.²¹⁶

Em 2007, no auge das negociações da Venezuela com a Argentina para favorecer o intercâmbio de informações nucleares com o Irã, Hugo Chávez chegou a enviar um portador com uma mala de dinheiro para abastecer os cofres da organização de Sala. Além do suporte do chavismo, o grupo – que leva o nome de Tupac Amaru (homônimo de uma organização que atuou no Peru, em paralelo com o Sendero Luminoso) – também foi implicado com o narcotráfico. Instalado na fronteira com a Bolívia, o Tupac Amaru argentino cumpriu a sina de seus inspiradores, enveredando-se pela senda do crime.

Assim como a proposta de revolução social rumo ao comunismo do Sendero Luminoso²¹⁷ desaguou no crime comum, os milicianos de Milagro Salas passaram a prestar serviços para os cartéis do tráfico que operavam na Bolívia, controlando o acesso de armas e drogas pela fronteira da Argentina e recebendo percentuais pela proteção oferecida aos vizinhos. De acordo com relatórios de inteligência produzidos por militares bolivianos, a cocaína e o crack, que assumiram proporções epidêmicas na Argentina, viajam em escala industrial em direção ao sul do continente graças à *joint venture* dos grupos que controlam o lado argentino da fronteira e os traficantes.

A transformação das organizações de base que ganharam feições militarizadas graças aos esforços dos governos locais foi um ponto

de contato entre os países seguidores do “Socialismo do Século XXI”.²¹⁸ Na Venezuela, onde houve o maior esforço estatal nesse sentido, Hugo Chávez patrocinou a formação da Frente Francisco de Miranda.²¹⁹ Conhecida pela sigla FFM, a organização chegou a ter 20 mil militantes. Seu núcleo dirigente passou por cursos de formação em Cuba e é cercado por um corpo de ativistas que receberam treinamento militar tanto na ilha governada pelos irmãos Castro quanto pelos militares venezuelanos.

Armados e perigosos

Em 2005, Hugo Chávez importou de Moscou 100 mil fuzis Kalashnikov,²²⁰ dois quais, calcula-se, pelo menos metade foi parar nas mãos de civis. A maior parte deles membros da Frente Francisco de Miranda, como parte da propaganda do governo. No ano anterior, Chávez começou a armar sua militância sob o pretexto de montar um exército irregular de suporte às Forças Armadas de seu país no caso de invasão por parte dos Estados Unidos.

Além de fuzis, a FFM também ganhou treinamento para atuar como braço de inteligência do regime. Documentos internos da organização, em poder deste autor, revelam que os milhares de militantes monitoravam vizinhos, colegas de trabalho e quem quer que o regime demandasse. Nas eleições presidenciais de 2012 e 2013 e nas legislativas de 2015, os membros da organização montaram um serviço de monitoramento em tempo real da votação e da apuração. É possível constatar, a partir dos papéis da FFM, que a rede paralela dava à organização o poder de identificar aquelas seções onde havia menor adesão dos eleitores. De posse desses dados, os militantes deslocavam-se em motocicletas distribuídas em diversos pontos das cidades estratégicas e seguiam até a casa do eleitor que ainda não havia comparecido para pressioná-los a votar a favor do governo. Quase sempre, essa

pressão vinha acompanhada de intimidações que incluíam desde ameaça de perseguição no trabalho até agressões. Como na Venezuela o voto não é obrigatório, a abordagem transformou-se em peça fundamental de aliciamento de eleitores.

Para remunerar esses quadros, Chávez liberou milhões de dólares em bolsas das mais variadas ordens. Os arquivos da contabilidade da FFM permitem identificar a relação direta entre os benefícios sociais e o ativismo radical e muitas vezes armado.²²¹ Entre 2008 e 2013, autoridades do estado de Roraima – que faz fronteira com a Venezuela e possui o único ponto de contato rodoviário entre os dois países – relataram uma série de sequestros e extorsões de turistas brasileiros que atravessavam a fronteira de carro. Segundo os brasileiros, civis venezuelanos portando fuzis russos organizavam *checkpoints* na estrada, com o objetivo de achacar. Aqueles que não conseguiam pagar os valores requeridos tinham membros da família retidos até que conseguissem o dinheiro.

Durante os protestos de rua que resultaram na morte de 43 pessoas, em 2014, a FFM foi um dos principais agentes de mobilização violenta. Os chamados “*colectivos*”, que radicalizaram na repressão dos movimentos contra o governo, superando a brutalidade das forças oficiais, eram irrigados por dinheiro público, e seus ativistas eram membros das hordas coordenadas pela FFM. As batalhas campais registradas naquele ano na Venezuela chamaram a atenção para a capacidade de mobilização e de radicalização que os movimentos de base chavista são capazes de demonstrar.

Dentro da esfera oficial, o interlocutor e chefe da Frente Francisco de Miranda, na Venezuela, é Elías Jaua, que entre vários postos relevantes no governo destacou-se como vice-presidente e ministro para o Poder Popular para as Comunas e os Movimentos Sociais. Em 2014, dois dias antes da realização do segundo turno das eleições presidenciais no Brasil, Jaua desembarcou secretamente no Brasil. Seu plano era passar incólume pelo país,

mas um incidente jogou holofotes sobre sua presença, quase clandestina. Quando passava pelo aparelho de raio x do Aeroporto Internacional de São Paulo, em Guarulhos, a babá de seus filhos foi flagrada com um revólver na bagagem de mão. Jeanette del Carmen Anza foi presa em flagrante e com ela uma valise contendo uma série de documentos pertencentes a Jaua. À Polícia Federal ela disse que a arma pertencia ao chefe, e que, por descuido, não a tirou da pasta de documentos que Jaua havia solicitado que ela trouxesse para ele.

Sem informar o governo brasileiro de sua presença no país, Jaua manteve encontros com lideranças do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Poucos dias antes da descoberta da presença do venezuelano no Brasil, o líder do MST afirmou que seu movimento não aceitaria uma derrota da então candidata à reeleição Dilma Rousseff e que promoveria uma guerra se seu principal opositor fosse eleito.²²²

A presença de Jaua no Brasil num momento em que os movimentos sociais e até mesmo o governo não acreditava na reeleição de Dilma Rousseff chegou a ser interpretada como uma tentativa de insuflação à radicalização. A investigação sobre a passagem do venezuelano pelo Brasil e o conteúdo de sua bagagem passaram a ser tratados sob o manto do sigilo. A Justiça determinou que o material apreendido fosse trancado em um cofre sob a guarda da Polícia Federal.

O Itamaraty convocou o Encarregado de Negócios da Venezuela, Reinaldo Segovia, que interinamente respondia pela embaixada em Brasília, para reclamar da atitude do ministro Jaua. Por força do protocolo, visitantes de governos estrangeiros comunicam sua presença e compartilham pontos de sua

agenda, ainda que de forma genérica. Caracas ignorou a regra justamente num momento crítico no Brasil. O gesto causou tamanho desconforto que a diplomacia brasileira se viu obrigada a

se manifestar. Um momento excepcional sob os governos petistas, marcados pela mais absoluta tolerância a esses atropelos dos “países amigos”. Em nota enviada à imprensa o Ministério das Relações Exteriores brasileiro disse: “A agenda de trabalho não notificada do ministro venezuelano poderia ser interpretada como ingerência nos assuntos internos do Brasil, pois não condizia com as boas relações entre ambos os países”.

Mas a “indignação” brasileira foi pura figuração. Não houve nenhuma consequência ou sequer pedido formal de desculpas para o que, segundo um experimentado diplomata brasileiro, foi “uma clara violação da soberania, muito além do desrespeito às normas diplomáticas. Os venezuelanos não só omitiram, como também mentiram para o governo brasileiro, quando sustentaram até o limite que a razão da visita do ministro eram questões pessoais”.²²³

A exportação do chavismo, mas sobretudo a busca por apoio internacional, foi construída por meio do financiamento de organizações de esquerda localizadas em diversos países. Na segunda metade de 2001 – dois anos antes da criação em Havana da Frente Francisco de Miranda –, Chávez decidiu fortalecer as organizações de militância pró-regime. Para fomentar os primeiros grupos, o governo venezuelano chegou a injetar 140 milhões de dólares nessas organizações, que segundo o historiador Manuel Caballero, eram as bases de formação de exércitos paralelos.²²⁴ O sucesso da estratégia chavista foi medido pelas ações de violência empreendidas pelas milícias contra todo e qualquer protesto realizado contra o regime.

A invasão da Europa

Conforme o depoimento de ex-integrantes do regime chavista exilados nos Estados Unidos, na medida em que os preços do

barril de petróleo subiam, a megalomania do presidente Chávez – que já tinha características patológicas – atingia níveis jamais vistos. “Antes, nós tínhamos que ir ao Brasil, agora é o gigante que vem a nós.” Essa foi uma frase que o comandante repetiu inúmeras vezes como forma de estimular seus auxiliares. “Estamos entre os grandes. A Venezuela não é mais um país que pode ser ignorado”, completava o militar, que calculava cada gesto, palavra e decisão como forma de colocar seu país e a si como centro das atenções globais.

Chávez acreditava que sua influência nos vizinhos não era mais suficiente para o gigantismo que – acreditava ele – seu país havia alcançado. Mais do que isso, ele se via como um líder global e, por isso, passou a trabalhar para exportar sua revolução bolivariana para a Europa. O porto de desembarque de seu Socialismo do Século XXI foi a Espanha. A escolha não era trivial; mais que o idioma em comum e vários outros elementos culturais, além da existência de uma base chavista dentro dos movimentos de esquerda espanhóis, Chávez mirava um inimigo original: os conquistadores. Aqueles contra os quais Bolívar lutou para libertar a América e que, por sua vez, ele também deveria combater como parte de seu plano estratégico – mas, sobretudo, de fundo psicológico – de reencarnar o libertador.

Os desertores afirmam que Chávez criou um duto de petrodólares para irrigar as contas do embrião do que viria a ser um partido de esquerda alinhado com suas pretensões em solo espanhol. O governo da Venezuela firmou uma série de contratos de consultoria com o Centro de Estudos Políticos e Sociais (CEPS) como organização de auxílio consultivo para o seu governo. Comandado por ativistas que, em 2014, viriam a fundar o partido Podemos, o CEPS fincou os pés dentro de alguns dos principais ministérios na Venezuela. Como era de se esperar, portanto, os espanhóis passaram a despachar de dentro do Ministério da Presidência. Os documentos indicam que somente nessa pasta o CEPS recebeu 270 mil euros anuais, entre 2002 e 2014. Segundo

esses chavistas, o CEPS instalou no Palácio de Miraflores, a sede do governo venezuelano, um *staff* composto por um advogado e um economista, que coordenavam a relação entre a fundação espanhola e o chavismo.

Em 2014, o jornal espanhol *El País* apresentou as primeiras provas de que o CEPS era sustentado pelo chavismo.²²⁵ Documentos oficiais provavam que entre 2002 e 2012, Chávez foi o principal financiador da instituição. Nada menos que 3,7 milhões de euros foram injetados no CEPS. O jornal alerta que a legislação espanhola proíbe que partidos políticos sejam financiados por governos estrangeiros. Como tem a figura jurídica de uma organização não governamental, o CEPS – ainda que seja umbilicalmente ligado ao Podemos – é imune às restrições. Em alguns anos, o total de recursos originários da Venezuela superava em mais de 80% o total de receitas da organização. A descoberta da dependência financeira coincidiu com a ascensão do Podemos, que com menos de três meses de fundação brilhou nas eleições espanholas daquele ano, conquistando cinco cadeiras no Parlamento Europeu.²²⁶

O jornal *ABC* publicou, em abril de 2016, um conjunto de documentos que corroboram em todos os níveis os testemunhos apresentados pelos dissidentes chavistas exilados nos Estados Unidos. A publicação apresentou despachos assinados pelo ex-presidente Hugo Chávez e pelo ex-ministro das Finanças da Venezuela, Rafael Isea, no qual autorizavam a transferência de recursos públicos para o CEPS, sob o argumento de que os investimentos na Espanha tinham por objetivo a criação de um partido político com afinidades com o chavismo.²²⁷ Datados de maio de 2008, os papéis indicam um incremento nos repasses, que já vinham ocorrendo desde 2002.

Segundo um dos trechos do documento revelado pelo *ABC*, “adicionalmente, conforme o acordado no referido conselho de

ministro, o conseguinte apoio econômico que esta contratação significará para a Fundação CEPS permitirá estreitar os laços e compromissos com reconhecidos representantes das escolas de pensamento de esquerda, fundamentalmente anticapitalistas, que na Espanha podem criar consensos de forças políticas e movimentos sociais, propiciando nesse país mudanças políticas ainda mais afins ao governo bolivariano”.²²⁸ O acordo que legitimava as remessas de petrodólares para o CEPS foi colocado em prática com a contratação de uma série de novos assessores que passaram a despachar nos gabinetes, juntamente com as principais autoridades do chavismo. Esse novo ato elevou o repasse dos espanhóis para mais de 7 milhões de euros. A série de documentos entregue pelos exilados chavistas aos jornalistas do jornal *ABC* permite identificar que os dirigentes do CEPS solicitaram ao então presidente Chávez mais aportes financeiros na organização.

O CEPS trabalhou para Chávez até 2012, ano que o então presidente foi reeleito, mas se despediu do poder ao se retirar da cena política para tratar o câncer que o mataria em março de 2013. As atividades da ONG eram coordenadas – e, em sua maior parte, executadas – por Pablo Iglesias, que, apenas uma semana após o primeiro aniversário de morte de seu ídolo venezuelano, apresentou o pedido de registro do Podemos.

Um dos membros do CEPS que mais exerceu influência sobre o presidente Hugo Chávez foi o cientista político Jorge Verstrynge, que também viria a ser um dos fundadores do Podemos.²²⁹ Professor da Universidad Complutense de Madri – uma das mais antigas universidades do planeta –, Verstrynge construiu sua reputação como um dos críticos mais radicais da globalização. Antiamericano convicto, ele se firmou como uma das mais duras vozes da esquerda espanhola. Começou sua carreira na extrema direita e depois inverteu seus polos ideológicos, filiando-se ao Partido Socialista.²³⁰

Embora jamais tenha tido formação ou experiência militar, Verstrynge passou a se dedicar ao estudo e à publicação de trabalhos sobre os conceitos de guerra assimétrica e irregular²³¹ – conflitos que não ocorrem dentro de regras de Estados, mas são marcados pelo embate entre forças não oficiais com exércitos regulares. Verstrynge encontra no terrorismo islâmico sua principal fonte de inspiração. Seu fascínio pela militância islâmica tem suas raízes na amizade que ele nutre com o terrorista venezuelano Ilich Ramírez Sánchez, o Carlos Chacal. Segundo o jornalista espanhol que utiliza o pseudônimo Antonio Salas, que escreveu um livro a partir de sua experiência como infiltrado em células terroristas, Verstrynge e Chacal mantiveram ativa correspondência.²³² O intercâmbio de ideias permitiu a Verstrynge esboçar o que é certamente seu principal trabalho, o livro *La Guerra Periférica y el Islam Revolucionario: Orígenes, Reglas y Ética de la Guerra Asimétrica*, lançado em 2005.

Mostrando as ações do terrorismo jihadista sob a perspectiva do heroísmo do combatente que dá sua vida em nome de uma causa, Verstrynge sacraliza os atentados terroristas e os apresenta como ferramentas lícitas em um combate assimétrico. Ou seja, conflitos travados entre grupos insurgentes contra Estados. Para ele, o “mais fraco” tem o direito de empregar métodos não regulares para conseguir fazer frente ao poderio militar de exércitos formais. Na proposta teórica elaborada por ele, quando um agente paraestatal (ou até mesmo estatal) se depara com um inimigo mais forte, as regras de uma guerra convencional precisam ser abandonadas como única forma de equilíbrio.

Em 2005, Hugo Chávez se encantou com o livro e o transformou em literatura obrigatória entre os membros das Forças Armadas, determinando a impressão de 30 mil exemplares de bolso para que cada militar – dos recrutas aos generais – tivesse uma cópia. Nessa época, atuando como assessor do CEPS junto aos chavistas,

Verstrynge elevou sua organização ao mais alto nível de influência dentro de um governo estrangeiro.²³³

Verstrynge passou a compartilhar com Chávez conceitos do islã radical e sua forma particular de ver a religião fundada por Mohammad no ano 610 da Era Cristã como uma ferramenta anticapitalista e, sobretudo, antiamericana. Os conceitos que Verstrynge passou a aplicar para relacionar as revoluções iraniana e bolivariana foram incorporados pelo presidente venezuelano. Os mesmos conceitos que passaram a fazer parte da formação dos militares de seu país foram exportados por Chávez para os países sob sua influência, como Bolívia, Nicarágua e Equador. As informações vazadas por militares dissidentes dos governos desses países revelaram que a “escola militar venezuelana” pregava o modelo do radicalismo islâmico, fortemente dependente de atentados terroristas.²³⁴

Essa teoria, totalmente inspirada no pensamento de Chacal e Verstrynge, defende que a única forma de atacar países militarmente insuperáveis, como os Estados Unidos, é por meio de ações assimétricas. E o terrorismo – seja na sua forma mais convencional, seja por meio de ataques cibernéticos –, a estratégia mais eficiente. Verstrynge chega a citar os atentados de 11 de setembro de 2001 como modelo.²³⁵ Em uma entrevista concedida ao programa *Dossier*, da emissora estatal venezuelana VTV, o cientista político não se furtou a elogiar o saudita Osama bin Laden, que para ele havia criado um novo tipo de guerra, sem território delimitado ou nações inimigas específicas: mais que os Estados Unidos, a al-Qaeda estava minando todas as grandes potências ocidentais.

Depois de sua criação, em 2014, os líderes do Podemos tentaram se desvincular de suas origens chavistas. Prioritariamente como forma de atrair os eleitores moderados, mas, sobretudo, um esforço para exorcizar o partido do fantasma da derrocada

venezuelana sob o governo de Nicolás Maduro. Apesar da estratégia dos espanhóis de tentar se desvencilhar do ventre chavista, documentos revelados pelo jornal madrilenso *ABC* sepultaram essas intenções. Além dos repasses financeiros, já descritos, a reportagem apresentou a base documental da relação entre ambos. A justificativa oficial de Caracas para o suporte financeiro do Podemos era o fato de que eles “coincidem e se complementam”.²³⁶

Em abril de 2015, o coronel boliviano Germán Cardona deu uma entrevista em que apontou as conexões do governo de Evo Morales com o narcotráfico e o modo como são realizadas as perseguições políticas de seus opositores.²³⁷ Antes da publicação do trabalho, realizado pelo jornalista Guider Arancibia Guillén, o militar fugiu para a Espanha, onde tentou obter asilo político. De Madri, onde estava escondido, Cardona passou a disparar uma série de denúncias. Além de garantir que o presidente Evo Morales assistia pessoalmente o embarque de cargueiros militares venezuelanos que decolavam abarrotados de cocaína para abastecer o Cartel dos Sóis, comandado por militares venezuelanos, Cardona implodiu, ainda, a relação entre Chávez e o embrião do que viria a ser o Podemos. Segundo ele, a razão pela qual o presidente venezuelano patrocinou o partido espanhol era mais que ideológica. Chávez vislumbrava ter na Europa um governo que lhe abrisse as portas para inundar o continente com cocaína.²³⁸

Mas três meses depois, Cardona estranhamente se declarou psicologicamente incapaz e retornou à Bolívia para se retratar e ser preso pelas autoridades de seu país. O fato aterrador é que apenas um dia antes de tomar a decisão que o reduziu à condição de louco, Cardona havia recebido uma notícia horripilante: a mãe do jornalista Guider Arancibia, que publicara as primeiras revelações do militar, havia sido assassinada. A mulher de 80 anos foi estuprada antes de ser estrangulada por seus algozes.²³⁹ Na

Bolívia de Evo Morales, o caso foi tratado como crime comum e arquivado. Ou seja, uma mera coincidência.

A ponte-aérea da cocaína

Em 2016, uma tragédia levou à descoberta de novos elos que reforçaram a relação criminosa entre os governantes bolivianos e venezuelanos. Às 23h15 do dia 28 de novembro, o jato de fabricação britânica Avro RJ85 pertencente à companhia boliviana LaMia caiu a cerca de 14 quilômetros de aeroporto de Medellín. A aeronave, que transportava a equipe de futebol da Chapecoense, não conseguiu chegar ao destino final devido a uma pane seca. O avião havia decolado de Santa Cruz de la Sierra com a capacidade máxima de combustível, que lhe permitia chegar ao destino final, mas sem uma margem de segurança, como mandam as normas internacionais de segurança de voo. Acredita-se que, para fazer economia ou para minimizar o atraso da viagem (o voo havia partido duas horas depois do horário previsto), o piloto Miguel Quiroga Murakami decidiu não fazer uma parada técnica.

A estratégia irresponsável de Quiroga, que também era administrador da empresa, resultou na morte de 71 pessoas. Devido às condições bizarras que levaram à queda do avião e ao fato de um time de futebol ter sido praticamente dizimado, às vésperas de disputar uma final latino-americanana, houve uma comoção mundial.

O governo de Evo Morales iniciou um processo de caça às bruxas como forma de se isentar da responsabilidade de ter aprovado um plano de voo inadequado e ter liberado a decolagem de uma aeronave que não atendia as normas de segurança e os quesitos mínimos exigidos para aquela operação. As autoridades aeronáuticas bolivianas imediatamente indicaram que a responsabilidade seria atribuída a Celia Castedo Monasterio, a

funcionária da Administração de Aeroportos e Serviços Auxiliares a Navegação Aérea (Aasana), que processou o plano de voo. Prevendo que seria usada para acobertar as falhas do sistema aéreo de seu país, Celia Castedo fugiu para o Brasil, onde apresentou uma solicitação de refúgio. Em uma carta pública,²⁴⁰ disse que seus chefes na Aasana a pressionaram para que ela mudasse seus informes de forma a omitir a responsabilidade do órgão estatal. A atitude do governo de Evo Morales para com a funcionária serviu de exemplo para os demais envolvidos.

O sócio da LaMia, Marco Antonio Rocha, que estava na Europa no dia em que o avião caiu, percebeu que o governo de seu país não o pouparia. Depois de acompanhar as operações de resgate na Colômbia, Rocha tomou a decisão de se exilar. Escondeu-se no Paraguai por algumas semanas e de lá partiu para os Estados Unidos, onde pediu refúgio.

Ele estava convencido de que o governo boliviano usaria o acidente como pretexto para fazer uma “queima de arquivo”. Ex-maior da Força Aérea Boliviana, Rocha acreditava que os conhecimentos das operações de narcotráfico realizadas com amparo oficial dos governos de seu país, da Venezuela e de Cuba eram seu “seguro de vida”. Mas com a queda do avião, ele soube que as informações que detinha não mais serviam para sua proteção, mas poderiam representar sua sentença de morte, ou, no mínimo, prisão.

Uma semana antes do Natal de 2016, Rocha desembarcou em Miami. Poucos dias depois, ele conseguiu que um familiar retirasse da Bolívia as provas que dariam suporte à denúncia que apresentou aos procuradores federais americanos. Munido de uma série de planos de voo e outros papéis oficiais, ele revelou que, pelo menos dez vezes, foi escalado para pilotar aviões como o BAE (idêntico ao Avro que caiu em Medellín) ou o Boeing 727-200

entre a Bolívia e a Venezuela. E por três vezes viajou até Cuba, com escala na Venezuela.

Os aviões empregados nas operações, embora fossem destinados ao transporte de passageiros e cargas, não tinham passagens disponíveis ao público. Os assentos eram destinados apenas aos funcionários bolivianos, venezuelanos e iranianos, que transportavam o que bem entendiam em suas bagagens, que não passavam por nenhum tipo de inspeção. Além do total descontrole do conteúdo das malas pessoais, não havia qualquer tipo de registro da lista de passageiros. Rocha afirmou que jamais lhe foi entregue ou apresentada às autoridades aeroportuárias de seu país ou dos países de destino a relação de quem havia embarcado na aeronave.²⁴¹

O militar revelou à DEA que o principal motivo dos voos, entretanto, era o transporte de malas diplomáticas com destino a Caracas e Havana. Ele estima que em cada uma das viagens realizadas para esses países foram despachados mais de 500 quilos de carga pelas embaixadas dos dois países em La Paz. “O carregamento sempre chegava poucos minutos antes de o voo decolar. Militares cubanos e venezuelanos estacionavam um caminhão ao lado do avião e eles mesmos realizavam o embarque da carga. A nós, bolivianos, não era permitido sequer acompanhar a operação”, disse Rocha.²⁴²

O delator explicou que os voos, assim como partiam de bases militares bolivianas, também aterrissavam apenas em instalações militares nos países de destino. Pelo maior tempo em que trabalhou fazendo o transporte, as “malas diplomáticas” foram entregues na base militar El Libertador, localizada a 120 quilômetros de Caracas. Toda a coordenação de desembarque era comandada por tropas chavistas. “Os militares venezuelanos descarregavam o material em caminhões militares e o transportavam para um local que desconheço. Enquanto os subalternos faziam o trabalho pesado, um oficial coordenava o

abastecimento do voo e entregava a cada um de nós 600 dólares, a título de diária”. Rocha disse que além dos pagamentos individuais, os venezuelanos ainda entregavam um maço de 30 mil dólares, que deveria ser entregue aos seus superiores, para cobrir as despesas do voo.

- Confesso que por um momento foi bem conveniente fazer esse serviço. Imagine para um militar que ganha menos de 1.000 dólares de salário receber o que recebíamos por apenas algumas horas de voo?, disse Rocha.

O piloto boliviano disse que, além dele, vários outros militares também comandaram aeronaves em operações idênticas. Ele afirmou que o ex-capitão Miguel Murakami, o comandante que morreu no acidente da Chapecoense, também foi designado pelo governo boliviano na misteriosa rota. Dados oficiais da Força Aérea Brasileira indicam que entre 2009 e 2014 a Bolívia usou por 463 vezes o espaço aéreo brasileiro para o trânsito de aeronaves militares. Deste total, os aviões oficiais bolivianos voaram 91 vezes para Venezuela e Cuba.²⁴³ Em dezembro de 2016, o ex-senador boliviano Roger Pinto Molina confirmou a história de Rocha.²⁴⁴ Segundo o político, que estava asilado no Brasil desde 2013, Murakami – que viria a ser seu genro – foi a pessoa que lhe havia revelado as relações do governo boliviano com o tráfico de cocaína.

- O Miki (como Roger Pinto se referia ao genro)... muitas das coisas que eu sabia do governo, eu sabia por meio do dele. Em algum momento, ele me chamou e disse: "Sogro, algo está se passando. Já ocorreram mais de trinta voos destinados à Bolívia com uma suposta carga diplomática". Ninguém podia revisar a carga, e ele suspeitava. Por um momento, ele conseguiu averiguar a carga. Ele constatou que era cocaína. Eram pacotes de cocaína que chegavam entre 500 quilos e 800 quilos. E quando voltavam, algumas vezes

traziam armas e munições. Creio que essas armas não foram para as Forças Armadas, mas para o tráfico.^{[245](#)}

Membro da oposição boliviana, Roger Pinto Molina virou *persona non grata* para Evo Morales no momento em que ele o procurou para revelar que sabia das operações de tráfico de cocaína em aviões militares. Pessoas próximas ao ex-senador, que morreu em um acidente aéreo em agosto de 2017, dizem que ele pretendia usar as informações sobre o envolvimento de Morales com o tráfico de drogas para pressioná-lo politicamente. Deu errado: Evo Morales usou o aparato estatal contra o opositor, que virou alvo de um processo por corrupção. Para não ir parar atrás das grades, em 28 de maio de 2012, o então senador Pinto Molina se refugiou na embaixada do Brasil em La Paz. Esperava sair livre no dia seguinte, mas acabou morando em uma das dependências da embaixada por 453 dias, até ser retirado numa operação secreta que o levou para o Brasil.^{[246](#)}

O piloto Marco Rocha relata que antes de a Força Aérea da Bolívia ser empregada nos voos de narcotráfico, os próprios venezuelanos se encarregavam da rota de drogas. Nos quatro primeiros anos do governo Morales, os aviões da Força Aérea Venezuelana voaram pelos céus de seu país sem qualquer tipo de restrição, controle ou ingerência das Forças Armadas bolivianas. A total alienação do comando aéreo havia se convertido em um problema dentro da caserna, que via a situação como abuso e ameaça. Porém nenhum oficial foi capaz de contestá-la.

O que mudou o padrão da operação de tráfico foi um incidente registrado em 2007. Um avião C-130 da Força Aérea Venezuelana foi pilhado no momento em que se preparava para descarregar na cidade de Riberalta, localizada em uma área de floresta amazônica, próxima à fronteira com o Brasil. Uma horda de manifestantes contrários ao governo e à crescente ingerência

venezuelana no país cercou a aeronave e passou a atacá-la com paus, pedras e até tiros. Temendo as consequências do ataque de massa, o piloto venezuelano fechou as portas da aeronave e decolou o mais rápido que pôde. Devido à pressa, o C-130 levantou voo sem que os paletes voltassem a ser fixados, e o movimento da carga causou danos no aparelho, que foi obrigado a fazer um pouso de emergência no Brasil.²⁴⁷ O caso ganhou contornos de escândalo. Como gesto de mais pura camaradagem, o governo brasileiro não inspecionou o conteúdo da aeronave, mas o susto foi suficiente para Evo Morales e Hugo Chávez repensarem a realização dos voos.

Por uma casualidade, no dia em que Evo Morales e o adido militar venezuelano se reuniram para tratar de uma alternativa para acobertar os voos da cocaína, Rocha estava presente na sala de reunião, designado para fazer a segurança dos presentes, já que a conversa se deu na base aérea, próxima a La Paz. Morales e o venezuelano decidiram redesenhar a operação, e, no lugar de aeronaves com prefixo venezuelano, apenas aparelhos da Força Aérea da Bolívia cobririam o percurso, que se chamaria *Ruta del Alba*, em referência ao bloco de inspiração chavista, fundado em 2004, chamado Alianza Bolivariana para los Pueblos de Nuestra América.

Naquela reunião, na qual se batizou a rota e se determinou seu início imediato, ficou acordado que os custos seriam integralmente cobertos por Caracas. Evo Morales designou seu ministro Juan Ramon Quintana como coordenador da operação. Rocha afirma, entretanto, que jamais ouviu Morales ou outro membro do gabinete falando explicitamente sobre remessas ilegais ou drogas, mas que percebeu, pelo grau de envolvimento de Morales no voo, que se tratava de algo estratégico tanto para a Bolívia quanto para a Venezuela.

- Formalmente, os voos eram feitos pela Força Aérea Boliviana, afinal nós pilotos éramos efetivamente pilotos

militares, e nossas aeronaves eram propriedade do Estado Boliviano, mas todos os custos operacionais e até mesmo o planejamento dos voos estavam fora de nosso controle. O presidente Evo Morales dava sua ordem autorizando o voo, mas quem dizia as diretrizes eram os venezuelanos.

Para sustentar sua versão, Rocha detalhou aos agentes da DEA como o coronel Costanzo se comportava como superior de todos os militares bolivianos envolvidos nos preparativos dos voos. Ele afirma que o venezuelano era quem determinava, inclusive, as datas e as rotas dos voos. Uma das instruções mais insólitas emitidas pelo venezuelano era a de evitar a todo custo o espaço aéreo colombiano. Para isso, Rocha e os demais pilotos eram obrigados a saltar de uma aerovia para outra quando estavam sobre o espaço aéreo do Brasil. Sempre que estavam na região de São Gabriel da Cachoeira, no extremo norte brasileiro, os pilotos comunicavam a mudança ao controle aéreo. Ao se deslocarem para a aerovia da direita, evitavam sobrevoos no país governado por um presidente hostil aos interesses de Caracas.

Nas viagens de volta, revela o piloto, os aviões bolivianos vinham recheados de material antimotim, como bombas de gás lacrimogênio, bombas de som, cassetetes, escudos e balas de borracha. Também havia cunhetes lacrados, que Rocha, militar experiente, sabia se tratar de munições ou armas, cuja destinação, contudo, ele alega não saber.

O ex-militar revelou que quando teve a coragem de conversar com um oficial sobre seu receio de estar realizando algo ilegal foi repreendido.

- Não quer levar? Eu mesmo posso pilotar o avião e você assume as consequências de sua insubordinação – teria lhe dito um coronel. [248](#)

Todo o sigilo que cercava a operação levou Rocha a suspeitar que ele estivesse sendo usado para acobertar crimes. No fim de 2010, ele conseguiu a brecha necessária para averiguar o que era transportado nas caixas diplomáticas. Em La Paz, Rocha havia recebido a orientação de levar um carregamento de livros, que estavam sendo enviados pelo embaixador cubano, Rafael Dausá Céspedes, para Havana. O peso e o volume do material sugeriam que Dausá estava transferindo uma biblioteca inteira para seu país. Quando fez sua primeira escala na base El Libertador, a mais de 100 quilômetros de Caracas, Rocha viu que os venezuelanos estavam descarregando a mala diplomática que ele deveria levar até Cuba.

- Avisei que havia um equívoco, que aquelas caixas não poderiam ser retiradas do porão de cargas. Mas os oficiais venezuelanos não só me ignoraram como me repreenderam como uma ferocidade que nem meus superiores seriam capazes de usar contra mim.

Sem saída, foi obrigado a se calar.

Como resultado da humilhação e da revolta, Rocha resolveu desobedecer às orientações de seus comandantes e seu instinto de autopreservação. Depois de entregar o plano de voo na torre de controle da base militar, ele viu que as caixas de livros estavam abandonadas no hangar. Sem ninguém que as vigiasse e acreditando que não seria pilhado em sua transgressão, ele rompeu o lacre de um dos compartimentos e viu a carga pela primeira vez. No lugar de livros havia tabletes de cocaína. O militar afirma ter ficado sem ar. Com uma forte pressão no peito, sentou-se na cabine de comando e precisou recuperar as forças antes de decolar em direção a Cuba.

- Sempre suspeitei que havia algo errado. E sempre pensei que pudesse estar transportando droga. Mas para mim era impossível que o alto comando da Força Aérea do meu país e

até mesmo o presidente Evo Morales pudessem estar envolvidos em uma trama tão surreal. Quando vi a cocaína todos os elos de uma cadeia de suspeitas que eu tinha desde o início se conectaram, e eu percebi o tamanho do problema no qual meus superiores haviam me metido.

De volta à Bolívia, Rocha decidiu delatar o uso da Força Aérea de seu país para o tráfico de drogas. Ele foi ao gabinete do general Gérman Valenzuela, segundo no comando da Aeronáutica boliviana e comandante do Estado Maior da corporação. Rocha afirma ter contado em detalhes o que viu, bem como todo o histórico dos voos da cocaína. Ele escolheu falar com Valenzuela por saber que o comandante não fazia parte do conchavo do qual participava um grupo de generais que se revezavam no comando da Força. Rocha afirma que o militar ouviu calado e, ao fim, prometeu uma solução.

Passaram-se meses e nenhuma providência havia sido tomada. Na sexta- feira dia 4 de março de 2011, general Valenzuela surpreendeu Rocha. Os militares estavam reunidos para uma celebração prévia de Carnaval. Conhecida como *Challa*, a festividade tradicional, que é realizada na terça- feira de Carnaval, fora antecipada na base aérea próxima a La Paz.

- O general me pegou pelo braço e disse: "Venha comigo". E incapaz de imaginar o que ele queria de mim, o segui.

O general Valenzuela aproximou-se do presidente Evo Morales, que comparece todos os anos ao evento na instalação militar, e disse:

- Senhor presidente, o senhor não pode mais continuar usando a Força Aérea da Bolívia para suas sujeiras.

Rocha relembra que chegou a sentir um frio de congelar a espinha; ele jamais imaginara que seria testemunha de uma cena como aquela. Ele recorda que o presidente Morales se fez de

desentendido e perguntou o que estava se passando. Diante da desfaçatez do interlocutor, o general Valenzuela não fez mais rodeios:

- O senhor precisa parar de transportar cocaína em nossos aviões.

Morales enrijeceu a face e repreendeu o militar.

- Este não é o momento e nem o local para tratar disso. Conversaremos em outro dia.

E como em um passe de mágica, a expressão de Morales derreteu, e um sorriso tomou conta de seu rosto. Em um contragolpe instantâneo, ele pegou a mão do militar que acabava de imputar-lhe o comando do tráfico de drogas e fez um anúncio.

- Todos, atenção! Aqui está o general Valenzuela. O próximo comandante da Força Aérea Boliviana!

Não mais surpresa que o próprio Valenzuela, a plateia inundou o ambiente com palmas sonoras, e, em seguida, teve início o ritual de comemorações. Rocha se afastou enquanto via o general ser prestigiado, incapaz de expressar qualquer tipo de satisfação.

- Naquela hora eu vi como a inteligência do Evo era privilegiada. Além disso, percebi que eu poderia ter morrido naquele momento. Se o Valenzuela me entregasse para o governo, eu estaria trucidado.

Enquanto todos se embriagavam e bajulavam o presidente, Rocha ficou perturbado. Ele havia testemunhado um gesto de destemor por parte do general ao qual havia confiado sua vida, mas, ao mesmo tempo descobriu que a capacidade de reação e neutralização de ameaças por parte de Evo Morales era instantânea. Nauseado pela tensão, o militar não conseguiu

acompanhar a bebedeira. Isolou-se no canto e pôs-se a refletir sobre qual seria o seu fim.

Por volta das 22 horas daquele mesmo dia, Rocha recebeu uma ligação de colegas militares com uma notícia funesta. O general Valenzuela tinha sido encontrado morto em sua casa. A informação preliminar era de que o oficial havia morrido engasgado.

Por decisão do general Tito Gandarillas, então comandante da Força Aérea, o corpo de Valenzuela não passou por uma autópsia. E pouco menos de três horas depois já estava sendo velado. Todos os militares que foram até o Museu de História Militar em La Paz para prestar homenagem ao militar ficaram chocados com o infortúnio.

Enquanto os familiares e amigos rendiam homenagens diante do corpo exposto, Rocha comentava com os presentes sobre a tragédia. Queria colher depoimentos, entender como a sua desgraça pessoal havia se agravado ainda mais com aquela morte.

Um relato, porém, foi definitivo para que ele suspeitasse de que a morte de Valenzuela poderia não ter ocorrido como relatado. Inconsolável, a viúva Eglin Nuñez dizia-se arrependida de ter vilipendiado o marido na frente dos subalternos, que o trouxeram para casa desacordado. Aos prantos se contristava por não ter acolhido o parceiro quando ele foi deixado em casa.

Eglin narrou que estava assistindo a um episódio da novela quando duas pessoas bateram à porta carregando o marido. Eram o motorista de Valenzuela e um homem que se apresentou como assessor do vice-presidente Álvaro García Linera. A dupla pediu licença para levar até o quarto o militar desacordado, que, segundo eles, havia bebido ao ponto de cair, e que coubera a eles a missão de levá-lo para casa. Enquanto entravam, Eglin não interrompeu o que fazia, e ainda praguejou: "Não tolero bêbados".

Somente depois de terminado o episódio do folhetim brasileiro, traduzido para o espanhol, ela foi até o quarto para acordar o marido. Quando o tocou, sentiu a temperatura cadavérica, e passou a chacoalhar Valenzuela, sem obter reação. A viúva dizia acreditar que, se tivesse acompanhado o marido até o quarto e cuidado dele, poderia ter salvado sua vida. Ao redor, as amigas tentavam consolá-la.

Ao escutar o relato, Rocha logo formatou um cenário sinistro. Valenzuela havia sido assassinado, e seu cadáver, entregue em sua casa para simular uma morte acidental.

- Para mim, ele foi morto como queima de arquivo. Sua execução se deu por causa de sua indignação perante o presidente.

Ainda durante o velório, o general Gandarillas determinou que se preparasse o crematório e que um helicóptero militar fosse disponibilizado para espalhar as cinzas do oficial pelo Vale de Cochabamba, como era a vontade de Valenzuela. À revelia da família, o corpo foi convertido em pó e, antes do almoço daquele sábado de Carnaval, desapareceu pelo ar.

Em janeiro de 2017, Rocha começou as negociações para se transformar em testemunha protegida da DEA em uma série de investigações que a agência conduz e em inquéritos já abertos por procuradores federais. Em uma reunião preliminar em Miami, o boliviano reafirmou aos agentes antidrogas o que já havia revelado em entrevista ainda em solo paraguaio: que Morales não só tinha ciência dos voos de cocaína como era quem dava a ordem executiva para eles.

Na segunda semana de fevereiro, Rocha foi convocado para uma nova rodada de conversas com os investigadores, desta vez em Washington. O ex- militar ratificou o depoimento anterior e apresentou uma série de novos elementos capazes de

comprometer ainda mais os governos de Morales, Chávez, Maduro e dos irmãos Castro com o tráfico de cocaína para os Estados Unidos. [249](#)



Divulgação/Governo da Venezuela

Evento da Frente Francisco de Miranda, em abril de 2013. A FFM é um grupo de apoio ao chavismo conhecido por ter entre a maioria de seus membros pessoas com treinamento militar em Cuba. São os mais radicais ativistas do regime.



Paul Keller

Cena de uma rua de Beirute, no Líbano. A fotografia do presidente venezuelano é exposta ao lado do líder do Hezbollah, Hassan Nasrallah. Chávez foi importante patrocinador da organização terrorista.



Militantes da Frente Popular para a Libertação da Palestina em passeata realizada em Gaza, em setembro de 2014. Os membros da organização terrorista agradeceram o apoio por Hassan Nasrallah (Hezbollah), Cristina Kirchner (então presidente da Argentina) e Hugo Chávez (morto no ano anterior). O grupo comandado por Nasrallah foi responsável pelo atentado contra a Amia vinte anos antes.



Divulgação/Casa Rosalia

Os presidentes Cristina Kirchner, Pepe Mujica e Evo Morales velando o corpo de Hugo Chávez, em Caracas. Com a morte do líder, Nicolás Maduro (ao fundo) é eleito presidente e aprofunda a crise do país.



Divulgação/Casa Rosalia

Assinatura do memorando de entendimento entre os chanceleres do Irã e da Argentina – Ali Akbar Salehi e Héctor Timerman – na cidade de Addis Ababa, capital da Etiópia, em janeiro de 2013. Documento que foi negociado para enterrar as investigações do atentado contra a Amia.

Celebração da entrada da Venezuela no Mercosul, em julho de 2012. O então presidente do Uruguai, Jose Mujica, era contra a expulsão do Paraguai – país contrário à adesão dos venezuelanos no bloco. Dilma Rousseff usou informações de espões cubanos e venezuelanos para convencer o colega.



Wilson Dias/ABr



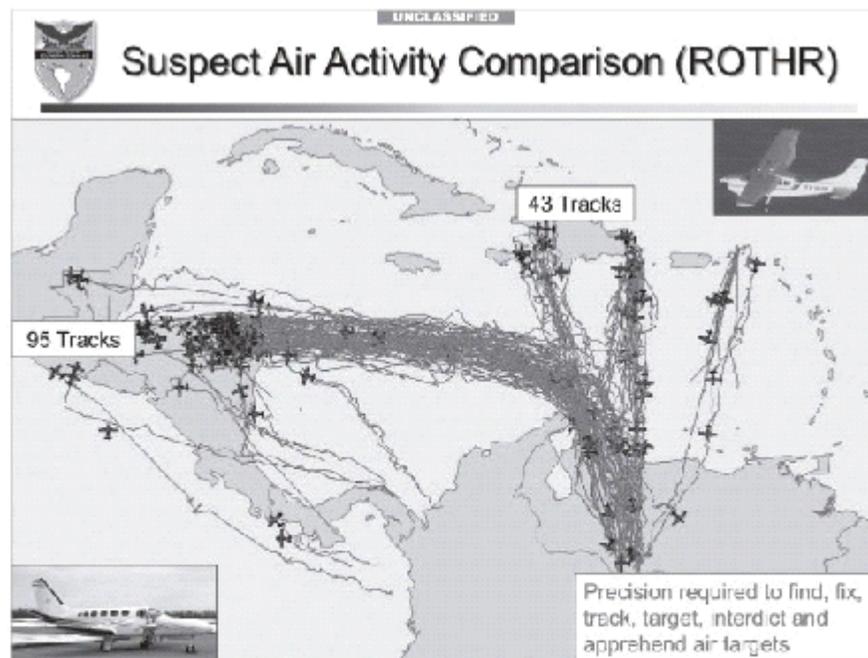
Antonio Cruz/ABr

Primeira aparição de Hugo Chávez apoiado em uma muleta, em junho de 2011. Seis dias depois ele viria a ser submetido a uma cirurgia de urgência em Cuba para a retirada de um tumor na região pélvica. Nesse mesmo dia, a presidente brasileira Dilma Rousseff revelou a Chávez a estratégia de ajudar a Venezuela a ingressar no Mercosul.



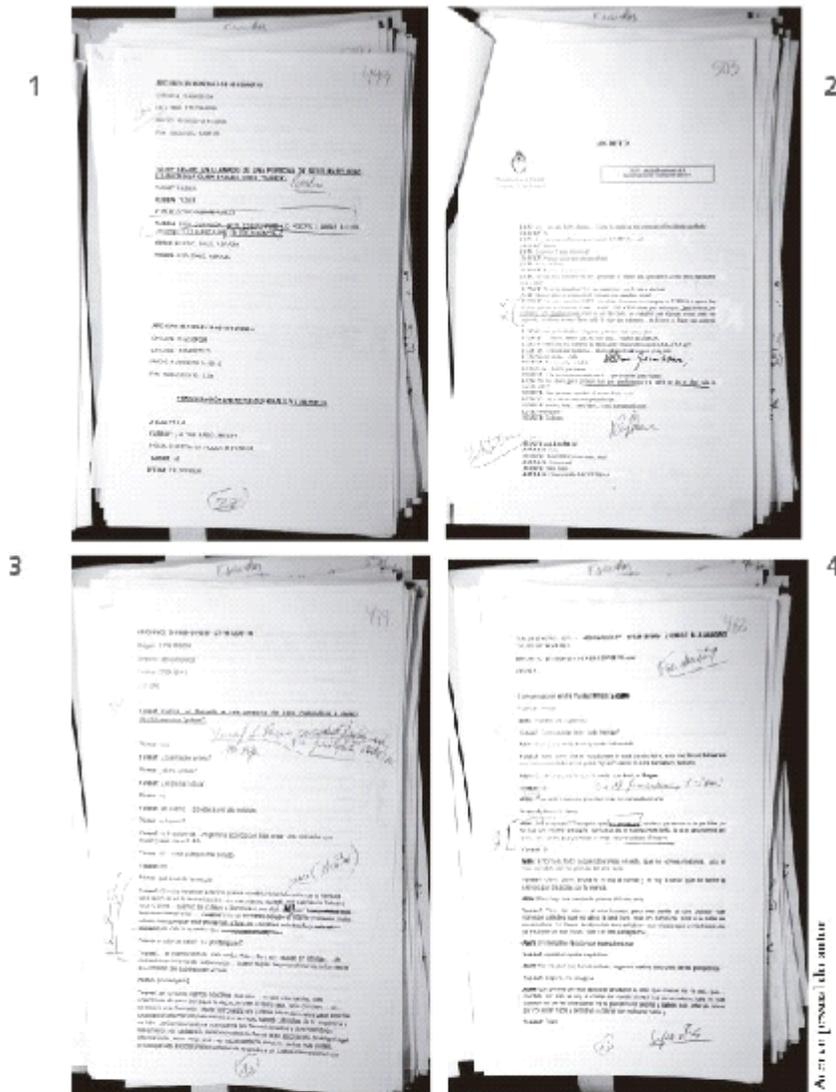
FF1

Agentes do FBI registraram o encontro do empresário Guido Antonini com o militar venezuelano Antonio Canchica, na Flórida. A operação foi monitorada pelos agentes americanos, que descobriram uma conspiração em Caracas para encobrir a origem de uma mala de dólares que seria entregue ao comitê eleitoral de Cristina Kirchner.

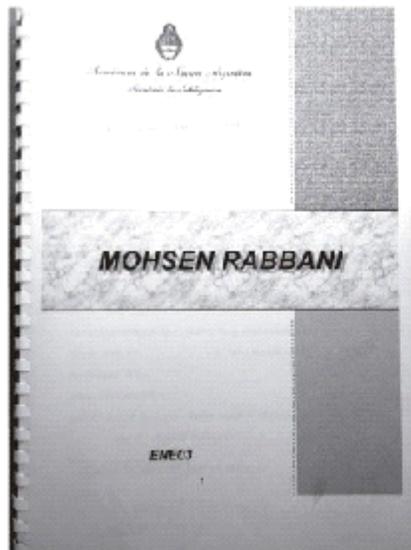


United States Southern Command

Mapa de atividade aérea suspeita de 2010, apresentada pelo US Southern Command em 2011. A rota básica dos aviões liga uma zona remota na fronteira da Venezuela com a Colômbia aos países da América Central. Indicativo do transporte aéreo da cocaína produzida pelas Farc para abastecer os cartéis mexicanos.



- (1) Transcrição de uma das mais de +2 mil conversas gravadas no âmbito da investigação do atentado contra a Amia. Nela, membros da célula do Hezbollah e do Irã conversam sobre o memorando firmado por Cristina Kirchner que colocaria fim a acusações contra os agentes iranianos. (2) Célula do Hezbollah na Argentina comemora a assinatura do acordo bilateral. (3) O sindicalista Luis D'Elia foi gravado fazendo lobby em favor dos interesses do Irã na Argentina em uma chamada com a participação de um funcionário (não identificado) do gabinete de Cristina Kirchner. (4) Em conversa gravada em maio de 2013, o iraniano Molsen Rabbani recebe uma ligação de um de seus prepostos na Argentina. O membro da rede do Hezbollah em Buenos Aires faz um relatório das negociações paralelas com o governo argentino e se queixa sobre atrasos em repasses de recursos oriundos do Irã para cobrir as operações da célula na Argentina. Todas as anotações nos documentos foram realizadas pelo procurador Alberto Nisman, assassinado em janeiro de 2015.



Acervo pessoal do autor

Capa de alguns dos informes secretos produzidos pela extinta SIDE, que serviram de base para as investigações de Nisman.

Termo em que a Petrobras registrou o ultimato para o pagamento da parte para a construção da Refinaria Abreu e Lima, em Pernambuco. Nem mesmo 1 dos 20 bilhões de dólares gastos na obra foi desembolsado pelos venezuelanos.



Acervo pessoal do autor

FORUDEDNOCZDOPYSL

VENEZUELA UPDATE

January 2, 2013

PRIVILEGED AND CONFIDENTIAL

According to sources knowledgeable about the status of Hugo Chavez's health, recent reports indicating that the president had been placed on life support on his last day are false. As of early January 2013, Chavez remained in a severe but stable condition despite having suffered pneumonia following his recent surgery. Doctors believe Chavez may have contracted an amoeba as a result of breathing into his trachea a month ago during his surgery.

Although Chavez's foreign medical team was able to suppress the pneumonia using powerful antibiotics, the president's recovery has been slower and more difficult than originally expected. Chavez continues to suffer from abnormal inflammation, which may require additional surgery. He is especially weak but remains fully conscious and has never been placed in a medically-induced coma.

Chavez's most life-threatening complication now is the continued and steady growth of malignant cells in his liver metastasis. Although medical advances of the future could allow him to continue to have remote transfusion, the president would not be able to withstand a transfusion in his current condition. Notably, many of the specialists treating Chavez now believe that he no longer may survive any very long as an inpatient at any time and his cancer is virtually untreatable. They also consider it unlikely that Chavez will ever return to normal life, including participation in his country's political system.

Meanwhile, Chavez's Cuban government sponsors are actively working behind the scenes to make possible "Palaburas" for the Chavez movement in Venezuela as a means of ending any potential succession crisis. The Cubans want **Ulises Maestre** to become the successor and to be a conciliator among the various factions and personalities. In effect, he would become the group's chairman but would have to govern by consensus.

Julio Hugo Juan **Diosdado Cabello** would be the head of the National Assembly and a vital additional power and influence. However, because Cabello would become acting president in the event of Chavez's death or incapacitation prior to the inauguration, the Cubans are undertaking initial efforts to disassociate Cabello from being identified as Chavez's successor.

Not only the Cuban spends a sizeable effort to handle key members of the Chavez circle outside the formal center who have won electoral battles of their own and are now in the position to win the Socialist parties in Venezuela as well as to avoid the regular power shifts. They are focusing on the following, whom they respect into the three most significant government leaders: **Orlando Michel**, new Governor of Anzoategui; **Tarock O'Alvarez**, Governor of Trujillo; **Henry de la Cruz**, who is also the current commander in the military; and **Antonio Chavez**, governor of Bolivar. Currently, a plan is in the works which would require Maestre to accept a deputy position at power within the party to allow these governors to control key

2

percentage areas. However, the question of the degree to which a consensus of key players would be required is open to see and the situation has not been resolved.

3

Relatórios produzidos com base nas informações fornecidas pela equipe médica internacional que tratou do presidente Hugo Chávez. Além de detalhes sobre sua saúde, a equipe enviava informações sobre o clima político, produzidas para o governo Russo. A versão em inglês foi traficada para fora do Kremlin por espões que colaboravam com os serviços de inteligência ocidentais.

Acervo pessoal do autor

13 ENE 2010	0110A21308687	USP17625AA59	USD 275,292.00	Venta a GUSTINE TRADING INC. en concepto de Títulos Valores TICC 2015
Total Monto Operado:			1.141.030,00 USD	

Testaferros: metodologías y movimientos detectados

28. Conforme se analiza la metodología empleada por esta organización se han apreciado otras maniobras tales como el ingreso de ciudadanos extranjeros; particularmente de origen sirios, libaneses y jordanos, en gran parte familiares oriundos de los pueblos de la provincia de **As-Suwayda de donde los El Aissami son originarios**, a quienes se los cedula en Venezuela tanto en calidad de "transeúnte" como de "residente" o bien se los nacionaliza **-todo ello según el caso, grado de compromiso y la tarea que cumplan dentro de la organización, y el tipo o nivel de documentación que éstos requieran como por ejemplo ya sea la necesaria para aperturar una cuenta bancaria en Panamá, Aruba, Curacao, etc. o para presentar documentación ante algún organismo del estado o institución privada**, y luego de asentarlos temporalmente (algunos poseen documentación venezolana con discrepancias en los nombres respecto de la identidad original) se los comisiona para registrar empresas, aperturar cuentas bancarias y transformarse mediante los abogados y notarios de la organización en virtuales empresarios, testaferros de los intereses de la familia El Aissami. evitando por medio de éste juego de poderes generales de otros documentos poderes, ser vinculados a la organización familiar.



Ejemplo de las cedulaciones alteradas. // Ciudadano sirio cedulaado por Feras El Aissami a pedido de Carlos Salha, cuyo nombre real en el pasaporte sirio de origen es Ghassan Nassef Tawfik, sin embargo en la cedula venezolana figura como Feras El Aissami.

CONSIDERACIONES SOBRE VISTA DEL EX PRESIDENTE LULA A VENEZUELA

En conversación con el ex presidente Lula supimos que viajará el día martes 31 de mayo a La Habana, para luego llegar a Caracas el día 2 de junio.

El domingo 29 de mayo arribará a Caracas José Dirceu, y la propuesta de Lula es que el Presidente Chávez lo reciba el domingo en la noche o el lunes, para adelantar algunas temáticas, entre ellas el de Cuba. Posteriormente, Dirceu viajará a La Habana el día lunes 30 en la noche y regresaría junto con Lula a Caracas el día 2 de junio, a principio de la tarde. Desde su llegada, estará a disposición del Presidente Chávez.

Lula nos ha propuesto que la reunión tenga dos momentos: uno en el que el Presidente Chávez pueda conversar con Lula y con Emilio Udebrecht, y otro donde se leve a cabo una reunión de carácter más privado con Lula y posiblemente Dirceu.

Lula nos manifestó su interés en tener una buena conversación política con el Presidente Chávez y sentar las bases para lo que sería establecer en Brasil un comité de apoyo a la reelección del Presidente en 2012 que estaría encabezado por el propio Lula y por Dirceu. Una de las propuestas que hizo es que José Santana, principal asesor en materia comunicacional de la campaña de Dilma, pueda viajar a Venezuela en julio, igualmente,

Mensagem da Embaixada da
Venezuela em Brasília para o então
chanceler Nicolás Maduro, em 2011.
No documento sigiloso, o embaixador
Maximilien Arveláiz adiantou que,
em visita que aconteceria nos dias
seguintes, o ex-presidente Luiz Inácio
Lula da Silva apresentaria o nome
do publicitário João Santana para
a campanha de Chávez, em 2012,
o que de fato aconteceu. Segundo
Monica Moura, mulher de Santana,
Maduro entregou-lhe pessoalmente
11 milhões de dólares em caixa dois
de campanha.

dentro de equipo que acompañó a Lula, estará
María Fernanda Ramos Coelho, ex presidente de la
Caja Económica Federal, quien viene a ofrecer su
ayuda en relación al tema de la inclusión bancaria.

Oficialmente, el motivo del viaje de Lula a Venezuela
es para dar una charla a un grupo de empresarios
venezolanos, la cual está siendo organizada por
Emilio Udebrecht, para el día 3 de junio a las 10h.
Se espera la participación de alrededor de 150
empresarios –cuya lista nos la entregarán en los
próximos días, y el evento será realizado en el hotel
Marriot. Lula deó abierta una invitación para que el
Presidente Chávez asista al encuentro, si lo estima
conveniente o si quiere reunirse con Lula
nuevamente a fin de la actividad, también estaría
a la disposición del Presidente Chávez. Lula tiene
que viajar al final de la tarde del día 3 de junio.

Antes de eso, Lula tiene previsto un desayuno
organizado también por Udebrecht, donde se espera
que participen Gustavo Cisneros y Alberto Vollmer,
entre otros. También estamos a la espera de que
nos confirmen la lista de invitados a este desayuno.

Caraoba, 09 de febrero de 2012

Compatriotas y Compañeros
Dilma Rousseff,
Presidenta de la República Federativa del Brasil.
Presencia.-

Querida Dilma:

En nombre del Pueblo de Venezuela, unje un saludo fraternal para ti y para el gran Pueblo brasileño.

Quiero agradecer la presencia del compañero Alexander Torrealba ante nosotros, cuando su legación a Venezuela el pasado 6 de febrero, hemos cumplido una oportuna y fructífera agenda de trabajo cuyo resultado es este documento en el cual se perfiló detalladamente el Plan Estratégico de Trabajo Brasil Venezuela 2013-2018.

Necesario es, Dilma, entrar en una nueva etapa de las relaciones entre Brasil y Venezuela: fortalecer y consolidar el diálogo bilateral es decisivo dentro de la dinámica de avances del proyecto unitario Brasil y Venezuela, compartiendo una exigente responsabilidad histórica de cara a la América del Sur y a toda Nuestra América Latina Caribeña, según: *Carida el más felizmente agitado de cómo se aman dos Pátrias, dos Pueblos, dos Gobiernos.*

Por todo ello, estimo que este documento es de suma importancia, no sólo porque comienza a concretarse un Plan Estratégico de más vasto alcance, sino porque nos coloca ante nuevos desafíos. En nuestra próxima reunión de trabajo del mes de marzo, podremos avanzar estentadamente estos temas de ruta y seguir perfeccionándolos.

Toda la admiración y el cariño de mi Pueblo para ti, toda mi admiración y mi cariño hacia tu Pueblo al que llevo en el corazón. Un inextinguible abrazo y un infinito beso.

*¡Hasta la Victoria siempre!
¡Por Brasil y por Venezuela!
¡Viviremos y Venceremos!!*

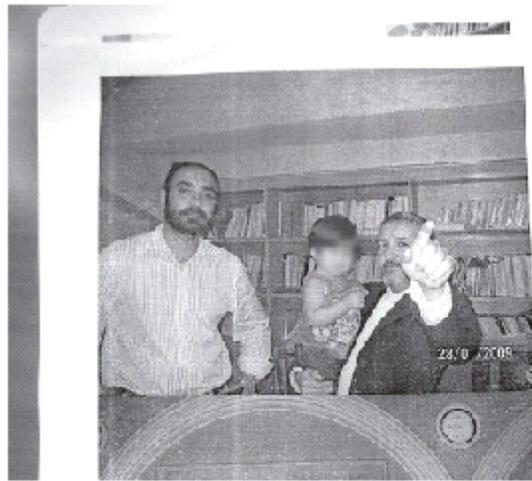

Hugo Chávez Frías



¡Viva Lula, Viva Dilma, Viva Brasil!

Carta de Hugo Chávez para Dilma Rousseff, em fevereiro de 2012.

Arquivo pessoal do autor



Reprodução de um dos relatórios que a Polícia Federal brasileira tinha em mãos sobre a presença de Mohsen Rabbani no Brasil. Na imagem, com a criança no colo, está Mohammad Baquer Rabbani, irmão do procurado iraniano. A foto foi tirada em 2009, na mesquita xiita de Curitiba (PR).



Univ. Maximiano/Revisa Veja

O chavismo soube aproveitar-se da religiosidade local para ampliar o culto à personalidade do líder morto. Em todo o país, diversos altares e capelas foram erguidos em honra a Hugo Chávez. Esta estava localizada no bairro 23 de Janeiro, no norte de Caracas.



Cena de um dos protestos contra o governo de Nicolás Maduro, em Caracas. Segundo o Observatório Venezuelano de Conflitividade Social foram registradas 9.787 manifestações em todo o país ao longo de 2017. Somente nos primeiros onze dias de janeiro de 2018, a organização contabilizou 386 protestos.

Guarda Nacional reprime manifestantes durante protesto em Caracas. Ao longo de 2017, 160 pessoas foram mortas como resultado da ação violenta das forças policiais e militares.



Maria Quintero/Revisia Veja



Uma mulher se senta à beira de um congelador de carnes vazio num supermercado de Caracas. O desabastecimento e a inflação levaram a população venezuelana a uma crise alimentar semelhante à de países em guerra.

A MALDIÇÃO

Menos de duas horas de viagem separam o aeroporto de Maiquetía, na Venezuela, do terminal de Miami, nos Estados Unidos. A proximidade fez com que a principal cidade da Flórida se tornasse o destino de veraneio e compras preferido dos funcionários venezuelanos e da parcela mais abastada do país. Nos anos 1980, eles eram conhecidos na cidade americana pelo curioso apelido “*dame dos*” (me dê dois). A riqueza proporcionada pelo petróleo fez com que a elite local conquistasse essa fama inusitada na cidade americana por considerar que lá tudo era barato demais. Portanto a aquisição de um item apenas não bastava; era sempre necessário aproveitar a pechincha. O consumismo e a ostentação foram apenas um dos efeitos do óleo, que, ao longo do século XX, transformou não só a matriz econômica, mas os próprios venezuelanos.

Os primeiros registros da presença dos hidrocarbonetos na Venezuela remontam ao período colonial. Os conquistadores espanhóis se depararam com poças do mineral, que minava a céu aberto. Esses afloramentos, chamados de *mene* pelos nativos, eram utilizados para fins medicinais, como emplastros. No mais antigo relato conhecido sobre as peculiaridades do Novo Mundo, datado de 1535, o capitão espanhol Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés descreveu assim os usos e as propriedades do petróleo venezuelano:

"Há uma fonte de betume, que é um poço fervente que jorra para fora da terra, entrando pela floresta, ao pé da serra. É em grande quantidade e espesso. Os índios levam-no para suas casas, untam-se com o betume porque acham que serve para tirar o cansaço e fortalecer as pernas. O licor negro tem cheiro de peixe ou pior. Os cristãos servem-se dele para brear suas embarcações".²⁵⁰

O relato levou a rainha Joana I a ordenar que todas as embarcações que partissem da ilha de Cubagua – localizada no litoral venezuelano – fossem obrigadas a transportar o máximo possível de "óleo de petróleo". A encomenda real tinha como objetivo tratar das dores que seu filho, o rei Carlos V, sofria. Estudos realizados por pesquisadores do Hospital Clínico de Barcelona, a partir de uma falange do monarca, comprovaram que o espanhol padecia de dores atrozes em decorrência de gota.²⁵¹ A enfermidade pode ter sido a razão pela qual ele abdicou do trono em 1556, com apenas 56 anos. Na Venezuela, o petróleo brotava da terra, mas foram necessários séculos para que ele de fato assumisse o papel de protagonista em sua história.

Primeiro país latino-americano a conquistar sua independência da Espanha, a Venezuela atravessou seu primeiro século de liberdade sem grandes transformações. Em 1911, tinha uma população de 2,8 milhões de habitantes, uma economia eminentemente agrícola e uma total falta de infraestrutura. O petróleo já jorrava de um poço com características artesanais, que produzia apenas 230 litros diários. A produção era toda convertida em querosene, usado como combustível para a rede de iluminação pública da cidade de Rúbio, no estado de Táchira.

Apesar de ínfima, a exploração não passou despercebida pelos americanos, que desde 1859 já refinavam petróleo em escala comercial. Em 1912, a General Petroleum Company enviou um

grupo de geólogos com a missão de esquadrihar o solo venezuelano. De posse dos relatos históricos produzidos por colonizadores espanhóis como Fernández de Oviedo y Valdés e com a expertise acumulada em meio século de produção petroleira, os americanos desembarcaram em Táchira, onde funcionava a refinaria, que mais se assemelhava à estrutura de um alambique. Apenas um ano depois, os exploradores americanos alcançaram seu objetivo, com a perfuração do primeiro poço comercial venezuelano. A empreitada foi o ponto de partida para uma série de outras perfurações bem-sucedidas, e, em poucos meses, a Venezuela transformou-se em exportadora de petróleo. Em 1917, foi construída a primeira refinaria do país.

No fim da Primeira Guerra Mundial, o café era o principal produto de exportação no mundo, respondendo por mais da metade das receitas do comércio exterior, seguido pelo cacau e pela pecuária. Embora o petróleo estresse na lista dos produtos exportados naquele ano, ainda era irrelevante na balança comercial, e os venezuelanos jamais poderiam imaginar como ele seria capaz de moldar seu futuro. A total alienação em relação à indústria emergente se devia ao fato de ela ter nascido longe dos olhos da população. Instalada em áreas remotas e comandada por gringos, a perfuração de poços era de conhecimento apenas de governantes e de um ciclo restrito de venezuelanos mais bem relacionados e informados.

Um milagre de Natal

Em dezembro de 1922, um milagre selou o futuro do país. Após semanas de escavações, seis operários que rasgavam o solo da cidade de Zulia alcançaram o coração do que viria a mudar a história da Venezuela e, décadas depois, da América Latina. Ao romper a última camada de rocha que os separava do petróleo, eles viram jorrar uma coluna de óleo negro que subia a vários

metros acima do solo. Batizado de *Reventón de los Barrosos 2*, o poço vertia mais de 4.200 barris por hora e se mostrava impossível de ser controlado. Depois de nove dias jorrando óleo que empestava os rios e lagos da região, os moradores locais passaram a suplicar por um novo milagre, indo às ruas em uma procissão coordenada pelo padre local. Enfileirados atrás do sacerdote, que carregava uma imagem de Santo Expedito, os fiéis suplicavam pelo sucesso dos operários que tentavam domar o jorro negro prestes a arruinar os rios e o Lago Maracaibo, uma das principais fontes de proteína, por meio da pesca.²⁵²

No dia seguinte ao ato de fé, e às vésperas do Natal, o poço foi controlado, e o santo afamado por interceder em causas urgentes ganhou o crédito pelo “milagre”. Mais de cinquenta anos depois, quando a estatal de petróleo PDVSA foi criada, os venezuelanos sagraram a companhia a Santo Expedito, que se transformou em padroeiro da empresa. Novos poços passaram a ser perfurados na mesma região; todos generosos como o de Reventón de los Barrosos 2. Em seis anos, a Venezuela conquistou o posto de segundo maior produtor de petróleo do planeta, atrás apenas dos Estados Unidos. Apesar disso, a maioria dos venezuelanos permanecia alienada em relação às transformações que estavam ocorrendo em seu país. À exceção da elite empresarial e daqueles que viviam junto aos poços, poucos vislumbravam a nova Venezuela que emergia da exploração petroleira nas áreas mais remotas do país, uma vez que as notícias não circulavam entre todas as camadas sociais e não alcançavam todas as partes do território. Os efeitos da nova matriz econômica venezuelana passaram a ser visíveis de forma distinta nas zonas produtoras e na capital Caracas. Enquanto no interior as torres se alastravam sobre os poços, em Caracas, o asfalto cobria as avenidas e ruas, que também ganharam iluminação.

A Primeira Guerra Mundial impulsionou o desenvolvimento da indústria petroleira da Venezuela de forma irreversível, formando as bases do que fizeram do país – décadas mais tarde – o mais

estratégico fornecedor de petróleo dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra. Em 1945, com o fim do conflito, a Venezuela viveu um período de extraordinária riqueza. O aumento da demanda mundial por petróleo fez o preço do barril subir. Como se não bastasse o valor recorde, os venezuelanos já extraíam mais de 1 milhão de barris diários²⁵³ – mais que o que todos os países do Oriente Médio juntos eram capazes de colocar no mercado naquele mesmo período. Em 1946, as exportações de petróleo e seus derivados renderam aos venezuelanos cerca de 485 milhões de dólares. Apenas dois anos depois, as receitas já superavam 1 bilhão de dólares.²⁵⁴ Para fins comparativos, as exportações totais do Brasil em 1948 somavam 1,18 bilhão de dólares.²⁵⁵ Com um décimo da população brasileira,²⁵⁶ a riqueza do petróleo tinha o poder de impactar de forma definitiva a qualidade de vida dos venezuelanos.

Em 1950, por exemplo, enquanto a Europa tentava se reerguer da Segunda Guerra Mundial, a Venezuela tinha o quarto PIB *per capita* mais alto do planeta. O país era duas vezes mais rico que o Chile, quatro vezes mais rico que o Japão e doze vezes mais que a China.²⁵⁷ Era tanto dinheiro que, mesmo com o assalto dos cofres públicos, sobravam recursos para que o país conseguisse alcançar feitos singulares. Em 1961, por exemplo, a Venezuela tornou-se a primeira nação a erradicar a malária.²⁵⁸

Em 1960, Arábia Saudita, Irã, Iraque, Kuwait e Venezuela fundaram a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep). O cartel, que tinha como objetivo fixar os preços internacionais do produto, só veio efetivamente a influir na cotação do óleo treze anos depois. Em 1973, a primeira intervenção dos países produtores elevou em 50% o preço médio do produto em relação ao ano anterior. E, em 1974, o valor do barril já havia quadruplicado, atingindo o preço médio de 11 dólares.²⁵⁹

Em seu primeiro mandato como presidente, Carlos Andrés Pérez firmou, em 1976, a lei que criou a Petróleos de Venezuela S.A. (PDVSA) e deu ao Estado venezuelano a exclusividade sobre a produção e o comércio dos hidrocarbonetos. A estatal veio acompanhada por um investimento massivo, que levou a companhia a entrar na década de 1980 como uma das principais do planeta. Depois de alçada ao primeiro time dos países produtores, a Venezuela consolidou-se como dona de uma das mais profissionais companhias petroleiras do globo. A PDVSA aumentou de forma exponencial os ganhos com o petróleo, e nos anos 1990, os venezuelanos se viram vivendo em um país rico.

Na virada das décadas de 1980 e 1990, o vigor econômico da PDVSA reluzia. Nessa época, a empresa expandiu suas operações para a Europa e fincou bases nos Estados Unidos. Em 1986, adquiriu 50% das ações da Citgo Petroleum Corporation, e, em seu segundo governo (1989-1993), Pérez adquiriu o controle total da empresa, com a compra da outra metade da companhia americana. Em 2016, a Citgo detinha cerca de 6 mil postos de combustíveis, três refinarias e 48 terminais de distribuição, sendo o maior e principal investimento da estatal venezuelana de petróleo no exterior.

A mesma prosperidade que fez com que os mais abastados se transformassem em motivo de piada nos Estados Unidos, por seu consumismo compulsivo, também aprofundava o abismo que mantinha milhões de venezuelanos de fora da “festa” patrocinada pelas receitas petroleiras. Esse mesmo fosso, entre pobres e ricos, mais tarde seria usado por Hugo Chávez como base de sua campanha eleitoral e, posteriormente para a Revolução Bolivariana, como ele denominou seu projeto de poder.

Salvador da pátria

Quando se lançou candidato à Presidência, em 1997, Chávez se apresentava como solução a um modelo exaurido, baseado nas receitas da *commodity* e com baixíssima taxa de retorno para a maior parte da população. O preço do barril de petróleo estava em baixa, e a queda das receitas afetava sobretudo aqueles que eram dependentes do Estado, os mais pobres. Valendo-se do cenário desfavorável, Chávez se apresentava como alternativa a “tudo que estava posto” até aquele momento na política venezuelana e se vendia como alguém capaz de acabar com a pobreza e de combater a corrupção.

Chávez sabia que sua aventura eleitoral era um labirinto cuja saída estava no resultado da equação oportunismo mais construção de confiança. Ele sabia que os baixos preços do petróleo e a crise decorrente da falta de receitas havia corroído a renda e arruinado a qualidade de vida da já empobrecida população. Os efeitos nocivos da má-fase da indústria petrolífera também drenavam a classe média, que, além de ter perdido a capacidade de bancar o turismo de consumo na Flórida, via-se cada vez mais estrangulada e aleijada dos privilégios que era acostumada a usufruir.

A sucessão de fracassos eleitorais do vizinho brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva, por exemplo, que até aquele momento havia disputado duas eleições presidenciais, se devia ao receio da maioria dos brasileiros em apostar em uma incógnita. Chávez sabia que ao se apresentar como algo diferente de tudo que era conhecido na política do país, ele também se expunha de forma fatal à suspeita de que poderia ser um fracasso no comando do país.

Para equalizar a questão da desconfiança, ele adotou um discurso moderado, cuja proposta principal era a de que, se eleito, criaria um dispositivo que permitisse à população realizar um *recall* presidencial, por meio de um referendo revocatório. A promessa de revisão tinha por objetivo dizer, sobretudo para os mais pobres,

que eles poderiam lhe dar uma chance de governar o país sem medo de ter que enfrentar quatro anos sob o comando de um presidente que não os agradasse. O agravamento da crise econômica serviu como catalizador das ambições do militar, que no dia 6 de dezembro de 1998 elegeu-se presidente da Venezuela, com 56,2% dos votos – o segundo melhor desempenho eleitoral registrado em mais de quatro décadas nos pleitos venezuelanos.[260](#)

A grande cartada

Mesmo antes de assumir a presidência, Chávez embarcou para o Oriente Médio para negociar o que seria a base do sucesso de suas ambições de governo e relevância global. Chávez convenceu os presidentes dos países membros da Opep da necessidade de a organização se preparar para enfrentar uma ofensiva contra os combustíveis fósseis – por parte de governos que aderiram ao discurso ambientalista do aquecimento global – e de recompor os preços internacionais do produto. Chávez tinha a seu favor o fato de que a Opep não realizava um encontro de presidentes desde 1975. Quando Chávez iniciou seu périplo, o barril de petróleo venezuelano valia 6,51 dólares – o menor valor desde dezembro de 1973.[261](#)

O venezuelano tomou posse, no dia 2 de fevereiro de 1999, com o preço do petróleo ainda mais achatado. Mas Chávez chegava ao Palácio de Miraflores com outras duas conquistas: Caracas sediaria, em 2000, a primeira conferência da Opep em 25 anos; e a garantia de que os produtores interviriam na produção com o objetivo de forçar uma melhora nos preços internacionais. Não demorou muito. Apenas dois meses depois, o produto já era vendido por 10,7 dólares. O aumento de 69% foi o combustível

para que o novo presidente conquistasse o apoio massivo que lhe deu as condições para o lançamento das bases de seu modelo de revolução. No mesmo dia 2 de fevereiro de 1999, quando assinou o termo de posse, Chávez firmou o decreto para a realização de um referendo para consultar a população sobre a redação de uma nova Constituição. Com 71% de apoio popular, o novo presidente ganhou carta branca para mudar até mesmo o nome e a bandeira do país.

Em setembro de 2000, os países membros da Opep fecharam, em uma reunião de cúpula realizada em Caracas, uma série de acordos que impactaram no preço final do produto e criaram as condições para que Chávez tirasse seu país da crise. O valor do barril bateu em 26,63 dólares e iniciou um processo crescente de valorização. Além do impacto financeiro, o venezuelano conseguiu plantar na cúpula da Opep um representante. Alí Rodríguez Araque, que era ministro de Energia e Petróleo, acumulou as funções, ocupando, de janeiro de 2001 a junho de 2002, o posto de secretário- geral da organização. Rodríguez consagrou-se como um dos principais nomes do chavismo, chefiando uma série de ministérios. Foi nomeado secretário- geral da Unasul (2012 e 2014) e recebeu o posto de embaixador de seu país em Havana, em 2014.

Os altos preços do petróleo permitiram a Chávez colocar em prática seu plano de construção de um mundo multipolar, investindo em parceiros ao redor do globo e em iniciativas que mostrassem que a política poderia ter outros pontos de orientação. Um posicionamento político-estatal que era reflexo de sua personalidade e consequência de suas frustrações. Chávez queria jogar por terra os modelos de autoridade que julgava antigos. E os Estados Unidos eram seu inimigo principal.

Para tanto, Chávez utilizava-se de estratégias aparentemente juvenis para demarcar seu espaço. Mas aos olhos do público para o qual ele falava, mesmo gestos aparentemente inofensivos eram

vistos como grandes vitórias contra o império americano. Eles eram tanto os venezuelanos empolgados com seu governo quanto a esquerda norte-americana, que nos primeiros anos de chavismo amasiou-se com o líder venezuelano, tratando-o como uma espécie de Dom Quixote vermelho, que desafiava a maior potência do planeta, então governada por George W. Bush, um dos presidentes mais impopulares dos Estados Unidos – até a eleição de Donald Trump, mais de uma década depois.

Em 2005, a temporada de furacões deixou um rastro de morte e destruição entre os norte-americanos. Mais de 1.800 pessoas morreram em cidades localizadas na costa do Golfo do México, em decorrência da passagem do Katrina.²⁶² No estado da Louisiana, foram contabilizadas cerca de mil vítimas fatais. Em toda a região aproximadamente um milhão de pessoas perderam suas casas, e os custos financeiros da tragédia superaram 135 bilhões de dólares. Apenas um mês depois do Katrina, outro furacão – o Rita – amplificou a tragédia: mais cem mortes no sul dos Estados Unidos.²⁶³

Os impactos dos eventos climáticos severos foram sentidos na indústria petroleira local. Refinarias atingidas tiveram sua capacidade afetada, e o preço dos combustíveis se elevou. Com a proximidade do inverno, milhares de famílias poderiam não ter como pagar pelo aquecimento de seus lares. Chávez não relutou, e a tragédia norte-americana se converteu em lucro para a Venezuela, que se beneficiou com o efeito sobre a cotação do petróleo. Valeu-se da tragédia para confrontar, mais uma vez, Bush e “humilhar” a América. Acusou o presidente americano de não fazer o suficiente para os pobres de seu país, e, do Palácio de Miraflores, viu uma oportunidade de atuar para sua plateia, interna e externa. Para inflar o ufanismo bolivariano e incendiar o antiamericanismo de seus fãs no exterior, ele chamou para si a responsabilidade de cuidar dos pobres da América.

Chávez aderiu ao programa da Citizens Energy Corporation – organização sem fins lucrativos fundada por Joseph P. Kennedy II, sobrinho do presidente John F. Kennedy, para a distribuição de óleo para o aquecimento de casas durante o inverno. O presidente venezuelano determinou que a Citgo fornecesse gratuitamente combustível para o atendimento a famílias carentes. Nos oito anos subsequentes, até a morte de Chávez, em 2013, a Venezuela distribuiu 860 milhões de litros, em 25 estados americanos e na capital, Washington.²⁶⁴ Em 2014, Nicolás Maduro renovou a participação da estatal venezuelana no programa de assistência. Os chavistas ainda insistiam na propaganda, exibindo cifras de 1,8 milhão de americanos atendidos, em 240 localidades, e mais de duas centenas de albergues de acolhimento a moradores de rua.²⁶⁵

Quando Chávez montou seu projeto social em solo americano, em 2005, o preço do barril de petróleo ainda não havia alcançado seu auge, mas já valia no mercado internacional quase o dobro do que valia um ano antes. Embora a produção venezuelana já estivesse em declínio, a alta do preço escamoteava os efeitos nocivos do chavismo sobre a principal atividade econômica do país. No final de 2005, a Venezuela produzia 2,6 milhões de barris diários.²⁶⁶ Cinco anos antes, os poços do país vertiam mais de 3,4 milhões de barris diários. Apesar da evidente crise de infraestrutura instalada no coração da economia venezuelana, os chavistas vibraram com a receita petroleira, que ainda assim era 85% maior que no início daquela década.

Em tempos de abundância

Chávez, por sua vez, fez uma escolha distinta para o emprego da fortuna que jorrava para dentro dos cofres da Venezuela. Convencido de que os preços do petróleo jamais voltariam ao

patamar das vésperas de seu governo – e, portanto, de que o poder financeiro de sua revolução não só se renovaria como tendia a se amplificar –, Chávez passou a direcionar seus esforços a patrocinar o mundo multipolar que ele e sua Revolução Bolivariana, como acreditava, seriam capazes de impor.

O presidente venezuelano elegeu a PDVSA como um instrumento de financiamento ideológico para a construção de seu mundo. Por mais que negasse os Estados Unidos como potência, ele atuava reproduzindo o “inimigo”, apenas invertendo os sinais daquilo que ele criticava no Império. Chávez usou o dinheiro da estatal petroleira para custear a criação de uma rede de televisão à imagem e semelhança da americana CNN, mas que servisse aos interesses do que Chávez definiu como Socialismo do Século XXI. Porém a Telesur, como foi batizada, sequer trisçou a qualidade técnica da rival americana. Nascida como uma caricatura do próprio bolivariano, a emissora nunca evoluiu da condição de peça de propaganda.

A PDVSA também foi convertida em uma espécie de linha aérea do bolivarianismo. Seus jatos foram empregados como meio de transporte de luxo para chavistas ao redor do mundo. Membros da cúpula do governo usaram os aviões para visitas constantes a médicos em consultórios no Brasil e nos Estados Unidos. Viagens turísticas à Europa e pelo continente americano foram registradas em várias oportunidades. Como uma “vaca leiteira”, a empresa foi usada com propósitos político-ideológicos, mas também para o luxo pessoal da elite do chavismo.

A salvação cubana

Nada descreve melhor, no entanto, o desvirtuamento das receitas do petróleo do que a relação da Venezuela com o governo de Cuba. Em novembro de 1999, Hugo Chávez assinou um termo de

compromisso com seu mentor e ídolo Fidel Castro. O primeiro gesto foi o de receber pacientes venezuelanos para serem atendidos “gratuitamente” pelo sistema de saúde cubano. Em seguida, Cuba despachou um contingente de 12 mil médicos para a Venezuela. Pelos serviços, Chávez passou a remeter 53 mil barris de petróleo diários para a ilha dos irmãos Castro. A presença cubana na Venezuela se alastrou ao ponto de, em 2013, haver 60 mil cubanos no país.²⁶⁷ Os primeiros foram os médicos; depois chegaram professores, técnicos esportivos, militares e espões. Muitos espões. Em troca dos serviços prestados por Havana, Hugo Chávez chegou a entregar 100 mil barris de petróleo por dia a Cuba. Era mais combustível do que a ilha necessitava. Por isso, Chávez utilizava-se da PDVSA para vender o excedente e repassar a receita aos cubanos.

Os militares e agentes da inteligência cubana passaram a ter a primazia da segurança de Chávez. Mesmo alguns ministros do governo chavista não tinham acesso irrestrito a todas as dependências do Palácio de Miraflores como os cubanos. Chávez entregou parte da inteligência de Estado aos agentes de Fidel Castro e terceirizou todo o controle de emissão de passaportes e demais documentos de identificação. Em 2013, Cuba inaugurou um cabo submarino que ganhou de presente da Venezuela. O canal de comunicação, de 1.600 quilômetros de extensão, começou a ser construído em 2009 e custou 70 milhões de dólares.²⁶⁸ Um caso extraordinário de “dominação” por um país menor, em termos populacionais e territoriais – e também mais pobre –, de outro superior a ele em todos esses quesitos. E com o adicional de que o país dominado ainda o remunerou bem para que essa situação se concretizasse.

Os cofres da PDVSA também serviram como forma de comprar a adesão de governos ao projeto bolivariano. Em setembro de 2005, Hugo Chávez criou a Petrocaribe, num ato estratégico que consistia no fornecimento de combustível subsidiado para os países da região. Antígua e Barbuda, Bahamas, Belize, Cuba,

Dominica, Granada, Guiana, Haiti, Jamaica, Nicarágua, República Dominicana, Santa Lucia, São Cristóvão e Neves, São Vicente e Granadinas e Suriname²⁶⁹ eram abastecidos com 400 mil barris diários de petróleo em condições de pagamento extremamente favoráveis.²⁷⁰ Caracas exigia o pagamento de apenas 50% do valor, com uma carência de dois anos e juros de 2%. A outra metade seria paga em serviços. Leia-se: fidelidade aos interesses de Chávez na região.

Somente uma década depois, já submersa na crise econômica mais profunda de sua história, a Venezuela cobrou a conta, apresentada pelo atual presidente, Nicolás Maduro. Entre os maiores devedores estavam a República Dominicana, que quitou o débito de 4 bilhões de dólares, e a Jamaica, que devia 3,25 bilhões de dólares, pagos com um desconto de 52% devido à urgência venezuelana.²⁷¹

O presidente Chávez furtou-se ao dever de investir no país para colocar em prática seu projeto pessoal de poder. Comprou bilhões de dólares da dívida do Equador, da Argentina e da Bolívia. Montou um organismo multilateral com a missão de confrontar a Organização dos Estados Americanos (OEA), com o nome de União das Nações Sul-americanas (Unasul). Chávez acusava a organização com sede em Washington de submissão aos Estados Unidos. O novo órgão, sediado em Quito, no Equador, passou a ser utilizado por Chávez e seus aliados como o foro de discussão e solução para questões regionais, à revelia da OEA.

Do mesmo modo que os Estados Unidos foram usados como pretexto para a criação da Unasul, Chávez utilizou-se do antiamericanismo para converter seus petrodólares em armas. Logo que assumiu, havia rompido as relações militares com os americanos. A reação imediata da Casa Branca foi vetar a venda e a transferência de material bélico ou de tecnologia militar norte-americana para Caracas. O presidente Hugo Chávez acusou uma

tentativa de invasão e prometeu que armaria a população para resistir à invasão dos inimigos. Sem acesso às armas americanas ou de qualquer outro fabricante que utilizasse tecnologia proveniente dos Estados Unidos, Chávez viu-se forçado a voltar os olhos para o Oriente. China, Irã e Rússia ganharam o então mercado recheado de petrodólares da Venezuela.

Os venezuelanos compraram da Rússia 100 mil fuzis modelos AK-103 e AK-104. Parte significativa das armas foi parar nas mãos de civis treinados para defender o governo. Moscou emplacou ainda a venda de 38 helicópteros multiuso Mi-17, três helicópteros de transporte Mi-26 e dez helicópteros de combate Mi-35. As Forças Armadas ganharam 24 caças Sukhoi Su-30MK2.²⁷² Logo que começaram a ser entregues, os aviões transformaram a Força Aérea Bolivariana em uma das mais letais do continente, mas a manutenção precária deixou diversos aparelhos sem capacidade de operação. Da China vieram cerca de duas centenas de veículos blindados modelo Norinco VN-4, que foram entregues à Guarda Nacional Bolivariana (GNB). Em parceria com o Irã, foi inaugurada uma fábrica de pólvora e outra de drones.

Os delírios de Chávez cresciam à medida que ele via aumentar o preço do petróleo e, conseqüentemente, a maior disponibilidade de dinheiro para patrocinar seu mundo particular. Seus críticos passaram a ser vistos como inimigos; “golpistas”, como ele gostava de definir. Para neutralizá-los, Chávez fez uso da desapropriação como método. Ele acreditava que os bilhões de receita petroleira seriam capazes de comprar tudo que o país precisasse. E assim, Chávez liquidou setores da agricultura com a expropriação de propriedades inteiras, que foram relegadas ao abandono. Estatizou fábricas de alimentos e redes de supermercados. Perseguiu a imprensa e levou ao fechamento de jornais e emissoras de rádio e televisão.

Ao longo da primeira década no poder, Chávez exerceu uma forte ingerência sobre o câmbio – que ele manipulava a seu gosto.

Paralelamente a isso, o aumento progressivo da inflação levou seu governo a tabelar os preços, a ponto de o valor dos alimentos ficar abaixo do custo de produção. Em nenhuma economia de livre mercado do planeta os negócios seriam capazes de sobreviver conforme as condições impostas pelo regime. A consequência direta foi que em menos de uma década de chavismo, a proporção de alimentos produzidos internamente caiu de 60% para 30%.²⁷³

Chávez acreditava que, com o petróleo, podia tudo. Para compensar, o Estado passou a importar alimentos para vender a preços subsidiados em redes como Mercal e PDVAL, subsidiária da PDVSA. Empresas privadas também podiam importar, mas o pagamento aos fornecedores externos só podia ser feito por intermédio do governo, o que se tornou uma fonte inesgotável de corrupção e atrasos. Em 2008, de 1 milhão de toneladas importadas por eles, apenas 150 mil foram comercializadas. O resto foi desviado ou apodreceu em armazéns da PDVAL, desperdício que ocorre ano após ano.

Mas mesmo em um programa de alimentação subsidiada para sua população o chavismo realizou concessões que deram origem a mais um "dinheiroduto", conectando sua estatal de petróleo ao bolso da ditadura cubana. A importação de itens básicos, como remédios e alimentos, foi terceirizada para estatais cubanas. Hugo Chávez deu às empresas Alimport, CubaControl e Surimport o direito de intermediar toda a importação estatal de alimentos a partir de 2008. Isso representa um terço do total comprado do exterior. Aos cubanos cabe uma comissão de 5%.

Só do Brasil, o segundo maior exportador para o país, em 2013 foram enviados mais de 2 bilhões de dólares em alimentos, principalmente carne. Justo no ano em que as estatais cubanas entraram no negócio, os preços pagos pela Venezuela pelos produtos brasileiros dispararam. Em 2008, também houve um episódio que põe sob suspeita a lisura das negociações feitas pelos escritórios de comércio exterior cubanos instalados no Brasil.

Num processo contra a PDVSA, encerrado em 2011 na Justiça dos Estados Unidos, os donos da exportadora americana Dexon Validsa informaram que foram chamados para uma reunião no antigo hotel Gran Meliá Mofarrej, em São Paulo, três meses depois de os cubanos assumirem a intermediação das importações venezuelanas. Nesse encontro, do qual participaram concorrentes brasileiros da Dexon, os representantes da PDVSA explicaram as novas regras para se exportar para a Venezuela, o que incluía pagar 2 milhões de dólares de propina para assegurar o negócio.

Os americanos se recusaram e, como punição, tiveram o contrato de exportação de carne rompido. A Dexon conseguiu provar na Justiça que o rompimento não se justificava, pois os cubanos passaram a comprar carne de uma empresa brasileira a um preço 14% mais alto. A PDVSA, que administra os mercados populares nos quais a carne da Dexon seria vendida, foi condenada a pagar uma indenização aos americanos pela quebra de contrato.

Fim de festa

No final de 2013, os preços mundiais do petróleo começaram a cair, e a Venezuela viu suas fontes de recursos minguarem, levando a atrasos nos pagamentos de fornecedores. Em 2014, quando Nicolás Maduro enfrentou a primeira onda de protestos de rua contra seu governo, os venezuelanos já padeciam de uma crise de abastecimento sem precedentes. Embora o presidente qualificasse a crise como uma “guerra econômica”, a população começava a perceber que a tragédia humanitária que os rondava era fruto direto do chavismo, apesar do diversionismo de Maduro, que atribuiu ao inimigo externo – no caso, os Estados Unidos – a responsabilidade pela crise. Os dados disponíveis naquele momento indicavam que seis em cada dez itens da cesta básica e de uso diário, como leite e papel higiênico, estavam em falta nas prateleiras.²⁷⁴ A falta de alimentos era, na avaliação de alguns

cientistas políticos venezuelanos, resultado direto da desapropriação e consequente estatização das indústrias de alimentos.²⁷⁵

Nicolás Maduro superou os protestos estudantis, que deixaram um saldo de 43 mortos, em 2014,²⁷⁶ e transferiu para a oposição a responsabilidade pelas mortes. Perseguiu líderes opositores e colocou na cadeia aquele que poderia ser a maior ameaça ao chavismo nas urnas. Leopoldo López foi preso em uma das manifestações de rua realizadas naquele ano. Condenado a treze anos de prisão, López foi apontado como o responsável pelos eventos que resultaram em óbitos e destruição de patrimônio. A estratégia de Maduro tinha mais que a função dupla de se proteger: ao mesmo tempo que aniquilava um inimigo, também jogava fumaça sobre as causas dos protestos, que estavam atreladas à desassistência da população.

As acusações de que o líder opositor havia se transformado em bode expiatório e vítima política de Maduro ganharam força em outubro de 2015. O então procurador Franklin Nieves, que formalmente foi o responsável pela denúncia contra Leopoldo López, fugiu para os Estados Unidos e divulgou detalhes de sua atuação no caso. Nieves disse que fora escalado para prender López antes dos fatos que ao fim lhe foram atribuídos. Segundo Nieves, no dia em que López foi preso em Caracas, não havia sequer uma investigação formal que justificasse sua prisão. Ao questionar o lapso na trama que estava prestes a ser executada, um agente do Serviço Bolivariano de Inteligência (Sebin), conhecido como "Elefante", apresentou-se para escrever "a peça de ficção" que serviria como pedido da ordem de prisão.²⁷⁷ Com López já sob custódia, Diosdado Cabello, que presidia a Assembleia Nacional, redigiu o relatório da operação. O texto foi digitado em meio às gargalhadas do líder chavista e dos demais militares presentes.²⁷⁸

Nos três anos que passou na prisão, López não pôde ver a deterioração da qualidade de vida dos venezuelanos frente ao acirramento da crise de abastecimento. As notícias da tragédia do bolivarianismo que se abateu sobre seu país chegaram-lhe por meio de sua mulher, Lilian Tintori, e dos próprios militares encarregados de vigiá-lo. O prisioneiro e seus carcereiros criaram vínculos – não necessariamente positivos – ao longo dos anos de cárcere. López só voltou para casa, onde passou a cumprir sua pena em regime domiciliar, em julho de 2017. Ele chegou a voltar alguns dias para a cadeia, mas depois teve a prisão relaxada.

A fome, a falta de medicamentos e a quase inexistência de produtos básicos nos supermercados locais levou o povo a se sublevar mais uma vez. Em abril de 2017, uma nova onda de protestos, ainda mais violenta e brutal que aquela registrada em 2014, eclodiu em Caracas. Naquele momento, a inflação anual prevista era de 700%, e o índice de desabastecimento de alimentos era superior a 80%. Com esse quadro, o país atingiu o estágio de crise humanitária. Segundo a organização cristã Cáritas, o nível de desnutrição infantil chegou a 11%, embora as estatísticas oficiais sejam de 3%.²⁷⁹ Em janeiro de 2018, os números oficiais mostraram um quadro mais sinistro que todas as previsões postas ao longo de 2017. A Venezuela registrou uma inflação de 2.616%,²⁸⁰ a maior do planeta.

A penúria que assola os venezuelanos é tamanha que, entre 2015 e 2016, 74% da população perderam oito ou mais quilos.²⁸¹ As origens da carestia estão no fato de que, além de não haver alimentos disponíveis para todos, os altos preços impedem que a maior parte da população consiga comprar o necessário para sua subsistência. No final de 2016, 93,3% dos venezuelanos afirmaram não ter como cobrir as despesas de alimentação e garantir a dieta mínima de 2.000 calorias diárias. Obrigados a priorizar a própria alimentação, os venezuelanos passaram a abandonar os animais domésticos nas ruas. Um

pacote de 20 quilos de ração para cachorro chegou a custar o equivalente ao dobro do salário mínimo.

Os sinais da fome atingiram níveis bizarros. Em cada cidade venezuelana há uma praça que leva o nome de Simón Bolívar. Reza a tradição, iniciada no final do século 19 – quando se instituiu a obrigatoriedade de homenagear o libertador – que junto aos bustos ou estátuas do herói há um pombal. Durante décadas, o zelo pelas aves se assemelhou àquele dispensado aos monumentos. Todos os dias, a população, sobretudo as crianças e os aposentados, passavam o tempo jogando grãos de milho para os pássaros. Com a crise, primeiro minguaram aqueles que se dispunham a gastar alguns bolívares com a ração para a ave. Depois, os pombos desapareceram. De adorados, passaram a ser cobiçados como fonte de proteína. Destino semelhante tiveram diversos bichos do zoológico de Maracaibo – além de avestruzes e antas, um búfalo desapareceu dos recintos. As investigações apontaram que pelo menos dez espécies foram alvo de ataques. Os animais eram roubados, abatidos, descarnados e depois vendidos em açougues locais.²⁸²

No auge da crise venezuelana, a indústria petroleira era o reflexo do quadro falimentar em que se encontra o país e, conseqüentemente, o regime chavista. Em maio de 2017, a produção de petróleo, segundo os dados da Opep era de 1,96 milhão de barris de petróleo por dia.²⁸³ Aproximadamente 43% menos que em 2000. Incapaz de suprir a própria demanda, a Venezuela viu-se obrigada a aumentar de forma dramática a importação de petróleo e derivados dos Estados Unidos.

Segundo as projeções do Fundo Monetário Internacional (FMI), em 2017, o PIB venezuelano despencou 35% em relação a 2013. Uma retração econômica mais aguda que aquela registrada na Grande Depressão, que, entre 1929 e 1933, levou a uma redução de 28% do PIB dos Estados Unidos. A quebra da economia venezuelana também supera as crises que solaparam a Rússia,

entre 1990 e 1994; Cuba, entre 1989 e 1993; e Albânia, de 1989 a 1993.²⁸⁴ Estudos liderados pelo economista venezuelano Ricardo Hausmann, da Universidade de Harvard, concluíram que “a catástrofe venezuelana eclipsa qualquer outra da história dos Estados Unidos, Europa Ocidental e o resto da América Latina”. Apesar de ser a maior já vista no Ocidente, a crise venezuelana, segundo Hausmann, ainda é subestimada. A descomunal queda do PIB deve ser associada a outros fatores, como a queda das receitas de exportação, que foi de 51% entre 2012 e 2016.

Como regra geral, os países tendem a usar suas reservas nacionais para mitigar esses efeitos, mas a Venezuela ficou impossibilitada de fazê-lo. Em vez de aproveitar os anos de bonança, nos quais os preços internacionais do petróleo haviam batido recordes, Hugo Chávez abriu mão da poupança e sextuplicou a dívida externa do país.²⁸⁵ O resultado é que a Venezuela chegou em 2017 como o país mais endividado em relação ao próprio PIB no mundo. Sem crédito para cumprir com as obrigações da dívida, deixou de importar para abastecer a população para continuar pagando os credores. Estratégia semelhante à adotada pelo ditador romeno Nicolae Ceausescu, nos anos 1980. Em 2016, a importação venezuelana de bens e serviços *per capita* foi 75% menor que em 2012. É um dos maiores colapsos em importações registrados no mundo desde 1960, comparável apenas à Nigéria (1982-1986) e à Mongólia (1988-1992) – países com economias menores que a venezuelana.²⁸⁶

Tudo isso, combinado a uma inflação de quatro dígitos, fez com que o poder de compra do salário mínimo venezuelano despencasse de 295 dólares, em maio de 2012, para 36 dólares, em maio de 2017. Medido em calorias, considerando como base a comida mais barata disponível na Venezuela naqueles dois períodos, em 2012, um salário mínimo era suficiente para comprar 52.854 calorias diárias. Em 2017, a mesma renda alcançava

apenas 7.005 calorias diárias.²⁸⁷ Ainda que um trabalhador venezuelano médio usasse o salário integralmente para comprar comida, a quantidade de alimentos seria insuficiente para suprir a dieta básica de uma família de quatro pessoas, conforme os padrões estabelecidos pela FAO.²⁸⁸

A partir do exílio nos Estados Unidos, Colômbia, Panamá, República Dominicana e Brasil, milhares de venezuelanos enviam mensalmente carregamentos de alimentos e medicamentos para seus familiares. Em Miami, onde está residindo o maior número de venezuelanos que fugiram para a América, o desabastecimento deu origem a um novo negócio: surgiram empresas especializadas em despachar caixas de suprimentos para a Venezuela. Todos os dias são embarcadas toneladas de produtos que são entregues no aeroporto de Maiquetía. Alguns venezuelanos no exílio chegam a pagar 300 dólares, somente de taxa de remessa, para fazer chegar a seus familiares alguns pacotes de farinha de milho, feijão, sabonetes e uma série de produtos que ou não existem mais no país ou só estão acessíveis para a elite do governo, ou a quem possa pagar os preços inflados pelo contrabando.

O CREPÚSCULO

A eleição de Mauricio Macri, em novembro de 2015, colocou um ponto final em doze anos de kirchnerismo na Argentina. O ex-prefeito de Buenos Aires chegou à presidência com a promessa de recuperar a economia do país e interromper o ciclo de populismo distributivista. Apesar de seu grupo ter conquistado, além da presidência, alguns governos locais, a transição não foi tranquila. Os Kirchner haviam aparelhado o Estado argentino impregnando-o de militantes e sindicalistas, que passaram a emperrar as engrenagens do novo governo. Mesmo com a demissão de mais de 18 mil desses funcionários apadrinhados, Macri ainda não havia sido capaz de limpar as estruturas governamentais. Porém, mesmo com a gritaria dos sindicatos e a sabotagem de alguns funcionários, suas primeiras medidas, como o fim do controle cambial e das barreiras alfandegárias, foram suficientes para que a Argentina deixasse a condição de “país-problema” e passasse a atrair a atenção de investidores internacionais.

O exemplo argentino pode ter impactado em outros dois eventos subsequentes, que demonstraram o esgotamento do modelo inspirado por Chávez. Apenas um mês após a vitória de Macri, a oposição venezuelana conquistou um feito inédito desde que Chávez chegara ao poder, em 1999. Com a maioria absoluta das cadeiras, os opositores decretaram os próximos passos que abreviariam o mandato de Nicolás Maduro. O roteiro era simples. Bastava seguir os passos previstos na própria Constituição

chavista, que prevê um referendo para que o povo escolha manter ou não o mandatário eleito no poder. Naquele momento, em que as pesquisas de opinião diziam que 72% da população queriam novas eleições, Maduro – segundo a praxe sul-americana dos governos em estado terminal – disse ser vítima de um golpe.²⁸⁹

A segunda derrota do bolivarianismo se deu justamente no país que recebeu o nome do libertador Simón Bolívar. O presidente Evo Morales submeteu aos bolivianos um plebiscito para consultar a população sobre sua candidatura a um quarto mandato consecutivo. No início de 2016, eles disseram “não” ao plano de Morales de estabelecer na Bolívia o direito de reeleições ilimitadas. À frente da Bolívia desde 2006 e exercendo um mandato até 2019, Morales almejava mudar a Constituição para governar o país até 2025. Essa foi sua primeira derrota eleitoral em uma década na presidência.

O golpe mais duro contra Morales se tornou evidente pelos resultados eleitorais pífios onde ele deveria ter maioria absoluta. Em Potosí, cidade que tem na mineração a base de sua economia desde a colônia espanhola, a queda nos preços das *commodities* minerais impactou negativamente as taxas de desemprego. Evo Morales enfrentou ali uma de suas piores derrotas no plebiscito. Foi barrado em suas pretensões justamente onde o MAS – partido cocaleiro de Evo Morales – considerava estar seu principal reduto. A relação entre sucesso eleitoral e desempenho econômico é um fato demonstrado cientificamente,²⁹⁰ no qual fica evidente que, especialmente na América Latina, os eleitores tendem a punir presidentes que têm o “azar” de governar durante períodos desfavoráveis e a recompensar aqueles que têm a “sorte” de atravessar períodos de crescimento econômico. Assim como na Bolívia, a depressão da economia venezuelana está diretamente associada à vitória da oposição nas eleições legislativas.

Maduro, entretanto, mudou as regras para impedir o avanço da oposição. Impediu a posse de três deputados contrários ao

chavismo e barrou, assim, que se configurasse a maioria absoluta.²⁹¹ Mesmo com a despuorada violação às regras constitucionais por parte dos chavistas, os deputados ainda insistiram em levar adiante o plano de coletar as assinaturas necessárias para a realização do referendo revogatório, conforme dispositivo incluído na constituição por Hugo Chávez como forma de tranquilizar, durante a campanha, a classe média venezuelana, que o via com ressalvas.

Para submeter o pedido de realização do referendo, a oposição precisava homologar junto ao conselho eleitoral 200 mil assinaturas. Os defensores de um processo que colocaria em questão a continuidade ou não do mandato do presidente Maduro apresentaram uma relação com 399.412 firmas. O Conselho Nacional Eleitoral (CNE)²⁹² validou o processo e chegou a convocar o plebiscito. Porém, tal qual no caso da suspensão da posse de deputados opositores, o CNE voltou atrás: acusou os opositores de fraude e cancelou o referendo.²⁹³ A medida, uma semana antes da consulta, empurrou a Venezuela para uma crise política sem precedentes.

Milhares de pessoas foram às ruas manifestar sua discordância com a medida do Conselho Nacional Eleitoral, mas os chavistas ignoraram a insatisfação da população e tensionaram, ainda mais, a frágil relação entre os Poderes na Venezuela. Os deputados opositores passaram a denunciar o governo por golpe. Até a administração de Barack Obama – que manteve distância dos problemas venezuelanos – se manifestou cobrando de Maduro a realização do referendo e a manutenção da ordem democrática. O Departamento de Estado disse que a decisão de não realizar o referendo revogatório “somada às contínuas restrições aos veículos de comunicação e outras ações para debilitar a autoridade da Assembleia Nacional, priva os cidadãos venezuelanos da oportunidade de dar forma ao rumo de seu país”.²⁹⁴

Maduro, que se encontrou com o secretário de Estado dos Estados Unidos no final de setembro de 2016, aproveitou-se do episódio para acusar os americanos de ingerência nos assuntos de seu país. Enquanto o presidente conduzia o discurso de ameaça externa, a oposição angariava apoio nos foros internacionais. A questão do referendo passou a ser tratada como assunto prioritário no Mercosul e na Organização dos Estados Americanos (OEA), elevando ainda mais a tensão entre o Executivo e os parlamentares opositores.

Declaração de guerra

Nos últimos dias de março de 2017, o Tribunal Supremo de Justiça da Venezuela cassou alguns poderes do Legislativo e os tomou para si. A justificativa era de que o Congresso, de maioria opositora, estava em estado de “desacato”. Apesar de já ter anulado leis e decretos aprovados pelos deputados ao longo de um ano de maioria opositora, os juízes do Tribunal Supremo ainda não haviam avançado sobre a Assembleia. O “desacato”, na visão da corte chavista, se devia ao fato de os deputados terem aprovado dias antes o respaldo à ativação da carta democrática da OEA contra a Venezuela. A sentença que declarou nula a decisão dos deputados também reduziu a imunidade dos parlamentares e permitiu a Nicolás Maduro ativar o Estado de Exceção, que o autoriza a adotar qualquer medida que julgue necessária para “salvaguardar” a ordem constitucional.

O movimento rumo à autocracia causou um impacto extremamente negativo, até mesmo para os padrões chavistas. Para tentar mitigar o estrago na imagem do país, o Tribunal Supremo voltou atrás e restituiu os poderes do Legislativo. Mas o recuo foi em vão. A maioria dos países membros da OEA aprovou uma resolução contra a Venezuela,²⁹⁵ medida que Maduro

qualificou como um golpe do Conselho Permanente da OEA contra seu governo.

A decisão da OEA reforçou os ânimos da oposição, que dois dias antes havia iniciado uma agenda de protestos contra Maduro. Na manhã do dia 1º de abril, os deputados opositores convocaram a população para uma sessão pública realizada em uma praça de Caracas.²⁹⁶ O ato foi o ponto de partida para um movimento sem precedentes na região. Desde aquele dia, foram realizadas 6.729 manifestações de rua nos quatro meses subsequentes.²⁹⁷ Diariamente, milhares de venezuelanos, em várias partes do país, protestaram contra o regime. Entre 1º de abril e 2 de agosto de 2017 foi registrada uma média de 42 atos por dia, em pontos distintos do país.

O resultado da repressão policial foi brutal. No final de julho de 2017, o governo reconhecia 129 mortes em protestos. Mas os dados não oficiais produzidos por organizações independentes apontavam para 163 vítimas fatais. Os registros mostravam que 63 delas foram atingidas por disparos de armas de fogo. O número de feridos superava 1.500, e um total de 3.264 pessoas foram presas. A radicalização de Maduro levou o país a um ponto que alguns analistas consideraram a beira de uma guerra civil.²⁹⁸ A insatisfação com o quadro de crise e violência atingiu alguns setores militares. Estima-se que, para conter a ameaça de sublevação, o chavismo enviou para a cadeia ao longo dos três primeiros meses de protestos cerca de 120 militares.²⁹⁹ Segundo os registros, trinta foram denunciados como desertores e outros quarenta por rebelião.³⁰⁰ Militares venezuelanos exilados confirmam a insatisfação de parte da tropa.³⁰¹ Segundo eles, espões do Serviço Bolivariano de Inteligência (Sebin) estavam identificando os militares insatisfeitos e enviando-os para a cadeia. A caçada promovida pelos chavistas nos quartéis levou o governo a acreditar que havia debelado toda e qualquer ameaça de um

levante na caserna. Maduro estava convencido da lealdade dos comandantes militares que o cercavam.

Golpe frustrado

A fidelidade ao presidente esteve por um fio. Às vésperas do 19 de Abril de 2017, quatro generais estavam a postos para deflagrar um golpe que destituiria Nicolás Maduro. O plano era aproveitar-se da data cívica nacional – que celebra o evento considerado com o ponto de partida da independência da Venezuela – para tomar o controle do país. Os oficiais planejavam invadir uma emissora local de televisão e utilizá-la para transmitir, em cadeia nacional, um vídeo previamente gravado no qual apareceriam lendo o manifesto que justificava o golpe. Enquanto isso, comandariam as frentes de ataque contra o regime: veículos blindados encurralariam Nicolás Maduro no palácio presidencial, e outros grupamentos cercariam o alojamento de 150 oficiais cubanos em Forte Tiuna – mais importante complexo militar de Caracas. Ao mesmo tempo que neutralizariam os cubanos, os insurgentes tentariam prender Nicolás Maduro, que teria garantido o direito de sair do país para o exílio.

Naquela noite de 18 de abril, os comandantes golpistas estimavam ter a adesão de 60% das tropas, que estavam dispostos a colocar o plano para a tomada do poder em ação pois acreditavam que, anunciado o golpe, pelo menos 30% dos demais se juntariam a eles, eliminando assim o risco de conflito ou de fracasso. Mas entre seus auxiliares havia os que previam que, sem a adesão total, o sucesso do golpe estaria comprometido, e Maduro voltaria triunfante e legitimado – ainda que artificialmente – pela comunidade internacional, que inevitavelmente condenaria o golpe.

Como se não bastasse a adesão parcial, nos dias que antecederam a tentativa de golpe, o presidente Nicolás Maduro organizou um evento bizarro que criou um empecilho adicional. Ele encheu as ruas com 50 mil milicianos como demonstração de sua força, principalmente para os militares. O presidente discursou para idosos, mulheres e homens que em sua maioria jamais haviam pegado em armas, mas que, naquela manhã de abril, encenavam para o mundo portando espingardas e carabinas recentemente compradas de Cuba.

Em seu discurso, Maduro prometeu armar ainda mais seus defensores, como forma de se manter no governo. O chavista disse que ampliaria as milícias bolivarianas, que já contam com dezenas de milhares de membros, armando 1 milhão de milicianos para proteger o regime.³⁰² Os militares entenderam que o presidente apostava sua permanência no poder na disposição de seus seguidores de morrerem por ele no caso de um golpe. Parte desse contingente paramilitar – 15 mil segundo fontes militares – foram alojados na Base Aérea Generalísimo Francisco de Miranda. A presença inesperada afetou a organização de parte dos golpistas, que tinham em “La Carlota”, como é conhecida a base, uma de suas principais peças para a tomada de Caracas. Outro agravante eram os cerca de 2 mil paramilitares que cercavam o palácio de governo.

Por volta de 7 horas da noite, os militares começaram a ouvir rumores de que Maduro decretaria estado de exceção por meio de um pronunciamento à nação. Os comandantes insurgentes decidiram adiar a ação para acompanhar a fala do presidente. Por mais de uma hora, ele acusou a oposição e os Estados Unidos de conspirarem contra seu governo. Alegando que não permitiria atos de violência por parte dos opositores, em um grande protesto que havia sido convocado para o dia seguinte, Maduro não decretou estado de sítio, como previsto, mas radicalizou com os manifestantes.

*"Decidi ativar o Plano Estratégico Especial Cívico-Militar Zamora para garantir o funcionamento de nosso país, a segurança, a ordem interna e a integração social"*³⁰³ – disse Nicolás Maduro.

O regime especial de controle e repressão³⁰⁴ que recebeu o nome do herói nacional Ezequiel Zamora,³⁰⁵ que em 2017 teve a celebração do seu 200º aniversário, havia sido desenhado ainda nos primeiros meses do ano, como uma ferramenta de reação a um levante popular, que naquele momento já era considerado pelos chavistas. Naquele instante, dez pessoas haviam morrido em conflitos com as forças oficiais. Dois meses depois da intensificação da força, outras 65 vítimas se somaram, e milhares de feridos foram contabilizados.³⁰⁶ A medida de Maduro radicalizou a relação com os protestos. Além de aumentar os efetivos militares e repressores, o presidente venezuelano passou a usar a Justiça Militar para processar aqueles detidos nos protestos. Uma medida de exceção que elevou ainda mais o grau da repressão. Somente nas primeiras semanas em vigor, mais de 250 civis foram processados em cortes militares.³⁰⁷

Maduro justificou o Plano Zamora como uma reação a um golpe que estaria sendo comandado a partir do Departamento de Estado dos Estados Unidos. O mandatário venezuelano, ao estilo dos ditadores e governos latino-americanos de esquerda, culpava os americanos por seus próprios problemas. Mas, enquanto mirava um inimigo invisível, acabou minando um plano real de golpe que estava sendo desenhado no seu entorno. Ao fim do discurso do presidente, os golpistas reavaliaram o cenário e decidiram “adiar” a ação. Perceberam que sem a adesão completa da caserna, estavam fadados ao fracasso.

Em Washington, local no qual Maduro fantasiava que um golpe estava sendo desenhado contra ele, a notícia de que uma rebelião militar estava em curso na Venezuela foi recebida com frieza e

descrédito, para o desapontamento dos mensageiros venezuelanos. A reação dos americanos, por sinal, foi idêntica àquela demonstrada nos primeiros meses da administração de Donald Trump, quando receberam um pedido absurdo de opositores ao regime de Maduro. Os funcionários americanos ouviram de alguns venezuelanos que circularam pela capital americana pedidos de uma intervenção militar. “A ação dos Estados Unidos não irá além da diplomacia e seus instrumentos”, ouviram os interlocutores venezuelanos, que imaginavam que Trump invadiria Caracas e levaria Maduro e toda a cúpula chavista para um presídio federal nos Estados Unidos.

Insatisfeitos com a negativa de intervenção ativa, os venezuelanos insistiram para que, assim como tinham armado os rebeldes sírios que lutam contra o regime de Bashar al-Assad, os Estados Unidos também enviassem armas para a Venezuela, a fim de sustentar uma resistência armada ao chavismo. O pedido, que levaria a Venezuela a uma guerra civil, foi tratado como um delírio em Washington. Com as portas da ajuda oficial fechadas, um venezuelano exilado em Miami foi escalado para tentar buscar apoio clandestino para armar os manifestantes. Dois de seus interlocutores revelaram os planos desse setor mais radical da oposição venezuelana.³⁰⁸

Nicolás Maduro soube se aproveitar da conflagração. Transformou os protestos de rua em batalhas campais e levou as instituições do país para a beira do abismo. Um de seus ex-ministros, o general Hebert García Plaza – que atualmente vive exilado nos Estados Unidos – afirmou que o gabinete do presidente precisava do caos generalizado para colocar em prática os planos de radicalização do chavismo.

– Maduro deu um golpe no Parlamento muito antes de, com a ajuda do Tribunal Supremo, suspender uma série de poderes e direitos dos deputados. Ele já governava por decreto e não precisava de formalmente transferir para o

Executivo as atribuições legislativas. Ele sabia o que fazia e esperavas os efeitos disso. Muitos protestos de rua permitiram a ele tomar medidas excepcionais. Os militares cubanos construíram uma narrativa que possibilitava ao regime o nível ideal de caos que o permitia radicalizar. A oposição atuou conforme o script chavista.[309](#)

O golpe da constituinte

No ápice da crise, o presidente anunciou a convocação de uma nova assembleia constituinte.[310](#) A proposta consistia em chamar eleições para a composição de um conjunto de quinhentos representantes que elaborariam a nova Carta Magna venezuelana. Deste contingente, metade não seria eleita de forma direta, mas viria de movimentos sociais e sindicatos.[311](#) Maduro justificou a medida – que pretendia transferir para movimentos patrocinados pelo chavismo funções ora pertencentes aos Poderes constituídos – como um aperfeiçoamento da revolução bolivariana.

O roteiro, que foi seguido até a eleição da assembleia constituinte, em julho de 2017, começou a ser desenhado meses antes. Em janeiro de 2017, o presidente Nicolás Maduro deu sinais claros de que apostaria no caos. Ele, que já havia se negado a realizar um referendo revocatório previsto na Constituição, tomou medidas autocráticas que cassaram diversas funções do Legislativo. Ao mesmo tempo, nomeou como vice-presidente um de seus aliados mais fortes e controversos, o ex-governador de Aragua, Tareck El Aissami. Investigado nos Estados Unidos por seus vínculos com o narcotráfico e o terrorismo islâmico, El Aissami ganhou a missão de chefiar o “plano de defesa” do país. Em linhas gerais, ficou incumbido de endurecer o regime.

Maduro esperava uma ação enérgica dos Estados Unidos. A principal delas seria a aplicação de sanções ao petróleo venezuelano. Ele sabia que uma medida mais dura por parte de um presidente impopular como Donald Trump ajudaria na sua estratégia de vitimização. Se deu certo com Cuba, que por mais de meio século usou o bloqueio americano como justificativa para o fracasso de seu modelo econômico, por que não daria certo com a Venezuela?³¹²

Mas a administração Trump não mordeu a isca e atacou o regime por outra frente. O Departamento do Tesouro aplicou sanções em mais de trinta chavistas, entre eles Nicolás Maduro e Tareck El Aissami. O primeiro dos chavistas a ter barrado o acesso ao sistema financeiro americano e a qualquer transação que envolvesse a moeda americana foi El Aissami.³¹³ Depois dele, vieram juízes, ministros e o próprio presidente. Seis meses depois de entrar na lista negra do Tesouro americano, El Aissami já havia perdido o controle sobre um conjunto de bens superior a 500 milhões de dólares. Uma fortuna que incluía três apartamentos de luxo, jato particular, carros e uma série de empresas e aplicações financeiras.

Ao receber sanção pelo Departamento do Tesouro dos Estados Unidos, o presidente venezuelano Nicolás Maduro entrou para o tenebroso hall dos ditadores impedidos de fazer negócios em dólar, como Bashar al-Assad, da Síria, e Kim Jong-un, da Coreia do Norte. Com a medida veio um novo tipo de tratamento da Casa Branca para com Nicolás Maduro: o governo americano passou a chamá-lo de ditador.

Para aqueles que estão no rol dos déspotas, as sanções surtem pouco ou nenhum efeito sobre sua vida prática. Restrições como bloqueio de cartões de crédito com bandeira americana ou contas pessoais em bancos dos Estados Unidos são transtornos irrelevantes para homens que comandam países inteiros e lidam com os bens de sua nação como se fossem uma extensão de seu

patrimônio pessoal. Mas tais restrições podem ser devastadoras para empresas internacionais. Como que prevendo que os Estados Unidos aplicariam sanções ao presidente Nicolás Maduro, a empresa que havia se transformado em símbolo das suspeitosas eleições venezuelanas antecipou-se e veio a público para fazer uma denúncia.

Eleições em xeque

Na primeira semana de agosto de 2017, o presidente da Smartmatic – empresa que em 2004 estreou nos processos eleitorais venezuelanos e até então era detentora do “monopólio” dos serviços eleitorais naquele país, – fez um pronunciamento afirmando ter detectado uma fraude na eleição. A denúncia foi realizada apenas três dias após Maduro ter obtido nas urnas o aval da população para convocar uma nova Constituinte. O venezuelano Antonio Mugica disse que os mecanismos de controle da companhia detectaram uma diferença de cerca de um milhão de votos entre os efetivamente registrados por eles e o anunciado pelo regime de Maduro.³¹⁴ Mugica afirmou que o Conselho Nacional Eleitoral inflou os números relacionados à participação de eleitores no pleito que elegeu a nova Assembleia Nacional Constituinte.

Em um intervalo de poucas horas entre a divulgação dos resultados e a confissão, a empresa que era um dos símbolos do processo de corrosão da democracia sob o chavismo mudou de status. Passou a ser vista pela oposição local como uma aliada na denúncia da ditadura que se instalara no país. A confissão demonstrou que o sistema eletrônico não era inviolável. Para a maioria dos analistas, ao denunciar o regime, a Smartmatic tentava descolar-se do chavismo e conseqüentemente evitar sanções por parte do Tesouro americano, o que comprometeria o futuro da companhia.

O esforço para se desvincular do chavismo, no momento em que o regime mais se radicalizava, explica-se pelo fato de que, nos treze anos que antecederam o desembarque, a Smartmatic esteve por trás de todas as eleições realizadas na Venezuela. Por sinal, todas sempre colocadas sob suspeita. E não faltaram evidências que mostravam a fragilidade do sistema. Em 2005, 75% dos eleitores não compareceram às urnas para a eleição legislativa. A baixa adesão se explicava pelo fato de as pessoas terem preferido a abstenção a expor suas opções políticas, o que poderia custar-lhes o emprego.

Naquele momento, em qualquer rua de Caracas era possível comprar de vendedores ambulantes uma cópia em CD dos dados completos de cada um dos 12 milhões de eleitores registrados na Venezuela. Além disso, na ficha cadastral estava anotado como o eleitor havia votado no referendo de 2004, pleito de estreia da Smartmatic no mercado Venezuelano. O banco de dados havia sido batizado de "Maisanta", em homenagem ao bisavô do presidente Chávez.³¹⁵

A violação do segredo de voto comprovada no arquivo vazado e amplamente comercializado pelas ruas foi sentida na pele por milhares de pessoas. Depois do referendo revogatório, quem votou contra o presidente passou a ter vetada a nomeação em cargos públicos. Aqueles que já contavam com um emprego no governo sofreram represálias ou foram exonerados. A perseguição política chegou ao ponto de, antes de fechar contratos com empresas privadas, o governo venezuelano exigir do fornecedor a lista completa de seus empregados. O objetivo era investigar o comportamento eleitoral dos funcionários e, conseqüentemente, se a empresa estava "infestada" de opositores.³¹⁶ Dependendo do número de eleitores que tinha votado contra o chavismo, o governo simplesmente barrava o contrato, ou mandava demitir os "traidores", quando eram casos isolados. Essa foi a forma encontrada de obrigar o setor privado a exercer o mesmo tipo de controle que o regime já exercia no setor público.

Como o chavismo não fazia questão de esconder que o sigilo de voto era uma ficção, ninguém podia duvidar que o governo era capaz de ir além, mudando votos e manipulando os resultados. Diante da ameaça de retaliação, muitos venezuelanos se viam obrigados a votar conforme os interesses chavistas. Por treze anos, os opositores acusaram o regime de fraude sem sucesso. Em 2012, quando foi realizada a última eleição disputada por Chávez, e no ano seguinte, quando Nicolás Maduro elegeu-se presidente, o aparato estatal chavista havia desenvolvido um complexo sistema de monitoramento de votos.

Com uma gigantesca rede de militantes trabalhando em todas as grandes seções eleitorais do país, o chavismo pôde acompanhar em tempo real a frequência dos eleitores e a evolução dos votos.³¹⁷ Ao longo do dia, à medida que o pleito avançava, as milícias bolivarianas eram ativadas para buscar de casa em casa os eleitores que ainda não haviam votado. Mas não era uma abordagem aleatória: os *colectivos*, como são chamados os milicianos, iam diretamente aos endereços dos eleitores que ainda não haviam comparecido para votar. Os preferidos eram sempre aqueles mais vulneráveis – funcionários públicos e beneficiários de programas sociais.

Criada nos Estados Unidos, em 2000, por Antonio Mugica e outros dois venezuelanos, a Smartmatic se arrastou até ganhar, em 2003, seu primeiro contrato relevante. Sem ainda ter organizado sequer uma eleição municipal, a empresa montou um consórcio – do qual fez parte a subsidiária Bizta e uma companhia de telefonia local da qual o governo venezuelano era detentor de 7% das ações – que saiu vitorioso na disputa para a realização de eleições no país.³¹⁸

Em 2004, quando a Smartmatic estreou na Venezuela, não tinha sequer as urnas eletrônicas para coletar os votos. Sendo assim, encomendou à italiana Olivetti a adaptação de máquinas de loteria

para fazer a eleição.³¹⁹ Nesse primeiro contrato, a empresa estreante recebeu 121 milhões de dólares – exatamente 120 milhões de dólares a mais do que havia faturado desde sua fundação, quatro anos antes. Capitalizada, a Smartmatic lançou-se no mercado americano de eleições, fornecendo urnas eletrônicas para uma disputa em Chicago, em 2006. Mas o que deveria ter sido uma entrada gloriosa na maior democracia do planeta converteu-se em fiasco. Algumas das urnas, que eram levadas de táxi para os centros de apuração, desapareceram, e os resultados registrados por alguns equipamentos da empresa mostraram-se totalmente inconsistentes com os registros físicos. Um processo judicial foi aberto contra a Smartmatic e as investigações trouxeram à tona a relação umbilical da empresa com o chavismo.³²⁰

A Bizta tinha como sócio direto o governo venezuelano – o Estado era dono de 28% do capital da empresa. Essa influência levou o presidente Hugo Chávez a indicar um alto funcionário do Ministério da Ciência e Tecnologia para a diretoria da companhia. O escândalo levou o governo venezuelano a deixar a sociedade, mas não foi o suficiente para frear as investigações nos Estados Unidos. Acuada, a Smartmatic retirou-se do mercado americano e transferiu sua sede para Barbados, no Caribe. O impacto da descoberta de uma empresa relacionada ao chavismo realizando eleições nos Estados Unidos foi tão grande que contribuiu de forma decisiva para a aprovação, em 2007, da Lei de Investimentos Estrangeiros e de Segurança Nacional, que restringe a participação de empresas estrangeiras em atividades consideradas de segurança nacional.

A unidade brasileira da Smartmatic já atuou em duas eleições. Em 2012, fez parte de um consórcio responsável pela manutenção e pelo upgrade de todas as urnas eletrônicas utilizadas no Brasil. Em 2014, a empresa ganhou contratos com diversos Tribunais Regionais Eleitorais para a transmissão de dados. Por onde atuou,

a companhia foi alvo de uma série de controvérsias. No Brasil, por exemplo, a filial registrada na Junta Comercial de São Paulo está em nome de duas *offshores* holandesas. Apesar disso, a empresa apresentou-se nos contratos oficiais como tendo sua sede em Barbados. Em sua página oficial, entretanto, define-se como sendo inglesa. No México, onde já atuou, era qualificada como holandesa.

Além de Venezuela, Brasil e Estados Unidos, a Smartmatic realizou eleições na Bolívia, no Equador, em Zâmbia, nas Filipinas e na Bélgica. Nesses dois últimos países a empresa enfrentou denúncias de fraude e processos judiciais por falhas. Nas Filipinas, o Congresso iniciou uma investigação para desvendar, sem sucesso, a intrincada rede de *offshores* que encobrem os proprietários da empresa, entre os quais está o venezuelano Antonio Mugica. Em 2013, o governo da Bélgica se recusou a pagar parte do contrato para a realização de eleições regionais, devido às falhas nas urnas que levaram à perda de votos.

Chavismo 2.0

A iniciativa governista, entretanto, inaugurou um esforço de Maduro para implementar o Chavismo 2.0. como forma de se manter no poder. Com notas claras de autogolpe, ele evocou um artigo da Constituição implementada em 1999 para radicalizar ainda mais a proposta “revolucionária” da legislação – ou, na leitura de alguns chavistas, “um mergulho no socialismo” aspirado por Chávez, mas que não tinha sido possível pela ausência das condições necessárias, agora existentes.³²¹ As “condições” às quais Maduro se referia eram uma sociedade totalmente destrocada e o regime diante de seu maior desafio de sobrevivência. Portanto, não restava ao governo de Maduro outra estratégia que não fosse o confronto.

Ao longo dos anos de chavismo, o regime adotou a estratégia da expropriação como forma de perseguição aos empresários que Hugo Chávez via como opositores de seu governo. Por causa disso, uma primeira leva de exilados venezuelanos partiu rumo à Europa e aos Estados Unidos. Eram membros da elite que se viam sob a mão de ferro do presidente, que se valendo das receitas petroleiras, não via problema em destruir a produção local e substituí-la por importações, com o único objetivo de quebrar financeiramente quem ousasse colocar-se como opositor ou simplesmente crítico. Durante seu último mandato, entre 2007 e 2013, um novo fenômeno passou a ser observado. Venezuelanos de classe média e muitos profissionais qualificados que formavam a massa crítica da indústria local deixaram o país para fugir da inflação explosiva e do desabastecimento.

Mesmo antes da morte de Chávez, em março de 2013, a Venezuela já dava sinais de que caminhava para a beira do precipício. Europa e Estados Unidos não eram mais os únicos destinos; República Dominicana, Panamá e Colômbia também passaram a receber importantes contingentes de imigrantes. Em 2012, a Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) informou que 505 venezuelanos tinham pedido asilo.³²² Em 2013, esse número mais que dobrou, e não parou mais de crescer. Além dos asilados políticos, a derrocada da economia agravou o fenômeno e criou uma crise de refugiados na região. Segundo o ACNUR, 181.534 venezuelanos viviam na Colômbia, nessas condições, nos primeiros meses de 2017.

Uma cifra aquém da realidade percebida naquele momento na Colômbia. Na primeira metade de 2017, as autoridades colombianas afirmavam que mais de 455 mil venezuelanos haviam entrado no país. Metade desse fluxo era composto por pessoas que buscavam comprar remédios e comida.³²³ Ainda segundo as autoridades migratórias colombianas, o número de imigrantes venezuelanos ilegais vivendo no país em julho de 2017 era de

aproximadamente 140 mil.³²⁴ Na última semana de julho de 2017, o fluxo migratório de refugiados rumo à Colômbia cresceu de forma dramática. Em apenas um dia, mais de 26 mil pessoas abandonaram a Venezuela e atravessaram a fronteira do país vizinho fugindo da crise humanitária resultante da deterioração política e econômica de seu país.³²⁵

Entre 2015 e 2016, os venezuelanos eram a terceira maior nacionalidade em número de pedidos de asilo nos Estados Unidos – com 10.221 processos, atrás apenas de mexicanos e chineses.³²⁶ No Brasil, mais de 30 mil refugiados venezuelanos foram reconhecidos pelo governo em 2016.³²⁷ Na cidade fronteiriça de Pacaraima, as autoridades locais já contabilizaram mais de 100 mil pessoas que ingressaram no Brasil em busca de refúgio ou alimentos.³²⁸ “Porta de entrada” dos venezuelanos, o estado de Roraima é onde se verifica com mais evidência a penúria dos imigrantes. No aterro sanitário da capital Boa Vista, indígenas originários de aldeias da Venezuela passaram a disputar com os urubus as sobras de alimentos descartadas pelos moradores locais.³²⁹ Centenas de mulheres venezuelanas passaram a se prostituir em várias outras cidades na região da fronteira para garantir o próprio sustento e o de suas famílias. A renda de apenas uma relação sexual no lado brasileiro era equivalente ao salário mínimo venezuelano em maio de 2017.³³⁰

A corrosão do chavismo tem obrigado muitas gestantes venezuelanas a fugirem para a Colômbia para dar à luz em condições mais adequadas.³³¹ Em 2017, a Venezuela chegou ao ponto de não ser capaz de suprir adequadamente os insumos básicos para procedimentos médicos. Algumas pessoas da comunidade de venezuelanos que residem nos Estados Unidos relatam que são necessários envios constantes de medicamentos para seus familiares. Um ex-professor universitário revelou que

sua irmã, que é veterinária, estava adaptando remédios desenvolvidos para animais para tratar da própria mãe.³³²

Outro venezuelano narrou que seu pai sofreu um acidente de automóvel e foi levado a um hospital localizado no estado de Lara. Lá recebeu a notícia de que não havia sequer materiais para sutura no hospital. Os ferimentos foram tratados graças ao engenho dos médicos locais, que hoje trabalham como se estivessem em um campo de guerra. O homem de quase 80 anos voltou para casa apenas com analgésicos comuns; os antibióticos e anti-inflamatórios foram enviados dos Estados Unidos. Todos os dias, praticamente todo venezuelano que embarca de qualquer aeroporto do planeta em direção a Caracas carrega consigo uma carga de víveres básicos. Seja para si, para familiares ou fazendo um favor para algum amigo. Nos Estados Unidos, alguns médicos aceitam aviar as receitas necessárias para que os familiares locais comprem os medicamentos que são enviados para a Venezuela. Por ser ilegal, o expediente é cercado de discricção. Conforme disse um ativista venezuelano, os médicos têm aceitado o risco por considerar tratar-se de uma ação de caráter humanitário.³³³ Uma medida que se assemelha àquelas adotadas para com países em guerra. A Venezuela por sinal é um caso singular de um país destruído mesmo em tempos de paz.

MERGULHO NO ABISMO

Qual seria então a saída para a Venezuela? Qualquer resposta apresentada para essa, que se tornou uma pergunta constante entre todos aqueles que acompanharam a crise, seria passível de erro. A única certeza era a de que o país estava em queda livre. Hugo Chávez minou todas as bases dos sistemas econômico e social da Venezuela. Com sua morte, entregou nas mãos de Nicolás Maduro o detonador que arruinou esses pilares, mas, sobretudo a institucionalidade venezuelana. Coube a um ex-motorista de ônibus, sem formação universitária, que nunca havia disputado uma eleição para cargos executivos e que chegou à presidência exclusivamente por causa da relação com seu mentor, a missão de conduzir a Venezuela ao abismo.

Na corda bamba

O presidente Maduro sobreviveu a mais de quatro anos em meio a anúncios de que seu governo estava à beira do fim. Ao longo de 2017, esses sinais se tornaram gradualmente mais evidentes. Diversos analistas chegaram a anunciar o fim do governo. Mas, a despeito do caos e da crise, Maduro e o chavismo seguiram adiante. A resiliência foi o resultado da combinação do engajamento de fiadores internacionais e do total desrespeito para com as necessidades dos venezuelanos. Para permanecer no

poder, o regime foi gradualmente se desfazendo da fantasia democrática que ostentou ao longo de anos. Os chavistas brutalizaram a relação com a população; a violência aplicada sem limites e a fome como política de Estado subjugarão os venezuelanos.

Enquanto isso, os governos da Rússia e da China ofereceram suporte econômico ao regime. O presidente Vladimir Putin enviou carregamentos de grãos para ajudar a suprir a carência por alimentos na Venezuela e determinou um afrouxamento na dívida contraída ainda durante o governo de Hugo Chávez. Com o arrefecimento dos protestos de rua, Maduro foi a Moscou para manifestar sua gratidão, mas, principalmente, para enviar uma mensagem a Washington e marcar explicitamente sua posição dentro da nova Guerra Fria: a de principal peça de Moscou no hemisfério ocidental. Sem qualquer constrangimento, Maduro bajulou o líder russo dizendo que “o verdadeiro líder do novo mundo em formação e do mundo em que queremos viver é Vladimir Putin”.³³⁴

Apesar desse esforço, a destruição econômica e institucional da Venezuela se tornou evidente. No campo da economia, uma projeção realizada por pesquisadores da Universidade de Harvard mostrou quão profunda eram as cicatrizes da tragédia do chavismo.³³⁵ Entre os cenários analisados pelos cientistas, o mais otimista era aquele no qual o país voltaria a crescer ainda em 2017. Os ensaios mostravam que para o PIB *per capita* venezuelano atingir o mesmo valor de 2012, seriam necessários 25 anos de crescimento contínuo, em uma média anual de 2,3%. Ou seja, o chavismo condenou o país a, pelo menos, trinta anos de atraso e miséria.

Não foi à revelia que 2012 foi escolhido como balizador comparativo da catástrofe. O ano marcou o fim do longo período de bonança petroleira que ocultou os efeitos destrutivos do

chavismo sobre as bases econômicas da Venezuela.³³⁶ Os números mostravam que a crise se avizinhava na medida em que a economia colapsava. E, trabalhando para escamotear a realidade, o chavismo corroía ainda mais as estruturas do Estado venezuelano.

As consequências para a economia venezuelana foram fatais, pois quanto mais tempo se leva para aplicar medidas para a retomada do desenvolvimento, mais longo o período necessário para a recuperação. E isso se explica por uma equação muito simples: para repor os 50% perdidos em um ano é necessário um crescimento de 100% no ano seguinte para se retornar ao mesmo patamar. Com uma dívida estimada em mais de 178 bilhões de dólares, a Venezuela precisaria, em agosto de 2017, de pelo menos 100 bilhões de dólares para reativar sua economia e reverter o processo de queda.³³⁷

País despedaçado

Os danos financeiros não eram a única cicatriz que marcaria de forma indelével a história da Venezuela e da América Latina. Ao longo de duas décadas de chavismo, o país viu derreter a sua institucionalidade. E, como numa metástase, consumiu também países vizinhos. Ora atuando no limiar da autocracia, ora ultrapassando de fato os limites democráticos, Hugo Chávez e Nicolás Maduro promoveram um ataque paulatino às instituições. Desde as suspeitas de fraudes eleitorais, até fechamento da Assembleia Nacional com a convocação de uma nova constituinte, o país se enterrou ainda mais no abismo da incerteza.

O chavismo corroeu o tecido social. Mudou de forma drástica as relações dos venezuelanos entre si, com as instituições e o próprio

país. Os poderes legislativo e judiciário foram devorados pelo executivo. Hugo Chávez destruiu a independência dos tribunais e subjugou o Parlamento. Promoveu a noção do “eles” contra “nós” mais do que qualquer outro governo de esquerda latino-americano. A Venezuela pós-Chávez transformou-se no país dos extremos.

Sob o chavismo, quem se deixava subjugar ou fazia parte dos esquemas governamentais eram amigos. Opositores eram banidos para a vala comum dos inimigos da revolução. Os adutores dos governantes eram patriotas, e os críticos, apatriotas. Em resumo, eram os chavistas versus os majunches – como pejorativamente são chamados os opositores e qualquer um que possa ser associado à direita. Chávez sonhava permanecer na presidência até 2031, quando faria 77 anos, e como parte de seu projeto castrista de perpetuação no poder demonizava aqueles que julgava seus inimigos.³³⁹ Mais do que isso, estimulava os cidadãos a reproduzirem esse comportamento. Vizinhos e até familiares viram-se divididos no ambiente bipolar que Chávez instituiu no país.

Valendo-se da profunda polarização da sociedade, o chavismo sequestrou os venezuelanos, e, ao contrário de estabelecer a prometida “nova ordem” social, o Socialismo do Século XXI, como proclamava Hugo Chávez, proporcionou um gradativo processo de desordem e caos. A população foi encurralada pela violência e pela escassez, ao mesmo tempo que ficou sufocada por um Estado que tratava com enorme benevolência seus seguidores e perseguia de maneira implacável seus críticos.³⁴⁰ O chavismo tomou de assalto as instituições e as utilizou como objeto de sedução e manutenção de aliados.

Mapeando as debilidades da oposição local, Chávez soube manobrá-la de tal modo que a maior parte dos opositores, ainda que involuntariamente, cumpria apenas um papel no teatro chavista. Como gado pronto para o abate, esses movimentos

seguiram todos os passos previstos pelo regime e iam parar direto nas mãos do algoz. A lista de vitórias dos opositores, quando comparada à enciclopédia de derrotas sofridas, dá a justa dimensão do papel funcional que eles exerceram durante os anos de chavismo. Apesar de todo o desgaste de imagem que a oposição promoveu no exterior, os líderes chavistas permaneceram praticamente incólumes. Com o agravante de que a cada investida opositora eles não só sobreviviam como pareciam mais fortes e brutais.

Um dos papéis involuntários dos opositores foi o de colaborar com a radicalização da sociedade. Embora não exista justificativa alguma para ações extremistas e irregulares do governo venezuelano, os chavistas sempre se valeram do comportamento dos adversários para dar suporte a suas ações violentas e radicais. E quase sempre tudo se dava dentro de uma narrativa construída no Palácio de Miraflores. A isca era jogada e as lideranças contrárias ao governo quase sempre reagem conforme o previsto.

Nesses momentos entrava em ação um dos monstros que brotaram dessa relação de violência de Estado: a formação de milícias armadas, os chamados *colectivos*. Armados e financiados pelo governo, esses grupos são os operadores da violência paraestatal. Todos os eventos que resultaram em pancadaria e mortes registrados entre 2012 e 2017 tiveram relação direta com a horda chavista. Ainda sob o governo de Hugo Chávez, essas milícias, quando não estavam a serviço do regime em repressão aos protestos de rua, usavam o tempo ocioso para cometer crimes comuns, como sequestros e extorsões. Ao se transformar em patrocinador da violência urbana, o Estado escancarou um dos pontos mais elementares da situação de anomia que tomara conta do país.

A fome passou a ser um importante elemento de controle. Uma legião de pessoas altamente dependentes do Estado e amedrontadas passou a ser manejada por meio de programas de

distribuição de alimentos. As bolsas- alimentação dos Comitês Locais de Alimentação e Produção (Clap) eram a única forma de muitas famílias da Venezuela terem acesso a uma cesta- básica. Por causa disso, a distribuição passou a ser utilizada como objeto de chantagem. Em julho de 2017, o governo Maduro afirmava que 30% da população comia graças ao programa.³⁴¹ Composta por até treze itens, a cestas do Clap custavam 10.500 bolívares, enquanto um único quilo de arroz no comércio local custava 17 mil bolívares, em agosto de 2017.³⁴²

Como único provedor de alimentos a preços acessíveis, o chavismo calou os protestos, silenciou a população e a acorrentou pela boca e pelo estômago. Uma lição muito bem aprendida com os aliados cubanos, que administraram um dos mais longos períodos de racionamento de alimentos de que se tem notícia nas últimas décadas.³⁴³ Os irmãos Castro sempre se valeram da desculpa do bloqueio econômico pelos Estados Unidos para justificar o fracasso econômico da ilha e a miséria da população. Em Cuba, como foi reproduzida na Venezuela, a privação de alimentos sempre foi uma das ferramentas fundamentais de controle social.

O controle sobre os cidadãos se deu não só pela violação do sigilo do voto, pela fome e pela violência. O chavismo também deteriorou as bases do Estado venezuelano. Como consequência direta do suporte do governo ao narcotráfico, a Venezuela, que era um petroestado, passou a ser um narcoestado,³⁴⁴ para enfim evoluir para uma versão mais complexa de hibridação entre o poder político e o crime, cuja melhor definição seria a de um "estado-narco". O governo venezuelano deixou o status de parceiro no crime para ser o ator principal no tráfico de cocaína.

Mais do que uma inversão na ordem das palavras, o termo define a relação do chavismo com o comércio da droga. O governo empregou o aparato estatal a serviço do tráfico, e os agentes

estatais passaram a coordenar o negócio. Ao assumir o papel de protagonista nas operações de envio de cocaína, a Venezuela também absorveu as práticas dos cartéis e passou a replicá-la em escala estatal. Tal como Cuba nos anos 1980, a Venezuela de Hugo Chávez fez do narcotráfico uma “política de governo”. E ao criminalizar-se, a estrutura governamental “viciou-se” na fonte de recursos, mas sobretudo na ausência de regras derivada da vida de crime.

Não foi apenas o caminho da delinquência estatal que Cuba trilhou para a Venezuela. Hugo Chávez e Nicolás Maduro foram buscar inspiração revolucionária na ilha de Fidel Castro, que desempenhou o papel de mentor em assuntos de narcotráfico e terrorismo. Em troca do petróleo a preços amigos, os irmãos Castro deram ao chavismo o verniz revolucionário. O “Socialismo do Século 21” de Chávez foi erguido com bases no stalinismo do século XX e o nacionalismo do século XIX. O chavismo arruinou a Venezuela na metade do tempo que Castro fez em Cuba, enquanto a economia cubana tinha apenas açúcar como combustível.^{[345](#)}

Puxando a fila

Por ter ocorrido de forma tão explícita, o fim da democracia venezuelana, corretamente, ganhou a atenção mundial, mas foi visto erroneamente como um caso isolado. A marcha autoritária do chavismo eclipsou o que era uma ameaça generalizada na região.

A Bolívia era o exemplo mais bem-acabado e negligenciado desse processo. O desmonte da democracia no país andino começou a tornar-se evidente em 2017.^{[346](#)} A gestão macroeconômica

prudente de Evo Morales, ao longo de doze anos, ajudou a economia boliviana a crescer mais rapidamente que a de seus vizinhos,³⁴⁷ mas também criou uma cortina de fumaça sobre a saúde institucional do país.

Misteriosamente, apesar de o valor das *commodities* que sustentam a economia formal ter colapsado, a Bolívia seguiu apresentando indicadores invejáveis. Mas o que comprovaria que sua economia formal era desconectada de sua economia real foi borrado pelo estrondoso sucesso do líder indígena que, apesar de socialista, fez o país decolar. O suposto sucesso econômico de Morales levou muitos analistas a acreditarem que a Bolívia vivia uma era de prosperidade, que alguns chegaram a batizar de *Economics*.³⁴⁸ O fenômeno nutriu o *affair* por seu governo e serviu como propaganda para sua reeleição.³⁴⁹ A bonança econômica, evidentemente, era sim uma das razões para o sucesso nas urnas, mas não a única. O líder cocaleiro já havia minado as frágeis bases institucionais bolivianas e manejava o sistema em seu favor, com seu partido – o MAS (Movimento ao Socialismo) –, aniquilando opositores, seja enviando-os para a prisão, banindo-os para o exílio ou comprando-os. Ou simplesmente assassinando-os, como fez com o general Valenzuela.

Em 2016, quando Morales convocou um plebiscito para mudar as regras eleitorais em seu favor, de forma que pudesse imitar Hugo Chávez, apostava que os efeitos da *Economics* ainda lhe serviriam como plataforma para seu projeto de perpetuação no poder. Mas a maioria dos bolivianos já sentia na pele os efeitos do refluxo da economia. Enquanto Evo Morales era punido por não representar mais o bem-estar econômico, seus aliados diziam que ele era vítima de um golpe midiático. Nos dias que antecederam a consulta popular, a imprensa boliviana revelou que Morales tinha um filho com uma ex-modelo que se tornara executiva de uma empresa chinesa detentora de contratos milionários com o governo boliviano.³⁵⁰ O caso – entre confissões e desmentidos de

toda natureza – nunca foi devidamente esclarecido e transformou-se, para os governistas, na justificativa para o fracasso.

Enquanto a *Economics* ruía internamente, a crença no mito prosperava para além do altiplano. Em janeiro de 2017, prestes a completar-se um ano daquela que foi sua maior derrota, ainda era possível ler sobre seu sucesso.³⁵¹ Uma ficção. Naquele mesmo mês, o Banco Central da Bolívia registrava o volume de reservas internacionais mais baixo desde 2010. Um em cada três dólares que o país tinha em sua “poupança” tinha virado pó em dois anos.³⁵² O país estava nitidamente no cadafalso do qual a Venezuela já havia despencado.

E repetindo o roteiro chavista o MAS ignorou o resultado do referendo que vetou uma nova reeleição do presidente. O partido lançou a candidatura de Morales para 2019 com o aval do Tribunal Constitucional – a Suprema Corte boliviana. Ironicamente, a mesma Venezuela que serve de espelho para a Bolívia é também a cortina de fumaça para o governo fazer sua imitação. Sem que ninguém prestasse atenção, Morales deu início a um golpe na Bolívia.

Por quase um ano, os países da região assistiram impassíveis. Não por omissão. A América Latina aprendeu a reagir aos golpes de origem militar, mas não aprendeu a lidar com aqueles provocados pela destruição gradativa das instituições e justamente por líderes eleitos democraticamente que manipularam as regras vigentes em favor de seus projetos pessoais, políticos e, muitas vezes, criminosos.³⁵³ Somente em outubro de 2017, a Organização dos Estados Americanos (OEA) pediu a Morales que respeitasse a “vontade popular”. Um apelo tímido perante um golpe cujas características não eram tão radicais como as daqueles conduzidos por homens uniformizados; mas tampouco eram sutis, para serem toleradas pela comunidade internacional. O presidente boliviano não só desrespeitava o resultado de uma eleição, como virava as

costas para o desejo da população em nome de um suposto “direito humano fundamental” de se perpetuar no poder.

A ideologia bolivariana do chavismo se alastrou pelo continente e, apesar de ter origem militar, não foi percebida como tal e, por isso, mudou de forma definitiva as principais ameaças à liberdade e à democracia típicas da região. A corrosão dos mecanismos democráticos imposta pelos governantes alinhados com Chávez fez com que os palácios presidenciais, e não mais os quartéis, fossem a principal ameaça ao jogo democrático.³⁵⁴ Uma ironia, pois uma região marcada por sucessivas interrupções em suas frágeis democracias viu justamente, em um dos períodos “democráticos” mais duradouros, a distorção do conceito em favor de um novo tipo de golpe e o florescimento de novas formas de lideranças e governos, cujo verniz democrático esconde pretensões autocráticas.

Hugo Chávez abriu mão de cuidar de sua saúde porque temia passar a imagem de líder vulnerável, comprometendo sua reeleição. Estava convencido de que uma derrota eleitoral poderia representar um risco para a “revolução”, por isso entregou-se à precária medicina cubana, na expectativa de conseguir driblar o câncer a tempo de vencer as eleições – e impedir assim o saudável gesto de passar a faixa presidencial. Chávez acreditava que, passada a disputa, poderia se dedicar ao tratamento, que o devolveria à plena forma. Alcançou apenas o primeiro objetivo: foi reeleito, mas o tempo jogou a favor do câncer; a doença havia se tornado incurável. Chávez morreu, e seu fim físico comprovou mais um de seus erros.

Uma das bases da revolução bolivariana foi o desmonte da institucionalidade. De tão profundos, os danos provocados por Hugo Chávez se perenizaram. Seguiram surtindo efeito mesmo após sua morte. Os ecos de seus discursos intermináveis, sua subordinação ao comando cubano, o antiamericanismo patológico e sua obsessão por criar espaços de desestabilização continuam

nitidamente perceptíveis anos após sua morte. Essa presença fantasmagórica e sombria fez de Chávez o espectro que assombra, sobretudo, a América Latina, mas que se manifesta, nas guerrilhas africanas, no terrorismo islâmico e na tragédia da explosão no consumo de cocaína e crack e de toda a violência derivada desse mercado.

Efeitos duradouros

O espectro chavista está presente nos cartéis que levaram o México ao estado de violência epidêmica que contaminou toda a América Central. O crescimento do número de homicídios na região conhecida como Triângulo Norte – que integra El Salvador, Guatemala e Honduras – coincide com o suporte que o chavismo deu ao narcotráfico. Entre 1999 e 2014, a taxa média de assassinatos nos três países saltou de 46 por 100.000 habitantes para 67 por 100.000 habitantes.³⁵⁵ Em alguns momentos atingindo, como no caso de El Salvador, picos de 103 mortes violentas por grupo de 100.000. O monitoramento do espaço aéreo da região mostra que de uma área remota na fronteira da Venezuela com a Colômbia partem dezenas de voos com destino a Honduras, Nicarágua e Guatemala. Decolando de pistas não oficiais em áreas limítrofes aos centros de produção e distribuição da cocaína dos guerrilheiros colombianos das Farc, esses aviões aterrissam em pistas não oficiais desses países centro-americanos sem passar por qualquer tipo de controle oficial.

É evidente que o único que disse ter visto manifestações sobrenaturais de Hugo Chávez foi seu sucessor, Nicolás Maduro. Sem qualquer preocupação com o ridículo, o presidente venezuelano já se encontrou com Chávez, mais de uma vez, em forma de passarinho³⁵⁶ e até de uma mancha de fungo na parede de túnel do metrô de Caracas³⁵⁷ – um recurso populista para

tentar se aproveitar da fragilidade de boa parte da população, que acredita, sim, em espíritos.

Enquanto Maduro jogava com o imaginário dos venezuelanos, o verdadeiro fantasma de Chávez ganhava força por meio de um governo fracassado. Na vida real, no lugar de passarinhos falantes, Chávez se materializava em desabastecimento, fome, crise econômica e violência urbana descontrolada. Fora da Venezuela, na forma de dezenas de milhares de refugiados, do tráfico de cocaína e do terrorismo. O legado de Chávez é uma assombração. O espectro bolivariano.

No final de 2017, os protestos de rua na Venezuela praticamente não existiam mais. A oposição já havia aceitado se sentar a uma mesa de negociação com Maduro. Nos últimos meses de 2017, o regime Chavista realizou outras duas eleições. No pleito que elegeu os governadores dos 23 estados, em outubro, os chavistas venceram em dezessete. Em dezembro, com uma abstenção de 53% dos eleitores, o regime arrematou 300 das 355 prefeituras venezuelanas. Um “espetáculo de democracia” comemorado pelos apoiadores do chavismo dentro e fora da Venezuela, como o Partido dos Trabalhadores, no Brasil.

Nos primeiros dias de dezembro de 2017, a tese do golpe voltou à tona. Militares venezuelanos passaram a trocar informações com desertores e exilados na Colômbia para desenhar um ataque ao governo chavista. O plano contaria com a participação de paramilitares que nas últimas décadas lutaram contra as Farc – que um ano antes haviam firmado um acordo de paz com o governo de Juan Manuel Santos.

Sem um horizonte claro para a crise, parte da oposição na Venezuela dava oxigênio para o regime de Nicolás Maduro, enquanto outra apostava na mais radical das soluções: a deposição do presidente pela força. Para parte importante dos opositores, um golpe e o emprego da violência eram a única forma

mudar o país. Movimento que ganhara força desde o início de 2017, quando efetivamente fora ensaiado dentro dos quartéis. Uma opção equivocada que se levada a cabo poderia até lograr o objetivo de derrubar Nicolás Maduro, mas nem de longe se livrará do chavismo.

A imagem distorcida de Hugo Chávez está até mesmo no esforço daqueles que se definem como seus opositores. Chávez era um golpista. Participou de uma tentativa fracassada em 1992; depois de democraticamente eleito, em 1998, empreendeu uma série de medidas para aniquilar seus adversários e perpetuar-se no poder que eram nada menos que golpes seguidos de golpes. Maduro repetiu a fórmula para chegar e se manter no poder. E assim, a política venezuelana foi tragada pela cultura da ilegitimidade. E toda vez que a tentação de usar dessas medidas é considerada, ali também está o fantasma de Chávez.

Os historiadores ensinam que é preciso tempo para que se meçam os efeitos de um processo histórico. A terra arrasada deixada no rastro da Revolução Bolivariana é indício inapagável do potencial destrutivo do chavismo. As feridas abertas na América Latina poderão se revelar de difícil recuperação, e mesmo quando chegar o dia em que as chagas forem cicatrizadas, elas terão deixado sequelas. Chávez quis mudar o mundo e conseguiu: deixou-o muito pior do que quando o encontrou.

Posfácio

E O BRASIL COM ISSO?

O cenário é o de uma agressão injustificada. Um caça invade o espaço aéreo brasileiro para desferir um ataque brutal. Ao fim do dia são contabilizadas 84 vítimas civis. Não satisfeitos, os agressores retornam no dia seguinte e realizam um novo bombardeio, nas mesmas proporções, deixando coincidentemente o mesmo número de mortos e uma série de feridos, além de prejuízos materiais. Como as autoridades brasileiras reagiriam? Que tipo de ação reivindicaria a população para evitar a repetição daquela carnificina? Nem Brasília nem a opinião pública global tolerariam tal brutalidade. O mais provável é que o segundo sobrevoo sequer aconteceria. Mas imagine o quadro de total paralisia no qual esses atos de hostilidade se repetissem, dia após dia, ao longo de um ano? De tão bizarra, essa agressão não caberia sequer como roteiro de um filme de segunda categoria. Mas ainda insistindo no exemplo, em um ano, ele resultaria em 30.660 vítimas.

Vamos tratar da mesma história, mas sem os aviões. Em 2016, 61.619 pessoas foram assassinadas no Brasil. As estimativas apontam que metade dessas mortes tem conexão com o tráfico de drogas, principalmente de cocaína e crack. Sendo assim, estima-se que naquele ano 30.660 vidas foram perdidas entre aqueles que, de uma forma ou de outra, interagiram com o narcotráfico. Uma média de 84 óbitos por dia; exatamente o número de vítimas diárias dos “bombardeios” que país algum toleraria.

Como não há escombros, colunas de fumaça ou filas de caixões sendo velados em um estádio, o narcotráfico é uma guerra invisível. Não existe, ao menos, uma estatística oficial que permita uma análise precisa do cenário descrito acima. Alguns desses números são estimativas das forças policiais, que, em algumas localidades do Brasil, chegam a projetar em 80% a relação do comércio e do consumo de drogas com a ocorrência de homicídios. Mas considerando “apenas” as 30.660 vítimas estimadas no ano de 2016, os assassinatos equivaleriam a mais da metade do total de americanos mortos em vinte anos de guerra no Vietnã. [358](#)

É evidente que tão impensável quanto o bombardeio é uma reação de força contra, por exemplo, a Bolívia – que é hoje o principal provedor de cocaína para as quadrilhas em atividade no território brasileiro. Mas é no mínimo constrangedora a complacência diante de um país que transformou a produção de insumos para o tráfico em política de Estado e que tem um presidente que, ao mesmo tempo que chefia o governo, comanda oficialmente as organizações que produzem a matéria-prima do pó. Em nome da política da boa vizinhança, o Brasil tem tolerado um vizinho letal.

Especialistas dizem que a maior parte dessas mortes registradas no Brasil não é fruto do que se convencionou chamar de “guerra contra as drogas”. Ou seja, o Estado contra os bandidos. A maioria das vidas perdidas é resultado de outro tipo de guerra. Quem mais mata os criminosos são os próprios criminosos.

O argumento mais recorrente é o de que a violência é um subproduto da desigualdade social. Mas esse biombo ideológico, além de distorcer as origens do problema, tende a ser útil para os criminosos. O Brasil é o exemplo mais bem-acabado para mostrar que essa relação tão surrada entre pobreza e crime não se sustenta na história recente do país. É inconteste o fato de que a maioria das vítimas é de jovens, negros e moradores de periferias

e favelas. Entretanto, no Brasil, a explosão nos números absolutos e nas taxas de homicídios ocorreu justamente num momento em que jovens, negros e moradores de periferias e favelas se beneficiaram das transformações econômicas que lhes proporcionaram ascender socialmente.³⁵⁹ Como explicar, portanto, esse fenômeno sem o verniz ideológico de que os criminosos brasileiros são vítimas das desigualdades, da globalização e, por que não, de Pedro Álvares Cabral, que ao colocar os pés em Pindorama deixou como legado um modelo de colonização baseado na exploração? Um conjunto de pesquisas lamentavelmente esquecidas nas prateleiras de bibliotecas das universidades brasileiras aponta o tráfico de cocaína e crack como responsáveis pela entrada dos jovens no mundo do crime e da violência.³⁶⁰ O tráfico de drogas se mostrou muito mais vantajoso que o trabalho em atividades legais e, ao mesmo tempo, muito mais “glamoroso” para muitos dos jovens que nas últimas três décadas se alistaram na atividade.³⁶¹

Pior que a corrupção

O narcotráfico não é apenas um crime com dimensões transnacionais, é uma ferramenta de guerra irregular. Pablo Escobar fez uso da atividade para tentar tomar o poder pela via política na Colômbia. Tentou matar um presidente. Sonhou com uma carreira política. Fidel Castro traficou cocaína para os Estados Unidos nos anos 1980 e, duas décadas depois, introduziu Hugo Chávez na atividade que ele definia como um ataque aos “ianques”. A droga patrocinou as guerrilhas do Sendero Luminoso, no Peru, e das Farc, na Colômbia. E em uma prova de universalismo total, mais recentemente, o tráfico tem feito caixa para os xiitas do Hezbollah e para os sunitas do Estado Islâmico, rivais entre os vários conflitos do Oriente Médio.

Não dá para pensar que no Brasil seja diferente. Uma projeção conservadora indica que o narcotráfico gera receitas superiores a 33 bilhões de reais.³⁶² Se fossem uma empresa, as organizações criminosas teriam arrecadado 10% mais que o total de vendas líquidas registradas pela gigante JBS em 2015.³⁶³ A comparação aqui tem uma dupla função: em um acordo de colaboração com as autoridades brasileiras, a companhia confessou que tinha no bolso 1.829 políticos, de 28 partidos. Apenas em 2014, foram pagos cerca de 400 milhões de reais em propinas disfarçadas de doações oficiais.³⁶⁴

Se a JBS, uma empresa formal, foi capaz de corromper em escala industrial, qual será o potencial do crime organizado? Sem qualquer tipo de freio moral ou contábil, as organizações criminosas não têm limites frente a seus “concorrentes” formais. Na eleição municipal de 2016, foram identificados os primeiros sintomas da mimetização do crime organizado com a política. O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) divulgou que, de um total de 730.000 doações feitas a políticos e partidos brasileiros, nada menos que 300.000 partiram de pessoas sem capacidade financeira de realizá-las.³⁶⁵ E as suspeitas recaíram diretamente sobre o crime organizado, que pode ter injetado uma fortuna seja em candidatos diretamente apoiados ou por meio de agiotagem. Empréstimos que preencheram o vácuo financeiro deixado pela falta de doadores reais.

Em 2015, o Superior Tribunal Federal (STF) cortou o financiamento empresarial às campanhas políticas. A justificativa básica era a de proteger a política do abuso econômico, mas tal qual no mito da Hidra de Lerna, o ataque desferido contra o monstro teve um efeito sinistro: no lugar da corrupção empresarial surgiu uma multiplicidade de outros problemas. Essa lacuna que as autoridades reconhecem que foi preenchida pelo dinheiro sujo do crime que financia aliados³⁶⁶ e seus próprios candidatos.³⁶⁷

O efeito Lava-Jato

A Operação Lava-Jato, que desmontou a maior rede de corrupção já vista no planeta, também desvelou a intimidade desses crimes com os países sob a influência do bolivarianismo. Os executivos da Odebrecht mantinham uma contabilidade paralela de mais de 3,3 bilhões de dólares, que irrigou caixas- dois de campanhas, contas clandestinas de corruptos e lavou verdadeiras fortunas roubadas dos cofres públicos em pelo menos doze países (Angola, Argentina, Brasil, Colômbia, República Dominicana, Equador, Guatemala, México, Moçambique, Panamá, Peru e Venezuela).

Foi na Venezuela que mais se movimentou dinheiro sujo, conforme as revelações desses delatores. Isso ficou evidenciado em um acordo de leniência firmado com o Departamento de Justiça dos Estados Unidos.³⁶⁸ Nele, há informação de que 98 milhões de dólares foram desviados para a máquina de corrupção chavista. Entre 2003 e 2014, a empreiteira conduziu naquele país um conjunto de projetos cujos valores somam mais de 1,36 bilhão de dólares.

Essa fortuna serviu de cobertura para que Chávez inventasse uma nova modalidade de sangria dos cofres públicos venezuelanos. O “roubo financiado”. Basicamente, o modelo chavista – que também foi replicado nos demais países onde a Odebrecht operou – consistia em obter o produto da pilhagem diretamente dos cofres brasileiros. Ao desviar o dinheiro que tinha o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) como origem, os corruptos embolsavam o produto do saqueio “à vista” e depois transferiam a dívida para seus países. Assim, na Venezuela e em outros onze países nos quais a Odebrecht assumiu ter participado de crimes de corrupção, coube

ao erário local arcar com o cumprimento do pagamento de uma fatura que por anos será impactada pelo peso da corrupção.

A contabilidade clandestina da Odebrecht chegou a níveis tão estratosféricos que em alguns anos o volume de dinheiro que circulou por meio do aparato montado pela empresa para o manejo desses valores e a sua movimentação pelo mundo superou o lucro líquido da companhia.³⁶⁹ Em 2013, ano que antecedeu o início da Operação Lava-Jato, o “Departamento de Operações Estruturadas”, como se chamava o setor criado em 2006 exclusivamente para administrar o pagamento de propinas, realizou um feito fantástico. O departamento distribuiu 730 milhões de dólares em corrupção ativa. No mesmo período, os balanços fiscais da Odebrecht viriam a registrar um lucro líquido de “apenas” 210 milhões de dólares.³⁷⁰ Uma relação de desproporcionalidade difícil de justificar apenas por meio do pagamento de subornos. Qual companhia seria capaz de pagar para corruptos mais que o triplo do que foi capaz de registrar em seus balanços como lucro líquido – aquele auferido após todos os descontos e abatimentos necessários? A resposta para essa pergunta pode estar no fato de que a complexa máquina financeira clandestina desmontada pela Operação Lava-Jato ia muito além da “corrupção clássica”. Aquela na qual a relação entre corrupto e corruptor se baseia apenas no pagamento de vantagens de toda ordem e subornos. Ela pode ter sido utilizada como um complexo duto de circulação de recursos entre Estados e partidos em todos os países em que atuou.

Sob as ordens de Chávez

Foi somente por meio da Operação Lava-Jato que se pôde ver com clareza algumas das mais bizarras relações que o Brasil estabeleceu com os governos bolivarianos. Emílio Odebrecht, presidente do conselho de administração da empresa que leva o

seu sobrenome, revelou os bastidores de como Hugo Chávez lhe encomendou a construção de um porto de águas profundas em Mariel, Cuba. Com a naturalidade de quem dava as cartas na região, em 2007, o então presidente venezuelano pediu ao patriarca da família Odebrecht que erguesse um porto para ajudar o regime dos irmãos Castro.³⁷¹ Chávez previa que, com Barack Obama no poder, a normalização das relações dos Estados Unidos com Cuba se daria em questão de tempo.

Emílio Odebrecht alertou que um empreendimento em Cuba representaria problemas. Sua companhia tinha atuação nos Estados Unidos, e uma obra em Havana poderia ser interpretada como uma violação ao embargo econômico que os Estados Unidos impuseram à ilha em 1962. Mas como o pedido vinha não só de um cliente, mas de um “parceiro estratégico”, ele encontraria uma solução. Mas antes, Chávez deveria incluir o Governo Brasileiro na operação. Segundo Emílio Odebrecht, bastava uma ligação de Chávez para Lula para equalizar a questão.

Chávez cumpriu o combinado à risca, e dias depois o então presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, entrou em contato com o empreiteiro para dar seu aval ao projeto discutido dias antes em Caracas. Emílio Odebrecht disse aos procuradores federais brasileiros que sua empresa levou mais de um ano para conseguir solucionar todas as questões envolvidas em um projeto que, nas suas palavras, “em condições normais nem o BNDES, nem a Odebrecht entrariam”.

Para se livrar de uma possível punição nos Estados Unidos por seu envolvimento com Cuba, a Odebrecht entrou em uma batalha judicial com as autoridades americanas que lhe custou uma pequena fortuna, valores que não são revelados pelo empresário. Além das custas processuais, a empresa ficou impedida de disputar obras públicas no país por seis meses, enquanto a disputa se dava nos tribunais. “Tudo isso para atender a um pedido de

Chávez?”, questionou o procurador da república que tomava o depoimento.

Como sócio ideológico de Chávez, Lula interveio junto ao BNDES para conceder uma série de empréstimos que somaram 682 milhões de dólares. Para liberar-se o financiamento, foram negligenciados vários pareceres técnicos desfavoráveis. Uma comissão interministerial que avaliou a solicitação dos empréstimos mostrou que o negócio proposto por Havana era inviável. Os irmãos Castro aspiravam garantir a operação financeira com a receita das exportações de tabaco e do próprio terminal quando pronto. Dentro do BNDES, o negócio também era visto como inviável, pois Cuba tinha uma das piores reputações de crédito do planeta. Mesmo assim, Lula liberou o dinheiro num contrato com juros mais baixos que os do mercado. Como se tratava de uma ação totalmente atípica, o documento foi classificado como secreto até o ano de 2027. Lula agiu de modo deliberado e diametralmente oposto aos interesses do Brasil para afagar Hugo Chávez e socorrer a ditadura castrista.³⁷²

Embora o Porto de Mariel, que viria a ser inaugurado em 2014, tenha se transformado no mais polêmico e famoso dos empreendimentos financiados pelo Brasil no exterior, foi em território brasileiro que os delírios de Hugo Chávez, com a cumplicidade de Lula, atingiram proporções superlativas. Nada se iguala em dimensão ao prejuízo causado pela construção da Refinaria Abreu e Lima, no estado de Pernambuco.

Originalmente projetada ao custo de 2,3 bilhões de dólares, em 2005, a obra deveria ter sido inaugurada em agosto de 2010. Porém chegou ao final de 2017 sem estar concluída, tendo custado 20,1 bilhões de dólares e processando apenas 110.000 barris diários – menos da metade dos 230.000 para os quais fora projetada. Para fins comparativos, os indianos colocaram em funcionamento, ao custo de 30 bilhões de dólares, a refinaria de Jamnagar, no noroeste do país, que tem uma capacidade de

produção de 1,2 milhão de barris por dia. Em valores proporcionais, a maior refinaria do planeta custou sete vezes menos que o projeto chavista.³⁷³

Idealizada por Chávez, a refinaria recebeu o nome de um brasileiro considerado herói nacional na Venezuela: o pernambucano José Inácio de Abreu e Lima (1794-1869), que, aos 25 anos, fugiu da prisão onde cumpria pena, acusado de se rebelar em movimentos republicanos. Nos Estados Unidos, conheceu um irmão de Simón Bolívar, que o convenceu a ir para a Venezuela. Lá, alistou-se no exército insurgente de Simón Bolívar. Abreu e Lima lutou sob o comando de Bolívar em batalhas pela independência da Colômbia e da Venezuela, razão pela qual seu nome consta no panteão dedicado aos libertadores. Por seus feitos, recebeu a patente de general e chefe do Estado-Maior do Exército.³⁷⁴ Depois de treze anos de serviços ao lado do libertador da América, Abreu e Lima voltou ao Brasil, em 1831, para se transformar em um ferrenho monarquista.

Mais do que homenagear um vulto nacional bolivariano, Chávez queria expandir sua influência. Fornecer combustíveis a preços subsidiados para os países da região e aumentar a relação de subordinação desses governos ao seu projeto revolucionário, livrando-se, pelo menos em parte da dependência do mercado dos Estados Unidos, onde está instalada boa parte das refinarias adequadas para o refino do tipo de petróleo – mais pesado – extraído na Venezuela. Chávez acreditava que, desviando parte dessa produção para o aliado brasileiro, iniciaria um processo de “libertação” da dependência em relação ao principal cliente.

Financeiramente, a construção da Refinaria Abreu e Lima foi desenhada da seguinte forma: o projeto seria uma sociedade entre a brasileira Petrobras e a estatal Venezuelana PDVSA, que seria dona de 40% do negócio. Mas os venezuelanos jamais colocaram 1 dólar sequer no negócio. Os técnicos venezuelanos perceberam que o acordo político de Chávez e Lula era inviável e

tentaram pular fora do negócio. Mas para “garantir a função política” do pacto, eles tentaram reduzir sua participação à metade.³⁷⁵ Mesmo assim, os venezuelanos jamais investiram no projeto e, no final de fevereiro de 2013, apenas cinco dias antes da morte de Chávez, eles foram expulsos da sociedade. E o Brasil arcou sozinho com o custo do que veio a ser a refinaria mais cara do mundo.³⁷⁶

O Brasil bolivariano

Os bilhões de dólares torrados pelo Brasil na aventura bolivariana do chavismo se tornam ínfimos diante do prejuízo institucional. Em junho de 2011, a presidente Dilma Rousseff – que ainda comemorava a vitória que a havia levado a assumir o Palácio do Planalto seis meses antes – recebeu a visita do presidente Hugo Chávez. Por sinal aquela seria a viagem na qual os sintomas do câncer, que o mataria menos de dois anos depois, se tornaram públicos. Diante do venezuelano, Dilma não esperou nem um minuto para dizer ao colega que não se preocupasse. Lula havia ido embora, mas com ela seguia tudo igual.

Para demonstrar o que dizia, a presidente brasileira afirmou que estava trabalhando pessoalmente para garantir a entrada da Venezuela no Mercosul. “Trabalhar” no código de Dilma significava comprar o apoio do Congresso paraguaio para aprovar a entrada da Venezuela no bloco.³⁷⁷ Dilma disse a Chávez que um projeto de lei que ela havia enviado para o Senado brasileiro ajudaria a convencer os paraguaios a aprovar o ingresso da Venezuela no bloco. O referido projeto de autoria do Planalto foi submetido ao Congresso brasileiro para aprovar um reajuste de 200% no valor pago pelo Brasil pelo excedente de energia gerado pelo Paraguai.³⁷⁸

Por se tratar de um empreendimento binacional, a energia gerada por Itaipu é dividida em partes iguais entre Brasil e Paraguai. Os paraguaios, que nunca utilizaram toda a energia que lhe cabia nessa divisão, comercializam, desde a inauguração da usina de Itaipu, em maio de 1985, toda a sobra para o Brasil. Para dar uma força aos venezuelanos, Dilma fez subir de 120 milhões para 360 milhões de dólares o custo da aquisição do excedente de energia.

Mas o plano de Dilma fracassou: os senadores do Paraguai agradeceram o presente, mas, contrariando as intenções do presidente Fernando Lugo, rejeitaram o pedido de autorização de admissão da Venezuela no Mercosul. O argumento era que Chávez não cumpria os requisitos democráticos previstos para seu país fazer parte do bloco. A diplomacia paralela dos bolivarianos seguiu trabalhando à espera do momento certo para entrar em ação. E não demorou muito.

Em junho de 2012, o senado paraguaio instaurou um processo de impeachment para julgar Lugo pelo “mal desempenho de suas funções”. Pelas características da Constituição Paraguaia, tudo se passou em menos de dois dias. O cordão de apoiadores de Lugo enviou para Assunção a sua tropa de chanceleres. Entre eles, estava o brasileiro Antonio Patriota. A ideia era tentar dissuadir os congressistas de afastar o aliado.

O então chanceler da Venezuela, Nicolás Maduro, entrou em cena como o mais ativo dos defensores da manutenção de Lugo no poder. Algumas horas antes da sessão que decidiu cassar o mandato do presidente paraguaio, Maduro fez um esforço derradeiro: convocou uma reunião com os senadores.³⁷⁹ Como se discursasse para seus correligionários em Caracas, ele falou grosso com os parlamentares, exigindo que eles desistissem da aventura golpista e mantivessem Lugo no poder. Enfrentado pelos congressistas, que evocaram a Constituição para sustentar que o que faziam estava dentro da lei, Maduro vociferou. Ergueu seu

corpanzil de 1,90 m de altura e, com o dedo em riste, deu uma ordem para que os três comandantes militares das Forças Armadas do Paraguai, presentes no encontro, cercassem o Senado sob pena de serem punidos por omissão.

Um dos generais se levantou e disse:

– Que pensa que somos? Somos militares paraguaios, e não venezuelanos! Maduro e seus colegas ministros de Relações Exteriores presentes só não foram presos graças aos seus passaportes diplomáticos. Um dos três militares aviltados por Maduro ameaçou expulsá-los do país. Com o clima tenso, o homem que viria a se tornar o presidente que empurrou a Venezuela para o abismo levantou-se, virou as costas e foi-se embora em silêncio.

Com a cassação de Lugo, a presidente Dilma e Hugo Chávez partiram para o mais puro exercício da “diplomacia das sombras”. Uma biografia do ex- presidente do Uruguai José Mujica revelou os detalhes da ingerência da dupla.³⁸⁰ Eles não se vergaram diante da derrota política e do golpe fracassado que tentaram dar no Paraguai. Em conluio com a argentina Cristina Kirchner, Dilma pediu a expulsão do Paraguai do bloco econômico. Argentina e Brasil alegavam uma “ruptura democrática”. Mas para isso faltava o aval do uruguaio Mujica, que se demonstrou contrário à medida. Para convencê-lo, sem deixar rastros da operação, Dilma Rousseff enviou um avião da Força Aérea Brasileira para recolher um emissário de Mujica e levá-lo ao Brasil.

Diante do funcionário uruguaio, a presidente do Brasil apresentou, conforme o relato de Mujica, relatórios, fotografias e vídeos produzidos por espiões cubanos e venezuelanos para convencer o Uruguai de que o que se passara em Assunção foi um golpe. Menos de uma semana depois, todos os presidentes do Mercosul votavam, em uma cúpula na cidade argentina de Mendoza, a suspensão do Paraguai.³⁸¹

Affair totalitário

Mesmo depois do evidente colapso da Venezuela, no Brasil, partidos de esquerda seguiram emitindo notas de apoio e elogio ao regime.³⁸² Em 2017, não faltaram manifestações desse tipo. O PT, partido dos ex-presidentes Lula e Dilma, classificou o país vizinho como um “exemplo de democracia”.³⁸³ Ato semelhante ao registrado por outros movimentos de esquerda nos Estados Unidos e na Europa, que veem o país sul-americano como vítima de uma batalha externa. Como se o fracasso do chavismo não fosse em si responsável não só pela implosão da Venezuela, como a do próprio modelo de governo que o Socialismo do Século XXI propunha.

No caso dos americanos e dos europeus, a solidariedade é resultado de uma relação quase inocente com os seus “congêneres” sul-americanos. Partidos e ONGs norueguesas, suecas e holandesas foram o ponto de partida para conquistar a adesão dos Verdes alemães, dos Trabalhistas ingleses e até mesmo de setores dos Democratas americanos. Por boa-fé, tendem a acreditar que há ao sul uma versão (ainda primal) de seus valores políticos e ideológicos. E que, por ter o “selo” de socialista ou mesmo de esquerda, esses movimentos são automaticamente merecedores de apoio.

É por essa razão que Hugo Chávez e seu dublê Evo Morales atraíram a simpatia de tantos atores de Hollywood e intelectuais da esquerda. Chávez como o “novo Bolívar” e Morales como “o índio no poder” decolaram como exemplos da redenção da América Latina. O que poucos desses admiradores perceberam é que Hugo Chávez, Evo Morales e quase todos os líderes forjados na mesma chama do bolivarianismo apropriaram-se do discurso da

esquerda, mas na prática estão bem longe de fazer parte do que na Europa e nos Estados Unidos são percebidos como a esquerda.

No caso do Brasil, na semana que antecedeu o julgamento do recurso que confirmou a condenação do ex-presidente Lula pelos crimes de corrupção e lavagem de dinheiro, um conjunto de doze democratas membros da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos embarcou nessa campanha. Eles subscreveram uma carta enviada à Embaixada do Brasil em Washington na qual endossavam a tese de que Lula estava sendo julgado e condenado em um processo político e sem as provas necessárias. Ao mesmo tempo, centenas de acadêmicos, artistas e intelectuais de diversos países também embarcavam na nau daqueles que se furtaram a discutir os fatos postos no processo contra o ex-presidente.

Foi por causa, em parte, dessa mesma boa-fé das pessoas no exterior que no Brasil o flerte com o totalitarismo foi tolerado. Em 2010, sob o pretexto de “defesa dos direitos humanos”, o governo tentou emplacar uma lei de meios que foi interpretada pelo setor como uma medida que restringiria a liberdade de imprensa. O aparelhamento da máquina estatal chegou a contar com mais de 107.000 funcionários ocupando cargos sem concurso público.³⁸⁴ Fernando Henrique Cardoso deixou o governo em janeiro de 2003 com pouco menos de 19.000 servidores nessa situação. No episódio do Mensalão, na falta de base política, comprou-se uma.

Apesar disso, em treze anos de governos definidos como de esquerda, nenhuma dessas medidas prosperou, mas elas tiveram efeito sobre a percepção do que seja autoritarismo para os brasileiros. Por mais paradoxal que pareça, o mesmo Brasil que flerta com modelos ditatoriais tem aversão a eles. Os mesmos 23% da população que se dizem favoráveis a um governo militar³⁸⁵ são aqueles que também rejeitam o avanço do totalitarismo de esquerda. Boa parte dos eleitores que abominam movimentos e candidatos que pregam as virtudes do regime

militar são aqueles que toleram e justificam os crimes e os desmandos da esquerda. O que sugere que ambos os polos do espectro político brasileiro tolerariam uma inflexão ao totalitarismo. Cada um deles conforme a sua preferência política.

No âmbito político formal, existiu um freio institucional que impediu a progressão à radicalização. Além do fato de ser a mais influente força partidária do Brasil, o PMDB, que em dezembro de 2017 mudou de nome e passou a usar a sigla original MDB, exerceu um poder de equilíbrio entre essas tentações autoritárias. Durante a ditadura militar, o partido foi a Arca de Noé que abrigou os opositores da ditadura, a chave no processo de redemocratização e no processo de coalização formado em todos os governos brasileiros desde que Fernando Collor foi eleito, em 1989.^{[386](#)}

No Brasil, nenhuma intenção presidencial prospera sem o apoio do Parlamento. Em governo de esquerda ou não, foi o PMDB que ditou o tom no Congresso. Para o bem ou para o mal, o partido que para muitos representa o que há de pior na política brasileira foi, durante os anos de forte avanço do bolivarianismo na região, o principal empecilho a qualquer guinada brasileira para o movimento que levou a Venezuela ao colapso. Esse papel foi exercido por meio de seus líderes, que entre os políticos de formação tradicional, estão aqueles que melhor sabem jogar com as conveniências da política. Ancorados em valores tradicionais e despidos de qualquer paixão ideológica, eles foram capazes de conter tal movimentação. Não significa, tampouco, que a legenda possa ser considerada a responsável pela salvação do Brasil. Não há elemento algum que possa sugerir que tal efeito foi obtido por meio de uma ação cívica. O mais provável é que tenha sido uma estratégia de autopreservação.

Diante da complexidade da sociedade brasileira, a força institucional e o gigantismo da economia quando comparados com os vizinhos que embarcaram na aventura de Hugo Chávez, torna-

se difícil crer que o Brasil se transforme numa segunda Venezuela. Há muita histeria e exagero em torno disso. Esse, aliás, é um dos equívocos que desvia o foco dos problemas principais em relação aos efeitos mais daninhos que o chavismo e a revolução bolivariana plantaram por aqui. O Brasil jamais precisou ser uma cópia exata do vizinho para reproduzir alguns de seus exemplos mais sinistros. Este por sinal foi o legado de Chávez também para o Brasil. Ele está presente, mesmo quando não pode ser visto. Este é o seu espectro.

AGRADECIMENTOS

Este livro não teria sido possível se não fosse pela generosidade de amigos e fontes que, ao longo dos últimos anos, tiveram a paciência e a generosidade de me ensinar, acompanhar e muitas vezes se arriscar para me ajudar a coletar as informações que são a base deste trabalho. Faço memória ao ex-senador boliviano Roger Pinto Molina, que, até sua morte, em um acidente aéreo em 2017, foi uma grande fonte de informação; o valente “Abdullah”, que arriscou a vida infiltrando-se nas células terroristas na Argentina, no Brasil, no Paraguai e na Venezuela com o desejo de ajudar as autoridades a evitar outros atentados como aquele contra a Associação Mutual Israelita Argentina e a Embaixada de Israel, ambas em Buenos Aires. Por fim, Alberto Nisman. O procurador argentino que, depois de assassinado, em uma operação misteriosa, sofreu uma tentativa de linchamento moral por parte de membros do governo que ele investigava.

Minha gratidão ao boliviano Hugo Achá. Asilado político, ele foi apontado pelo governo de Evo Morales como o líder máximo de um plano para matá-lo em 2009. Achá perdeu tudo – os bens, a profissão, a família. Reabilitado, ele vive nos Estados Unidos, onde é reconhecido como um dos mais brilhantes analistas de temas relacionados à Bolívia. Já o venezuelano Martin Rodil foi meu primeiro guia para assuntos ligados ao seu país. Rodil pavimentou o meu caminho por seu país e, entre várias pessoas, apresentou-me um verdadeiro professor sobre a indústria petrolífera venezuelana: Antonio de La Cruz. Obrigado a todos vocês.

As investigações colocaram pelo meu caminho Joseph Humire, que veio a se revelar um dos mais originais e dedicados analistas de temas de segurança na América Latina. O convívio e a troca de ideias foram uma oportunidade de crescimento que me ajudou a compreender pontos obscuros e quase sempre negligenciados nos assuntos relacionados não só à Venezuela, mas em quase toda a região.

Listo aqui outros nomes sem os quais não teria conseguido seguir em frente:

Carlos Sánchez Berzaín, Damares Alves, David Spencer, Douglas Farah, Eduardo Saboia, Emanuele Ottolenghi, Felipe Trigo, Gilda Castral, Guillermo Cochez, Humberto Roca, Ilan Sztulman, Ismael Canosa, Marcos Koren, Mariana de Giuli, Mauro Sposito, Miguel Toma, Roger Noriega e todos aqueles cujos nomes não podem ser revelados, mas que me ajudaram muitíssimo na realização deste projeto. Um abraço especial a um amigo venezuelano que compartilhou sua vivência nas entranhas do chavismo. Acompanhei seu calvário longe da mulher e dos filhos, retidos pela ditadura. E nos Estados Unidos testemunhei o esforço para resgatá-los e a dura jornada que é reconstruir a vida no exílio.

Meus primeiros leitores, Felipe Patury, Giuliano Guandalini e Kaíke Nanne, foram verdadeiros faróis que me guiaram pelo processo de preparação deste livro. Kaíke apontou-me caminhos preciosos. Felipe e Giuliano percorreram- no comigo. Sou profundamente grato.

Foi por meio do jornalismo que pude conhecer essas pessoas e descobrir essas histórias. Além disso, foi por meio dessa profissão que tive o prazer de estar ao lado de pessoas extraordinárias. Entre elas, meus maiores incentivadores para a realização deste livro: Jeronimo Teixeira, Sérgio Martins e Duda Teixeira – todos colegas de anos de estrada na *Veja*. José Edward Lima, que é para mim um dos mais sérios e brilhantes profissionais com quem tive a

honra de trabalhar. Laurentino Gomes, Marcos Emílio Gomes, Eurípedes Alcântara, Mario Sabino, Felipe Patury e Diogo Schelp. Todos, em momentos diferentes, fizeram parte de minha formação profissional. Obrigado por tudo.

...

Dedico este livro às pessoas mais importantes de minha vida. Minha mãe, Lúcia, que está na origem. Meus filhos, Pedro e Ana, que são a razão. E a Milena, que é tudo para mim.

NOTAS

1 Em entrevista ao autor em julho de 2015. (Washington, D.C.).

2 Documentos em posse do autor.

3 Leonardo Coutinho e Duda Teixeira. O Combate Secreto de Chávez Contra o Câncer. Veja. São Paulo. 19/11/2011. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/combate-secreto-pela-vida>>. Acesso em: 05 jul. 2017.

4 Em janeiro 2013, quando o presidente Hugo Chávez estava internado no CIMEQ, entrei em contato com a instituição com o pretexto de me internar no mesmo hospital. Especulava-se quais eram as reais capacidades daquela unidade de saúde e como seriam as ações de saúde ali desenvolvidas. Eu, além disso, esperava conseguir informações adicionais sobre o estado de saúde do presidente naquele momento. Para dez dias de internação, o hospital apresentou um orçamento inicial de 2.630 dólares. Os diretores do CIMEQ alertavam que o paciente deveria estar financeiramente preparado para quaisquer intercorrências que pudessem vir a gerar mais despesas. Mas a continuidade de minha tentativa de infiltração no hospital de Chávez, com o objetivo de escrever uma reportagem para revista Veja, foi barrada pela direção da publicação. Mesmo não tendo confirmado meus planos de me internar em Havana, a responsável pelo contato seguiu por quatro meses tentando me convencer a embarcar para a ilha caribenha.

5 Dilio Hernández e Yudi Chaudary. La Alianza Bolivariana para los Pueblos de Nuestra América – Tratado de Comercio de los Pueblos (alba-tcp). Friedrich Ebert Stiftung (FES). Bonn. Janeiro de 2015. Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/caracas/11379.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2017.

6 Stiuso: “Chávez pidió a Néstor reanudar la cooperación nuclear con Irán”. Clarín. Buenos Aires. 04/03/2016. Disponível em: <http://www.clarin.com/politica/Stiuso-Chavez-Nestor-cooperacion-Iran_0_1533447179.html>. Acesso em: 5 jul. 2017.

7 Em entrevista ao autor. Buenos Aires 28/04/2017.

8 Jorge Urien Berri. El espía: Lauchón Viale, el hombre que sabía demasiado. La Nación. Buenos Aires. 28/10/2014. Disponível: em <http://www.lanacion.com.ar/1739215-el-espia-lauchon-viale-el-hombre-que-sabia-demasiado>>. Acesso em: 22 jul. 2017.

9 Detuvieron a diez policías por el asesinato de un espía. El Clarín. Buenos Aires. 30/08/2018. Disponível em: <https://www.clarin.com/policiales/Detuvieron-policias-asesinato-espia_0_SJ-bz5qDml.html>. Acesso em: 22 jul. 2017.

10 Em entrevista ao autor. Buenos Aires 28/04/2017.

11 Emili J. Blasco. Bumerán Chávez: Los fraudes que llevaron al colapso de Venezuela. Mayo de 2015

12 Frederick C. Williams, David A. Deese. Nuclear Nonproliferation: The Spent Fuel Problem. Elsevier. 2013. p. 79.

13 Leonardo Coutinho. Chavistas confirmam conspiração denunciada por Nisman. Veja. São Paulo. 14/03/2015. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/chavistas-confirmam-conspiracao-denunciada-por-nisman/>>. Acesso em: 5 jul. 2017.

14 Casto Ocando. Possible Nuclear Cooperation Between Venezuela, Argentina and Iran. Univision news. Miami. 12/07/2011. Disponível em:

<<https://web.archive.org/web/20111018155358/http://univisionnews.tumblr.com/post/7546036783/posnuclear-cooperation-between-venezuela>>. Acesso em: 15 set. 2017.

15 Kaveh L Afrasiabi. Iran looks to Argentina for nuclear fuel. Asia Times Online. 06/11/2009. Disponível em:

<http://www.atimes.com/atimes/Middle_East/KK06Ak02.html>. Acesso em: 25 out. 2017.

16 Matías Longoni. Surge otra empresa “fantasma” en los acuerdos con Venezuela. Clarín. Buenos Aires. 13/05/2012. Disponível em:

<http://www.clarin.com/politica/Surge-empresa-fantasma-acuerdos-Venezuela_0_699530114.html>. Acesso em: 25 out. 2017.

17 Documentos em posse do autor.

18 Martin Rodil. A Venezuelan Platform for Iran’s Military Ambitions. In: Iran’s Strategic Penetration of Latin America. Ed. Joseph M. Humire and Ilan Berman. Washington. 2014. pp: 63-69.

19 Country Reports on Terrorism 2008. United States Department of State Publication Office of the Coordinator for Counterterrorism. Abril 2009. Disponível em:

<<http://www.state.gov/documents/organization/122599.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2017.

20 https://wikileaks.org/plusd/cables/09ANKARA3_a.html>. Acesso em: 25 out. 2017.

21 Ibid.

22 Roger F. Noriega. Chávez’s Secret Nuclear Program. Foreign Policy. Washington. 05/10/2010. Disponível em:

<<http://foreignpolicy.com/2010/10/05/chavezs-secret-nuclear-program/>>. Acesso em: 25 out. 2017.

23 <http://www.u3o8corp.com/main1.aspx?id=10>>. Acesso em: 25 out. 2017.

24 Glenn Kessler. U.S., Brazilian officials at odds over letter on Iranian uranium. The Washington Post. Washington DC. 28/05/2010. Disponível em: <<http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2010/05/27/AR2010052705151.html>>. Acesso em: 25 out. 2017.

25 Parameters for a Joint Comprehensive Plan of Action Regarding the Islamic Republic of Iran's Nuclear Program. Washington DC. 02/04/2015. Disponível em: <<http://www.state.gov/r/pa/prs/ps/2015/04/240170.htm>>. Acesso em: 25 out. 2017.

26 Jamil Chade. Irã anuncia que já produz urânio concentrado. O Estado de S.Paulo. São Paulo. 06/12/2010. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,ira-anuncia-que-ja-produz-uranio-concentrado-imp-,650010>>. Acesso em: 25 out. 2017.

27 Iran to increase the number of "Natanz" centrifuges. ISNA. 05/09/2011. Disponível em: <<http://en.isna.ir/news/9006-08822/Iran-to-increase-the-number-of-Natanz-centrifuges>>. Acesso em: 31 out. 2017.

28 Leonardo Coutinho. Chávez, o Laranja Atômico. Veja. Ed 2287. São Paulo 19/09/2012. p. 85.

29 Documento em posse do autor.

30 Larry D. Cunningham. COLUMBIUM (NIOBIUM) AND TANTALUM. U.S. GEOLOGICAL SURVEY—MINERALS INFORMATION. 1996. Disponível em:

<<http://minerals.usgs.gov/minerals/pubs/commodity/niobium/230496.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2017.

31 Charter of the United Nations (Sanctions - Iran) (Export Sanctioned Goods) List Determination 2008. Disponível em: <<https://www.comlaw.gov.au/Details/F2011C00901>>. Acesso em: 31 out. 2017.

32 Resolution 1803. United Nations Security Council. 2008. Disponível em: <https://www.iaea.org/sites/default/files/unsc_res1803-2008.pdf>. Acesso em: 31 out. 2017.

33 Steven R. Weisman. U.S. Asks Finance Chiefs to Limit Iran's Access to Banks. The New York Times. 17/09/2006. Disponível em: <<http://nyti.ms/1UBczRh>>. Acesso em: 31 out. 2017.

34 Documento em posse do autor.

35 Iran's Central Bank Governor resigns. Business Intelligence Middle East. 27/08/2007. Disponível em: <<http://www.bi-me.com/main.php?id=12639&t=1>>. Acesso em: 31 out. 2017.

36 Roger F. Noriega. Chávez's Secret Nuclear Program. Foreign Policy Magazine. Washington DC. 05/10/2010. Disponível em: <<http://foreignpolicy.com/2010/10/05/chavez-secret-nuclear-program>>. Acesso em: 31 out. 2017.

37 Fact Sheet: Comprehensive Iran Sanctions, Accountability, and Divestment Act (CISADA). U.S. State Department. Washington DC. 23/05/2011. Disponível em: <<https://2009-2017.state.gov/e/eb/esc/iransanctions/docs/160710.htm>>. Acesso em: 31 out. 2017.

38 David Crawford e Ezequiel Minaya. Iran Official Probed on Undeclared Check. The Wall Street Journal. New York. 05/02/2013.

Disponível em: <<http://on.wsj.com/UxB8QQ>>. Acesso em: 31 out. 2017.

39 Zoll gibt 54-Millionen-Scheck an Iraner zurück. Focus. 22/02/2013. Disponível em: <http://www.focus.de/panorama/welt/kriminalitaet-zoll-gibt-54-millionen-scheck-an-iraner-zurueck_aid_925357.html>. Acesso em: 31 out. 2017.

40 Agente de aduanas sugirió no inspeccionar equipaje de venezolanos en el "caso del maletín". El Tiempo. Bogotá. 07/10/2008. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-4589336>>. Acesso em: 31 out. 2017.

41 Hugo Alconada Mon. Los Secretos de la Valija. Del caso Antonini Wilson a la Petrodiplomacia de Hugo Chávez, Editorial Planeta, Buenos Aires, 2009, p. 147.

42 Casto Ocando. Chavistas en el Imperio: Secretos, Tácticas y Escándalos de la Revolución Bolivariana en Estados Unidos. Miami. 2007.

43 United States of America vs. Moises Maionica, Antonio Jose Canchica Gomez, Rodolfo Wanseele Paciello, Franklin Duran y Carlos Kauffman, Indictment, United States District Court, Southern District of Florida, Case 07-20999-CR-LENARD/ TORRES, 12 de dezembro de 2007. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/packages/pdf/world/14ARGENTINA.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2017.

44 Ibid.

45 Hugo Alconada Mon. "Nos van a matar a todos", le dijo un socio a Antonini. La Nación. Buenos Aires. 02/07/2008. Disponível em: <<http://www.lanacion.com.ar/1026585-nos-van-a-matar-a-todos-le-dijo-un-socio-a-antonini>>. Acesso em: 31 out. 2017.

46 Casto Ocando. Chavistas en el Imperio: Secretos, Tácticas y Escándalos de la Revolución Bolivariana en Estados Unidos. Miami. 2007.

47 Four Foreign Nationals Arrested and Charged with Being Illegal Agents of a Foreign Government. Department of Justice. Washington DC. 12/12/2007. Available at: http://www.justice.gov/archive/opa/pr/2007/December/07_nsd_992.html>. Acesso em: 31 out. 2017.

48 Leonardo Coutinho. Chavistas confirmam conspiração denunciada por Nisman. Veja. São Paulo. 14/03/2015. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/chavistas-confirmam-conspiracao-denunciada-por-nisman/>>. Acesso em: 31 out. 2017.

49 Em entrevista ao autor em 01/08/2015. Washington (DC)

50 <http://edant.clarin.com/diario/2008/09/11/um/antonini.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2017.

51 Em conversa telefônica com o autor em julho de 2015.

52 Central nuclear Atucha I. Nucleoelectrica Argentina SA. Disponível em: <<http://www.na-sa.com.ar/centrales-nucleares/atucha-1/>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

53 William J. Broad. Plutonium Is Unsung Concession in Iran Nuclear Deal. The New York Times. 08/09/2015. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2015/09/08/science/irans-unsung-plutonium-concession-in-nuclear-deal.html?_r=0>. Acesso em: 29 out. 2017.

54 Frederick C. Williams, David A. Deese. Nuclear Nonproliferation: The Spent Fuel Problem. Elsevier. 2013. p. 79

55 Dictamen Nisman 2013

56 Anthony H. Cordesman. *Iran's Military Forces in Transition: Conventional Threats and Weapons of Mass Destruction*. Praeger. Westport, CT. 1999. p. 369.

57 O ex-ministro das Relações Exteriores do Irã, Ali Akbar Velayati, em entrevista ao canal argentino C5N, se queixou do não cumprimento do acordo nuclear entre a Argentina e o seu país. Questionado se seus compatriotas acusados de envolvimento no atentado contra a Associação Mutual Israelita Argentina (Amia) estariam dispostos a depor perante a Justiça Argentina, ele desafiou: "A Argentina não está em posição de interrogar funcionários de um país independente". Depois questionou: "Vocês estão dispostos a aceitar que os funcionários argentinos que quebraram o acordo com o Irã e deixaram de vender o urânio enriquecido a 20% sejam julgados aqui por violarem um acordo de vender urânio?". Disponível em: <<http://www.lanacion.com.ar/1794068-hablaron-dos-iranies-acusados-por-la-amia-criticaron-el-memorandum-y-se-refirieron-a-nisman-y-stiuso>>. Acesso em: 29 out. 2017.

58 Clyde Haberman. *Israelis Kill Chief of Pro-Iran Shiites in South Lebanon*. The New York Times. 17/02/1992. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1992/02/17/world/israelis-kill-chief-of-pro-iran-shiites-in-south-lebanon.html>>. Acesso em: 29 out. 2017.

59 Atentado a la Embajada de Israel en Buenos Aires. Disponível em: <http://embassies.gov.il/buenos-aires/Documents/el%20atentado_intro%20gral.pdf>. Acesso em: 29 out. 2017.

60

<https://www.diariojudicial.com/public/documentos/000/058/054/00058054.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2017.

61 Corte Suprema de Justicia de la Nación. Buenos Aires, 23 de dezembro de 1999. p. 424-425 Disponível em:

<<https://www.diariojudicial.com/public/documentos/000/058/054/00058054.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2017.

62 Matthew Levitt. Hezbollah's 1992 Attack in Argentina Is a Warning for Modern-Day Europe. The Atlantic. 19/03/2013. Disponível em:

<<http://www.theatlantic.com/international/archive/2013/03/hezbollahs-1992-attack-in-argentina-is-a-warning-for-modern-day-europe/274160/>>. Acesso em: 29 out. 2017.

63 O grupo palestino Jihad Islâmica (JI) foi fundado em 1979 por dissidentes da organização Irmandade Muçulmana, instituída no Egito. Os criadores desse movimento consideravam os membros da organização egípcia demasiadamente moderados para as necessidades da Palestina. Seu fundador, Fathi Shaqaqi, espelhou-se na revolução iraniana, ocorrida naquele ano, para estimular seus seguidores a lutar pela destruição de Israel e pela fundação de um Estado Palestino sobre os escombros do "inimigo". Ainda em 1981, a JI foi expulsa do Egito devido à acusação de envolvimento com o assassinado do presidente Anwar Sadat. Atuando na clandestinidade, os militantes da JI cometeram uma série de atentados dentro e fora do Egito. Em Israel, foram responsáveis por uma série de atentados registrados em 1987, antecedendo a intifada – um período de conflitos que se estendeu até 1993, com um saldo de mais de 2 mil mortos. Em 1990, atacaram um ônibus turístico, matando onze pessoas, entre as quais, nove israelenses. Ver s em: Islamic Jihad. Haaretz. Telaviv. Disponível em: <<http://www.haaretz.com/misc/tags/Islamic%20Jihad-1.477032>>. Acesso em: 29 out. 2017.

64 Leonardo Coutinho. Iran and Islamic Extremism in Brazil. In: Iran's Strategic Penetration of Latin America. Editors: Joseph M. Humire, Ilan Berman. Lexington Books. Washington D.C. 2014. p. 41- 55.

65 A tradução mais próxima é “estabelecimento das orações”. É a expressão que define o serviço religioso realizado por um imã ao meio-dia de sexta-feira, em qualquer mesquita. Trata-se da oração mais importante da semana. Em uma comparação apenas com fins didáticos, pode se comparar às missas de domingo para os católicos. Disponível em: <<http://www.oxfordislamicstudies.com/article/opr/t125/e1304>>. Acesso em: 29 out. 2017.

66 Crossings of Mediterranean Sea exceed 300,000, including 200,000 to Greece. United Nations High Commissioner for Refugees. Genebra, 08-28-2015. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/55e06a5b6.html>>. Acesso em: 29 out. 2017.

67 Mediterranean death toll soars, 2016 is deadliest year yet. UNHCR. Genebra. 25 de outubro de 2016. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/news/latest/2016/10/580f3e684/mediterranean-death-toll-soars-2016-deadliest-year.html>>. Acesso em: 29 out. 2017.

68 Syria Regional Refugee Response. UNHCR.. Disponível em: <http://data.unhcr.org/syrianrefugees/regional.php#_ga=2.159521533.1759005852.1509288007-1116713935.1507222455>. Acesso em: 29 out. 2017.

69 Carla E. Humud. Al Qaeda-Affiliated Groups: Middle East and Africa. Congressional Research Service. Washington, 10/10/2014. Disponível em: <<http://www.refworld.org/docid/54660ccc4.html>>. Acesso em: 29 out. 2017.

70 A al-Qaeda do Magreb Islâmico (AQIM) é uma organização radical pertencente à vertente sunita do islã. Adeptos do movimento salafista, defendem uma aplicação literal das leis islâmicas e um retorno aos primórdios da religião. Originou-se nas regiões do Magreb e do Sahel, no Norte da África. Os países em que atua são

Argélia, Líbia, Mali, Níger e Mauritânia. Associada à organização criada por Osama bin Laden, uniu-se posteriormente ao grupo Estado Islâmico. Suas fontes de financiamento são contrabando de cigarro e o tráfico de drogas, principalmente cocaína. Mais informações em: Zachary Laub e Jonathan Masters. Al-Qaeda in the Islamic Maghreb (AQIM). Council on Foreign Relations. Disponível em: <<http://www.cfr.org/terrorist-organizations-and-networks/al-qaeda-islamic-maghreb-aqim/p12717>>. Acesso em: 29 out. 2017.

71 Segundo os registros do banco de dados do National Consortium for the Study of Terrorism and Responses to Terrorism (START), foram registradas 677 mortes em atentados atribuídos ou reivindicados pela AQIM entre 1998 e 2012. Disponível em: <<http://www.start.umd.edu/baad/database/al-qaida-lands-islamic-maghreb-aqim-2012>>

72 Hamid Yess. Al-Qaeda in Islamic Maghreb backs ISIS. Al-Monitor. 02/07/2014. Disponível em: <<http://www.al-monitor.com/pulse/security/2014/07/aqim-declaration-support-isis-syria-maghreb.html#>>. Acesso em: 29 out. 2017.

73 A teologia islâmica proíbe o consumo de drogas. Segundo definição corânica (Surata 5, versos 90 e 91) “os intoxicantes [...] são abominações” e “obras de satanás”.

74 Conjunto de leis e preceitos que regem a conduta do muçulmano e o direito civil criminal nos países islâmicos. A sharia é definida como a lei corânica, portanto divina e imutável. Ver mais em: <http://www.oxfordislamicstudies.com/article/opr/t125/e2168>>. Acesso em: 29 out. 2017.

75 A designação é originária da palavra árabe salaf (السلف= “antepassados piedosos”). Os autodenominados salafistas fundaram um movimento de contrarreforma no islã, na virada do século XIX para o XX. Liderados por Jamal al-Din al-Afghani e Muhammad Abduh, os salafistas pregaram a “restauração” da doutrina islâmica a uma

versão mais pura e próxima àquela apresentada pelo Alcorão e à Sunnah. Os salafistas passaram a condenar e, sobretudo, rejeitar toda e qualquer interpretação de seus livros sagrados e preceitos. As “inovações” eram vistas como “contaminação” derivada dos vários processos de migração pelos quais os muçulmanos já passaram. Os salafistas também fundaram o chamado Islã político. Eles viram que a associação de política e religião seria fundamental para estabelecer o projeto de fortalecimento de um modelo de sociedade em que as práticas islâmicas seriam impostas a partir de uma leitura literal da religião. O salafismo se alastrou pelo Norte da África, sendo o Egito o país no qual alcançou sua máxima expressão. Indonésia, Síria, Afeganistão e Paquistão também aderiram de forma massiva ao modelo religioso. Os movimentos salafistas mais influentes são a Irmandade Muçulmana, do Egito, e a Jamaat-i Islami, do Paquistão. Os movimentos jihadistas como al-Qaeda, por exemplo, tiveram sua origem dentro dessa leitura da religião.

[http://www.oxfordislamicstudies.com/article/opr/t125/e2072?
_hi=1&_pos=1](http://www.oxfordislamicstudies.com/article/opr/t125/e2072?_hi=1&_pos=1)

76 Em uma forma literal jihad (do árabe الجهاد) significa “esforçar-se”, “exercer” ou “lutar”. Dentro desse leque de significados, a palavra pode designar uma luta contra as inclinações do mal, um esforço para converter os incrédulos, ou uma luta pelo melhoramento moral, seja ele pessoal ou coletivo. A palavra jihad, quando usada em um contexto religioso, deve vir acompanhada por “islâmica” ou “sagrada”. A jihad é a única “guerra legal” no Islã, e tem suas regras estabelecidas na sharia. Ela deve ser convocado por uma autoridade estatal devidamente constituída. A jihad tem sido a justificativa para as ações de terrorismo islâmico pelo menos desde o final dos anos 1970. O jihadismo, como se passou a designar o fenômeno, busca no Alcorão a justificativa para a violência de suas organizações. Veja mais em:

<http://www.oxfordislamicstudies.com/article/opr/t125/e1199>

77 Traffickers and Terrorists: drugs and violent jihad in Mali and the wider Sahel. London. Foreign & Commonwealth Office. Outubro de 2013. Disponível em:

<https://www.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/256619/Oct_2013_Tra. Acesso em: 29 out. 2017.

78 Stephen A Harmon. Terror and Insurgency in the Sahara-Sahel Region: Corruption, Contraband, Jihad and the Mali War of 2012-2013. Ashgate Publishing, Ltd., 28 de nov de 2014

79 Alexis Arieff. Crisis in Mali. Congressional Research Service. Washington DC. 14/01/2013. Disponível em:

<<http://www.fas.org/sgp/crs/row/R42664.pdf>>. Acessado em: 29 out. 2017.

80 ¿Hasta dónde llegarían las fronteras del "califato islámico"? ABC. Madri, 10/08/2014. Disponível em:

<www.abc.es/internacional/20140810/abci-mapa-estado-islamico-201408091240.html>. Acesso em: 10 jan. 2018.

81 Daesh ameaça Península Ibérica no primeiro vídeo em castelhano. Público. Lisboa. 24/08/2017. Disponível em:

<<https://www.publico.pt/2017/08/24/mundo/noticia/daesh-ameaca-peninsula-iberica-no-primeiro-video-em-castelhano-1783299>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

82 Robert Spencer. Islamic State to Spain: "We will recover our land from the invaders". Jihad Watch. 22/01/2017. Disponível em:

<<https://www.jihadwatch.org/2016/01/islamic-state-to-spain-we-will-recover-our-land-from-the-invaders>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

83 Davin O'Regan. The Evolving Drug Trade in Guinea-Bissau and West Africa. International Relations and Security Network (ISN). Zurich. 28/07/2014. Disponível em:

<https://www.files.ethz.ch/isn/187952/ISN_182200_en.pdf>. Acesso em: 31 out. 2017.

84 Davin O'Regan e Peter Thompson. Guiné-Bissau: Lições do Primeiro Narco-Estado de África. O Centro de Estudos Estratégicos de África. Washington, D.C. 2013. Disponível em: <<https://africacenter.org/wp-content/uploads/2016/06/ASR02PT-Promover-a-Estabilidade-e-a-Reconcilia%C3%A7%C3%A3o-na-Guin%C3%A9-Bissau-Li%C3%A7%C3%B5es-do-Primeiro-Narco-Estado-de-%C3%81frica.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2017.

85 Em entrevista ao autor em maio de 2016 (São Paulo).

86 <<http://aviation-safety.net/database/record.php?id=20091105-1>>. Acesso em: 31 out. 2017.

87

<https://www.wikileaks.org/plusd/cables/10BAMAKO54_a.html>. Acesso em: 31 out. 2017.

88 Affaire du cargo de la drogue, Eric Vernay soutenu par la France. Journal du Mali. Bamako. 14/03/2011. Disponível em: <<http://www.journaldumali.com/article.php?aid=2870>>. Acesso em: 31 out. 2017.

89 Afua Hirsch. Cocaine flows through Sahara as al-Qaida cashes in on lawlessness. The Guardian. London. 02/05/2013. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2013/may/02/cocaine-flows-through-sahara-al-qaida>>. Acesso em: 29 out. 2017.

90 WikiLeaks: President of Mali Links Drug Trafficking to Terrorism. Crethiplethi. 29/12/2010. Disponível em: <<http://www.crethiplethi.com/wikileaks-president-of-mali-links-drug-trafficking-to-terrorism/usa/2010/>>. Acesso em: 29 out. 2017.

91 Emili j. Blasco. El número dos venezolano, Cabello, envió droga a Europa vía España. ABC. Madri. 20/05/2015. Disponível em: <<http://www.abc.es/internacional/20150520/abci-diosdado-cabello-droga-201505192105.html>>. Acesso em: 29 out. 2017.

92 Boko Haram Recent Attacks. National Consortium for the Study of Terrorism and Responses to Terrorism (START). College Park, MD. 2014. Disponível em: <https://www.start.umd.edu/pubs/STARTBackgroundReport_BokoHaramRecentAttacks_May2014_0>. Acesso em: 29 out. 2017.

93 Oficialmente chamada de Karakat Shabaab al-Mujahidin (Movimento de Jovens Jihadistas), é conhecida apenas como al Shabaab – ou Juventude. Sua fundação ocorreu aproximadamente no ano de 2006, como grupo armado sob ordens do Conselho Islâmico da Somália, entidade clerical vinculada à al-Qaeda. Seus militantes transformaram-se na principal força terrorista da Somália. Mais informações em: Al Shabaab. Mapping Militant Organizations. Stanford University. Disponível em:

<<http://web.stanford.edu/group/mappingmilitants/cgi-bin/groups/view/61>>. Acesso em: 29 out. 2017. 94 Facção independente da al-Qaeda em atuação na Península Arábica. Sua base central está localizada no Iêmen, onde seus terroristas exercem um papel de desestabilização regional. Além da “guerra” com o governo iemenita, os radicais sunitas travam uma batalha contra milícias xiitas, igualmente radicais. Os dois grupos contam com apoio externo. Por essa razão, o Iêmen transformou-se em um tabuleiro, no qual a sunita Arábia Saudita se opõe ao xiitas iranianos. Ambos os países patrocinam as revoltas que desestabilizam o Iêmen. Mais informações em: Al Qaeda in Yemen. Mapping Militant Organizations. Stanford University. Disponível em: <<http://web.stanford.edu/group/mappingmilitants/cgi-bin/groups/view/23>>. Acesso em: 29 out. 2017. 95 Zachary Laub. Al-Qaeda in the Islamic Maghreb (AQIM). Council on Foreign Relations. New York. 27/03/2015. Disponível em: <<http://www.cfr.org/terrorist-organizations-and-networks/al-qaeda-islamic-maghreb-aqim/p12717>>. Acesso em: 29 out. 2017.

96 Mary Fitzgerald. A Conversation with Abu Khattala. The New Yorker. Nova York. 17/06/2014. Disponível em:

<<http://www.newyorker.com/news/news-desk/a-conversation-with-abu-khattala>>. Acesso em: 29 out. 2017.

97 A organização terrorista Ansar al-Shariah foi fundada em 2011 por Seifallah Ben Hassine (1965- 2015). Hassine era um terrorista com passagem por diversas organizações desde os anos 1980. Condenado a 43 anos de prisão, voltou às ruas em um processo de anistia decorrente dos protestos que vieram a ser conhecidos como "Primavera Árabe". Com base na ação violenta e com o objetivo de implementar as regras da Sharia (lei islâmica) em substituição ao regramento secular, a Ansar al- Shariah passou a arregimentar militantes extremistas de orientação salafista (ideologia política dentro do islã sunita, que prega o retorno aos primórdios da religião). Em 2012, os terroristas da Ansar al- Shariah cometeram um atentado contra a Embaixada dos Estados Unidos, em Túnis. No ano seguinte, executaram dois políticos seculares que defendiam a abertura do país com a consequente separação total das regras de Estado das religiosas. Segundo a organização, eles chegaram a ter 70 mil membros, em 2014, quando a Ansar al-Shariah passou a servir ao grupo Estado Islâmico. Ver mais em: Ansar al- Shariah (Tunisia). Mapping Militant Organizations. Stanford University.

Disponível em:

<<http://web.stanford.edu/group/mappingmilitants/cgi-bin/groups/view/547>>. Acesso em: 29 out. 2017.

98 Cocaine from the Andes via West Africa to Europe. UNODC.

Disponível em:

<http://www.unodc.org/documents/toc/Reports/TOCTAWestAfrica/West_Africa_TOC_COCAINE.pdf> Acesso em: 29 out. 2017.

99 Eliza Griswold. The Tenth Parallel: Dispatches from the Fault Line Between Christianity and Islam. Farrar, Straus & Giroux. p. 317.

100 O Movimento 19 de Abril (M-19) foi um grupo guerrilheiro fundado em 1974 sob o pretexto de "restabelecer a democracia na Colômbia". Alegando fraude nas eleições presidenciais de 19 de abril

de 1970, seus líderes valeram-se do descontentamento nacional para propor um movimento que levaria a Colômbia a um governo comunista. O grupo ganhou notoriedade com um roubo simbólico: os terroristas surrupiaram a espada que pertencera ao libertador Simón Bolívar. Ao longo dos anos 1970, o grupo causou vários atritos com os cartéis de drogas colombianos, saqueando propriedades e sequestrando familiares dos traficantes para poder embolsar altas quantias pagas em forma de resgate. No auge desse tipo de ação, entre os anos 1976 e 1978, os militantes do M-19 raptaram mais de 400 pessoas. Em 1985, o M-19 realizou um de seus atos mais brutais. Aproximadamente quarenta guerrilheiros tomaram de assalto o Palácio da Justiça, sede do Supremo Tribunal Colombiano. Uma ação patrocinada pelo chefe do cartel de Medellín, o narcotraficante Pablo Escobar. Segundo relatório do governo colombiano, Escobar entregou 2 milhões de dólares ao líder do M-19, Ivan Mário Ospina. Em dificuldade financeira, a Guerrilha aceitou cometer o atentado em troca do dinheiro do tráfico. Escobar tinha interesse na destruição de documentos e processos que tramitavam contra ele no judiciário. Versão que é negada pelos ex-guerrilheiros do M-19, que em 1989 entregaram suas armas. Apesar da suposta desmobilização, os remanescentes do M-19 seguiram realizando atentados até 2001, quando o grupo efetivamente desapareceu. Ver mais em: Colombia: Information on the Former Guerrilla Group M-19. United States Bureau of Citizenship and Immigration Services. Washington DC. 25/03/2003. Disponível em: <<http://www.refworld.org/docid/414eee264.html>>. Acesso em: 29 out. 2017.

101 Julio César García Vásquez. Genealogía Colombiana Volumen II. p. 312. Disponível em: <<http://www.interconexioncolombia.com/documentos/genealogia/tomo2/1.11.%20MAS%20Y%20LOS>> Acesso em: 29 out. 2017.

102 “Colocado sob a autoridade do MININT, isto é, do ministro José Abrantes, e dirigido pelo coronel Tony de la Guardia, o Departamento MC tinha justamente como razão de ser a obtenção

de dólares por meio de sociedades de fachada com sede no Panamá, no México e na Nicarágua. Daí o apelido de Departamento “Moeda Convertível”, apesar da denominação MC não ter, no início, nenhum significado específico — ela apenas correspondia a uma nomenclatura militar alfabética estúpida e ruim. Herdeiro do Departamento Z, criado no início dos anos 1980, o Departamento MC empregava qualquer meio à disposição e comercializava qualquer coisa: tabaco, lagostas e charutos, introduzidos nos Estados Unidos por contrabando; roupas e eletrodomésticos exportados para a África; obras de arte e antiguidades escoadas para a Espanha; sem esquecer os diamantes e o marfim trazidos da África e revendidos na América Latina ou alhures. Alguns comércios eram legais, outros não, mas a existência do departamento em si nada tinha de secreto. Pelo contrário, o jornal oficial Granma um dia explicou sua missão nos seguintes termos: ‘Trata-se de lutar contra o bloqueio — ou embargo — econômico dos Estados Unidos, em vigor desde 1962, para que haja meios de se conseguir produtos como material médico, medicamentos, computadores etc.’. Sigiloso, em contrapartida, era o seu funcionamento, seus circuitos financeiros, sua contabilidade. Gerenciado com opacidade, desordem e improvisação, o Departamento MC tinha uma única regra obrigatória: receber em dólares e em espécie em países estrangeiros, especialmente no Panamá, que sempre foi a primeira base das atividades comerciais ilícitas cubanas sob o reinado de Fidel. Era inevitável que, naqueles anos e naquela região, a rota dos ‘piratas’ dos departamentos Z e depois MC cruzasse com a dos narcotraficantes colombianos, também à procura de dinheiro fácil. Não foi totalmente por acaso, portanto, que entre seus funcionários, o Departamento MC logo recebeu o apelido de ‘Maconha e Cocaína!’” Trecho de: Juan Reinaldo Sánchez. A vida secreta de Fidel. São Paulo: Paralela, 2015. p. 206-207.

103 Ayda Levy. El rey de cocaína: Mi vida con Roberto Suárez Gómez y el nacimiento del primer narcoestado. Buenos Aires: Debate, 2012.

104 "A modesta cabana de Fidel é uma imensa casa de veraneio de 300 metros quadrados plantada em Cayo Piedra, ilha situada a 15 quilômetros da Baía dos Porcos, no mar caribenho ao sul de Cuba. Quando Fidel conheceu Cayo Piedra, logo depois do triunfo de sua revolução de 1959, o lugar lhe pareceu o refúgio ideal para alguém decidido a nunca mais deixar o poder. Eram duas ilhotas desertas sobre um banco de areia com uma rica fauna marinha. Condições excelentes para a caça submarina, um dos passatempos do soberano resignatário de Cuba. Muito se especulava sobre a existência do resort de Fidel, mas sua localização só se tornou conhecida agora, depois da publicação do livro de Sánchez. O escritor colombiano Gabriel García Márquez, falecido recentemente, frequentava esse refúgio e, claro, nunca revelou o segredinho do amigo Fidel. As coordenadas da casa principal de Cayo Piedra são: latitude 21°57'52.06"N e longitude 81°7'4.09"O". Trecho de: Leonardo Coutinho. Ilha do Cara. Veja, 4 de julho de 2014. pp 78-81.

105 Juan Reinaldo Sánchez e Axel Gyldén. A Vida Secreta de Fidel: As revelações de seu guarda-costas pessoal. São Paulo: Paralela, 2015. p. 205.

106 Levy (2013)

107 The Contras, Cocaine, and Covert Operations. National Security Archive Electronic Briefing Book No. 2. The National Security Archive. Washington DC. Disponível em: <<http://nsarchive.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB2/index.html>>. Acesso em: 29 out. 2017.

108 Castro detiene a altos mandos militares acusados de tráfico de drogas. El País. Madri. 17/06/1989. Disponível em: <http://elpais.com/diario/1989/06/17/internacional/614037616_850215.html>. Acesso em: 21 set. 2017.

109 Antonio Caño. Fusilados al amanecer los cuatro militares cubanos condenados por narcotráfico. El País. Madri. 14/06/1989. Disponível em: <http://elpais.com/diario/1989/07/14/internacional/616370404_850215.html>. Acesso em: 21 set. 2017.

110 Phil Davison. Juan Reinaldo Sanchez: Fidel Castro's bodyguard who blew the whistle on the leader's secret life. Independent. Londres. 03/06/2015. Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/news/obituaries/juan-reinaldo-sanchez-fidel-castro-s-bodyguard-who-blew-the-whistle-on-the-leaders-secret-life-10295608.html>>. Acesso em: 21 set. 2017.

111 Em entrevista ao autor (2014).

112 Emili J. Blasco. El jefe de seguridad del número dos chavista deserta a EE.UU. y le acusa de narcotráfico. ABC. Madri. 27/01/2015. Disponível em: <<http://www.abc.es/internacional/20150127/abci-venezuela-cabello-eeuu-201501262129.html>>. Acesso em: 21 set. 2017.

113 Emily J. Blasco. Bumerán Chávez: Los fraudes que llevaron al colapso de Venezuela. Washington, D.C. Maio de 2015.

114 Anabel Marina Linares Leal foi capitã do exército venezuelano. Em 2014, a militar foi nomeada diretora substituta do Banco Bicentenario, de acordo com o decreto presidencial nº 776, publicado no Diário Oficial da República da Venezuela, número 40.349. Linares Leal fez história por ter sido a primeira mulher formada na Academia Militar da Venezuela. Em julho de 2006, recebeu seu sabre das mãos do presidente Hugo Chávez. Em seu discurso durante a formatura, Chávez ressaltou: "Ela é a primeira mulher que neste país, neste país, do Exército Libertador, receberá o sabre nesta Academia Militar".

115 Em entrevista ao autor (Washington, D.C., 2015).

116 Leonardo Coutinho. ...E o Amigo Narco. Veja. São Paulo. 13/06/2015. Disponível em: <<http://pgr.clipclipping.com.br/noticia/pdf/veiculo/revistas/noticia/2772210/cliente/19>>. Acesso em: 21 set. 2017.

117 Willian Neuman. Former Venezuelan Intelligence Chief Arrested in Aruba. The New York Times. Nova York. 24/07/2014. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2014/07/25/world/americas/former-venezuelan-intelligence-chief-arrested-in-aruba.html?_r=0>. Acesso em: 29 out. 2017.

118 O primeiro guarda-costas a ser assassinado, em janeiro de 2015, foi César Antonio Bonaldi, que atuava na proteção do governador do estado de Zúlia, Francisco Arias Cárdenas. Bonaldi morreu no dia 15 de janeiro (Matan de un disparo a funcionario del Sebin em Maracaibo. El Universal. Caracas. 16 de janeiro de 2015). A segunda execução ocorreu dois dias depois. Desta vez a vítima foi Johndel del Valle Hernández, membro da escolta do prefeito de Carrizal, José Luis Rodriguez. Del Valle foi executado quando saía de uma churrascaria às margens da rodovia Panamericana. Luis Revilla, que por seis anos trabalhou na proteção do ministro da Educação, foi morto com um tiro na manhã do dia 21 de janeiro (Mataron de un disparo a escolta del ministro Héctor Rodríguez. El Nacional. Caracas. 22 de janeiro de 2015). No primeiro dia de março de 2015, Gustavo Daniel Castillo Pérez foi morto com quatro tiros, em Cátia la Mar, a cerca de 35 quilômetros de Caracas. Castillo já havia servido como guarda-costas de Winston Vallenilla, que foi candidato a prefeito de Baruta, no estado de Miranda, e da ex-defensora do Povo Gabriela Ramírez. Ainda em março, Michelson José Milla, guarda-costas do deputado Ángel Rodríguez (PSUV), foi morto com um tiro de escopeta. Em maio, outros dois foram vítimas de "latrocínio": Eldemar José Bermúdez Patiño, membro do corpo de guarda do dirigente de PSUV, Mario Silva, e Willian Quintero, que trabalhava para o deputado governista Elvis Amoroso. Na mórbida lista de vítimas também estavam: Efrén Freudy Urbina Castillo ,

então guarda-costas do deputado do PSUV Carlos Sierra. Urbina foi morto a tiros, e seu

corpo, incinerado (14/06/2015); Maickel José Vásquez Caraballo , coordenador dos guarda-costas do ex-chefe de polícia e deputado Freddy Bernal. Vásquez foi executado com cinco tiros na cabeça (24/06/2015); Carlos Manuel Pulgar Siso , guarda-costas da deputada Blanca Eekhout, vice-presidente da Assembleia Nacional. Oficialmente em um caso de "latrocínio" (26/06/2015); Juan Manuel Villegas Herrera, guarda-costas da ministra do Despacho da Presidência, Carmen Meléndez. "Latrocínio" (26/08/2015); Marco Daniel Chacón Pineda, que era membro do Sebin e trabalhava como guarda-costas do comandante-geral da Guarda Nacional Bolivariana (GNB) Néstor Reverol. Morto a tiros em um suposto latrocínio (27/09/2015); e José Farías Peñaloza, o segundo guarda-costas do deputado Freddy Bernal a ser assassinado. Morreu depois de uma troca de tiros, supostamente com bandidos que tentaram assaltá-lo. 01/10/2015.

119 Leonardo Coutinho. Os Guarda-costas Sabem Demais. Revista Veja. São Paulo. Novembro de 2015.

120 La tasa de homicidios de Venezuela alcanzó la cifra histórica de 90 por cada 100 mil habitantes. Informe del Observatorio Venezolano de Violencia 2015. Caracas. 28/12/2015. Disponível em: <<http://images.eluniversal.com//2015/12/28/informe-del-observatorio-venez.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2017.

121 ¿Ajuste de cuentas? Localizan calcinado escolta del Defensor del Pueblo. A Todo Momento. Caracas. 28/01/2015. Disponível em: <<http://atodomomento.com/nacionales/ajuste-de-cuentas-localizan-calcinado-a-escolta-del-defensor-del-pueblo/>>. Acesso em: 29 out. 2017.

122 Documento em posse do autor.

123 <http://www.insightcrime.org/venezuela-organized-crime-news/walid-makled>>. Acesso em: 31 out. 2017.

124 Brian Ellsworth. Accused drug dealer says paid off fugitive Venezuela judge. Chicago Tribune. Chicago. 25/04/2012. Disponível em: <http://articles.chicagotribune.com/2012-04-25/news/sns-rt-venezuela-judge12e8fp9bq-20120425_1_drug-trade-aeropostal-venezuelan-government-officials>. Acesso em: 31 out. 2017.

125 Las “confesiones” de Aponte Aponte en EE. UU.: “Hablo ahora porque fui vilmente traicionado”. Noticias 24. Caracas. 18/04/2012. Disponível em: <<http://www.noticias24.com/venezuela/noticia/103022/hoy-saldran-las-declaraciones-mas-crudas-de-aponte-aponte-la-justicia-es-como-la-plastilina-se-puede-modelar/>>. Acesso em: 31 out. 2017.

126 Leonardo Coutinho. O Narcochavismo. Veja. São Paulo. Ed 2411. Fevereiro de 2015. p. 60-63.

127 Leonardo Coutinho. Preso com 800 quilos de cocaína, filho de criação de Nicolás Maduro foi extraditado para os Estados Unidos. Veja.com. São Paulo. 11/11/2015. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/preso-com-800-quilos-de-cocaina-filho-adotivo-de-nicolas-maduro-foi-extraditado-para-os-estados-unidos>>. Acesso em: 31 out. 2017.

128 Emili J. Blasco. La Casa Militar de Maduro custodió el traslado de droga de sus sobrinos. ABC. Madri. 19/11/2015. Disponível em: <http://www.abc.es/internacional/abci-casa-militar-maduro-custodio-traslado-droga-sobrinos-201511190248_noticia.html?ref_m2w=>. Acesso em: 9 ago. 2017.

129 Moises Figuera. Un mayor de la Fuerza Aérea piloteaba avión donde viajaron los Flores. El Pitazo. Caracas. 12/11/2015. Disponível em: <<http://www.elpitazo.com/ultimas-noticias/un->

mayor-de- la-fuerza-aerea-piloteaba-avion-donde-viajaron-los-flores/>. Acesso em: 9 ago. 2017.

130 Castro Ocando. Chavistas en el Imperio: Secretos, Tácticas y Escándalos de la Revolución Bolivariana en Estados Unidos. Factual. Miami. (2014).

131 Leonardo Coutinho. O Narcochavismo. Veja. São Paulo. Ed 2411. Fevereiro de 2015. p. 60-63.

132 Emily J. Blasco. Bumerán Chávez: Los fraudes que llevaron al colapso de Venezuela. Washington DC. 2015.

133 Roberto Escobar. The Accountant's Story: Inside the violent world of the Medellín cartel. Grand Central Publishing. New York. 2006.

134 Documento em posse do autor.

135 Leonardo Coutinho. Documento mostra como Lula atuou na reeleição de Hugo Chávez. Veja.com. São Paulo. 14/10/2016. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/mundo/telegrama-mostra-como-lula-atuou-na-reeleicao-de-hugo-chavez/>>. Acesso em: 8 ago. 2017.

136 Ibid.

137 Fabio Murakawa. Mônica Moura: "Lula era minha garantia de pagamento na Venezuela". Valor. São Paulo. 12/05/2017. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/politica/4967226/monica-moura-lula-era-minha-garantia-de-pagamento-na-venezuela>>. Acesso em: 8 ago. 2017.

138 <https://www.poder360.com.br/wp-content/uploads/2017/05/Jsant-vol4-11mai2017.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2017.

139 Ibid.

140 Julia Affonso, Rafael Moraes Moura, Breno Pires, Bernardo Gonzaga, Deivlin Vale e Liana Costa. Maduro mandou carro 'de rapper americano' para entrega de 'malas de dinheiro', diz Mônica. Estadão. São Paulo. 13/05/2017. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/maduro-mandou-carro-de-rapper-americano-para-entrega-de-malas-de-dinheiro-diz-monica>>. Acesso em: 8 ago. 2017.

141 Maolis Castro. Max Arveláiz, el diplomático de Hollywood. Armando Info. Caracas. 09/04/2017. Disponível em: <<https://www.armando.info/historias/7452=max-arvelaiz,-el-diplomatico-de-hollywood>>. Acesso em: 9 ago. 2017.

142 http://www.imdb.com/title/tt3774114/business?ref_=tt_dt_bus>. Acesso em: 9 ago. 2017.

143 <http://www.boxofficemojo.com/movies/?id=snowden.htm>>. Acesso em: 9 ago. 2017.

144 <https://www.poder360.com.br/wp-content/uploads/2017/05/Jsant-vol4-11mai2017.pdf>>. Acesso em: 9 ago. 2017.

145 Dictamen Nisman 2013. p: 111

146 Matthew Levitt. Hezbollah: The Global Footprint of Lebanon's Party of God. pp 91

147 "Termo do Alcorão utilizado para indicar o que é lícito ou permitido. A maioria das opiniões legais afirma a presunção de que tudo é halal (permitido), a menos que seja especificamente proibido por um texto sagrado. Halal, neste caso, se refere à carne de animais que foram sacrificados ritualmente. Palavras em louvor a Deus são ditas na hora de um abate, que deve ser feito exclusivamente por um muçulmano. O consumo de carnes de peixe

e frutos do mar são totalmente liberados. As categorias proibidas (haram = pecado) incluem carne de porco, sangue, bebidas alcoólicas, animais de corte incorretamente sacrificados". Tradução livre de:

<http://www.oxfordislamicstudies.com/article/opr/t125/e782>>.

Acesso em: 1 nov. 2017.

148 Dictamen Nisman 2006. p. 517

149 Dictamen Nisman 2006. p. 31

150 Dictamen Nisman 2006. p. 540

151 Samuel Salman el Reda, el colombiano clave en el mayor atentado en la historia de Argentina. El Tiempo. Bogotá.

21/05/2009. Disponível em:

<<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/CMS-5248727>>.

Acesso em: 1 nov. 2017.

152 Dictamen Nisman 2013. p. 222

153 Dictamen Nisman 2013. p. 175-176

154 Líderes Muçulmanos Homenageados no PR. Instituto Brasileiro de Estudos Islâmicos. Curitiba. 2007. Disponível em:

<www.ibeipr.com.br/noticias.php?id_noticia=433>. Acesso em: 1 nov. 2017.

155 "O aliciamento de brasileiros para os cursos de Rabbani no exterior vem sendo acompanhado há quatro anos pela Polícia Federal e pela Abin, o serviço secreto do governo. É o próprio Rabbani, com a ajuda de pessoas de sua confiança, quem escolhe os que devem embarcar. De 2007 até hoje, três grupos de brasileiros já visitaram o Irã. Há razões de sobra para tamanha vigilância. O curso tem, de fato, um forte conteúdo religioso. Mas não é isso o que preocupa. Alunos de uma das turmas de Rabbani já confidenciaram que durante as viagens visitaram instalações do

grupo radical libanês Hezbollah, organização considerada terrorista por muitos países, entre eles os Estados Unidos. Relatórios aos quais Veja teve acesso apontam os cursos do professor Rabbani como uma porta de entrada para o terrorismo. De acordo com esses documentos, as aulas são usadas para fazer pregações radicais e incluem treinamentos em campos militares”. Trecho de: Rodrigo Rangel. O professor terrorista. Veja. São Paulo. 17/04/2011

156 Leonardo Coutinho. A Rede: O terror finca bases no Brasil. Veja. Ed. 2211. 01/04/2011. São Paulo. pp 89-96.

157 Dictamen Nisman 2013. p. 474-475

158 Leonardo Coutinho. A Rede: O terror finca bases no Brasil. Veja. Ed. 2211. 01/04/2011. São Paulo. pp 89-96.

159 Rabbani dijo que no se presentará a la Justicia por el caso AMIA y desafió: “No hay pruebas”. Clarín. Buenos Aires.

06/04/2011. Disponível em:

<http://www.clarin.com/politica/Rabbani-presentara-Justicia-AMIA-pruebas_0_457754409.html e El principal acusado por la AMIA desafía a la Justicia y apunta al Gobierno. Infobae. Buenos Aires.

06/04/2011. Disponível em:

<<http://www.infobae.com/notas/573999-El-principal-acusado-por-la-AMIA-desafia-a-la-Justicia-y-apunta-al-Gobierno.html>>. Acesso em: 1 nov. 2017.

160 <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/768112/dou-secao-1-06-08-2009-pg-32> e

<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/33068976/dou-secao-1-12-12-2011-pg-171>>. Acesso em: 1 nov. 2017.

161 Leonardo Coutinho. Venezuela vendia passagens fantasma para o Aeroterror. Veja.com. 24/03/2015. Disponível em:

<<http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/venezuela-vendia-passagens-fantasma-para-o-aeroterror>>. Acesso em: 1 nov. 2017.

162 Country Reports on Terrorism 2009. U.S. State Department. Washington, D.C. 05/08/2010. Disponível em: <<https://www.state.gov/j/ct/rls/crt/2009/140888.htm>>. Acesso em: 2 nov. 2017.

163 Leonardo Coutinho. A Rede: O terror finca bases no Brasil. Veja. Ed. 2211. 06/04/2011. São Paulo. pp 89-96

164 Abdul Kadir Sentenced to Life in Prison for Conspiring to Commit Terrorist Attack at JFK Airport. New York. 15/12/2010. Disponível em: <<https://www.fbi.gov/newyork/press-releases/2010/nyfo121510a.htm>>. Acesso em: 1 nov. 2017.

165 Douglas Farah. The Murder of Alberto Nisman: How the government of Cristina Fernández de Kirchner created the environment for a perfect crime. Março, 2015. p. 12. Disponível em: <http://www.strategycenter.net/research/pubID.356/pub_detail.asp>. Acesso em: 1 nov. 2017.

166 Victoria L. Henderson, Joseph M. Humire and Fernando D. Menéndez. Canada on Guard: Assessing the Immigration Security Threat. Junho de 2014. Disponível em: <http://www.securefreesociety.org/wp-content/uploads/2014/06/CANADA_ON_GUARD_JUNE_20143.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2017.

167 Conforme documentos em posse do autor.

168 Mary Anastasia O'Grady. The Iran-Cuba-Venezuela Nexus. The Wall Street Journal. Nov. 23, 2014. Disponível em: <http://www.wsj.com/articles/mary-anastasia-ogrady-the-iran-cuba-venezuela-nexus-1416780671>>. Acesso em: 1 nov. 2017.

169 Antonio Maria Delgado. Hombre buscado por el FBI es enlace del chavismo con Hezbolá. El Nuevo Herald. 31 de janeiro de 2015. Disponível em:

<<http://www.elnuevoherald.com/noticias/mundo/america-latina/venezuela-es/article8887766.html>>. Acesso em: 1 nov. 2017.

170 <https://www.fbi.gov/wanted/terrorinfo/ghazi-nasr-al-din>>. Acesso em: 1 nov. 2017.

171 Treasury Targets Hizballah Fundraising Network in the Triple Frontier of Argentina, Brazil, and Paraguay. 12/06/2006. Disponível em: <https://www.treasury.gov/press-center/press-releases/Pages/hp190.aspx>>. Acesso em: 1 nov. 2017.

172 Francisco Leali. Polícia Federal Aponta Elo entre Facção Brasileira e o Hezbollah. O Globo. Rio de Janeiro. 09/11/2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/policia-federal-aponta-elo-entre-faccas-brasileira-hezbollah-14512269>>. Acesso em: 1 nov. 2017.

173 Ibid.

174 Matthew Levitt. Hezbollah: The Global Footprint of Lebanon's Party of God. Pp 81

175 Matthew Levitt. Hizbullah narco-terrorism: A growing cross-border threat. In: IHS Defense, Risk, and Security Consulting. Washington, D.C. September 2012. Disponível em: <http://www.washingtoninstitute.org/policy-analysis/view/hizbullah-narco-terrorism-a-growing-cross-border-threat>>. Acesso em: 1 nov. 2017.

176 <http://english.bayynat.org/Biography/>>. Acesso em: 1 nov. 2017.

177 Matthew Levitt. Hizbullah narco-terrorism: A growing cross-border threat. Disponível em: http://www.washingtoninstitute.org/uploads/Levitt20120900_1.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2017.

178

<https://www.diariojudicial.com/public/documentos/000/058/054/000058054.pdf>>. Acesso em: 2 nov. 2017.

179 Ibid.

180 A Global Overview of Narcotics-Funded Terrorist and Other Extremist Groups. Disponível em: <http://www.loc.gov/rr/frd/pdf-files/NarcsFundedTerrs_Extrems.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2017.

181 José Yoldi. El traficante Monzer al Kassar fue detenido por "actividades terroristas con resultado de muerte". El País. 06/06/1992. Disponível em: http://elpais.com/diario/1992/06/06/espana/707781603_850215.html>. Acesso em: 1 nov. 2017.

182 A Frente Popular para Libertação da Palestina (FPLP) foi fundada em 1967 por George Habash (1926-2008) – um médico pediatra que nasceu em uma família católico-ortodoxa –, que uniu o marxismo aos adeptos mais radicais da "causa palestina", que pregam a destruição do Estado de Israel. A organização de Habash inventou os sequestros de aviões como peça de propaganda. Ainda nos anos 1970, chegou a ser a segunda maior organização dentro da Organização para Libertação da Palestina (OLP), mas divergia ideologicamente da principal corrente dentro da OLP, que viria a ser a Fatah – a organização de Yasser Arafat. Enquanto este buscava unir os países árabes em torno da causa palestina, Habash mirava a União Soviética e a China. O colapso da URSS teve impacto direto na capacidade operacional da organização. Seu espaço foi predado pelo Hamas, que preencheu o vazio deixado pela FPLP entre os mais radicais. Mais informações em: <<https://www.cfr.org/background/pflp-dflp-pflp-gc-palestinian-leftists>>. Acesso em: 15 jan. 2018

183 Patrick Radden Keefe. The Trafficker. The New Yorker. 08/02/2010. Disponível em:

<http://www.newyorker.com/magazine/2010/02/08/the-trafficker>>. Acesso em: 1 nov. 2017.

184 Jesús Duva. El sirio Mustafá Nasimi fue asesinado con una bala de fabricación americana. El País. Madrid. 22/06/1998. Disponível em: <http://elpais.com/diario/1998/06/22/espana/898466418_850215.html>. Acesso em: 1 nov. 2017.

185 DEA Investigation Nets International Arms Dealer with Ties to Terrorist Organizations. United States Drug Enforcement Administration. Washington, D.C. 08/06/2007. Disponível em: <<http://www.dea.gov/pubs/states/newsrel/nyc060807.html>>. Acesso em: 1 nov. 2017.

186 Giuseppe Lucchelli. Il Vero Killer? Detenuto in un Altro Paese. La Repubblica. Roma. 02/09/1992. Disponível em: <<http://ricerca.repubblica.it/repubblica/archivio/repubblica/1992/09/02/il-vero-killer-detenido-in-un-altro.html>>. Acesso em: 1 nov. 2017.

187 Embargos de Declaração na Extradicação 936 — República Italiana. In Revista Trimestral de Jurisprudência. Supremo Tribunal Federal. Volume

196 – Número 3 Abril / Junho de 2006. p. 744-751. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/publicacaoRTJ/anexo/196_3.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2017.

188 PF prende traficante jordaniano no Salgado Filho. Justiça Federal Seção Judiciária do Rio Grande do Sul. 09/06/2004. Disponível em: <<https://www2.jfrs.jus.br/pf-prende-traficante-jordaniano-no-salgado-filho/>>. Acesso em: 1 nov. 2017.

189 <http://www.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/765894/extradicao-ext-936-it-stf>>. Acesso em: 1 nov. 2017.

190 Douglas Farah. Blood from Stones: the secret financial network of terror. Broadway Books. New York. 2004. p. 19, 33-34.

191 Em entrevista concedida ao autor em outubro de 2012.

192 José Cruz. Acusado de corrupção usa Ministério do Esporte para fazer campanha. Blog do José Cruz. São Paulo. 17/01/2014.

Disponível em:

<<http://josecruz.blogosfera.uol.com.br/2014/01/acusado-de-corrupcao-faz-campanha-em-nome-do-ministerio-do-esporte/>>.

Acesso em: 1 nov. 2017.

193 Charlie Savage e Scott Shane. Iranians Accused of a Plot to Kill Saudis' U.S. Envoy. The New York Times. Nova York. 11-10-2011.

Disponível em: <http://www.nytimes.com/2011/10/12/us/us-accuses-iranians-of-plotting-to-kill-saudi-envoy.html?_r=0>. Acesso em: 2 nov. 2017.

194 Manssor Arbabsiar Sentenced in New York City Federal Court to 25 Years in Prison for Conspiring with Iranian Military Officials to Assassinate the Saudi Arabian Ambassador to the United States.

Department of Justice. Washington, D.C. 30/05/2012 Disponível em: <<http://www.justice.gov/opa/pr/manssor-arbabsiar-sentenced-new-york-city-federal-court-25-years-prison-conspiring-iranian>>.

Acesso em: 2 nov. 2017.

195 <http://www.globalsecurity.org/intell/world/iran/qods.htm>>.

Acesso em: 2 nov. 2017.

196 United States of America v. Manssor Arbabsiar and Gholam Shakuri, Indictment, Southern District of New York, October 11, 2011. Disponível em:

<<https://www.justice.gov/archive/opa/documents/us-v-arbabsiar-shakuri-complaint.pdf>>. Acesso em: 2 nov. 2017.

197 Vitneis Didziulis, Jorge Mota, Gerardo Reyes e Casto Ocando. La amenaza iraní. Univision. Miami 09/12/2011. Disponível em:

<<http://uvideos.com/shows/documentales-univision/la-amenaza-irani-articulo>>. Acesso em: 2 nov. 2017.

198 Casto Ocando. Chavistas en el Imperio: Secretos, tácticas y escándalos de la Revolución Bolivariana em Estados Unidos.

199 Ibid.

200 _bookmark199

https://archive.org/details/WFDC_20111209_030000_Noticias_Univision_Pr Acesso em 21/01/2018

201 Casto Ocando e Jorge Mota. La Conexión Venezolana. El Universal. Caracas. 11/12/2011. Disponível em: <<http://www.eluniversal.com/nacional-y-politica/111211/la-conexion-venezolana-imp>>. Acesso em: 2 nov. 2017.

202 William Neuman. U.S. Orders Venezuelan Envoy in Miami to Leave. The New York Times. New York. 08/01/2012. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2012/01/09/world/americas/us-expels-venezuelan-diplomat-from-miami.html?_r=0>. Acesso em: 21 jan. 2018.

203 Evo Morales denuncia plan de la derecha boliviana para perpetrar magnicidio. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=df97V1TiqA8>>. Acesso em: 21 jan. 2018.

204 <https://www.youtube.com/watch?v=49IzlkHoANs>

205 Cable de la Embajada de EEUU sobre la operación antiterrorista emprendida por el Gobierno de Bolivia. El País. Madri. 29/12/2010. Disponível em: <http://internacional.elpais.com/internacional/2010/12/29/actualidad/1293577219_850215.html>

206 Casa de cardeal na Bolívia é atingida por bomba durante madrugada. Gaudium Press. Santa Cruz de La Sierra. 16/04/2009. Disponível em: <<http://www.gaudiumpress.org/content/3392-Casa-de-cardeal-na-Bolivia-e-atingida-por-bomba-durante-madrugada>

207 Leonardo Coutinho. Promotor boliviano revela como Evo Morales manipula a Justiça de seu país. Veja.com. São Paulo. 08/07/2015. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/promotor-boliviano-revela-como-evo-morales-manipula-a-justica-do-pais>

208 Duda Teixeira. Conivência Diplomática. Veja. São Paulo. Ed. 2381. 09/07/2014. p. 60-61.

209 Documento em posse do autor.

210 Ibid.

211 Informe de Pando: crisis política y social em Bolivia. UnoAmerica – Comisión Especial de Derechos Humanos. Colômbia. Junho de 2009. Disponível em: <<http://www.hacer.org/pdf/Pando.pdf>

212 Duda Teixeira e Leonardo Coutinho. As ameaças ao nosso gasoduto. Veja. São Paulo. Ed. 2078. 17/09/2008. p. 82-86.

213 Duda Teixeira. A Farsa da Nação Indígena. Veja. São Paulo. Ed. 2164. 12/05/2010. pp 134-138.

214 O movimento guerrilheiro Tupac Katari é uma organização terrorista boliviana que esteve ativa no início da década de 1990. A primeira menção ao grupo é de 5 de julho de 1991, e já no final de 1992, algumas lideranças do grupo haviam sido capturadas. Estima-se que a organização tenha conseguido arregimentar mais de 100 adeptos. Ver mais em:

<http://www.start.umd.edu/gtd/search/Results.aspx?perpetrator=622>

215 http://www.gutenberg.us/articles/t%C3%BApac_katari

216 Para no olvidar: ¿Cuántos miles de muertos dejó Sendero Luminoso?. El Comercio. Lima. 23/01/2012. Disponível em: <<http://elcomercio.pe/politica/gobierno/no-olvidar-sendero-luminoso-dejo-12564-muertos-pais-noticia-1364743>>

217 O grupo terrorista Sendero Luminoso começou suas atividades na década de 1970. De orientação maoísta, o movimento comunista peruano era comandado por Abimael Guzmán Reynoso. Professor universitário, Guzmán valeu-se de sua posição na academia para recrutar jovens estudantes. Embasado em um discurso com forte teor social, ele explorou as diferenças entre as classes de seu país para embutir sua visão de justiça social por meio da luta armada. Por mais de uma década, o Sendero Luminoso foi se estruturando como movimento e nos anos de 1980 eclodiu como a mais sanguinária das organizações terroristas do planeta, segundo dados compilados pela Universidade de Maryland, nos Estados Unidos. O objetivo do Sendero Luminoso era tomar o poder no Peru e instalar uma ditadura comunista aos moldes da China antes da abertura econômica. Sob Guzmán, o Sendero Luminoso impôs duras e violentas regras aos camponeses. A brutalidade de seus atos levou a um dos maiores êxodos rurais registrados na América Latina, na segunda metade do século 20. Como efeito direto dessa migração de fuga, mais de 800 favelas surgiram na capital peruana, os chamados pueblos jóvenes. Em 1992, Abimael Guzmán foi capturado em Lima. Foi preso e condenado à prisão perpétua. A adesão a Sendero Luminoso caiu de um máximo de 10 mil para cerca de 500 após a prisão de seu líder. Um dos comandantes da organização, Oscar Ramirez Durand, continuou a defender o uso da violência. Ramirez continuou realizando atentados até sua captura, em 1999. Nos anos seguintes, os esforços de Sendero Luminoso se concentraram no controle das regiões rurais peruanas produtoras de coca. Desde sua entrada em atividade como organização armada, o Sendero Luminoso teve no tráfico de cocaína sua principal fonte de subsistência. Atualmente, seus remanescentes

controlam áreas de produção e distribuição de drogas a partir da região do VRAE (Vales dos Rios Apurímac e Ene). Veja mais em: <http://www.start.umd.edu/baad/narratives/shining-path-sl>

218 O conceito de "Socialismo do Século XXI" foi popularizado em janeiro de 2005 por Hugo Chávez. Ele usou a expressão durante o V Fórum Social Mundial, realizado na cidade brasileira de Porto Alegre (RS). Chávez disse que como marco da chamada Revolução Bolivariana deveria se dar início a um processo de transição rumo ao socialismo, ou como ele definiu "Democracia Revolucionaria". Ler mais em: Astrid Leon. El Socialismo del Siglo XXI. Disponível em: <<http://www.monografias.com/trabajos43/el-socialismo/el-socialismo.shtml#ixzz44XfaPa5R>

219 Segundo a definição da Embaixada de Cuba em Caracas, "a Frente Francisco de Miranda nasceu em 29 de junho de 2003 em Havana, Cuba. Foi fundado pelos comandantes Hugo Chávez e Fidel Castro Ruz, diante da necessidade da revolução venezuelana de ter atores sociais sólidos e efervescentes na população, conforme exigido nos profundos processos de mudança, reformas e transformações". A organização foi montada tendo como base mais de 20 mil militantes chavistas, que passaram a ser remunerados pelo Estado venezuelano por meio de bolsas e empregos públicos. Todos os líderes e boa parte de seus membros de nível intermediário receberam treinamento militar e de inteligência em Havana. Leia mais em: <http://www.embajadacuba.com.ve/noticias/frente-francisco-de-miranda-fundado-por-chavez-y-fidel-cumple-diez-anos/>

220 Andrei Kurguzov. Russia to Sell 100,000 Kalashnikov Submachine-guns to Venezuela. Sputnik. Moscou. 18/05/2006. Disponível em: <<http://sputniknews.com/business/20050518/40372525.html#ixzz44hXRaXsr>

221 Documentos em posse do autor.

222 Idiana Tomazellie e Tiago Rogério. Stédile promete protestos diários se Marina for eleita. O Estado de S. Paulo. São Paulo. 15/09/2014. Disponível em:
<<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,stedile-promete-protestos-diarios-se-marina-for-eleita,1560622>

223 Em entrevista ao autor.

224 Alfredo Ochoa. ¿Qué son los círculos bolivarianos?. BBC. Londres. 19/04/2002. Disponível em:
<http://news.bbc.co.uk/hi/spanish/latin_america/newsid_1938000/1938021.stm

225 Francisco Mercado. La fundación relacionada con Podemos cobró 3,7 millones de Chávez en 10 años. El País. Madrid. 17/06/2014. Disponível em:<
https://politica.elpais.com/politica/2014/06/17/actualidad/1403039351_862188.html>. Acesso em: 5 nov. 2017.

226 Ibid.

227 Javier Chicote. Chávez pagó 7 millones de euros para “crear en España fuerzas políticas bolivarianas”. ABC España. Madrid. 05/04/2016. Disponível em:<http://www.abc.es/espana/abci-chavez-pago-7-millones-euros-para-crear-espana-fuerzas-politicas-bolivarianas-201604050224_noticia.html

228 Ibid.

229 Aitor Riveiro. Jorge Verstryngge ficha por Podemos. El Diário. 20/03/2014. Disponível em: <http://www.eldiario.es/politica/Jorge-Verstryngge-ficha-Podemos_0_240776052.html

230 Douglas Farah. “Iran’s Influence and Activity in Latin America”. Testimony Before the Senate Foreign Relations Committee Subcommittee on Western Hemisphere, Peace Corps, and Global Narcotics Affairs. 05/02/2012

231 Ibid.

232 Antonio Salas. El Palestino. Ediciones Planeta. Madri. 2010.

233 Ibid.

233 Farah (2012)

235 Ibid.

236 Chicote (2016)

237 Guider Arancibia Guillén. Germán Cardona Álvarez: "Sacaron armas de la Octava para el caso terrorismo". El Deber. Santa Cruz de la Sierra. 21/04/2015.

238 Duda Teixeira. Militar boliviano diz que Podemos seria braço do tráfico venezuelano. Veja. São Paulo. 08/05/2015. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/militar-boliviano-diz-que-podemos-seria-braco-do-trafico-venezuelano>>.

239 Leonardo Coutinho. Narcos. Veja. São Paulo. 25/09/2016. p. 58-60.

240 Castedo: "Me ordenaron modificar el informe". Eju! 08/12/2016. Disponível em: <<http://eju.tv/2016/12/castedo-me-ordenaron-modificar-el-informe/>>

241 Em entrevista ao autor, em 30/03/2017.

242 Ibid.

243 Conforme dados fornecidos pela Força Aérea Brasileira.

244 Em entrevista telefônica gravada (21/12/2016).

245 Ibid.

246 Roger Pinto Molina. Nenhum exilado é feliz. Veja. São Paulo. Ed 2517. 15/02/2017. p. 58-59

247 Reinaldo Azevedo. Bolivianos recebem avião venezuelano a pedradas, e ele tem de aterrissar no Brasil. Veja.com. São Paulo. 07/12/2007. Disponível em:
<<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/bolivianos-recebem-aviao-venezuelano-a-pedradas-e-ele-tem-de-aterrissar-no-brasil>

248 Em entrevista ao autor em 20/12/2016.

249 Os resultados das conversas de Marco Antonio Rocha com a Agência Antidrogas dos Estados Unidos (DEA, conforme o acrônimo em inglês) eram desconhecidos até a impressão deste livro. Certamente por razões de confidencialidade, Rocha parou de compartilhar a história e interrompeu os contatos. Na manhã de 19 de janeiro de 2018, entretanto, voltei a ter notícias do ex-militar boliviano. Quando saía de seu apartamento para levar o filho à escola, Rocha foi interceptado por policiais americanos e agentes da imigração que tinham em mãos uma ordem de prisão expedida por um juiz local em atenção a um pedido originário da Bolívia. Rocha foi levado para uma prisão na região de Miami, onde passou a esperar por um julgamento sobre seu caso. O governo de Evo Morales valeu-se do fato de que Rocha era um dos sócios da companhia aérea LaAmia para processá-lo no caso da queda do avião que, em 28 de novembro de 2016, resultou na morte de 71 pessoas na Colômbia.

250 Gonzalo Fernández de Oviedo. Historia general y natural de las Indias, islas y tierra-firme del mar océano (1535) p. 370. Disponível em <http://www.cervantesvirtual.com/obra/historia-general-y-natural-de-las-indias-islas-y-tierrafirme-del-mar-oceano-tomo-primero-de-la-segunda-parte-segundo-de-la-obra--0/>

251 Juan Antonio Vilar Sánchez. Carlos V: Emperador y hombre Historia de un proyecto Paneuropeu y Mundial. Madrid. 2015.

Editorial Edaf

252 Él Reventón: Los inicios de la producción petrolera en Venezuela (1883-1943). Disponível em: <<https://youtu.be/vo44GM9tqO0>>.

253 Felicitas López Portillo. El perezjimenismo: génesis de las dictaduras desarrollistas. 2006. Universidad Autónoma de México. Ciudad de Mexico. p. 29

254 Rómulo Betancourt. Venezuela, política y petróleo. Caracas. Academia de Ciencias Políticas y Sociales. 2006. p. 778

255 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Estatísticas do Século XX. Disponível em: <<http://seculoxx.ibge.gov.br/economicas/setor-externo/tabelas>

256 Segundo os registros do Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais da Universidade dos Andes, em 1948 a população da Venezuela era de 4.655.655 habitantes (http://iies.faces.ula.ve/censo/pobla_vene.htm). Enquanto isso, o Brasil já contava com 41.236.315 habitantes. (http://seculoxx.ibge.gov.br/images/seculoxx/arquivos_download/populacao/1948/populacao_m_1948

257 Jeff Desjardins. From Richer to Poorer: Venezuela's Economic Tragedy Visualized. The Money Project. Vancouver. 05/09/2017. Disponível em: <<http://money.visualcapitalist.com/richer-poorer-venezuela-economic-tragedy>>. Acesso em: 10 set. 2017.

258 Sean M. Griffing, Leopoldo Villegas, e Venkatachalam Udhayakumar. Malaria Control and Elimination, Venezuela, 1800s–1970s. Emerging Infectious Diseases. Centers for Disease Control and Prevention. Volume 20, Number 10—October 2014. Disponível em: <https://wwwnc.cdc.gov/eid/article/20/10/13-0917_article

259 U.S. Energy Information Administration (2015). Disponible em:
<[http://tonto.eia.gov/dnav/pet/hist/LeafHandler.ashx?
n=PET&s=IVE0000004&f=M](http://tonto.eia.gov/dnav/pet/hist/LeafHandler.ashx?n=PET&s=IVE0000004&f=M)

260 Cristina Barcelona. Una vida dedicada a la lucha por su pueblo, por el pueblo, y para el pueblo... La Agencia Mundial de Prensa. 06/03/2013. Disponible em:
<<https://laagenciamundialdeprensa.org/2013/03/06/editorial-hugo-chavez-frias/>

261 U.S. EIA (2015)

262 Hurricane Katrina. Encyclopædia Britannica. Disponible em:
<<https://www.britannica.com/event/Hurricane-Katrina>

263 Allison Plyer. Facts for Features: Katrina Impact. The Data Center. 26/08/2016. Disponible em:
<<https://www.datacenterresearch.org/data-resources/katrina/facts-for-impact/>

264 Jairo Mejía. El petróleo de Chávez dejó huella entre los más necesitados en EEUU. El País. Madrid. 07/03/2013. Disponible em:
<http://economia.elpais.com/economia/2013/03/07/agencias/1362657745_674831.html

265 Citgo renovó programa de combustible para calefacción para pobres de EEUU. El Universal. Caracas. 05/02/2014. Disponible em:
<<http://www.eluniversal.com/economia/140205/citgo-renovo-programa-de-combustible-para-calefaccion-para-pobres-de-e>

266 Sebastián Scrofina. Los datos del petróleo venezolano. Debates IESA, Volume XVII, Número 2. Abril-junho de 2012. Caracas. (2013). Disponible em:
<<http://virtual.iesa.edu.ve/servicios/wordpress/wp-content/uploads/2013/10/02-12datospetroleo.pdf>

267 Leonardo Coutinho e Duda Teixeira. O que ele admira é a ditadura. Veja. São Paulo. Ed. 2337. 04/09/2013. p. 66-71.

268 Cabo de fibra ótica submarino que une Cuba à Venezuela começou a funcionar. Opera Mundi. São Paulo. 25/01/2013.

Disponível em:

<<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/26787/cabo+de+fibra+otica+submarino+que+une+cu>

269 _bookmark268

<http://www.mpetromin.gob.ve/repositorio/imagenes/file/Documentos/petrocaribe/Estatutospetrocaribe>.

270 Alfredo Meza. Venezuela corta remessa de petróleo à Petrocaribe e Cuba. El País. Madrid.

28/03/2015. Disponível em:

<http://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/28/internacional/1427506568_12817

271 Emili J. Blasco. Lo que ata el Caribe a Maduro no es el petróleo, sino la droga. ABC. Madrid. 27/06/2017. Disponível em:

<http://www.abc.es/internacional/abci-caribe-maduro-no-petroleo-sino-droga-201706270136_noticia.html

272 Venezuela: Adquisiciones de sistemas de armas y material militar. 2005-2012. Un proceso completamente opaco para el país.

Control Ciudadano. Caracas. 15/04/2013. Disponível em:

<<http://controlciudadano.org/web/wp-content/uploads/INFORME-ADQUISICION-DE-ARMAS.pdf>

273 Leonardo Coutinho. O pedágio cubano. Veja. São Paulo. 23/04/2012.

274 Ibid.

275 Diego Braga Norte. Supermercado estatal é o retrato da falência da Venezuela. Veja.com. 25/02/2014. Disponível em

<http://veja.abril.com.br/mundo/supermercado-estatal-e-o-retrato-da-falencia-da-venezuela/>

276 Uno por uno, estos son los 43 muertos en las protestas contra el régimen de Maduro en Venezuela. Infobae. Buenos Aires. 12/02/2005. Disponível em:
<<http://www.infobae.com/2015/02/12/1626403-uno-uno-estos-son-los-43-muertos-las-protestas-contr-el-regimen-maduro-venezuela/>

277 Leonardo Coutinho. Condenado com provas falsas. Veja. São Paulo. 04/11/2015. pp 64-66.

278 Em entrevista ao autor.

279 Milagros López de Guereño. Cáritas pide a Maduro que declare la "crisis humanitaria" en Venezuela. La Voz de Galicia. La Coruña. 22/05/2017. Disponível em:
<[http://www.lavozdegalicia.es/noticia/internacional/2017/05/22/caritas-pide-maduro-declare-crisis-](http://www.lavozdegalicia.es/noticia/internacional/2017/05/22/caritas-pide-maduro-declare-crisis-humanitaria-venezuela/0003_201705G22P20991.htm)

[humanitaria-venezuela/0003_201705G22P20991.htm](http://www.lavozdegalicia.es/noticia/internacional/2017/05/22/caritas-pide-maduro-declare-crisis-humanitaria-venezuela/0003_201705G22P20991.htm)

280 La inflación cerró en 2.616% en 2017, según la AN. La Patilla. Caracas. 08/01/2017. Disponível em:
<<https://www.lapatilla.com/site/2018/01/08/la-inflacion-cerro-en-2-616-en-2017-segun-la-an/>>. Acesso em: 14 jan. 2018.

281 Lorena Meléndez. Encovi 2016: 74% de los venezolanos perdió más de 8 kilos de peso en el año pasado. RunRunes. Caracas. 18-02-2017. Disponível em: <<http://runrun.es/rr-es-plus/297797/encovi-2016-74-de-los-venezolanos-perdio-mas-de-8-kilos-de-peso-el-ano-pasado.html>> Acesso em: 14 jan. 2018

282 Lenin Danieri e Isaac Urrutia. Police believe thief steal Venezuela zoo animals to eat them, Reuters. Caracas. 16/08/2017. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/us-venezuela-animals/police-believe-thieves-steal-venezuela-zoo-animals-to-eat-them-idUSKCN1AW2NN>>. Acesso em: 18 set. 2017.

283 World oil market prospects for the second half of 2017. Organization of the Petroleum Exporting Countries. Vienna. 13/06/2017. Disponível em: <[http://www.opec.org/opec_web/static_files_project/media/downloads/publications/MOMR%20June%](http://www.opec.org/opec_web/static_files_project/media/downloads/publications/MOMR%20June%20)

284 Ricardo Hausmann. Venezuela's Unprecedented Collapse. Project Syndicate. Praga. 31/07/2017. Disponível em: <<https://www.project-syndicate.org/commentary/venezuela-unprecedented-economic-collapse-by-ricardo-hausmann-2017-07>>. Acesso em: 11 ago. 2017.

285 Ibid.

286 Ibid.

287 Ibid.

288 Metodología de la FAO para medir la privación de Alimentos. Food and Agriculture Organization of United Nations. Roma. Outubro de 2008. Disponível em: <http://www.fao.org/fileadmin/templates/ess/documents/food_security_statistics/metadata/FAO_Meto Acesso em: 11 ago. 2017.

289 Leonardo Coutinho. Um mandato sem futuro. Veja. São Paulo. Ed. 2469. 16/03/2016. p. 64-65

290 Daniela Campello e Cesar Zucco Jr. Presidential Success and the World Economy. Getulio Vargas Foundation. Rio de Janeiro. 03/11/2015. Disponível em: <<http://www.fgv.br/professor/daniela.campello/files/CampelloZucco-JoP.pdf>>. Acesso em: 10 nov.

2017.

291 El Tribunal Supremo de Venezuela suspende la proclamación de 3 diputados opositores y uno oficialista. BBC. Londres. 31/12/2015.

Disponível em:

<http://www.bbc.com/mundo/noticias/2015/12/151230_venezuela_elecciones_suspension_opositores> Acesso em: 10 nov. 2017.

292 Janaína Figueiredo. Oposição venezuelana consegue validar assinaturas para avançar revogatório. O Globo. Rio de Janeiro. 01/08/2016. Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/mundo/oposicao-venezuelana-consegue-validar-assinaturas-para-avancar-revogatorio-19831507>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

293 Oposição define estratégia após suspensão de referendo na Venezuela. G1. Rio de Janeiro. 21/10/2016. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/10/oposicao-define-estrategia-apos-suspensao-de-referendo-na-venezuela-20161021114502925047.html>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

294 EUA acusam Venezuela de ignorar voz do povo. Veja.com. 23/09/2016. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/mundo/eua-acusam-venezuela-de-ignorar-voz-do-povo/>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

295 The Permanent Council of the Organization of American States. Resolution on the Recent Events in Venezuela (CP/RES. 1078 (2108/17)). Washington, D.C.. April 3, 2017. Disponível em:

<<http://scm.oas.org/IDMS/Redirectpage.aspx?class=CP/RES.&classNum=1078&lang=e>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

296 AN acordó agenda de protestas en sesión de este sábado. El Nacional. Caracas. 01/04/2017. Disponível em: <http://www.el-nacional.com/noticias/asamblea-nacional/acordo-agenda-protestas-sesion-este-sabado_88463>. Acesso em: 10 nov. 2017.

297 Observatorio Venezolano de Conflictividad Social. Venezuela: 6.729 protestas y 163 fallecidos desde el 1 de abril de 2017. Caracas. 02/08/2017. Disponível em:

<<https://www.observatoriodeconflictos.org.ve/destacado/venezuela-6-729-protestas-y-157-fallecidos-desde-el-1-de-abril-de-2017>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

298 The Washington Post. The region cannot just stand by as Venezuela veers toward civil war. Washington, D.C.. 30/06/2017. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/opinions/global-opinions/the-region-cannot-just-stand-by-as-venezuela-veers-toward-civil-war/2017/06/30/d8d2989c-5cf7-11e7-9b7d-14576dc0f39d_story.html?utm_term=.75af10216a07>. Acesso em: 10 nov. 2017.

299 Venezuela já prendeu mais de 120 militares desde abril. Veja.com. São Paulo. 07/07/2017. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/mundo/venezuela-ja-prendeu-mais-de-120-militares-desde-abril/>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

300 Ibid.

301 Militares venezolanos formalizaron petición de refugio en Colombia. El Tiempo. Bogotá. 26/04/2017. Disponível em: <<http://www.eltiempo.com/politica/gobierno/militares-venezolanos-solicitaron-refugio-en-colombia-82100>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

302 Francesco Maneto. Maduro quiere armar a un millón de milicianos. El País. Madri. 18/04/2017. Disponível em: <http://internacional.elpais.com/internacional/2017/04/18/actualidad/1492473867_696194.html>. Acesso em: 10 nov. 2017.

303 Operativo Antigolpe 19A Pdte Maduro activa Plan Zamora en defensa de la paz de la Patria. VTN. Caracas. 18/04/2017. Disponível em: <<https://youtu.be/U-qYnTSmckM>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

304 Maduro activa el 'Plan Zamora' para mantener orden interno, acusa a Borges de llamar a 'golpe de estado'. El Nuevo Herald. Miami. 18/04/2017. Disponível em:

<<http://www.elnuevoherald.com/noticias/mundo/america-latina/venezuela-es/article145371639.html>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

305

https://www.biografiasyvidas.com/biografia/z/zamora_ezequiel.htm>. Acesso em: 10 nov. 2017.

306 Muere un adolescente al recibir un disparo durante una protesta en Caracas. EL Nuevo Herald. Miami.19/06/2017.

Disponível em:

<<http://www.elnuevoherald.com/noticias/mundo/america-latina/venezuela-es/article157038194.html>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

307 Daniel García Marco. Qué es el Plan Zamora y por qué más de 250 detenidos en Venezuela responden ante un tribunal militar.

BBC. Caracas. 10/05/2017. Disponível em:

<<http://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-39852853>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

308 Em entrevista ao autor. (Washington, D.C., junho de 2017)

309 Em entrevista ao autor. (Washington, D.C., agosto de 2017)

310 Presidente da República. Decreto Convocatoria a A Asamblea Nacional Constituyente (Decreto N° 2.830). Caracas, 01/05/2017.

Disponível em:<<http://minci.gob.ve/2017/05/vea-aqui-decreto-convocatoria-asamblea-nacional-constituyente/>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

311 Daniel García Marco e Daniel Pardo. Qué es y qué significa la Asamblea Nacional Constituyente que convocó el presidente Nicolás Maduro en Venezuela. BBC Mundo. Caracas. 01/05/2017. Disponível

em:<<http://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-39775493>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

312 Um estudo publicado no final de 2017 pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) fez um diagnóstico preciso da economia cubana. O autor afirma que, apesar de o embargo imposto pelos Estados Unidos em 1962 “certamente colocar Cuba em uma situação de desvantagem para atrair investimentos estrangeiros e operar normalmente nos mercados financeiros”, os efeitos mais relevantes que impediram o sucesso financeiro da ilha tinham mais relação com a “política econômica interna do que as condições internacionais”: a preferência pelo modelo empresarial estatal e o monopólio. Mesmo com as reformas empreendidas por Raul Castro (2008- 2014), o PIB cubano cresceu abaixo da média de um conjunto de dez países com características populacionais e econômicas semelhantes. Enquanto as demais nações registraram um crescimento de 4% ao ano, Cuba se arrastou em 2,6%. Devido à dupla cotação do dólar em Cuba, todos os dados econômicos da ilha sofrem distorção. O estudo demonstra que entre o valor real do dólar e o câmbio imaginário da ilha há uma supervalorização de 24 vezes. E, ao tratar dos dados da economia real, Cuba se baseia em números de ficção. “Quando o governo cubano apresenta o PIB em dólares, está empregando uma taxa de câmbio oficial de paridade do dólar, igual à utilizada pelos organismos internacionais. Mas nesse caso, o PIB cubano está sobrevalorizado em uma proporção de 24 por um”, escreve o economista Pavel Vidal Alejandro, que assina a publicação. Ele ressalta, entretanto, que para chegar ao valor “real” do PIB de Cuba não basta fazer uma divisão por essa diferença. Considerando uma série de variáveis, chegou-se a uma conclusão de que o PIB é de menos da metade do oficial. Em 2014, o PIB oficial cubano foi de 80,7 bilhões de dólares, mas na realidade foi de menos de 34 bilhões de dólares. Naquele ano, o PIB per capita foi 30% menor que o medido em 1985, quando Cuba ainda gozava da ajuda financeira da então União Soviética. O estudo completo pode ser acessado em: Alejandro Pavel Vidal. ¿Qué lugar ocupa la economía cubana en la región?: Una medición a la tasa PPA de las brechas de ingreso y productividad. Washington, D.C. Noviembre de 2017. Disponível em:

<<https://publications.iadb.org/handle/11319/8643#sthash.myhVJ5es.dpuf>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

313 <https://www.treasury.gov/resource-center/sanctions/Programs/Documents>

[/20170213_el_aissami_lopez_bello_network.pdf](#)>. Acesso em: 10 nov. 2017.

314 Ewald Scharfenberg. La empresa de gestión electoral de Venezuela denuncia manipulación en los comicios a la Constituyente. El País. Madrid. 03/08/2017. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2017/08/02/actualidad/1501678213_523507.html>. Acesso em: 10 nov. 2017.

315 Diogo Schelp. Viagem ao circo de Chávez. Veja. São Paulo. 10/12/2005. Disponível em: <<http://arquivoetc.blogspot.com.es/2005/12/veja-sovietizao-moda-de-chvez.html>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

316 Ibid.

317 Emily J. Blasco. Bumerán Chávez: Los fraudes que llevaron al colapso de Venezuela. Washington, D.C. Maio de 2015.

318 Casto Ocando. Chavistas en el Imperio: Secretos, Tácticas y Escándalos de la Revolución Bolivariana en Estados Unidos. Miami. 2007.

319 Ibid.

320 Leonardo Coutinho. Smartmatic era próxima do chavismo e atuou no Brasil. Veja.com. São Paulo. 05/08/2017. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/mundo/smartmatic-era-proxima-do-chavismo-e-atuou-no-brasil/>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

321 Em entrevista ao autor. (Washington, D.C., agosto de 2017).

322 Luis Alejandro Amaya. Las cifras del adiós: la migración venezolana se dispara en todo el continente. CNN Español. Atlanta. 13/07/2017 Disponível em: <<http://cnnespanol.cnn.com/2017/07/13/las-cifras-del-adios-la-migracion-venezolana-se-dispara-en-todo-el-continente/#0>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

323
<https://twitter.com/MigracionCol/status/882705460348026880>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

324
<https://twitter.com/MigracionCol/status/882706974865063937>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

325 Com malas e pertences, mais de 26 mil venezuelanos entram na Colômbia em 1 dia. UOL. São Paulo 25/07/2017. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2017/07/25/com-malas-e-pertences-mais-de-26-mil-venezuelanos-entram-na-colombia-em-1-dia.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

326 Amaya. (2017)

327 Érica Figueiredo. Crise política na Venezuela provoca fuga em massa para o Brasil. Rio de Janeiro. Jornal Hoje. 04/05/2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2017/05/crise-politica-na-venezuela-provoca-fuga-em-massa-para-o-brasil.html>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

328 Estelita Hass Carazzai e Avenir Prado. Venezolanos llegan de a cientos a Pacaraima, en el norte de Brasil, en busca de alimentos básicos. Folha de S.Paulo. São Paulo. 22/07/2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/internacional/es/mundo/2016/07/1794342-venezolanos-llegan-de-a-cientos-a-pacaraima-en-el-norte-de-brasil-en-busca-de-alimentos-basicos.shtml>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

329 Marcelo Toledo e Danilo Verpa. Índios e venezuelanos disputam comida em aterro de Boa Vista. Folha de S.Paulo. São Paulo. 03/04/2017. Disponível em:

<[http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/04/1872109-indios-e-venezuelanos-disputam-comida-](http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/04/1872109-indios-e-venezuelanos-disputam-comida-em-aterro-de-boa-vista.shtml)

[em-aterro-de-boa-vista.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/04/1872109-indios-e-venezuelanos-disputam-comida-em-aterro-de-boa-vista.shtml)>. Acesso em: 10 nov. 2017.

330 PF prende suspeitos de exploração sexual de venezuelanas em Roraima. Jornal Nacional. Rio de Janeiro. 04/05/2017. Disponível em <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/05/pf-prende-suspeitos-de-exploracao-sexual-de-venezuelanas-em-roraima.html>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

331 Sally Palomino. A odisseia das venezuelanas que chegam à Colômbia para dar à luz. El País. Madrid. 28/03/2017. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/13/internacional/1489408482_202543.html>. Acesso em: 10 nov. 2017.

332 Em entrevista ao autor. (Washington, D.C., abril de 2017)

333 Em entrevista ao autor. (Miami, abril de 2017)

334 Venezuela não precisa pedir ajuda para Rússia, pois já a recebe 'do líder do novo mundo'. Sputnik. Rússia. 04/10/2017. Disponível em: <<https://br.sputniknews.com/russia/201710049507691-russia-venezuela-maduro-putin-ajuda-militar-lider/>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

335 Douglas Barrios e Miguel Ángel Santos. ¿Cuánto tiempo tomará recuperarnos de la debacle económica?. Prodavinci.com. Caracas. 28/02/2017. Disponível em: <[http://prodavinci.com/blogs/cuanto-tiempo-tomara-recuperarnos-de-la-debacle-economica-por-](http://prodavinci.com/blogs/cuanto-tiempo-tomara-recuperarnos-de-la-debacle-economica-por-douglas-barrios-y-miguel-a-santos/)

[douglas-barrios-y-miguel-a-santos/](http://prodavinci.com/blogs/cuanto-tiempo-tomara-recuperarnos-de-la-debacle-economica-por-douglas-barrios-y-miguel-a-santos/)>. Acesso em: 10 nov. 2017.

336 Ibid.

337 Gustavo Bazzan. "Venezuela necesitará 100.000 millones de dólares para ponerse en marcha". Clarín. Buenos Aires. 26/08/2017. Disponível em: < https://www.clarin.com/mundo/venezuela-necesitara-100-000-millones-dolares-ponerse-marcha_0_rkvo6ryKZ.amp.html >. Acesso em: 10 nov. 2017.

338 No "glossário da revolução bolivariana", como bem definiu o jornal argentino La Nación, termos pejorativos introduzidos pelo próprio presidente Hugo Chávez passaram a definir aliados, mas sobretudo os "inimigos". Aos opositores cabiam as mais variadas formas depreciativas. Majunche, por exemplo, é uma forma local empregada para definir um tipo de banana pequena. No sentido figurado, a gíria é empregada para dizer que alguém vale pouca coisa, é pequeno ou mesmo desfigurado. Mais em: <http://www.lanacion.com.ar/1480980-majunches-y-pitiyanquis-el-curioso-glosario-de-la-revolucion-bolivariana> >. Acesso em: 10 nov. 2017.

339 Ryan Brading. Populism in Venezuela. Routledge. New York. 27/11/2012. p. 154-157.

340 Rogelio Pérez Perdomo. Represión y Justicia en Venezuela en tiempos de protesta. In: p. 416-451. La Pérdida de la Institucionalidad en Venezuela. Academias Nacionales de Venezuela. Caracas. 2014. Disponível em: <http://acfiman.org/site/wp-content/uploads/2015/08/libro_completo_institucional_final_agosto_2015.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2017.

341 Sergio Moreno González. Nicolás Maduro usa bolsa-alimentação como arma política na Venezuela. Folha de S.Paulo. São Paulo. 24/08/2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/08/1912536-nicolas-maduro-usa-bolsa-alimentacao-como-arma-politica-na-venezuela.shtml>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

342 Ibid.

343 Patrick Symmes. Cubanos por 30 dias. Folha de S.Paulo. São Paulo. 30/01/2011. Disponível em:
<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/il3001201106.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

344 Lucas Goyret. Moises Naím: “Venezuela pasó de ser un petroestado a ser un narcoestado”. Infobae. Buenos Aires. 29/07/2017. Disponível em:
<<http://www.infobae.com/america/venezuela/2017/07/29/moises-naim-venezuela-paso-de-ser-un->

[petroestado-a-ser-un-narcoestado](http://www.infobae.com/america/venezuela/2017/07/29/moises-naim-venezuela-paso-de-ser-un-petroestado-a-ser-un-narcoestado)>. Acesso em: 10 nov. 2017.

345 Paulo A. Paranagua. Imposture populiste au Venezuela. Le Monde. Paris. 08/05/2017. Disponível em:
<http://www.lemonde.fr/idees/article/2017/05/08/imposture-populiste-au-venezuela_5124420_3232.html>. Acesso em: 10 nov. 2017.

346 Oliver Stuenkel. O que a América Latina pode fazer para conter tentação autoritária. El País. 07/08/2017. Disponível em:
<https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/07/opinion/1502131524_430291.html>. Acesso em: 10 nov. 2017.

347 Ellie Mae O’Hagan. Evo Morales has proved that socialism doesn’t damage economies. The Guardian. Londres. 14/10/2014. Disponível em:
<<https://www.theguardian.com/commentisfree/2014/oct/14/evo-morales-reelected-socialism-doesnt-damage-economies-bolivia>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

348 Jean Friedman. Las claves de la Evonomics. América Economía. janeiro/fevereiro de 2010. Disponível em:
<http://medios.economiayfinanzas.gob.bo/MH/documentos/DC_interes/America_Economia.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2017.

349 Jim Shultz. "Economics" Gets a Second Term in Bolivia. Nacla Report on de the Americas. Nova York. Fevereiro de 2010.

Disponível em:

<<https://nacla.org/article/%E2%80%98economics%E2%80%99-gets-second-term-bolivia>

350 Valverde revela al nuevo hijo de Evo y negocios de la madre. Elbol. La Paz. 04/02/2016. Disponível em:

<http://www.erbol.com.bo/noticia/politica/04022016/valverde_revela_al_nuevo_hijo_de_evo_y_negoc Acesso em: 10 nov. 2017.

351 Francisco Toro. As socialist Venezuela collapses, socialist Bolivia thrives. Here's why. Washington Post. Washington, D.C.. 5 de janeiro de 2017. Disponível em:

<https://www.washingtonpost.com/news/global-opinions/wp/2017/01/05/as-socialist-venezuela-collapses-socialist-bolivia-thrives-heres-why/?utm_term=.4e820d590a87>. Acesso em: 10 nov. 2017. 352 Miguel Melendres. Reservas Internacionales de Bolivia caen a menos de \$us 10.000 millones. Eju! Santa Cruz de La Sierra. 01/02/2017. Disponível em: <<http://eju.tv/2017/02/reservas-internacionales-de-bolivia-caen-a-menos-de-us-10-000-millones/>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

353 Oliver Stuenkel. O que a América Latina pode fazer para conter tentação autoritária. El País. 07/08/2017. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/07/opinion/1502131524_430291.html>. Acesso em: 10 nov. 2017.

354 Ibid.

355 Re-conceptualización de la violencia en el Triángulo Norte: Abordaje de la seguridad en los países del norte de Centroamérica desde una visión democrática. Fundación Heinrich Böll-México Centroamérica y El Caribe. São Salvador. Junho de 2016. p. 39. Disponível em:

<https://mx.boell.org/sites/default/files/reconceptualizacion_de_la_violencia_final.pdf>. Acesso em: 16/01/2018

356 Otro pajarito "se le aparece" a Maduro y le dice que Chávez "está feliz". ABC. Madrid. 28/07/2014.) Disponível em: <<http://www.abc.es/internacional/20140728/abci-pajarito-chavez-maduro-feliz-201407282249.html>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

357 Maduro dice que la cara de Chávez se apareció en obras del metro de Caracas. BBC. Londres. 31/10/2013.) Disponível em: <http://www.bbc.com/mundo/ultimas_noticias/2013/10/131031_ult_not_venezuela_maduro_chavez_m>. Acesso em: 10 nov. 2017.

358 Sara Thannhauser e Christoff Luehrs. The Human and Financial Costs of Operations in Afghanistan and Iraq. In: Lessons Encountered: learning from the long war. Ed Richard D. Hooker e Joseph J. Collins. National Defense University Press. Washington. 2015. p.p. 424

359 Luís Flávio Saporì e Gláucio Ary Dillon Soares. Por que Cresce a Violência no Brasil? Autêntica Editora e Editora Puc Minas. 2014.

360 Ibid. p.p. 66

361 "Vender ilegalmente drogas cujo consumo também é ilegal não constitui, em si, crime violento. As pessoas envolvidas participam voluntariamente de uma troca, na qual uma fornece o produto e a outra paga por ele. Entretanto, por ser uma atividade altamente rentável, acessível a pessoas com baixo nível educacional que estão alijadas de outras atividades rentáveis, a competição entre vendedores é intensa e tende a ser resolvida mediante o uso da ameaça, da coerção, da força física e da violência, inclusive letal. Há também divergências e conflitos nas trocas entre vendedores e consumidores. A impossibilidade de se recorrer normalmente ao Estado e à legislação para resolver os conflitos e para garantir o cumprimento dos acordos abre espaço para a violência como forma de resolver conflitos e pendências. A violência usada pode variar de

intensidade, indo desde a simples ameaça até as chacinas.” “A expansão do tráfico de drogas nas periferias urbanas em décadas recentes constitui a principal matriz geradora de crimes violentos na sociedade brasileira. Jovens residentes nesses territórios foram e continuam sendo recrutados para o mercado ilegal das drogas, que lhes oferece ganhos econômicos e simbólicos bastante atrativos. A arma de fogo passou a ser amplamente utilizada não apenas como instrumento de poder e resolução de conflitos, mas também de ostentação e status. Matar tornou-se procedimento rotineiro, alimentando a crueldade de alguns.” Trechos de: Saporì e Soares. (2014). p.p. 67 e 79

362 Leonardo Coutinho. O Cartel. VEJA. São Paulo. 05/10/2016. p.p. 87-97

363 Melhores e Maiores 2015. Revista Exame. São Paulo. (2016)

364 Renata Mariz e Eduardo Bresciani. Delator diz que dinheiro da JBS irrigou 1.829 candidatos de 28 partidos. O Globo. Rio de Janeiro. 19/06/2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/delator-diz-que-dinheiro-da-jbs-irrigou-1829-candidatos-de-28-partidos-21366155> (Acessado em 18/12/2017)

365 TSE alerta para necessidade de monitorar atuação do crime organizado nas eleições. Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Brasília. 10/10/2017. Disponível em: www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2017/Outubro/tse-alerta-para-necessidade-de-monitorar-atuacao-do-crime-organizado-nas-eleicoes-1 (Acessado em 18/12/2017)

366 Escutas revelam que PCC está envolvido na política de São Paulo. O Dia. Rio de Janeiro. 18/07/2014. Disponível em: <http://odia.ig.com.br/noticia/brasil/2014-07-18/escutas-revelam-que-pcc-tambem-esta-envolvido-na-politica-de-sao-paulo.html> (Acessado em 22/12/2017)

367 Fausto Macedo e Mateus Coutinho. Prefeito de Embu acusado de lavar dinheiro do PCC toma posse. O Estado de S. Paulo. São Paulo. 09/02/2017. Disponível em: <http://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/prefeito-de-embu-acusado-de-lavar-dinheiro-do-pcc-toma-posse/> Acesso em 24 jan. 2018

368 Odebrecht and Braskem Plead Guilty and Agree to Pay at Least \$3.5 Billion in Global Penalties to Resolve Largest Foreign Bribery Case in History. Department of Justice. Washington, D.C. 21/12/2016. Disponível em: <https://www.justice.gov/opa/pr/odebrecht-and-braskem-plead-guilty-and-agree-pay-least-35-billion-global-penalties-resolve>. Acesso em 24 jan. 2018.

369 Leandro Prazeres. Em quatro anos, propina paga foi maior que lucro da Odebrecht. UOL. São Paulo. 18/04/2017. <Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2017/04/18/em-quatro-anos-propina-paga-foi-maior-que-lucro-da-odebrecht.htm>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

370 <<https://www.odebrecht.com/pt-br/comunicacao/publicacoes/relatorios-anuais>> (Acesso em 22 jan. 2018)

371 Daniel Pereira, Felipe Frazão, Hugo Marques, Marcela Mattos, Renato Onofre, Robson Bonin, Rodrigo Rangel e Thiago Bronzatto. Porto de Mariel foi pedido de Chávez a Lula, diz Emílio Odebrecht. VEJA.com. São Paulo. 12/04/2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/porto-de-mariel-foi-pedido-de-chavez-a-lula-diz-emilio-odebrecht> Acesso em: 23 jan. 2018.

372 Raquel Landim. Brasil assumiu alto risco ao apoiar negócios da Odebrecht em Cuba. Folha de S.Paulo. São Paulo. 03/03/2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/03/1863732-pais->

assumiu-risco-alto-ao-apoiar-negocios-da-odebrecht-em-cuba.shtml>. Acesso em 23 jan. 2018.

373 India's biggest oil refinery to cost \$30 billion, says IOC. The Hindu, Nova Déli. 04/07/2016. Disponível em: <<http://www.thehindu.com/business/India's-biggest-oil-refinery-to-cost-30-billion-says-IOC/article14469394.ece>>. Acesso em: 23 jan. 2018

374 Ricardo Abreu de Melo. Abreu e Lima: um brasileiro entre os Libertadores da América. Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina. Disponível em: <https://sites.usp.br/prolam/wp-content/uploads/sites/35/2016/12/ABREU-DE-MELO_SP02-Anais-do-II-Simpósio-Internacional-Pensar-e-Repensar-a-América-Latina.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2018.

375 Documentos em posse do autor.

376 Adriana Guarda. Refinaria Abreu e Lima, em Suape, é a mais cara do mundo. Jornal do Commercio. Recife. 17/09/2017. Disponível em: <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/economia/pernambuco/noticia/2017/09/abreu-e-lima-em-suape-e-a-mais-cara-do-mundo-307069.php> Acesso em 22 dez. 2017.

377 Leonardo Coutinho. Por Chávez, Dilma tentou "comprar" o Congresso do Paraguai. VEJA.com. São Paulo. 07/10/2016. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/por-chavez-dilma-tentou-comprar-congresso-do-paraguai/>> Acesso em: 18/12/2017

378 Gleisi comemora aprovação do reajuste no valor pago pelo Brasil ao Paraguai pela energia de Itaipu. Senado Notícias. Brasília. 07/04/2011. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2011/04/07/gleisi-comemora-aprovacao-do-reajuste-no-valor-pago-pelo-brasil-ao-paraguai-pela-energia-de-itaipu>>. Acesso em: 23 jan.2018.

379 Duda Teixeira. O golpe fracassado de Chávez no Paraguai. VEJA. 04/07/2012.

380 Andrés Danza e Ernesto Tulbovitz. Uma ovelha negra no poder. Bertrand. São Paulo. 2015.

381 Mariana Carneiro. Em livro, Mujica revela diplomacia paralela entre líderes sul-americanos. Folha de S.Paulo. São Paulo. 13/05/2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/05/1628346-em-livro-mujica-revela-detalhes-de-conversas-com-lideres-da-regiao.shtml> Acesso: 18 dez. 2017

382 PCdoB: Povo derrotou as ameaças e o terrorismo nas urnas na Venezuela. PCdoB. São Paulo. 16/10/2017. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/noticia/303196-1>. Acesso em: 22 out. 2017

383 Venezuela: mais uma vez, exemplo de democracia e participação cidadã!. Partido dos Trabalhadores. São Paulo. 16/10/2017. Disponível em: <http://www.pt.org.br/venezuela-mais-uma-vez-exemplo-de-democracia-e-participacao-cidada/> Acesso em 22 out. 2017

384 Luiza Souto. Cargos de confiança custam R\$ 3,5 bi por mês, aponta TCU. O Globo. 26/06/2016. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/cargos-de-confianca-custam-35-bi-por-mes-aponta-tcu-19383152#ixzz55AmBoBKD>. Acesso em 25 jan. 2018.

385 Isabel Fleck. Parcela que apoia militar no Brasil é maior que media diz pesquisa. Valor. São Paulo. 16/10/2017. Disponível em: <http://www.valor.com.br/politica/5157386/parcela-que-apoia-militar-no-brasil-e-maior-que-media-diz-pesquisa> Acesso em 22 jan. 2018

386 Tarso Genro. Um novo ponto de equilíbrio. Carta Maior. São Paulo. 12/12/2014. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Um-novo-ponto-de-equilibrio/4/32430>. Acesso em: 25 jan. 2018.